Maria Fernanda Dias de Almeida Marques

A valorização cultural de áreas urbanas: A Feira de São Cristóvão e a Feira do Rio Antigo

Dissertação de Mestrado em História e Preservação do Patrimônio Cultural

Professora Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Moreira Martins

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
PROARQ - Programa de Pós-graduação em Arquitetura

Rio de Janeiro, março de 2002

MARQUES, Maria Fernanda Dias de Almeida.

A Valorização Cultural de áreas urbanas: Feira de São Cristóvão e Feira do Rio Antigo.
Rio de Janeiro: UFRJ / FAU / PROARQ, 2002.
VIII, 207 p. il.

Dissertação de mestrado na área de concentração de História e Preservação do Patrimônio Cultural.

1. Patrimônio Cultural; 2. Feiras populares; 3. Valor cultural; 4. Valor de troca; 5. Valor de uso; 6. Revitalização urbana.

Maria Fernanda Dias de Almeida Marques

A valorização cultural de áreas urbanas
A Feira de São Cristóvão e a Feira da Rua do Lavradio

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

_____

Orientadora Profa. Dra. Angela Maria Moreira Martins

_____

Profa. Dra. Elaine Cavalcante Gomes

_____

Profa. Dra. Rosina Trevisan

Rio de Janeiro. março de 2002.

AGRADECIMENTOS

Durante s realização deste trabalho contei com a colaboração e com a boa vontade de pessoas a quem devo não só os agradecimentos, mas, também, a amizade:

- A meus colegas de mestrado, que hoje são meus amigos e que me ajudaram com a presença nas pesquisas de campo, com empréstimo de livros e com informações sobre meus objetos de pesquisa. Entre eles, Antônio Renato, Denise, Edna, João, Marcos, Maximino, Noêmia, Sergio e Sonia.

-Aos professores e funcionários do PROARQ – FAU – UFRJ, que tão bem me receberam nesta casa, em especial os de História e Preservação do Patrimônio Cultural e os de Teoria e Projeto, com que tive mais contato.

- Aos arquitetos que projetaram os novos espaços urbanos para as feiras: arquitetos Alder Catunda e Glauco Lobato (Pavilhão de São Cristóvão), arquitetos José Raimundo Ferreira Gomes e Gilson Santos (Rua do Lavradio), arquiteta Elvira Rossi e o engenheiro Renato K. Aranha (Rio URBE).

- A todos os comerciantes, feirantes e expositores da Feira de São Cristóvão e da Feira do Rio Antigo que me concederam valiosas entrevistas durante seu horário de trabalho e, com especial atenção, o Sr. Plínio Fróes, antiquário da Rua do Lavradio e o Sr. Agamenon de Almeida, Presidente da Feira de São Cristóvão.

- À minha amiga e grande incentivadora, Solange Teles da Silva.

- À minha orientadora, Professora Ângela Maria M. Martins, que com muita sabedoria, competência e paciência transformou este processo de trabalho, geralmente árduo, num curioso caminho de investigações e descobertas, sempre esclarecendo minhas dúvidas, incentivando a pesquisa e apontado a direção correta.

- Aos meus pais, que sempre me incentivaram a seguir o caminho acadêmico.

- Ao meu muito querido marido, Marcelo, que, compartilhou seus fins-de-semana com minhas pesquisas de campo e trabalhos teóricos, passando noites em claro para acompanhar as impressões do trabalho, arrumando a diagramação de imagens, atualizando e modernizando a tecnologia dos meus equipamentos de trabalho e sempre me incentivando, desde o início e em todos os momentos de dificuldade, durante estes dois anos de trabalho acadêmico.

RESUMO

Este estudo sobre as feiras de São Cristóvão e do Rio Antigo pretende verificar a valorização cultural que estes eventos conferem às suas respectivas áreas urbanas. Além dos valores culturais estaremos investigando os valores de uso, de troca e também a valorização urbana que poderá ser gerada com a implantação dos novos projetos em cada um destes lugares antigos da cidade. Utilizamos como fundamentos, para o estudo dos valores citados, conceitos como cultura, identidade cultural, atração social, animação, pertencimento e patrimônio cultural, entre outros. Muitos destes fundamentos puderam ser comprovados experimentalmente através de entrevistas e da aplicação de questionários aos comerciantes e expositores de cada uma das feiras. Esperamos com este trabalho mostrar a importância tradicional e histórica que eventos como estes têm para a população e, que por isso, devem ser salvaguardados como patrimônios da cidade.

ABSTRACT

This work about São Cristóvão and Rio Antigo fairs intends to verify the cultural valorization promoted by these events over their respective urban areas. Beyond the cultural values, it will be investigating the utilization and exchange values and the urban valorization that would be brought by the introduction of new projects in each of those city's old places. These values are studied using as basis concepts like culture, cultural identity, social attraction, animation, "belongness" and cultural inheritance, amidst others. Such concepts could be experimentally confirmed by field interviews and through questionnaires applied to the merchants and exhibitors of each fair. We hope this work could present the traditional and historic relevance that such events have to the population and, because of that, shall be preserved as part of city's patrimony.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Objeto de estudo 1

Objetivo e Justificativa 1

Metodologia da Pesquisa 3

Método de trabalho 4

Estrutura e encaminhamento do trabalho 6

1. ALGUNS ELEMENTOS DE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 9

2. LOCALIZAÇÃO DOS LUGARES 19

2.1. Situação Geográfica 20

2.2. Localização e Utilização do Lugar

2.2.1. Campo de São Cristóvão

- Descrição do local 21
- Dinâmica Histórica e Utilização 22

2.2.2. Rua do Lavradio

- Descrição do local 32
- Dinâmica Histórica e Utilização 33

2.2.3. Considerações Parciais 40

2.3. Morfologia dos lugares e entorno imediato 41

2.3.1. Tipologia das edificações do Campo de São Cristóvão 41

2.3.2. Usos predominantes das edificações do entorno do Campo de São Cristóvão... 45

2.3.3. Tipologia das edificações da Rua do Lavradio 49

2.3.4. Usos predominantes das edificações do entorno da Rua do Lavradio..... 57

2.3.5. Considerações Parciais 59

3. AS FEIRAS: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

3.1. A Origem das Feiras 60

3.2. Feira de São Cristóvão e Feira do Rio Antigo (Rua do Lavradio)

3.2.1.Origem da Feira de São Cristóvão 61
3.2.2.Origem da Feira do Rio Antigo (Rua do Lavradio) 63
3.2.3. A Estrutura da Feira de São Cristóvão 64
3.2.4. A Estrutura da Feira do Rio Antigo 71
3.2.5. O Funcionamento da Feira de São Cristóvão 79
3.2.6. O Funcionamento da Feira do Rio Antigo 82
3.3.1. Organização espacial da Feira de São Cristóvão 85
3.3.2. Organização espacial da Feira do Rio Antigo 87

4. AS FEIRAS E SEUS ATORES SOCIAIS 89
4.1. Os atores sociais das Feiras e sua composição sócio-econômica..... 90
- Os atores sociais da Feira de São Cristóvão..... 90
- Os atores sociais da Feira do Rio Antigo..... 91

4.2. A questão do valor 94
4.2.1. O valor de troca 94
4.2.2. O valor de uso 98
4.2.3. O valor cultural 101
4.2.4. A valorização das áreas urbanas..... 109

5. OS PROJETOS DE REURBANIZAÇÃO
5.1. Pavilhão de Exposições 113
5.2. Projeto do Pavilhão - Centro de Tradições Nordestinas 114
5.3. Projeto da Rua do Lavradio 117
5.4. Considerações sobre os projetos 121

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 122

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 127

8. ANEXOS 130
8.1. Esquemas de utilização das edificações de entorno aos eventos 131
8.2. Depoimentos dos usuários dos lugares 140
8.3. Questionário 142
8.4.Tabulação dos dados dos Questionários 143
8.5. Matérias Jornalísticas..... 194

INTRODUÇÃO

Objeto de estudo

Este trabalho tem por **objeto** o estudo de **dois eventos ocorridos em áreas públicas da cidade**. Eles proporcionam atração sócio-cultural e são focos de animação urbana. Estamos falando da Feira Nordestina de São Cristóvão e da Feira do Rio Antigo, na Rua do Lavradio, região central da cidade. Faremos uma abordagem comparativa de ambos os lugares e seus eventos.

A **Feira de São Cristóvão**, a mais antiga, iniciou-se no final da década de 40, no Campo de São Cristóvão, com a chegada de migrantes nortistas e nordestinos na cidade do Rio de Janeiro. Seu evento semanal, que ocupa uma área grande atualmente, caracteriza-se pela comercialização de iguarias e de muitas utilidades domésticas vindas da região Nordeste. Além disso, uma das grandes atrações da feira é a variedade de pistas de dança animadas por músicas típicas e bandas de forró, tocando durante toda à noite.

A **Feira do Rio Antigo** é um evento de exposição e comércio de móveis e de antiguidades de várias épocas. Ela ocorre mensalmente na Rua do Lavradio, zona central da cidade. A feira originou-se em meados da década de 90, por iniciativa de um grupo de comerciantes do setor de móveis e de antiquários do local.

Ambas as feiras fazem parte do roteiro turístico de artes e artesanato da cidade ("Guia do Rio Verão 2001", RIOTUR / Prefeitura do Rio, p. 60). A Feira São Cristóvão também figura como atração de cultura popular no Guia "Amoroso do Rio" (Parente, 2001, p.103 e 187).

Objetivo e Justificativa

O trabalho visa mostrar de que maneira a presença destes eventos populares pode **valorizar culturalmente** dois lugares antigos da cidade, que possuem exemplares arquitetônicos que fazem parte do patrimônio histórico e artístico do Rio de Janeiro. A arquitetura antiga existente cria um cenário temático de época à Feira do Rio Antigo e o Pavilhão do Campo de São

Cristóvão, "elemento marcante"[1] arquitetônico e referência urbana do lugar, passará a sediar a grande Feira Nordestina, que foi se desenvolvendo ao seu redor.

Decidimos fazer um estudo de caso comparativo, para que pudéssemos conhecer e acompanhar as expectativas causadas pelo processo de reestruturação urbana dos dois eventos da cidade.

Estes eventos foram escolhidos em função de três itens comuns a ambos. Primeiramente os lugares, os lugares onde eles acontecem já passaram por seus momentos de glória e apogeu, ao abrigarem a elite da sociedade carioca, durante o séc. XIX. Ambos passaram por um longo processo de decadência urbana, durante o séc. XX e estão, atualmente, ressurgindo para uma nova fase de vida, com a elaboração de **projetos urbanísticos**, reivindicados pelos comerciantes participantes dos dois eventos à Prefeitura do Rio de Janeiro, visando à melhoria destas antigas áreas da cidade.

Outro motivo que chamou atenção para a escolha destes eventos foi a ausência de uma padronização ou até o improviso na organização do espaço físico. Isto fica mais claro quando comparamos estas duas, com outras feiras da cidade que possuem uma padronização de barracas, uma uniformidade no dimensionamento dos espaços de exposições, além de setores e caminhos bem marcados.

Por último, estas feiras apresentam uma outra característica além da função comercial. Elas criam ambientes de entretenimento urbano, com bandas de música, locais para dança e, por isso, conseguem atrair um grande número de visitantes durante seu acontecimento.

A Feira de São Cristóvão tem ocorrido no mesmo local, desde sua origem. Contudo, foi publicada no Jornal do Brasil (01 /05 /2001), uma matéria que apresentava a intenção da prefeitura de "mudar de cara boa parte das áreas degradadas da cidade". Entre os vários projetos citados, estava a "migração" de local da Feira Nordestina de São Cristóvão, "para dentro do antigo pavilhão, que será inteiramente reformado". Como o projeto está em andamento, neste momento, pretendemos verificar se ele está sendo bem aceito ou não, se sua implantação influenciaria ou não na animação e na valorização cultural que a feira tem trazido para este local, desde a sua formação.

---

1 Lynch, Kevin – "A imagem da cidade", 1960, p. 90. Elementos marcantes: "pontos de referência considerados exteriores ao observador, são simples elementos físicos variáveis em tamanho. (...) Os elementos marcantes funcionam como indicações absolutamente seguras do caminho a seguir. (...) A característica-chave destes é a originalidade, um aspecto que é memorável ou único num contexto".

A Rua do Lavradio recebeu um projeto de reurbanização que visava a melhoria da infra-estrutura urbana e o embelezamento da rua. Acompanhamos o andamento da obra durante as suas diferentes fases, em quatro dos cinco quarteirões da rua. Como o prazo de término da obra sofreu um atraso, durante este período a exposição da Feira do Rio Antigo passou por alguns deslocamentos, ao longo da rua. Pretendemos verificar se esta reurbanização vai contribuir para o aumento da visitação pública à Feira do Rio Antigo, ou seja, o aumento da atratividade comercial e social e de animação do lugar.

Com esta pesquisa, estaremos aferindo a noção de **valor cultural e econômico**, como também as noções teóricas que predominam sobre os eventos, como a **identidade cultura: a tradicional e a histórica**, o **pertencimento**, a **animação** e a **atração cultural** provocadas pela participação popular, nos dois eventos. Verificaremos a opinião dos comerciantes a respeito do lugar onde as feiras se realizam atualmente e o que eles esperam dos projetos de reurbanização implantados em cada um dos locais estudados.

Metodologia da Pesquisa

Cada parte da pesquisa foi sendo definida e elaborada por um processo não linear de trabalho: várias fontes de informações foram sendo utilizadas, simultaneamente, e o conteúdo foi sendo organizado de acordo com o desenvolvimento, o aprofundamento e as descobertas sobre o assunto.

O trabalho foi sendo desenvolvimento através de pesquisas em fontes bibliográficas, em jornais, em revistas, em "sites" da internet e por observações e anotações feitas durante as "visitas de campo". As informações coletadas auxiliaram na reconstituição do contexto histórico urbano onde surgiram os dois eventos estudados e na descrição comparativa de ambos os lugares e do funcionamento das feiras. Com estes dados elaboramos a estrutura de um questionário que foi aplicado aos feirantes, expositores e comerciantes de ambas as feiras. A partir da análise das respostas fomos encontrando os elementos conceituais de fundamentação teórica da pesquisa. Contudo, este trabalho não obedeceu a um trajeto linear regular de pesquisa, por causa da constante busca em diferentes fontes de informação e da especulação dos prováveis caminhos e direções que poderíamos tomar durante a pesquisa. A definição dos conceitos relativos aos nossos objetos de pesquisa dependeu também de um processo de aplicação dos mesmos, baseado em tentativas de acertos e erros.

Esta característica de "inverter a ordem dos termos" (Laplantine, 1987, p. 134), durante a sua investigação, ou pelo menos, a ordem formal seqüencial do assunto, é própria do sistema da "metodologia estrutural" de pesquisa, muito utilizada em estudos de investigações antropológicas, com as de Lévi-Strauss e Marcel Mauss.

> "A estrutura tem como objetivo explicar a realidade. Mas precisamente, uma estrutura é um sistema de relações suficientemente distante do objeto que se estuda, para que se possa reencontrá-lo em objetos diferentes" (Laplantine, 1987, p. 135 e 136).

Método de Trabalho

Utilizamos a **pesquisa bibliográfica** para procurar o histórico, o desenvolvimento urbanístico dos lugares e os conceitos e definições dos termos que fundamentam a teoria da dissertação. As **pesquisas em jornais, "sites" da internet e outros periódicos** tiveram como finalidade verificar o que tem acontecido nesses lugares atualmente, para construção de uma continuidade histórica até o presente.

As "**visitas de campo**", durante vários dias de evento e também em dias úteis da semana foram necessárias para que se pudesse apreender e conhecer a realidade dos lugares e de seus eventos. As características observadas foram registradas por fotografias e anotações. Verificamos constituição arquitetônica dos lugares, o tipo e a utilização das edificações do entorno dos eventos, a disposição das barracas e dos espaços para exposição, os tipos de mercadorias, o trabalho dos feirantes e expositores, as atrações culturais e o funcionamento geral das feiras.

Durante a pesquisa, procuramos conversar com alguns comerciantes para conhecê-los e estabelecer o contato inicial da pesquisa. Elaboramos um **questionário** que foi respondido somente pelos comerciantes, feirantes e expositores, que trabalham no mesmo ramo de atividades de cada uma das feiras. Ele foi aplicado no final do período da pesquisa, para que pudéssemos descobrir a relação existente entre o comerciante, o feirante e seu local de trabalho, a sua opinião sobre a implantação do projeto de reurbanização do lugar onde trabalham e a expressão do sentimento e do significado do evento para sua vida. A partir dos dados apurados com a tabulação dos questionários conseguimos comprovar alguns elementos que já tinham sido percebidos durante as "observações de campo". Mesmo assim, as respostas dos questionários revelaram novos elementos, que mudaram as conclusões do nosso trabalho.

A pesquisa iniciou-se em abril de 2000, logo após uma visita para conhecimento da Feira do Rio Antigo, na Rua do Lavradio. A Feira de São Cristóvão foi definida para ser o outro objeto de pesquisa em meados do segundo semestre de 2000.

As visitas de campo na Rua do Lavradio, feitas quase que mensalmente, foram realizadas para que se pudesse constatar o funcionamento da feira, apesar da mudança de localização das exposições sobre a rua, por causa da ocorrência da obra de melhoramentos ao longo dos cinco quarteirões. Com isso, pudemos elaborar o mapeamento esquemático dos pontos de seu funcionamento.

Foram realizadas as seguintes visitas à Rua do Lavradio:

- 1ª visita: Sábado, 01 - 04 - 2000 (10:00 - 11:15 h).
- 2ª visita: Sábado, 06 - 05 - 2000 (12:30 - 15:00 h).
- 3ª visita: Sexta-feira, 02 - 06 - 2000 (15:30 - 17:00 h).
- 4ª visita: Sábado, 03 - 06 - 2000 (12:30 - 17:00 h).
- 5ª visita: Sexta-feira, 09 - 06 - 2000 (13:30 - 14:45 h).
- 6ª visita: Sábado, 07 – 10 – 2000 (12:15 - 14:00 h).
- 7ª visita: Sábado, 02 – 12 – 2000 (12:50 – 14:20 h).
- 8ª visita: Sábado, 03 – 02 – 2001 (12:30 – 14:30 h).
- 9ª visita: Quinta-feira, 15 – 02 – 2001 (15:30 – 17:45 h).
- 10ª visita: Sábado, 03 – 03 – 2001 (12:20 – 13:30 h).
- 12ª visita: Sábado, 05 – 05 – 2001 (13:15 – 14:15 h).
- 13ª visita: Sábado, 02 – 06 – 2001 (14:00 – 16:20 h).
- 14ª visita: Sábado, 07 – 07 – 2001 (14:00 – 16:20 h).
- 15ª visita: Sábado, 04 – 08 – 2001 (13:30 – 15:50 h).
- 16ª visita: Sábado, 01 – 09 – 2001 (12:40 – 14:45 h).
- 17ª visita: Sábado, 06 – 10 – 2001 (12:10 – 16:20 h) -questionários.
- 18ª visita: Sábado, 03 – 11 – 2001 (10:30 – 14:00 h) -questionários.
- 19ª visita: Quinta-feira, 06 – 12 – 2001 (9:40 – 16:30 h) -questionários.
- 20ª visita: Sábado, 05 – 01 – 2002 (13:50 – 15:30 h).

A Feira de São Cristóvão ocupa uma grande área, ao redor do antigo Pavilhão de Exposições do Campo de São Cristóvão, que atualmente está passando por obras de melhorias para receber a

Feira de São Cristóvão em seu interior. Foram estabelecidos oito meses para a entrega do novo Pavilhão, mas atualmente a obra está atrasada. Isso tem causado desconforto para os usuários da Feira, pois muitas barracas tiveram que ser deslocadas para ceder o espaço aos alojamentos dos operários da obra. Durante as visitas pudemos registrar os diferentes momentos que caracterizam a Feira Nordestina, seu público e as distintas fases de seu funcionamento, durante mais de 24 horas a cada fim-de-semana, desde a montagem até o término da feira.

Foram realizadas as seguintes visitas à Feira de São Cristóvão:

- 1ª visita: Domingo, 00 – 10 – 2000 (11:10 – 13:15 h).
- 2ª visita: Domingo, 00 – 11 – 2000 (12:15 – 13:30 h).
- 3ª visita: Sábado, 16 – 06 – 2001 (16:20 – 17:45 h).
- 4ª visita: Sábado, 16 – 06 – 2001 (21:15 – 01:10 h).
- 5ª visita: 3ª.-feira, 10 – 07 – 2001 (10:00 – 16:10 h).
- 6ª visita: Sábado, 21 – 07 – 2001 (13:15 – 14:30 h).
- 7ª visita: Sábado, 27 – 10 – 2001 (14:10 – 18:00 h) – questionários.
- 8ª visita: Sábado, 08 – 12 – 2001 (14:30 – 17:45 h) – questionários.
- 9ª visita: 3ª.-feira, 11 – 12 – 2001 (13:15 – 18:00 h) – questionários.
- 10ª visita: Sábado, 15 – 12 – 2001 (13:15 – 19:00 h) – questionários.
- 11ª visita: Domingo, 16 – 12 – 2001 (11:50 – 16:50 h) – questionários.

Estrutura e encaminhamento do Trabalho

A estrutura da dissertação é composta por cinco capítulos de desenvolvimento do assunto e um com as considerações finais e conclusivas sobre a pesquisa. Além destes, os dois últimos capítulos constituem as referências bibliográficas e os anexos.

No início, esta pesquisa tinha como objetivo mostrar a valorização cultural das feiras para os lugares aonde elas acontecem, de acordo com o caráter cultural, o histórico e o urbanístico de cada uma. Diríamos até que havia uma visão "romântica" na escolha dos elementos teóricos que gostaríamos de abordar. No entanto, a análise das respostas dos questionários nos revelou uma realidade: a forte presença do fator econômico, impulsionando inclusive a realização das obras de reurbanização. Certamente, pois se não houvesse interesses econômicos sustentando estas feiras, elas não poderiam ser assim chamadas e estariam fora da lógica tradicional do mercado.

Construímos um painel conceitual, no **primeiro capítulo**, que foi se desenvolvendo com a definição de **elementos teóricos**, a partir do título da dissertação. Veremos, então, a conceituação da valorização e das formas de valor de uso, de troca e cultural. Abordaremos também a questão da cultura (popular), da identidade cultural (tradição e história), do pertencimento e do patrimônio cultural.

Em seguida, no **segundo capítulo**, apresentaremos a **localização** do Campo de São Cristóvão, da Rua do Lavradio, suas características urbanas e a dinâmica histórica dos lugares, com uma exposição cronológica de sucessivas utilizações das áreas urbanas (do séc. XVIII ao XX). Mostraremos a predominância de tipo, de uso e de ocupação das edificações que compõem atualmente o entorno das feiras. Com isso, verificaremos a existência da predominância comercial dos estabelecimentos abertos ao público, e também, se este tipo de uso está relacionado com o comércio praticado nas duas feiras populares.

Mostraremos, no **terceiro capítulo**, como as duas **feiras** acontecem. Conheceremos a transformação dos lugares, que durante os eventos tornam-se locais de compras, encontros, entretenimento e lazer (animação cultural). Iniciamos com a origem das feiras nas sociedades ocidentais. Em seguida, veremos a história do surgimento de cada feira estudada, a descrição de suas respectivas estruturas de organização (histórico, tipos de mercadorias, setorização, regulamentos, funcionamento etc) e a configuração espacial destes eventos.

No **quarto capítulo**, apresentaremos os **atores sociais** das feiras e mostraremos como eles atuam nos lugares. Faremos a análise dos elementos da fundamentação teórica, a partir das considerações dos capítulos dois e três e dos resultados obtidos com as respostas dos questionários. Falaremos sobre a questão dos **valores de troca, de uso e cultural**, que predominam em cada uma das Feiras. Trataremos da **identidade cultural**, do **pertencimento**, das feiras como eventos de entretenimento, de **lazer** e como **patrimônio cultural** da cidade.

O **quinto capítulo** é composto por uma outra forma de **valorização dos lugares**, feita através dos **projetos urbanísticos**. Ambos os lugares das Feiras estão passando por obras que visam à reformulação da utilização do espaço urbano, em função destes eventos. Falaremos das diretrizes dos dois projetos e apresentaremos algumas pranchas com os desenhos que serão implantados nos locais.

Em se tratando de uma abordagem comparativa do tema, a apresentação dos quatro capítulos de

desenvolvimento da pesquisa, ou seja, sobre os lugares, as feiras, os atores sociais e os projetos urbanísticos, terá os mesmos itens de análise para cada uma das Feiras. Assim, poderemos verificar as semelhanças e diferenças entre a Feira de São Cristóvão e a Feira do Rio Antigo.

Encerraremos o corpo da dissertação no **sexto capitulo**, com a apresentação das **considerações finais** sobre os dois eventos, com base na análise dos resultados, na fundamentação teórica e nas observações de campo. Esperamos, com isso, conseguir mostrar a valorização cultural que ambas as feiras conferem às respectivas áreas urbanas, aonde acontecem.

Em seguida, serão apresentados as referências bibliográficas utilizadas na pesquisa e os anexos que se constituem de: os esquemas urbanos com a utilização das edificações do entorno dos respectivos lugares; os depoimentos de alguns usuários das feiras; o questionário e sua tabulação de dados e algumas matérias jornalísticas utilizadas na dissertação.

1. ALGUNS ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante as visitas, à Rua do Lavradio e ao Campo de São Cristóvão nos dias de suas respectivas feiras, procuramos encontrar, elementos teóricos que pudessem expressar, como estes dois eventos abertos ao público ou **populares** estariam **valorizando suas áreas urbanas**. A partir daí, encontramos algumas características que nos auxiliaram na montagem do painel conceitual da pesquisa, ou seja, os elementos que explicarão as relações existentes entre os eventos, seus lugares e seus usuários.

Trataremos, então, como o título já diz, da valorização de áreas urbanas. Abordaremos a questão do valor em si e das derivações que aparecem neste processo: **valor de uso**, **valor cultural e valor de troca**. Mostraremos que as duas feiras são eventos de **cultura popular**. Veremos como a identidade e a identidade cultural podem explicar de que forma estes eventos são carregados de **tradição** e de **história**. Abordaremos de que forma a identidade pode estar relacionada ao **pertencimento** e a **afetividade** ligados aos lugares e aos eventos. Veremos como se caracterizam o **lazer** e a **atração cultural** e encerraremos falando sobre a abrangência da conceituação do **patrimônio cultural**.

Uma das características mais marcantes de cada um dos lugares é a diferença da paisagem urbana nos dias das feiras e nos dias normais sem elas. A ocupação dos espaços públicos urbanos pelas feiras nos dá a sensação de que os eventos e as pessoas que por ali circulam transformam aqueles lugares comuns de passagem da cidade em lugares cheios de animação. Os eventos promovem, assim, uma **atração social**, pois reúnem pessoas e tornam os lugares mais animados. Durante os dias normais da semana, esvaziados de gente e de mercadorias, estes mesmos lugares passam a ser locais hostis e até perigosos à visitação ou à permanência.

Ao caminhar por estes lugares, lembramos das recomendações feitas por Jane Jacobs:

> "As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Se as ruas da cidade são livres da violência e do medo, a cidade está razoavelmente livre da violência e do medo. Quando as pessoas dizem que uma cidade é perigosa ou selvagem, querem dizer que não se sentem seguras nas calçadas. (...) E manter a segurança urbana é uma função fundamental das ruas das cidades e suas calçadas".

> O principal atributo de um distrito urbano próspero é que as pessoas se sintam seguras e protegidas na rua em meio a tantos desconhecidos. O distrito que falha nesse aspecto também fracassa em outros e passa a criar para si mesmo e para a cidade como um todo, um monte de problemas. (...) E, quando temem as ruas, as pessoas as usam menos, o que torna as ruas ainda mais perigosas" (Jacobs, 2000, p. 29, 30).

Voltando a falar sobre a **atração**, o professor de comunicação, Jacques Wainberg, nos explica que "as cidades turísticas têm esse poder de imantação que se propaga em círculos concêntricos cada vez mais distantes". Para ele, "esse poder aumenta quanto mais a cidade tiver elementos que provoquem os sentidos do transeunte e, assim, passam a ser destinos de peregrinação. A atração (...) é o cerne da diferença e é ela que estimula a visitação" (Wainberg, in Castrogiovanni, 2000, p.18). Para Castrogiovanni, professor de Geografia e Turismo, "é possível afirmar que a atratividade turística depende também do observador, portanto de seu preparo para sentir e perceber" (Castrogiovanni, 2000, p.27).

No decorrer desta pesquisa percebemos que quando citávamos os lugares estudados a outras pessoas, elas lembravam-se deles fazendo referência ao comércio típico e à programação cultural das feiras que neles ocorrem. Fomos percebendo, então, que as feiras é que tornavam os lugares reconhecidos publicamente. Assim, a idéia de **valorização cultural do lugar** pelo **seu uso** pareceu-nos o início a ser perseguido por este estudo.

À medida que fomos nos familiarizando com o tema e com os eventos, começamos a pensar e a questionar: **Qual seria o valor da feira para os comerciantes? E para os visitantes? E para a cidade?** Estas questões foram norteando nossa linha de raciocínio do trabalho Aos poucos fomos descobrindo que a questão do valor poderia ser abordada de várias maneiras, dependendo do ator social que fosse mais atingido.

O termo **valorização** é definido por ser "o processo econômico e social de produção de valor. (...) É o aumento de um valor existente mediante a **criação de um novo valor**" (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, 1998, Vol. 24, p. 5671). Pois bem, **valor**, vem a ser a "**qualidade** pela qual determinada pessoa ou coisa é **estimável em maior ou menor grau**" (Dicionário Aurélio - Séc. XXI, 2001). Tratando-se, neste caso, de eventos periódicos que transformam as características de uso dos locais aonde eles acontecem, julgamos que pudéssemos assim, estimar o valor de uso dos lugares. Então, passamos a trabalhar também com a definição de **valor de uso**, que vem a ser "a capacidade ou a propriedade de um bem ou

serviço de satisfazer as necessidades humanas ou de um consumidor" (Dicionário Aurélio - Séc. XXI, 2001 e Enciclopédia Larousse Cultural, 1998, vol.24, p. 5871).

Muito bem, acreditamos que as duas feiras possam exercer a "**satisfação das necessidades de um consumidor**", à medida que além de serem um fenômeno de mercado, elas também são promotoras de eventos de **lazer popular**. A Feira Nordestina e a Feira do Rio Antigo dirigem-se a usuários diferentes e com interesses distintos, também. As feiras destinam-se ao usuário visitante (turista ou excursionista), que chega para conhecer os eventos e para desfrutar as **atrações culturais** e também para os cidadãos que vão aproveitar seus momentos de **lazer**. Elas também são organizadas por um outro tipo de usuário: comerciantes, feirantes e expositores, que em uma feira são familiarizados com os modos de vida nordestinos e na outra, são especializados em móveis e antiguidades.

Seguindo esta linha da valorização, temos também como proposta a verificação da existência do **valor cultural** para ambas as feiras. De acordo com Teixeira Coelho:

> "Em sentido amplo, **valores culturais** são todos aqueles que **orientam um indivíduo, grupo ou coletividade**, conformando suas visões de mundo e manifestando-se em todas suas representações (...). As fontes de valor cultural têm as mais diversas localizações: **um modo cultural em particular** (**cultura popular**, cultura erudita, cultura nacional-popular, cultura oficial), uma classe social ou profissional, um segmento religioso, um ideal político, etc. [E também,] "em sentido estrito", "o **valor cultural** é responsável, em política cultural, pelas decisões sobre **o que incentivar**, (...) **o que difundir** e **o que preservar**" (Teixeira Coelho, 1999, 2ª ed, p.361.).

Desta maneira, percebemos que nossos objetos de pesquisa poderiam também ser estimados culturalmente por aquilo que representam em nossa sociedade, ou seja, as tradições nordestinas no Rio de Janeiro e os fragmentos da história boêmia e do "*glamour*" do Centro do Rio Antigo.

A abordagem que fazemos do **valor cultural** é a "**relativista**", que também é definida por Teixeira Coelho e, segundo a qual, "**as culturas têm diferentes percepções responsáveis por diferentes visões de mundo**". Para ele, "o ser humano precisa da cultura e tem de fazer o que for necessário para criar e manter a cultura. Isto exige do ser humano, (...) que ele tenha valores, isto é, comprometa-se, engaje-se" (Teixeira Coelho, 1999, 2ª ed., p.361 e 362).

Quando referimo-nos aos eventos estudados como manifestações da **cultura popular** estamos querendo enfatizar duas características: a **origem espontânea** dos eventos e a **atração social** que eles exercem. Estas feiras são abertas e não excluem a participação de qualquer segmento da sociedade. O que percebemos em cada uma delas é a presença de uma rica mistura social.

Não compartilhamos da idéia de correntes que conceituam a cultura popular como "subordinada à cultura da classe dominante (dedutivistas), ou então, como sendo características das classes subalternas (indutivistas)", tão pouco, como uma "expressão de sentido pejorativo (estudos culturais norte americanos)". No entanto, existe uma visão mais democrática "na sociedade contemporânea – o **multiculturalismo** – [que] é uma visão mais elástica das culturas populares que permite entendê-las como **uma miríade de processos sociais concretos**, **originados no passado ou propostos por elementos modernos que respondem a necessidades concretas dos grupos que as produzem e delas se alimentam em sua luta pela sobrevivência**" (Teixeira Coelho, 1999, 2ª ed., p.120).

Acreditamos que ambos os eventos foram se desenvolvendo a partir da organização espontânea de um grupo de comerciantes, os nordestinos da Feira de São Cristóvão e os de móveis antigos na Feira do Rio Antigo. Assim, após apresentarmos os projetos de reurbanização destes lugares, verificaremos, se eles procuram contemplar esta característica multiculturalista existente atualmente em ambas as feiras.

Já dissemos que os dois lugares estudados da cidade são reconhecidos publicamente por seus eventos. Então, de alguma maneira eles possuem uma **identidade**, ou seja, possuem "o aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais eles podem ser definitivamente reconhecíveis, ou conhecidos" (Dicionário Aurélio - Séc. XXI, 2001) Segundo Castrogiovanni, "a identidade está associada ao diferencial, ou seja, as suas singularidades. É o reconhecimento como entidade separável. A identidade urbana deve ter algum significado para o observador, seja esse significado material ou emocional" (Castrogiovanni, 2000, p.26).

Tratando-se de feiras com temas culturais, tanto regionais como antigos, e tendo uma identidade própria ou específica na cidade, seria possível que as feiras também tivessem uma **identidade cultura**l, já que são rotuladas em roteiros turísticos como atrações culturais da cidade. Devemos verificar se as características temáticas das feiras são realmente próprias e coerentes, em relação ao que elas têm para oferecer a seus visitantes, e também, se elas se distinguem de outras manifestações públicas da cidade.

De acordo com Teixeira Coelho:

> "O conceito de **identidade cultural**, noção-chave em muitas políticas culturais, aponta para **um sistema de representação** (elementos de simbolização e procedimentos de encenação desses elementos) **das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo**. No núcleo duro da identidade cultural – **aquele que menos se desbasta através dos tempos, mesmo nas situações de distanciamento do território original** – aparecem a tradição oral, a religião e comportamentos coletivos formalizados" (Teixeira Coelho, 1999, 2ª ed., p.201).

À medida que lemos esta definição e pensamos nas duas feiras, podemos vivenciar, como observadores, as interações existentes entre os lugares e os usuários dos eventos (comerciantes, feirantes e visitantes), que se apropriam e dão vida ao espaço público, que ocupam. A Feira de São Cristóvão é um evento que parece nos transportar para outro lugar, para uma típica cidade do sertão nordestino. Quando estamos na Feira do Rio Antigo, caminhando e olhando a paisagem, sentimos que o tempo parece retroceder ao passado: a feira de antiguidade completa esta ambiência antiga do lugar.

Na primeira feira, o pequeno comércio improvisado foi surgindo com a venda de alguns produtos regionais que vinham como encomendas, nos caminhões que também traziam nordestinos dos sertões secos para o Rio. O Campo de São Cristóvão foi se tornando o ponto habitual de circulação de notícias e de encontros entre os nordestinos. O comércio foi se incrementando, se especializando e o lugar foi se tornando "um pedacinho do Nordeste, aqui no Rio" (depoimento de um comerciante do local).

A segunda é um evento que vem tentando conquistar seu funcionamento e regularidade há mais de cinco anos. O fator que colabora para que sua identidade se fortifique neste local é a comercialização e a exposição de produtos do comércio local: mobiliários e antiquários. Uma matéria jornalística reforça que: "Depois de investimentos da Prefeitura superiores a R$ 4 milhões, a rua reforçará sua identidade como pólo de antiquários, mas também com projetos imediatos e futuros, que levarão ainda mais cultura para a região" (Jornal do Brasil – Caderno B, "O Futuro do Passado", 03/ 02/ 2001, capa).

Ao tratamos das duas feiras como eventos culturais estamos levando em conta uma **herança tradicional**, na Feira de São Cristóvão e a uma **herança histórica**[2], na Feira do Rio Antigo. É com estes termos que os traços de identidade de ambas vêm se firmando, pois elas são únicas e diferenciadas, em relação a outras feiras da cidade. A primeira é quase que uma reprodução das grandes feiras nordestinas, como a de Santana (BA) e a de Caruaru (PE). A segunda é uma criação recente que pretende ampliar e fixar a concentração de um ramo de atividade comercial - móveis antigos e antiguidades - num lugar, que é envolvido por uma ambiência urbana antiga, propícia ao desenvolvimento deste evento.

Em relação à de São Cristóvão, que acontece a mais de cinqüenta anos, podemos perceber que suas formas e seus modos culturais não se mantiverem congelados, no tempo, pois são passíveis de "cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado" (S. Hall, 1998, p. 88). Ela vem passando por ampliações, reorganizações e adaptações de acordo com as solicitações dos momentos. Mas será que a Feira de São Cristóvão, com seus costumes e suas raízes culturais trazidos de vários lugares do Nordeste, poderia ser chamada de um **evento** genuinamente **tradiciona**l, como sempre ouvimos dizer?

A Feira do Rio Antigo foi criada em meados da década de 1990 e vem construindo seus pilares sobre o passado histórico de sua rua. Foi local de moradia de celebridades e da nobreza real e imperial. Próxima à Praça Tiradentes, reduto cultural do teatro e da boemia carioca, da segunda metade do séc. XIX, a Rua do Lavradio era uma extensão do circuito teatral da cidade. Infelizmente muitos dos marcos arquitetônicos que abrigaram esta história não mais existem. Mesmo assim, a rua conseguiu manter suas características urbanas antigas graças ao estado de abandono e de desvalorização imobiliária, pelo qual ela permaneceu durante boa parte do século XX. Porém, de que maneira esta herança histórica está sendo anunciada, para que haja um retorno do reduto cultural do Centro do Rio Antigo, à Rua do Lavradio?

As questões levantadas acima serão respondidas no Capítulo 4, no item 4.2.3. Valor Cultural, quando falarmos sobre a identidade das Feiras. Definiremos os conceitos de "tradição", "tradução" e "tradição inventada", segundo Stuart Hall e explicaremos como podem ser aplicados em cada evento.

---

[2] Uma herança é considerada tradicional porque os nordestinos trazem consigo seus modos de vida para a nova cidade, onde pretendem viver, como uma forma de não se desligarem de sua terra natal. E a outra herança é considerada histórica porque após um século de abandono urbanístico, os comerciantes da Rua do Lavradio pretendem restaurar a memória do lugar que ainda possui atualmente alguns exemplares arquitetônicos que reportam ao seu passado de glórias vividas durante o século XIX.

Um outro termo teórico que não pode ser esquecido é a noção do **pertencimento**, ligado à noção de **afetividade** que se tem do lugar e do evento. Estes termos surgiram no conteúdo de várias respostas dos questionários feitos com os feirantes e comerciantes das duas feiras e dos locais, onde elas acontecem. Verificaremos também que o **pertencimento e a identidade podem ser complementares**.

Pertencer é "ser parte de" (Dicionário Aurélio - Séc. XXI, 2001). Em sua discussão sobre "a tensão entre o 'global' e o 'local' na transformação das identidades", Stuart Hall coloca que "as identidades nacionais representam **vínculos a lugares, eventos**, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou **pertencimento**" (Hall, S., 1988, p.76). Para Timothy Brennan, "uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento" são elementos de referência à "nação" (Brennan, 1990 *apud* S. Hall, 1998, p.58).

Não estamos tratando, neste caso, de uma nação, como a nação brasileira, a inglesa ou a japonesa, por exemplo. Mas, se pensarmos nos primeiros migrantes nordestinos, que vieram para o Rio, fugindo da seca e se deparam com uma cidade grande, totalmente estranha e diferente do mundo que eles conheciam, poderíamos dizer que esta sensação assemelhar-se-ia com a de um estrangeiro, num país estranho. O estrangeiro mantém-se vinculado aos seus costumes nativos e os carrega consigo, onde quer que se instale. Da mesma forma, o nordestino trouxe consigo seu modo de vida, seus costumes e procurou adaptá-los em São Cristóvão.

E mais, Stuart Hall preocupa-se com um tipo de identidade cultural, a identidade nacional na modernidade tardia. Para ele, "no mundo moderno, as **culturas nacionais** em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de **identidade cultural**". Para ele, "as pessoas participam da idéia da nação. (...) **Uma nação é uma comunidade simbólica** e é isso que explica seu **'poder para gerar sentimento de identidade e lealdade'**" (Hall, 1998, p.47 e 49). Os grupos organizadores das Feiras estudadas também trabalham nelas por gostarem de estarem ali. Então, não seria difícil imaginar que eles representem uma espécie de comunidade simbólica que se identifica com seu trabalho e promove a continuidade de ambos os eventos.

Gostaríamos também de verificar se a Feira de São Cristóvão e a Feira do Rio Antigo poderiam ser consideradas patrimônio cultural da cidade. Para isso, precisamos conhecer a abrangência do patrimônio. Iniciaremos pela definição do termo. Patrimônio vem a ser "uma herança paterna, bens de família, bem, ou conjunto de bens culturais ou naturais, de valor reconhecido para

determinada localidade, região, país, ou para a humanidade, e que, ao se tornar(em) protegido(s), como, por exemplo pelo tombamento, deve(m) ser preservado(s) para o usufruto de todos os cidadãos" (Dicionário Aurélio - Séc. XXI, 2001).

Se acrescentarmos o termo cultural, encontraremos uma conceituação mais específica para o nosso caso. De acordo com o **Decreto-lei no. 25**, promulgado durante o Estado Novo no Brasil**, "Patrimônio cultural** é o conjunto de **bens móveis e imóveis** existentes no país, cuja **conservação** seja de **interesse público** quer por sua **vinculação a fatos memoráveis**, quer pelo seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico". A **Carta do México** em defesa do Patrimônio Cultural apresenta o patrimônio cultural de um país como "**o conjunto dos produtos artísticos**, artesanais e técnicos, das expressões literárias, lingüísticas e musicais, dos usos e costumes de todos os povos e grupo étnicos, **do passado e do presente**" (Teixeira Coelho, 1999, 2ª ed, p. 286 e 287).

Apesar da definição da Carta do México ser mais abrangente, que a do Decreto-lei no. 25, para Teixeira Coelho, ambas as definições dão "margem a que se preserve somente as obras de arte ditas nobres e os monumentos vinculados à história oficial do país, quer dizer, à história dos vencedores e das classes dominantes. **Uma abertura clara no rumo das obras e vestígios da cultura popular tem sido solicitada com insistência**, embora se verifiquem aqui os mesmos problemas que envolvem a questão do patrimônio da classe dominante: tentativas de forçar o reconhecimento, como universais (nacionais), de obras com significado tópico, etc" (Teixeira Coelho, 1999, 2ª ed, p. 287).

Encontramos também uma versão mais atualizada e abrangente da Declaração do México ICOMOS, de 1985, que diz:

> "O patrimônio cultural de um povo compreende (...) as **obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo**: as línguas, os ritos, as crenças, os **lugares** e monumentos históricos, a **cultura**, as obras de arte e os arquivos de bibliotecas" (Cury, 2000, 2ª. Ed., p.275).

Esta Declaração do México reconhece que:

> "O patrimônio cultural tem sido **freqüentemente danificado ou destruído** por negligência e pelos processos de urbanização, industrialização e penetração tecnológica. (...) A **preservação** e o apreço do patrimônio cultural permitem,

> portanto, aos povos defender a sua soberania e independência e, por conseguinte, **afirmar e promover sua identidade cultural**" (Cury, 2000, 2ª. Ed., p. 276).

Até agora grifamos os trechos das definições que dizem respeito a manifestações culturais que dizem respeito aos nossos eventos. Vimos também que já existe uma preocupação com relação aos patrimônios não materiais que podem desaparecem, por falta de uma política cultural de reconhecimento e de salvaguarda dos mesmos. Acreditamos que as duas feiras estudadas poderiam ser consideradas manifestações populares que poderiam então receber algum tipo de salvaguarda, que lhes permitissem continuar existindo, para manterem seus lugares animados.

A última definição de "**patrimônio cultural**" que gostaríamos de mostrar é a utilizada no **artigo 216 da Constituição**. Segundo José Afonso da Silva[3], a expressão abrange o patrimônio histórico e artístico, ou seja, "**todas as expressões simbólicas da memória coletiva, constitutivas da identidade de um lugar, uma região ou uma comunidade**" (Campello *apud* Silva, J. A., 2001, p. 100 e 101). Para ele:

> "**A cultura de raiz forjou-se no cerne da vida simples do povo**. A inventiva popular foi criando **formas de fazer e de viver** ao mesmo tempo em que ia construindo a essência da nacionalidade a despeito das elites, que cultivavam a cultura erudita, a cultura das classes superiores, cultura transplantada" (Silva, J. A., 2001, p. 78)."Os **modos de criar, de fazer e de viver** constituem também formas culturais de elevado sentido popular que se vão perdendo nas formas de industrialização substitutiva" (*id*, p. 110).

Percebemos, então, que entre estas quatro definições de patrimônio cultural as duas últimas são as mais abrangentes, pois dizem respeito a todas as formas de cultura existentes, que identificam grupos sociais, por suas maneiras próprias de "criar, fazer e viver". Apesar de conseguirmos reconhecer que as atribuições patrimoniais descritas acima poderiam auxiliar no processo de classificação das Feiras de São Cristóvão e do Rio Antigo no rol de bens patrimoniais culturais não materiais, ainda não possuímos instrumentos legais e oficiais para aferir esta promoção.

Gostaríamos que estas feiras pudessem ser preservadas em seus locais, de funcionamento. Entretanto, veremos adiante que o valor de uso destes eventos, que, por suas vez, reforça a identidade de cada um deles é um atributo conferido pelos usuários destas Feiras. Portanto, se

[3] José Afonso da Silva é professor titular da USP responsável pelo curso de Direito Urbanístico.

dependesse somente deste reconhecimento cultural, elas teriam condições de constituir a categoria de Patrimônio Cultural Popular da cidade.

Inicialmente, nossa pesquisa tinha como objetivo conferir apenas a valorização cultural dos lugares onde ocorrem as feiras, mas o resultado da aplicação dos questionários nos revelou que as feiras constituem-se, sobretudo, em lugares de comércio, de compra e venda de produtos, de trocas, de circulação financeira e, portanto, não poderíamos prosseguir a pesquisa ignorando a sua valorização pela troca. Trabalharemos este conceito tendo em vista que estas feiras são livres, abertas e possuem circulação de mercadorias e de pessoas que em si caracterizam a existência delas.

A rigor, a conceituação mais conhecida é a que foi desenvolvida por Marx e é também utilizada por economistas. Em breves palavras enuncia-se que **valor de troca** é a

> "Propriedade de um bem ou serviço de ser trocado por outro numa determinada proporção. Segundo Marx, o valor de troca é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzir o bem; segundo outros economistas o valor de troca é determinado subjetivamente pelos desejos de compradores e vendedores" (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, Nova Cultural, 1998, p. 5871.).

Não podemos esquecer que estes lugares estudados fazem parte da antiga urbanização do Rio de Janeiro e que apresentam muitos problemas urbanos e sociais que atingem a vida dos moradores. Citamos, por exemplo, a sujeira urbana deixada pela feira nordestina ao redor do Campo de São Cristóvão e na vizinhança imediata, como também as enchentes causadas pela falta de um sistema de saneamento na Rua do Lavradio. Como vemos estas áreas carecem de uma boa qualidade de vida para seus usuários. Mas, com a união dos comerciantes, feirantes e o poder municipal estão sendo implantados projetos que visam à melhoria da estrutura urbana de cada lugar.

Acredita-se que com o término das obras os dois locais se tornem lugares com melhores condições de abrigar as duas feiras. Por conta disso, elas poderão ser mais divulgadas, visitadas e até se efetivarem em vários roteiros turísticos da cidade. Assim, consideramos que estes projetos serão responsáveis também pela **valorização dos lugares**, onde estão sendo implantados. Enfim, para que estes projetos tenham sucesso em sua implantação, eles devem contemplar não só as bem feitorias para os eventos, mas também devem proporcionar melhores condições de infra-estrutura urbana, para bem atender a população que vive ali.

2. LOCALIZAÇÃO DOS LUGARES

Iniciamos esta parte por uma indagação: Nossos estudos estão sendo feitos em lugares ou em espaços urbanos? Vejamos, "o '**lugar'** é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estritamente ligadas" (Giddens, 1990 *apud* S. Hall, 1998, p.72-73.). Os lugares permanecem fixos; é neles que temos "raízes". Entretanto, o **espaço** pode ser "cruzado" num piscar de olhos – por avião, por fax ou por satélite" (S. Hall, 1998, p.72-73.). Para Marc Augé, "o termo 'espaço', em si mesmo, é mais abstrato do que o de 'lugar' (...) A noção de **espaço** parece poder se aplicar de maneira útil, pelo próprio fato de sua ausência de caracterização, às superfícies não simbólicas do planeta". Em contra partida, **lugar**, para Augé, é o "do sentido inscrito e simbolizado, é o **lugar antropológico**. É preciso que este sentido seja posto em ação, que o lugar se anime e que os percursos se efetuem, que nele se prenunciem discursos e que uma linguagem o caracterize" (Augé, 1994, p. 76-77).

Podemos pensar então que o espaço é uma imensidão, que engloba os lugares e os lugares são partes organizadas do espaço, elaboradas por grupos sociais ou indivíduos. Estamos tratando de lugares antigos da cidade do Rio de Janeiro, que podem ser "classificados e promovidos como **lugares de memória**". São "lugares circunscritos e específicos", definidos por Marc Augé como sendo "**lugares antropológicos**":

> "Concretamente, (...) pode-se falar (...) em cruzamentos e praças onde os homens se cruzam, se encontram e se reúnem, que desenharam conferindo-lhes, às vezes, vastas proporções para satisfazer principalmente, nos mercados, necessidades do intercâmbio econômico, e, enfim, centros mais ou menos monumentais" (Augé, 1994, p.55).

Verificaremos também que nossos lugares de estudo foram sofrendo alterações de usos e isto interferiu no modo de ocupação de ambos, ao longo do séc. XX:

> "A intervenção direta do Estado sobre o urbano levou à transformação acelerada da forma da cidade, tanto em sua aparência (morfologia), como em seu conteúdo (separação dos usos e de classes sociais no espaço). O Estado veio a acelerar o processo de estratificação espacial, que já era característico da cidade desde o séc. XIX, contribuindo assim para a consolidação de uma estrutura núcleo-periferia que perdura até hoje" (Abreu, 1997, p.73).

2.1. Situação Geográfica dos lugares

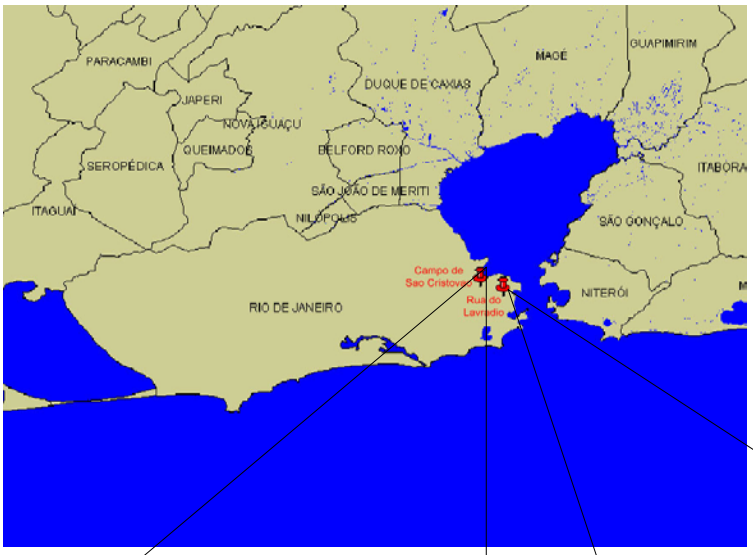


Fig. 2.1: Cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos: Localização do Campo de São Cristóvão e da Rua do Lavradio – sem escala

Fonte: www.terra.com.br. 06 / 2001.



Fig. 2.2: Localização do Campo de São Cristóvão no bairro – sem escala
Fonte: www.terra.com.br, 06 / 2001.



Fig. 2.3: Localização da Rua do Lavradio no bairro - entre o centro e a Lapa - sem escala
Fonte: www.terra.com.br, 06 / 2001.



Fig. 2.4: Campo de São Cristóvão e arredores – sem escala
Fonte: www.terra.com.br, 06 / 2001.

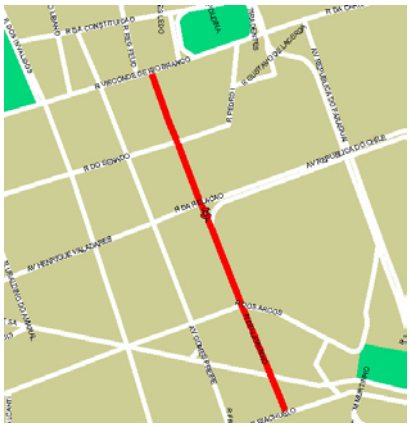


Fig. 2.5: Rua do Lavradio e arredores - sem escala
Fonte: www.terra.com.br, 06 / 2001.

2.2. Localização e Utilização do Lugar

2.2.1. Campo de São Cristóvão

Descrição do local

O Campo de São Cristóvão é "um grande largo, com 180.000 metros quadrados" (Costa, 1958, p. 49), localizado no bairro de mesmo nome, próximo ao cais do porto, na Baía de Guanabara. É um local de passagem viária obrigatória entre o Centro da cidade, a Zona Norte e a Baixada Fluminense.

As ruas que se encontram ao redor do Campo de São Cristóvão levam seu nome e continuam seus trajetos com outros nomes. Seguindo em sentido horário, de norte para sul, encontramos a Rua Bela que continua na Rua Escobar, no lado leste do Campo. Ao sul, encontra-se a Rua Santos Lima e, na mesma porção, mas no lado oposto segue a Rua São Luís Gonzaga. A oeste encontra-se a Rua General Argolo e ao norte, a Rua Almirante Mariach. Uma das ruas que no passado atravessava o Campo, a Rua Figueira de Mello, atualmente termina no seu limite. Sobre ela estende-se a via elevada da Linha Vermelha, que se liga, aereamente, à Rua Bela, passando por cima de uma das extremidades do Campo de São Cristóvão. (Fig.2.6 e Fig.2.7)



Fig. 2.6: Campo de São Cristóvão - Localizado ao centro
Planta da Cidade do Rio de Janeiro e de uma parte dos subúrbios–1890
Fonte: "Do Cosmógrafo ao Satélite: Mapas da Cidade do Rio de Janeiro", no. 31, p. 66.



Fig. 2.7: Campo de São Cristóvão – Planta de situação atual. O viaduto da Linha Vermelha passa sobre a praça
Fonte: Falk Plan

Dinâmica Histórica e Utilização

Desde a sua formação, o espaço que constitui o Campo de São Cristóvão foi recebendo sucessivas utilizações. Foi local de feira de gado, de treinamento da guarda real e imperial, mercado de carne e matadouro e Praça D. Pedro I (com clube para a elite e área de lazer pública). Até final do séc. XIX foi ponto final de bonde e recebeu uma ampliação de ramais que conduziam à Zona Norte. Na época das reformas urbanísticas de Pereira Passos, o Campo foi reinaugurado como Praça Marechal Deodoro. Em meados do séc. XX foi construído um centro de exposições para a cidade, o pavilhão situado no local, que após a queda de sua cobertura perdeu a utilização original e ficou em estado de abandono. Alguns anos antes da construção do pavilhão, o Campo tornou-se local de chegada e encontro de nordestinos e nortistas, que chegavam ao Rio. Desde então, a área livre ao redor do pavilhão passou a ser utilizada para a realização semanal da Feira de São Cristóvão (Feira dos Nordestinos).

O Campo de São Cristóvão originou-se como um rossio fora dos limites da cidade, no séc. XVIII. Sua área, destinada ao "uso comum dos moradores da povoação", era utilizada para comercialização de produtos trazidos do interior por lavradores da redondeza, viajantes e tropeiros. Era utilizado também por boiadeiros como área de pastagem para os rebanhos que tinham como destino o matadouro municipal (entre o Castelo e a Glória), (SMCTE-DGPC, 1991, p. 59 e 100). As imagens mais antigas mostram o entorno livre ao redor do Campo de São Cristóvão, sem outras construções por perto. (ver Fig. 2.8)

A origem de seu nome, São Cristóvão, está associada à história bíblica do homem que transportava pessoas de uma margem à outra de um rio, para que pudessem continuar seu caminho. Um dia ele carregou Cristo e por isso foi chamado de Cristóvão. Assim, o Campo de São Cristóvão, por sua geografia, tem sido um lugar de fluxos sociais e viários, que por aí passam de um lado para outro da cidade, em direção a outros destinos.

A seguir apresentam-se as atividades e utilizações feitas sobre a área do Campo de São Cristóvão, desde o séc. XIX até a atualidade.

Séc. XIX

Em **1806**, o Conde dos Arcos estabeleceu no Campo uma **feira para o comércio de gado**.
Após **1808**, a atividade da feira passou a coexistir com os exercícios dos **batalhões da guarda** da Quinta da Boa Vista.

Em **1819**, foi decretada a existência de um **mercado** permanente de venda **de carne**, na grande Feira de São Cristóvão.

Entre **1836 e 1842**, estabeleceu-se no Campo a **Agência Geral de Imposto sobre o gado** que ficava à venda, em currais no local. Em **1839**, um **matadouro particular foi** aberto no Campo e quatro anos mais tarde, ele teve sua licença cassada.

Em **1843**, houve a **ampliação do espaço** destinado para atividades, com o aterro de duas lagoas de águas estagnadas no campo (SMCTE-DGPC, 1991, p. 59, 61 e 62).

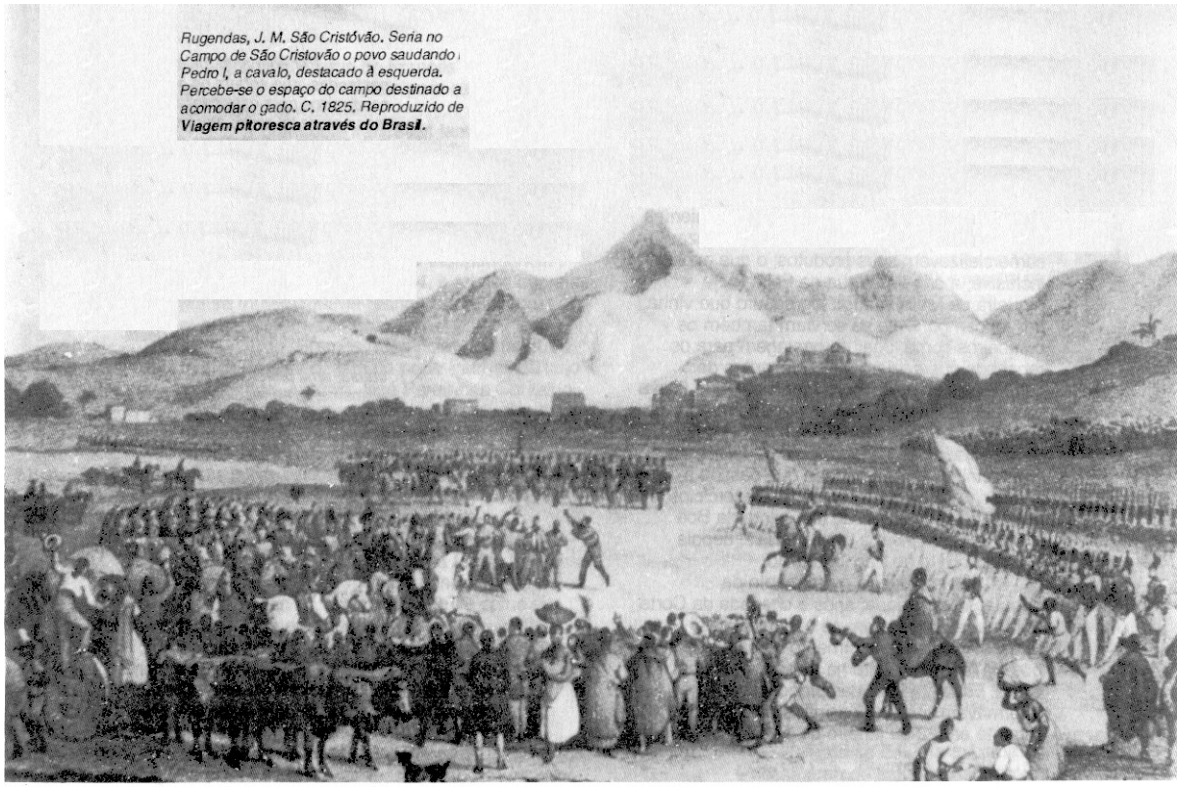


Fig. 2.8: Campo de São Cristóvão – O povo saudando D. Pedro I a cavalo, destacado à esquerda. Verifica-se a presença do gado, junto à população.

Fonte: Viagem Pitoresca através do Brasil, in SMCTE-DGPC, p. 60, 1991.

A partir de meados do séc. XIX ocorrem mudanças na forma de ocupação do bairro de São Cristóvão: muda o perfil social da população, as formas e funções das edificações, o conteúdo das atividades predominantes e o sistema viário de circulação na cidade. A cidade do Rio de Janeiro passa a ser alvo de investimentos estrangeiros (SMCTE-DGPC, 1991 p. 65).

A Partir de **1850**, a grande praça passou a ser requisitada para a instalação de barracas com atividades de **diversão do público**.

Em **1863**, foi fundado, no Campo, o "tradicional" **Clube de São Cristóvão**, o mais antigo da cidade. Oferecia entretenimento para a elite do Império. Após a República, ele funcionou como clube tradicional de bairro até o final dos anos 40 (séc. XX), quando sua sede foi desapropriada (Costa, 1958, p. 50 e SMCTE-DGPC, 1991 p. 112).

Em **1866**, o Campo passou a se chamar oficialmente **Praça D. Pedro I**.

Em **1869**, a Companhia São Cristóvão de **bondes puxados por animais** destinou uma linha que partia do Largo de São Francisco até o Campo de São Cristóvão e depois retornava ao Centro.

Em **1870**, o Campo de São Cristóvão passou a ser considerado o **centro do bairro**. Daí partiam três ramais de linhas de bonde para a zona norte (SMCTE-DGPC, 1991, p. 73).

A partir de **1889**, inaugurou-se o sistema de bondes com tração a vapor e ampliou-se a extensão dos trilhos.

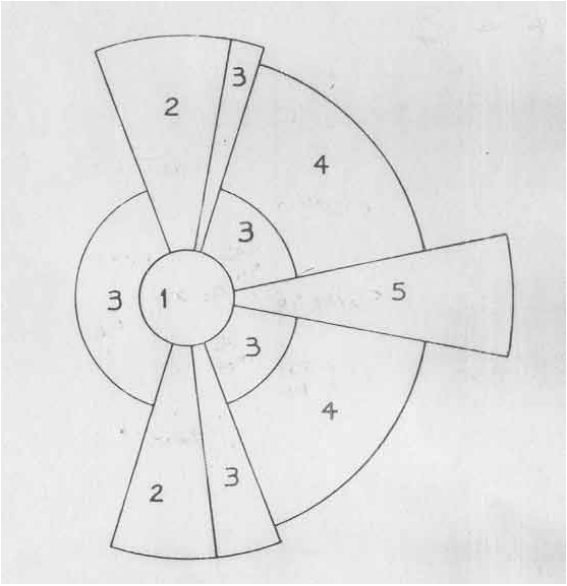
Em São Cristóvão, as melhorias urbanas configuraram-se com a instalação de redes de água, esgotos e gás, drenagem de charcos, loteamento de chácaras etc. Surgiam novas ruas, novos tipos de edificações como chalés, sobrados, fábricas e cortiços. As camadas mais altas da sociedade passaram a ocupar as ruas mais próximas ao Campo de São Cristóvão (Rua Bela, Rua São Luís Gonzaga e Rua São Cristóvão).Nesta mesma época a cidade também estava se urbanizando em direção à Zona Sul, assim o bairro de Botafogo passou a disputar com o de São Cristóvão a preferência das classes sociais mais abastadas (*id*, p. 76).

O desenvolvimento de novas vias de acesso à orla da Zona Sul promoveu a ocupação e a urbanização de novas áreas da cidade. Assim, aos poucos, durante o século XX, a população abastada de São Cristóvão foi se transferindo para estes novos bairros.

A cidade pode ser considerada como uma grande obra que vai se modificando, ampliando-se e atingindo novos espaços, de acordo com os interesses econômicos políticos e sociais vigentes em diferentes momentos de sua história, portanto ela é dinâmica. Podemos considerar que o

crescimento da cidade do Rio, no final do século XIX aproximava-se do modelo ecológico de crescimento urbano por setores desenvolvido por Homer Hoyt, em cuja teoria as zonas não são concêntricas, como aquela desenvolvida por Burgess:

> As zonas se estendem em **setores** ao longo das vias, canais ou vales formando setores do tipo 2, 3 e 5 [de zona de transição, de zona de residência operária e de zona periférica mais abonada, respectivamente]. Hoyt observa que as zonas residenciais de aluguéis elevados tendem a se localizar ao longo das rotas de transportes já existentes, comumente em (...) locais de excepcional beleza paisagística (avenidas beira-mar, beira-rio etc). (...) Os setores abrem-se em leque dando formação às zonas concêntricas. (Ferrari, 1977, p.313-315). (Fig. 2.9).



Legenda:
1 – zona central
2 – zona de transição
3 – zona de residência da classe operária
4 – zona de concentração da classe média
5 – zona periférica de subúrbio habitado por pessoas mais abonadas

Fig. 2.9: Modelo dos Setores de Homer Hoyt.
Fonte: Ferrari, 1977, p. 315

A partir de **1890**, **mercados** foram instalados no Campo, devido à facilidade de acesso deste local com a Praia de São Cristóvão, onde desembarcavam mercadorias (SMCTE-DGPC, 1991, p. 100).

Séc. XX

Em **1906**: O campo de São Cristóvão foi incluído no Programa de **Reformas de Pereira Passos**, em atenção, às queixas dos moradores, que enfrentavam problemas de falta de limpeza e iluminação deficiente na área. O Campo teve toda sua extensão nivelada, o capim foi cortado, dezenas de canteiros de flores e plantas ornamentais foram criados, foram também construídos

um grande coreto para música e uma extensa arquibancada com cobertura. Em **11/11/1906**, inaugurou-se oficialmente a praça reformada, com o nome de **Praça Marechal Deodoro** (*id*, p. 103). (ver Fig. 2.10, 2.11, 2.12, 2.13).

Após a reforma do Campo, a área da vizinhança manteve alguns resquícios da presença da aristocracia, mas também foi sendo ocupada por residências de classe média abastada e militar (*id*, p. 103.). Alguns palacetes da época do Império ainda se mantinham habitados por suas famílias abastadas, mas esta situação foi sendo modificada.

A desenvolvida infra-estrutura urbana existente no bairro de São Cristóvão e a crescente urbanização em direção à Zona Sul, que transferia da primeira as famílias com mais recursos materiais para a segunda, aceleraram o processo de industrialização de São Cristóvão e a conseqüente "perda de prestigio deste bairro como área predominantemente residencial nobre da cidade" (SMCTE-DGPC, 1991, p. 82). Sendo assim, "é difícil estabelecer a direção da causalidade: se esta atividade [indústria] se aproveitou da situação decadente do antigo bairro aristocrático ou se a [inserção da] indústria levou à sua transformação" (Abreu, 1997, p. 55).

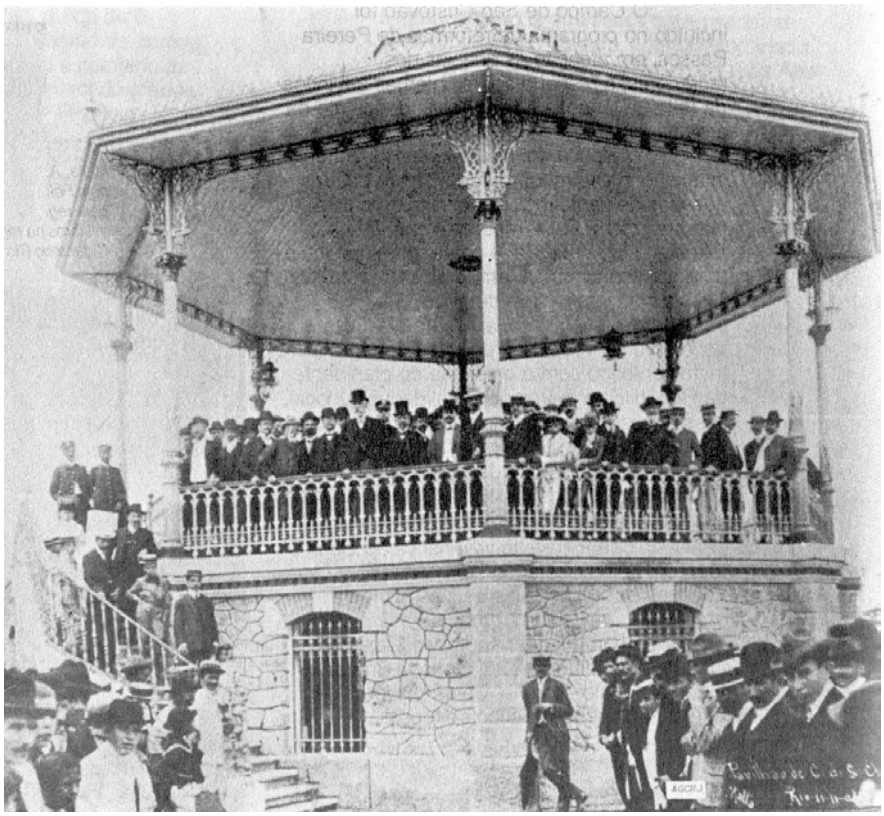


Fig. 2.10: Campo de São Cristóvão - Pereira Passos inaugura o coreto com base revestida de pedra, colunas de ferro e delicados elementos em ferro trabalhado, na parte superior do beiral, 1906.
Fonte: Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, in SMCTE-DGPC, 1991, p. 104.



Fig. 2.11: Campo de São Cristóvão – Trecho dos belos jardins.
Malta A., s/ data.
Fonte: Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, in SMCTE-DGPC, 1991, p. 102.

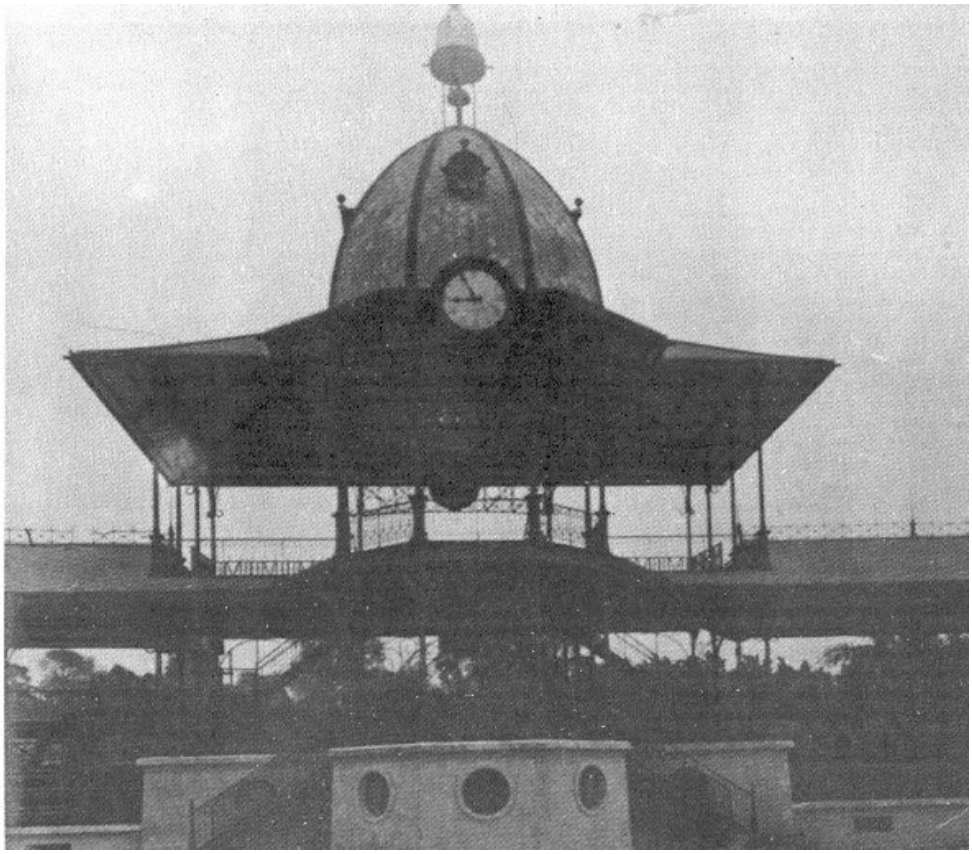


Fig. 2.12: Campo de São Cristóvão –Trecho central da arquibancada com cobertura.
Malta A., 1921.
Fonte: Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, in SMCTE-DGPC, 1991, p. 132.



Fig. 2.13: Campo de São Cristóvão –Trecho lateral da arquibancada com cobertura.
Malta A., 1921.
Fonte: Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, in SMCTE-DGPC, p. 130, 1991.

No **final da década de 20** (séc. XX), São Cristóvão e outros subúrbios passaram a ser tratados, pela primeira vez, como locais de **residência da população operária**. Tal diretriz partia aos Planos de Agache, que mantinham a hierarquização social, previam medidas para sanar os problemas de trânsito e de saúde pública, procurando atender também aos interesses dos grupos sociais locais (SMCTE-DGPC, 1991, p. 89).

Em **1937**, o Decreto n. 6095 fez retornar a **antiga denominação** do lugar: **Campo de São Cristóvão** (*id*. p. 103.).

Até **1950** o parque era utilizado para **lazer popular**. O coreto foi tombado pelo Estado como também algumas obras de arte, já integradas ao espaço, que passaram a representar os últimos remanescentes do período áureo do Campo, como área de lazer, lugar de grandes festas cívicas e missas campais (*id*. p. 104).

No final da **década de 40** e início da **década de 50** foi inaugurada a **rodovia Rio-Bahia**. Ela fez aumentar o **fluxo de migrantes nordestinos**, vindos nos caminhões "pau-de-arara". O ápice da migração ocorreu na década de 50, época de uma violenta seca no Nordeste. Nesta época, a grande praça tornou-se o **ponto final dos caminhões** que traziam nordestinos. Ali no

Campo, os caminhões descarregavam pessoas, utensílios regionais e aguardavam a carga que transportariam na viagem de volta para o sertão. A presença no Campo de São Cristóvão de nordestinos, que já moravam no Rio, à espera de cartas, encomendas e conhecidos, passou a ser mais freqüente. Uma parte da área deste lugar passou a ser ocupada por eles, principalmente na folga do trabalho, durante os fins-de-semana. Assim, nasceu a **Feira Nordestina** (SMCTE-DGPC, 1991, p. 95 e 112).

Com o decreto-lei 6000/37 e a legislação complementar, até 1950, o bairro de São Cristóvão foi definido oficialmente como zona industrial. Este período foi marcado por estímulos à instalação de grandes indústrias, principalmente na porção leste do bairro (*id*. p. 90).

Um modesto comércio varejista local foi instalado nas ruas servidas por transportes urbanos: Rua Bela, Figueira de Melo e trecho da São Luís Gonzaga. Ele atendia aos operários das indústrias (*id*., p. 95).

Em **1957**, iniciou-se a construção do **pavilhão** para abrigar a Exposição Internacional de Indústria e Comércio, projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes (Chaves, p.26, 1999). (Fig. 2.14). Seria uma construção provisória, mas acabou permanecendo no Campo, até nossos dias. Segundo a opinião de vários moradores, o pavilhão desfigurou e deteriorou a paisagem do Campo, principalmente depois de sua desativação. As arquibancadas cobertas, utilizadas para assistir a "paradas", desfiles e festas populares, foram retiradas por falta de uma programação de lazer que visasse sua utilização. No espaço vazio do Campo, muitas "peladas" foram realizadas, por ser "uma forma de lazer barato e acessível ao povo" (*id*., p. 106 e 129).

"A grande invasão de nordestinos no bairro", com baixo nível de renda, paulatinamente, afastou os antigos moradores de classe média das ruas próximas ao Campo de São Cristóvão. Muitas residências transformaram-se em lojas, pensões, botequins, casas de aluguel de cômodos ("cabeças-de-porcos") e prédios mal conservados. Tal situação contribuiu para a deterioração do bairro (*id*., p. 95).

O comércio típico do nordeste foi se fortalecendo, com lojas na rua Senador Alencar e a Feira semanal de São Cristóvão. Isto comprova que os nordestinos tinham criado suas raízes nesta parte da cidade (*id*., p. 95).

Na **década de 60**, praticamente **todos os ramos fabris** possuíam sede em São Cristóvão: mecânica, transporte, minerais não pesados, borracha, química e farmacêutica, além de trapiches e depósitos para serrarias, gráficas, companhias transportadoras, materiais de construção, gêneros alimentícios e bancários. A partir dessa época, o **comércio de automóveis**, equipamentos e autopeças fortaleceu-se, ampliou-se e concentrou-se nas áreas próximas ao Campo (*id*., p. 96).

No **final da década de 60**, o pavilhão passou a ser utilizado para a organização de exposições e eventos destinados ao público da cidade e a área que o circunda tornou-se um grande estacionamento (*id*., p. 106) (Fig. 2.14).

Em **1965**, o destino final das viagens vindas do nordeste deixou de ser o Campo de São Cristóvão e passou a ser **a rodoviária Novo Rio**, próxima ao cais do porto. Assim, os antigos caminhões "pau-de-arara" foram substituídos por ônibus (*id*., p. 96).

As edificações e os decadentes palacetes ao redor do Campo transformaram-se em restaurantes, churrascarias e bares, para atender ao público usuário do local (*id*., p. 96 e 108).



Fig. 2.14: Campo de São Cristóvão e seus arredores - Pavilhão de Exposições. 1970
Fonte: Biblioteca Nacional, in SMCTE – DGPC, pg 96. 1991.

2.2.2. Rua do Lavradio

Descrição do local

A Rua do Lavradio localiza-se na área central da cidade, entre a Praça Tiradentes (centro) e o bairro da Lapa. Sua localização coincidia com o antigo limite da cidade colonial do Rio de Janeiro, devido à sua proximidade com o Morro Santo Antônio.

A rua estende-se por cinco quarteirões, com uma extensão de "730 metros de via" (Jornal do Brasil – Cidade, 06 / 06 / 1998, p. 18). De acordo com sua numeração, inicia-se na rua Visconde do Rio Branco (continuação da Rua da Carioca), passa pela rua do Senado, pela rua da Relação (continuação da Avenida Chile), pela rua do Resende (continuação da rua dos Arcos), pela Avenida Mem de Sá e termina na rua Riachuelo, em frente ao Hospital do Carmo.

"A Rua do Lavradio tem enorme importância histórica. Todos os seus sobrados são preservados pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural" (Jornal do Brasil – Cidade, 13 / 06 / 1997). Existem alguns **patrimônios culturais** (arquitetônicos) tombados na rua, tais como, o "Palácio Maçônico Grande Oriente do Brasil, no terceiro quarteirão (Fig. 2.15) e a Sociedade Brasileira de Belas Artes, construída em 1769, palacete onde viveu o vice-rei do Brasil, o Marquês de Lavradio" (Jornal do Brasil, 03 – 02- 2001, Caderno B, p.1), na esquina das ruas do Lavradio e da Relação. (Fig. 2.16) Segundo a diretora da Sociedade, Therezinha Hillal "este prédio e o do Paço são os dois mais antigos da cidade" (Jornal do Brasil – Cidade, 13 / 06 / 1997).



Fig. 2.15: Palácio Maçônico Grande Oriente do Brasil
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.



Fig. 2.16: Sociedade Brasileira de Belas Artes
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07 / 2001.

Atualmente a Rua do Lavradio é conhecida por abrigar várias **lojas de móveis antigos e de antiguidades**. Segundo um dos comerciantes da rua, este ramo de negócio está presente no local há cerca de 50 anos.

Neste momento, a rua está em fase final da obra de reurbanização, cuja finalidade é a renovação de toda a rede de infra-estrutura e saneamento, ou seja, esgoto, drenagem pluvial, cabeamento elétrico e de telecomunicação, pavimentação da rua e execução de calçadas mais largas.

Dinâmica Histórica e Utilização

A Rua do Lavradio é um logradouro da cidade com mais de 200 anos de existência. Apesar de ter presenciado o desmonte do Morro Santo Antônio que fazia parte de sua paisagem, ela permanece com o mesmo traçado e a mesma dimensão desde sua origem, no final do séc. XVIII.

A passagem do tempo, a demolição de muitas edificações originais, as reformas urbanísticas no centro da cidade e, principalmente, o desmonte do morro que ocupava um trecho da rua, contribuíram para modificar sua paisagem antiga. As edificações construídas durante o séc. XX possuem estilos, gabaritos e usos diferentes e contrastantes em relação às edificações mais antigas da rua. Atualmente elas encontram-se intercaladas entre os casarios antigos.

A Rua do Lavradio era uma localidade rural, onde só havia chácaras[4]. Foi arruada e ocupada por sobrados habitados pela elite da cidade e por alguns teatros. À medida que a rua passou a abrigar pequenas manufaturas e serviços diversos, foi deixando de ser residencial e foi sendo ocupada por uma camada social mais baixa. A rua ainda conserva bons exemplares arquitetônicos antigos, que ainda sobrevivem graças ao desinteresse e ao redirecionamento de investimentos urbanístico, em direção a outras áreas da cidade, durante boa parte do séc. XX.

Séc. XVIII

Durante o séc. XVIII toda a área central da cidade passou a ser urbanizada. Retalhavam-se chácaras, para construírem residências, ruas e largos.

[4] Esta informação foi retirada de GONÇALVES, A. Restier - Extractos de Manuscritos sobre Aforamentos – 1925, 1926, 1929, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Coleção Memória Rio 2.

Antes de ser aberta, a Rua do Lavradio não passava de um "caminho estreito, fora da povoação, no campo"[5]. Era por isso chamada de Azinhaga de Mata-Cavalos. Mata-Cavalos, hoje Rua Riachuelo, era o nome da estrada traçada desde o Campo de São Cristóvão, por onde seguiam "tropas de gado" (...) conduzidas para o matadouro antigo na Praia de Santa Luzia (Coaracy, 1988, p. 350).

O primeiro quarteirão da Rua do Lavradio fazia parte do Campo de São Domingos, assim chamado por cerca de cem anos, que ia do Campo de Santana até a rua Uruguaiana e do cais do Porto à Rua do Senado (primeira travessa da Rua do Lavradio) (*id*., p. 73).

O período de 1769 a 1779 foi marcado pelo vice-reinado de D. Luiz de Almeida Portugal Soares d´Eça Alarcão Silva e Melo Mascarenhas , o Marquês de Lavradio. "Ele renovou a cidade à maneira de um Pereira Passos ou de um Carlos Sampaio setecentista. Uma das ruas por ele aberta, como parte do saneamento dos encharcados terrenos de Pedro Dias e para criar a comunicação entre os Arcos e o Largo do Rocio (Praça Tiradentes), leva o seu nome" (Gerson, 2000, p. 219-220; Coaracy, 1988, p. 347 e 350).

A nova rua "custou a povoar-se e desenvolver-se", por causa de um "grileiro que nela se instalou com uma extensa chácara dedicada à cultura de anil" (Coaracy, 1988, p. 347).

Séc. XIX

Durante o **período Joanino**, "na esquina com a Rua da Relação ergueu-se o **Palácio do Tribunal da Relação,** por ordem de João VI. O primeiro **júri popular** criado no Brasil, às vésperas da Independência, foi aí instalado por sugestão de José Bonifácio a D. Pedro 1º". Durante algum tempo no império, o Supremo Tribunal acomodou-se nestas mesmas instalações (Gerson, 2000, p. 222).

Em **1821** além das "freguesias da Candelária e São José, local preferencial de residência das classes dirigentes", as ruas recém-abertas do Pantanal de Pedro Dias, tais como, rua dos Inválidos, **do Lavradio** e do Resende" também passaram a receber **membros da elite** carioca, que "ocupavam os sobrados". Nesta época, a cidade era bastante modesta, restringia-se às atuais regiões do Centro e Portuária, que correspondiam às freguesias da Candelária, São José, Sacramento, Santa Rita e Santana. As demais freguesias existentes eram rurais (Abreu, 1997, p.37).

---

[5] Azinhaga: termo retirado do Dicionário Aurélio – Séc. XXI, 2001.

Em **1829** "D. Pedro I quase perdeu a vida na rua do Lavradio, ao ser jogado fora de sua carruagem por seus cavalos espantados". Ele foi "levado sem sentidos para o solar do marquês de Cantagalo, a fim de se recuperar do acidente" (Gerson, 2000, p. 219- 220).

Por volta de **1840** a rua ainda era uma zona da cidade **pontilhada de chácaras** (*id*., p. 222).

Em **meados do Séc. XIX** a rua conheceu **momentos de glória**, sendo "habitada por **personalidades notáveis do império**" (Coaracy, 1988). Dentre elas destacam-se: "o regente do império Araújo Lima (Marquês de Olinda); Marquês de Cantagalo, Visconde de Jaguaribe; o grande ator João Caetano". Mais tarde tiveram residência na rua dois grandes engenheiros, André Rebouças e Vieira Souto; um dos maiores médicos da época, José Pereira de Rego, Barão do Lavradio; o escritor Valentim Magalhães, que reunia em sua casa amigos como Raul Pompéia, Bilac, Araripe Jr., Fontoura Xavier, Coelho Neto e Lúcio de Mendonça, entre outros.(Gerson, 2000, p. 220) "Da rua dedicada à sua memória, a do Lavradio, (...) que não é senão uma rua velha e prosaica, mas na verdade, no passado representou um papel e de alto relevo na nossa vida artística, política e social" (*id*., p. 220).

A partir de **1870**, os **bondes** passaram a circular com regularidade pelo centro da cidade, "nas freguesias de Santo Antônio e Santana". Em toda a área central e na região da Rua do Lavradio, "predominavam as **atividades manufatureiras**, além dos mais variados tipos de **prestação de serviços**" e **empresas de pequeno porte**. Parte da produção e comercialização de mercadorias ocorria em um mesmo estabelecimento (Abreu, 1997, p. 49 e 80).

Em **1875**, o **1º relatório da Comissão de Melhoramentos da Cidade** (1º plano conjunto da cidade) [6] aconselhava o Estado a realizar melhoramentos na área central, tais como, alargamento e retificação de várias ruas e praças, para a melhoria das condições higiênicas, facilidade de circulação, ventilação, escoamento de águas e mais beleza e harmonia urbana (*id*., p.49).
Em **1898** a **Polícia Central** situou-se inicialmente no número 88 [7] da Rua do Lavradio, depois, na Rua da Relação e instalou-se definitivamente na esquina da Rua da Relação com a Rua dos Inválidos (Gerson, 2000, p. 222).

[6] Este plano foi utilizado em 1903 por Pereira Passos.
[7] Esta numeração é a antiga e não corresponde à numeração atual das edificações da Rua do Lavradio.

No **final do séc. XIX** instalaram-se no **Frontão Fluminense**[8] a **sede da Banda Luso-Brasileira**, a mais popular do fim do oitocentismo, que tocava em festas e bailes caseiros e, também, a **tipografia** de Domingos de Magalhães, o primeiro a editar Coelho Neto (*id*.).

No final do **séc. XIX** e início do **séc. XX** a rua também conheceu "agitadas e pitorescas memórias". Estendia-se pela Rua do Lavradio "uma série de velhas casas, na maioria térreas, de portas e janelas fechadas por venezianas. Tinham sido originariamente moradias honestas, nos tempos distantes em que o Largo [do Rossio] era bairro residencial. (...) Constituíam nessa época **zona de meretrício**". Este tipo de uso expandia-se da Rua do Espírito Santo (atual Rua Pedro I), pela Rua do Senado e atingia a Rua do Lavradio, até a Rua Riachuelo. Na Rua do Lavradio "ficava o Hotel Aliança de vergonhosa memória" (Coaracy, 1988, p. 99 e 101).

Séc. XX

Ao longo do séc. XX, os interesses urbanísticos e econômicos mudaram de endereço na cidade. Os novos lugares de desejo da elite urbana passaram a ser as regiões da zona sul, próximas às praias. Assim, muitos casarões do centro da cidade foram sendo vendidos ou abandonados por seus proprietários, com o efeito da desvalorização do bairro central da cidade. Muitas residências passaram a ser subdivididas, para abrigar famílias de baixa renda e tornaram-se "cabeças-de-porcos".

Em **1903** a **Sociedade Nacional de Agricultura**, adaptada e abrigada no antigo **Frontão Fluminense**, exibiu a primeira exposição brasileira de aparelhos movidos a álcool-motor (Gerson, 2000, p. 222).

Entre **1903** e **1906**, uma parte do centro da cidade passou por transformações urbanísticas, na administração de Pereira Passos. As reformas tinham um discurso sanitarista, no qual concordava-se que "(…) as habitações eram higienicamente perigosas e os moradores, grande **população** extremamente **carente** [pobres e libertos], deveriam ser removidos para arredores da cidade, por onde passassem trens e bondes". Só assim poderiam continuar trabalhando no Centro. Era uma forma de pressionar o governo a expropriar os cortiços, destruí-los e construir habitações individuais para pobres (Abreu, 1997, p.49 e 50).

As reformas de Pereira Passos não atingiram a Rua do Lavradio, somente algumas vias de seu entorno. A **Rua da Carioca** que continua na **Rua Visconde do Rio Branco,** uma das principais

[8] Não foi possível identificar em qual das edificações da rua funcionava o Frontão Fluminense.

artérias do centro e imediações, passaram a ter 17 m de largura. A **Praça Tiradentes** recebeu obras de embelezamento, como o melhoramento de jardins e a colocação de estátuas imponentes (*Ibid*., p. 61). Foi criada a Rua **Mem de Sá**, uma das atravessas da Rua do Lavradio, em traçado diagonal, ligando o Largo da Lapa à Praça da Cruz Vermelha. (Fig. 2.17)

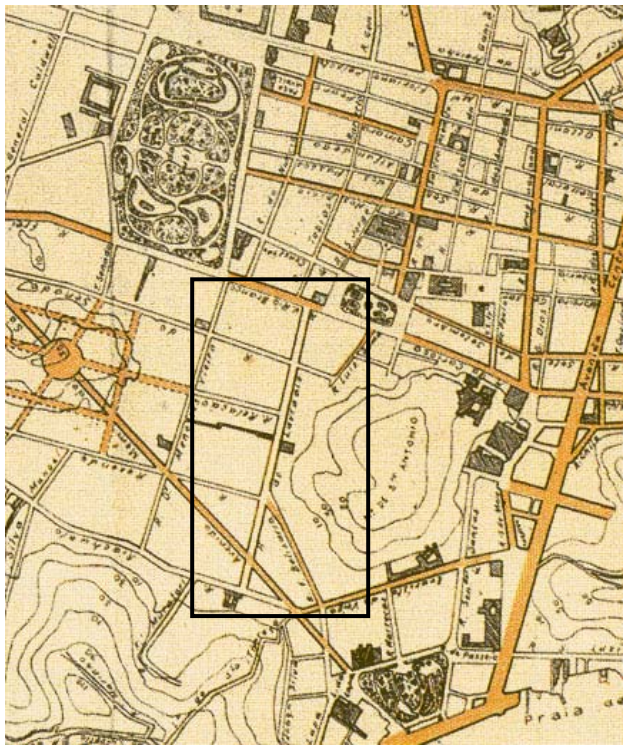


Fig.2.17. : Rua do Lavradio e locais de obras de Pereira Passos (em amarelo escuro): Praça Tiradentes, Rua Visc. Rio Branco, Rua dos Arcos e Rua Mem de Sá.
Planta da Cidade do Rio de Janeiro indicando os melhoramentos em execução –1905
Fonte: "Do Cosmógrafo ao Satélite: Mapas da Cidade do Rio de Janeiro", no. 33, p. 68.

Entre **1921** e **22** iniciou-se o desmonte parcial do Morro Santo Antônio

Em **1945** "os **comunistas** instalaram", na antiga tipografia de Domingos de Magalhães, na Rua do Lavradio, "as oficinas de seu primeiro o jornal "legal": "**A Tribuna Popular**", e depois, quase em frente, Carlos Lacerda fundou a sua "**Tribuna da Imprensa**" (Gerson, 2000, p. 222).

Em **meados do séc. XX** terminou o desmonte do Morro Santo Antônio, que ocupava o segundo e o terceiro quarteirão da rua. A obra foi realizada nas administrações de Dulcídio Cardoso (1952-54) e de Alim Pedro (1955-56): A modificação física da paisagem resultou num grande "vazio urbano". Nesta época a rua já havia perdido o "*glamour*" do período áureo e a concentração de população de baixa renda havia. aumentado:

> As obras do Morro de Santo Antônio (um projeto antigo) permitiriam tanto a criação de terrenos valorizadíssimos em plena área central, como forneceriam a "matéria-prima" necessária à construção de um grande aterro, que acompanhando o traçado da antiga Avenida Beira Mar, serviria de base à construção de vias expressas ligando o Centro à Copacabana (Abreu, 1997, p. 131).

A grande explanada do morro foi sendo ocupada por alguns edifícios de grande porte, como a **Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro e** edifícios empresariais, como o da **Petrobrás** e o do **BNDES**.

A partir da **década de 50** alguns bairros praticamente desapareceram do cenário residencial carioca, como por exemplo, a Lapa (*Ibid*., p.30). A expulsão dos pobres, residentes na área central ou na periferia imediata para a periferia intermediária, pode ocorrer por processos informais, como os da empresa privada, que age fazendo com que subam os preços de terrenos e imóveis no centro. Pode ocorrer também pela ação direta do governo, ao praticar a renovação de uma área central degradada, sem se importar com o destino das pessoas residentes nas edificações antigas e baratas [cortiços, casa de cômodos, habitações insalubres etc]. A expulsão pode acontecer também por conseqüência indireta da ação governamental, como ocorre com a transferência provisória da população para as favelas (*Ibid*., p. 26-28).

Até a **década de 60** o Rio de Janeiro possuía bairros que serviam de local de residência para as classes de baixa renda ou abrigavam funções de apoio ao comércio e à indústria, como por exemplo, a Lapa, que outrora havia sido local de residência de classes mais abastadas. Assim, tinham passado por uma mudança em sua forma-conteúdo e perdido sua função original (*Ibid*., p. 31).

Os Teatros

A Rua do Lavradio viveu momentos de "*glamour*" e boemia com a presença de teatros durante as noites do século XIX. Neste local encontrávamos:

- "O casarão de aspecto apalacetado, ocupado pelo Grande Oriente do Brasil, tem uma história ligada ao teatro que remonta a quase um século e meio. Foi inaugurado o **Teatro Real de São João**, em **1813**, pela companhia de artistas portugueses Mariana Torres. Vítor Porfírio Borja pretendeu aumentá-lo de maneira majestosa para dramas e comédias, mas a falta de recursos o obrigou a desistir do projeto. José Clemente Pereira terminou a obra e mudou a finalidade do palacete, que passou a abrigar a **loja**

maçônica Glória do Lavradio, substituída mais tarde pelo **Grande Oriente do Brasil**. Foi o local da consagração do grão-mestre, o primeiro-ministro Visconde do Rio Branco, pela sua vitoriosa luta para arrancar do Congresso a lei que teria seu nome ou a Lei do Ventre Livre, em outubro de 1871".

- O **Teatro "Politheama**, tosco e de feitio campestre, servia tanto para café concerto, como para óperas a preços populares e espetáculos circenses. Foi destruído em 1894 por um incêndio".
- O **Teatro Apolo**, um dos mais elegantes do final do oitocentismo e do começo do século XX. Nele apresentou-se pela primeira vez na América do Sul a atriz Sarah Bernhardt. O último empresário teatral da rua, Celestino da Silva, doou o teatro à Prefeitura, para que, após sua morte, fosse aberta na edificação uma escola primária, com o seu nome e dedicada às crianças das redondezas. Em 1920 a escola foi reformada e ampliada por Carlos Sampaio. (Gerson, 2000, p. 221, Coaracy, 1988, 347) (Fig. 2.18)[9]



Fig. 2.18: Colégio Municipal Celestino da Silva, local do antigo Teatro Apolo, no 2º quarteirão, lado par.

Fonte: Maria Fernanda Marques, 02 / 07 / 2001

Antigos eventos da rua

Duas diversões esportivas empolgavam os cariocas (...) e levavam até à rua vastas multidões:

[9] Sua fachada, atualmente, não corresponde mais à fachada do antigo teatro.

- A pelota basca, no Frontão Fluminense, no número 104 antigo, onde se exibiam ágeis encestadores vindos da Espanha e de Portugal.
- O ciclismo de salão realizado no Velódromo (Gerson, 2000, p. 222). [10]

2.2.3. Considerações Parciais

Vimos que o Campo de São Cristóvão, como grande área aberta e central para o bairro, sempre teve sua utilização ligada ao comércio, à feira e ao entretenimento público. A Feira dos Nordestinos vem dando continuidade a esta antiga vocação do lugar.

A Rua do Lavradio teve um passado glorioso ligado à vida cultural e boêmia da aristocracia carioca do séc. XIX. É importante conservar seus resquícios de antiguidade, para que seu valor histórico não seja esquecido da memória da cidade.

Verificar, então, que tanto o Campo de São Cristóvão quanto a Rua do Lavradio são lugares de urbanização antiga na cidade. São, portanto, "lugares de memória"[11] e de história, que sofreram mudanças drásticas na paisagem. Perderam com o tempo a pompa conferida pela presença da aristocracia carioca e deixaram de ter valor para interesses imobiliários e urbanísticos. Por isso mesmo, permaneceram até o séc. XIX guardando resquícios de arquiteturas urbanas que permitem, hoje, a investigação de um passado que pode ser o caminho para uma nova valorização destes lugares.

[10] .Infelizmente não conseguimos descobrir em que edificações funcionavam, nem se elas ainda existem.

[11] Expressão utilizada por Marc Augé em **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade** - São Paulo: Papirus, 1994.

2.3. MORFOLOGIA DOS LUGARES E ENTORNO IMEDIATO

Trataremos aqui "das formas que a matéria pode tomar"[12], pois a morfologia é o estudo da estrutura e da forma. Em nosso caso, estamos interessados nas formas que compõem a paisagem urbana do Campo de São Cristóvão e da Rua do Lavradio.

A apresentação das características morfológicas de um lugar pode revelar a existência de outras características formadoras de uma tipologia deste mesmo lugar.

Entendemos por tipologia das edificações o conjunto de características arquitetônicas que distingue diferentes tipos de estilos entre as edificações. Consideram-se como características o tipo de fachada, o gabarito (número de pavimentos), o ritmo de cheios e vazios, o número de aberturas (portas e janelas) e a ornamentação (texturas, cores e materiais utilizados).

Faremos uma descrição sobre a tipologia das edificações que compõem os dois lugares onde acontecem os eventos, com o objetivo de conhecermos os estilos arquitetônicos existentes e verificar se existe uma predominância de tipo de construção. Poderemos identificar, entre as edificações, as que pertencem a uma mesma época, as que são mais antigas e aquelas cujas intervenções podem ter modificado a fisionomia do lugar. Para este tipo de verificação contamos com as informações obtidas da dinâmica histórica dos lugares.

2.3.1. Tipologia das edificações do Campo de São Cristóvão

O entorno imediato do Campo de São Cristóvão, formado por edificações que margeiam as ruas que o envolve, foi sendo ocupado predominantemente por residências a partir do início do séc. XIX. Atualmente, não é mais possível encontrar os antigos palacetes que abrigavam personalidades da aristocracia brasileira. Existem alguns poucos exemplares de uma arquitetura residencial, que deve datar do início do séc. XX, no qual os sobrados são posicionados livremente no terreno.

Percebe-se que a maioria das edificações existentes é geminada, ou seja, "coladas" lateralmente e muitas se limitam com a calçada. Contudo, não possuem elementos de padronização e ornamentação de fachadas, nem uma ordenação de gabarito, limitando um certo número de

[12] Definição do termo "morfologia", retirado do Dicionário Aurélio – Séc. XXI, 2001.

pavimentos característicos. Inexiste também uma regra de correlação entre as aberturas e seu ritmo, para cada edificação e para o conjunto edificado local.

Encontram-se edificações que variam na formas e na ocupação nos terrenos. Podemos identificar visualmente algumas que possuem um maior rigor estético, provavelmente pertencentes a uma época de maior valorização econômica do local. Mas, a grande maioria delas é composta por edifícios diversos e, sobrados de dois ou três pavimentos, que ficam escondidos por letreiros comerciais. Assim, não há no entorno do Campo de São Cristóvão uma predominância tipológica entre as edificações que possa caracterizar uma arquitetura de determinada época. (ver Fig. 2.19 a 2.31)

Tipologia das edificações da Rua Bela



Fig. 2.19: Tipologia das edificações da Rua Bela, entre Rua Almte. Mariach e Rua 25 de março.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.20: Tipologia das edificações da Rua Bela, entre Rua 25 de março e Rua da Igrejinha.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.21: Tipologia das edificações da Rua Bela, entre Rua da Igrejinha r Rua Santos Lima.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.

Tipologia das edificações da Rua Almirante Mariach



Fig. 2.22: Tipologia das edificações de uma vila residencial na Rua Almte. Mariach, entre Rua Gal. Argolo e Rua Esberard.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.23: Tipologia das edificações da Rua Almte. Mariach, entre Rua Gal. Argolo e Rua Esberard.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.24: Educandário Gonçalves de Araújo
Tipologia das edificações da Rua Almte. Mariach, entre Rua Esberard e Rua Leonor Porto.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.25: Tipologia das edificações da Rua Almte. Mariach, entre Rua Esberard e Rua Leonor Porto.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.26: Tipologia das edificações da Rua Almte. Mariach, entre Rua Senador Alencar e Rua Bela.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.

Tipologia das edificações da Rua General Argolo



Fig. 2.27: Tipologia das edificações da Rua Gal. Argolo, próximo da Rua São Luís Gonzaga.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.28: Tipologia das edificações da Rua Gal. Argolo, próximo da Rua Almirante Mariach.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.

Tipologia das edificações da Rua Campo de São Cristóvão



Fig. 2.29: Tipologia das edificações da Rua Campo de São Cristóvão, entre Rua Figueira de Mello e Rua Teles.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.30: Colégio Municipal Gonçalves Dias, desde 1870.
Tipologia das edificações da Rua Campo de São Cristóvão, entre Rua Figueira de Mello e Rua Teles.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.



Fig. 2.31: Colégio Pedro II, em primeiro plano.
Tipologia das edificações da Rua Campo de São Cristóvão, entre Rua Figueira de Mello e Rua Teles.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.

2.3.2. Usos predominantes das edificações do entorno do Campo de São Cristóvão

Circulando pelas ruas de entorno imediato do Campo, fomos percebendo uma grande variedade de usos das edificações. Encontramos edifícios residenciais, lojas comerciais, depósitos e serviços de atendimento ao público geral.

Pretendemos verificar se o comércio do entorno tem alguma relação com aquele praticado nos dias da Feira Nordestina, ou seja, se os comerciantes deste lugar são também os organizadores da Feira do fim de semana. Para isso, elaboramos um esquema que representa a utilização do pavimento térreo, de cada imóvel do entorno do Campo. Esta pesquisa foi realizada em julho de 2001. Estes esquemas estão no Capítulo 8 Anexos, nos itens 8.1.1.a a 8.1.1.d, para serem consultados.

O esquema foi organizado em quatro partes. Cada uma delas apresenta uma das ruas que limitam o Campo de São Cristóvão, com suas respectivas travessas, para que possamos identificar os trechos citados. A ordem de apresentação segue a numeração crescente de cada imóvel do entorno do Campo, seguindo em sentido anti-horário. É curioso, mas a numeração não rodeia o Campo. Segue-se em ordem crescente e par, por três dos seus quatro lados: pela Rua Bela, pela Rua Almirante Mariach e pela Rua General Argolo. O lado do Campo entre as ruas Santos Lima e São Luis Gonzaga inicia-se por uma seqüência de numeração impar. Para facilitar a leitura do esquema, cada lado do Campo está identificado por um pequeno mapa de situação, no qual o lado representado destaca-se pela cor laranja.

A seguir, veremos o resultado obtido por esta pesquisa de campo na tabela de quantificação com a apuração dos dados, que apresentam as predominâncias comerciais, ao redor do Campo de São Cristóvão.

Relação quantitativa dos estabelecimentos do Campo de São Cristóvão

uso	1º lado	2º lado	3º lado	4º lado	total
loja artigos nordestinos					0
loja equip. automóveis	4	1			5
loja venda automóveis	1	1		1	3
oficina mecânica	1	1			2
loja aços especiais		1			1
loja equip. fotográfico		1			1
loja produtos plásticos		1			1
loja gráfica (silk screen)		1			1
loja bazar			1		1
loja mat. construção	1				1
loja de flores			1		1
loja deósito de doces			1		1
loja fechada	3				3
galpão fechado		1			1
bar / lanchonete	1	1	4	1	7
restaurante / churrascaria	1	3	2		6
agência bancária		1			1
agência correio		1			1
estacionamento	1				1
posto combust., gás e serv.			1	1	2
lava-jato (terreno)			1		1
edifício comerc. desativado		3			3
edifício uso indefinido		3		2	5
habitação (sobrado)		4	1	1	6
habitação (edifício)	4	9	1		14
habitação (vila)		2			2
habitação (cortiço)				1	1
sobrado (instituição)			1		1
sobrado em ruína	1		1		2
escola		1		2	3
escola de samba				1	1
centro de saúde				1	1
institucional - EMOP	1				1
templo evangélico		1			1
templo evangélico em constr.		1			1
museu, templo, biblioteca	1				1
terreno LIGHT				1	1
emissora de TV				1	1
total	**20**	**38**	**15**	**13**	**86**

Podemos constatar, após a observação da tabela e dos esquemas de ruas do entorno do Campo de São Cristóvão (ver capítulo 8: Anexos), que não há uma **loja de produtos nordestinos**, ao redor do Campo. Existem algumas destas lojas numa pequena rua transversal a este. A única referência encontrada é a presença de caminhões de mudança que ficam estacionados entre os canteiros vazios e num trecho ao redor do pavilhão, próximo à Rua Senador Alencar. Eles pertencem a alguns comerciantes que possuem transportadoras nesta pequena rua e são utilizados para o transporte de mudanças em todo o país, mas estas pequenas empresas iniciaram trabalhando principalmente entre o Rio de Janeiro e os Estados do Nordeste.

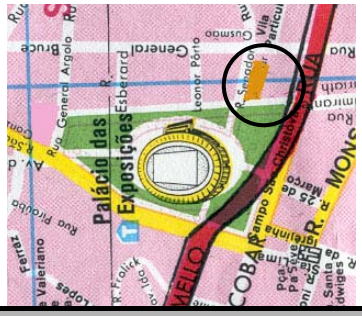
As lojas de vendas, equipamentos, acessórios e reparos de **automóveis** são as mais numerosas entre as outras do Campo. São dez estabelecimentos, a maioria localiza-se na Rua Bela e na Rua Escobar, sua continuação. O lugar também conta com treze opções de lanchonetes e restaurantes. Entre os **restaurantes**, que somam seis, dominam os portugueses e as churrascarias. O comércio local de apoio à população residente nas redondezas predomina na Rua Almirante Mariach e Rua General Argolo. Foram encontrados apenas oito estabelecimentos na primeira rua e cinco na segunda, com esta finalidade.

A maioria dos edifícios existentes ao redor do Campo é residencial e pelo menos sete deles estão na Rua Almirante Mariach. Não foi possível reconhecer o uso de todos eles. Muitos edifícios possuem lojas no piso térreo, mas nem todos. Há também seis sobrados residenciais, que pelo estilo, parecem remanescentes de tempos em que predominavam residências implantadas em grandes lotes de terrenos. Existem também duas vilas de casas e um cortiço.

Raízes do Nordeste em São Cristóvão

Uma das travessas da Rua Almirante Mariach, é a Rua Senador Alencar, mencionada acima. Nesta rua existem sete estabelecimentos comerciais de produtos nordestinos. Entre eles, duas mercearias com produtos alimentícios para o preparo de iguarias regionais, um bazar com variedade de utilidades domésticas, bar e restaurante típico e quatro locais para venda passagens e serviços de transportes e mudanças especializadas. Situam-se em edificações de um a três pavimentos. (Fig. 3.32 e 3.33).

A seguir, veremos um esquema de distribuição destes estabelecimentos na Rua Senador Alencar, com um pequeno mapa de situação, indicando o trecho da rua em cor de laranja, dentro de uma circunferência. (Fig. 2.32 2.33)



Rua General Bruce

R. Sen. Alencar

38 – transportadora “Déu nas Mudanças” – 1pav.
38 B – transportadora “João das Mudanças” – 2pav.
38 A - transportadora “Sanger Rio Mudanças” – 1 pav.

30 A – “Mercearia do Norte” – 2 pav.

26 – bar e transportadora: “Bodega Sertaneja” – 2 pav.

20 – mercearia “Casa Nordestina de Rádio” – 2 pav.

16 – bazar “Casa dos Nordestinos” - 2 pav.

N

Rua Almirante Mariach

Campo de São Cristóvão





Fig. 2.31 e 2.32: Lojas de produtos nordestinos na Rua Senador Alencar.

Fonte: Maria Fernanda Marques, 07/ /2001.

2.3.3. Tipologia das edificações da Rua do Lavradio

Apesar da rua datar do final do séc. XVIII muitas edificações encontradas atualmente não são mais as originais, mas correspondem à virada do século XIX e início do séc. XX. Portanto, a **tipologia** das edificações da Rua do Lavradio tem mostrado a predominância das características arquitetônicas desta mesma época. Encontram-se também em algumas fachadas de casarios elementos arquitetônicos contemporâneos, que devem estar substituindo outros mais antigos como portas e janelas.

Contudo, podemos estabelecer alguns elementos constitutivos desta tipologia.

- **Fachada**: A presença de um bloco único com várias edificações ou casarios antigos com fachadas geminadas e estreitas, que se limitam com a calçada, também estreitas.
- **Gabarito**: A predominância de gabaritos de dois ou três pavimentos nos casarios.
- **Aberturas**: A composição de ritmos formada pelas aberturas de portas e janelas. No nível da calçada, encontram-se de três a quatro portas estreitas e altas, geralmente com duas folhas em madeira, cada uma. A mesma quantidade, largura e eixo de aberturas do piso inferior repete-se nos pavimentos superiores, onde se encontram as janelas. A maioria delas é do tipo balcão, com folhas de fechamento em madeira com veneziana e molduras com vidros na parte superior.
- **Ornamentos**: As fachadas são ornamentadas com aplicações decorativas, molduras trabalhadas e peitoris com gradis em ferro torneado.

A seguir apresentam-se fotografias que mostram a tipologia antiga dos blocos edificados, nos cinco quarteirões da rua. (Fig. 2.34 a 2.40)



Fig. 2.34: Rua do Lavradio: Tipologia das edificações do 1º quarteirão, lado de numeração impar.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.



Fig. 2.35: Rua do Lavradio: Tipologia das edificações do 1º quarteirão, lado de numeração par.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.



Fig. 2.36: Rua do Lavradio: Tipologia das edificações do 2º quarteirão, lado de numeração par.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.



Fig. 2.37: Rua do Lavradio: Tipologia das edificações do 3º quarteirão, lado de numeração par.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.



Fig. 2.38: Rua do Lavradio: Tipologia das edificações do 4º quarteirão, lado de numeração par.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.



Fig. 2.39: Rua do Lavradio: Tipologia das edificações do 5º quarteirão, lado de numeração ímpar.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.



Fig. 2.40: Rua do Lavradio: Tipologia das edificações do 5º quarteirão, lado de numeração par.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.

Atualmente, os blocos de casarios apresentam descontinuidades, por causa da substituição de antigas edificações por outras mais novas, com formas diferentes das originais ou, então, pelo vazio deixado por uma demolição ou desmoronamento da edificação antiga. Esses vazios são ocupados por garagens, estacionamentos, depósitos e vazios urbanos. (Fig. 2.41 e 2.42)



Fig. 2. 41: Rua do Lavradio: descontinuidade do bloco edificado, 3º quarteirão, lado de numeração par.

Fonte: Maria Fernanda Marques, 02 / 07 / 2001.



Fig. 2. 42: Rua do Lavradio: descontinuidade do bloco edificado, 4º quarteirão, lado de numeração ímpar.

Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.

Muitos casarios estão em situação precária de conservação. Encontram-se fachadas com parte do reboco e dos detalhes decorativos quebrados ou ausentes, pinturas, portas e janelas envelhecidas, quebradas ou até substituídas por peças feitas com outros materiais que descaracterizam o equilíbrio das fachadas antigas.

Percorrendo os cinco quarteirões da Rua do Lavradio, observamos que o **primeiro quarteirão** possui em ambos os lados da rua, várias edificações antigas. Não existem inserções de novas construções, mas verificam-se alguns vazios, provavelmente demolições, entre as antigas edificações existentes.

O lado de numeração ímpar tem, no final deste quarteirão, uma grande ruptura da continuidade das fachadas, que era marcada pela presença de uma parada de ônibus, mas atualmente encontra-se um grande terreno vazio.

O interior destas edificações contrasta com a fachada estreita. É difícil imaginar por fora, mas entrando-se em algumas lojas verifica-se que cada sobrado é bem comprido e ocupa quase toda a profundidade do terreno, avançando uns trinta, quarenta ou cinqüenta metros, desde a calçada. O pé direito destes casarios é bem alto, chega a ter três pavimentos, com mezanino e algumas vezes acha-se uma grande clarabóia iluminando todos os níveis da parte central das edificações.

Nos **segundo**, **terceiro** e **quarto quarteirões** o bloco de edificações mais antigas situa-se no lado de numeração par, pois o outro lado é dominado pela explanada do Morro Santo Antônio. Os grandes lotes remanescentes do desmonte do morro receberam um tipo diferente de traçado, de ocupação dos terrenos e de estilos das edificações, em comparação à tipologia das edificações mais antigas da rua.

No **segundo quarteirão** existem algumas falhas e substituições no bloco antigo edificado, do lado de numeração par da rua. Há também um edifício de 12 pavimentos abandonado, que contrasta com a paisagem e o gabarito do bloco arquitetônico. O lado de numeração ímpar apresenta-se inteiramente novo. É o lado onde havia parte do Morro de Santo Antônio. No lugar dele há dois grandes edifícios comerciais: uma empresa de telecomunicações e um centro empresarial (Fig. 2.43), que também contrasta com a tipologia e a paisagem simples da rua, que faz lembrar uma "cidade de interior".

O **terceiro quarteirão** é o mais extenso, bem ocupado e o que apresenta mais contrastes em relação aos tipos de edificações: diversificação de tipologias e vários tipos de uso. Apenas um dos lados da rua possui as edificações mais antigas. Boa parte do lado de numeração ímpar era ocupada por terras do Morro de Santo Antônio. Assim, enquanto o lado par possui mais densidade de ocupação edificada, o lado ímpar possui uma nova pracinha, o Palácio Maçônico, que é um dos bens tombados da rua, e a escola estadual da rede CIEP José Pedro Varela.

Existe um grande edifício de 13 pavimentos, ainda em construção que fragmenta a continuidade do gabarito de altura do quarteirão. Este mesmo edifício parece incorporar à sua fachada três casas antigas, cujas fachadas estão sendo mantidas, mas seus interiores estão passando por uma reconstrução (Fig. 2.45). Em relação à calçada, as edificações mais antigas mantêm o mesmo alinhamento de fachada, mas os edifícios mais modernos apresentam recuo de frente.

O **quarto quarteirão** possui no lado edificado maior uniformidade tipológica que o terceiro quarteirão. Existem entre os sobrados mais antigos, de dois e três pavimentos, somente dois edifícios, um com cinco e outro com oito pavimentos, respectivamente, que quebram a continuidade do gabarito predominante. O lado de numeração ímpar possui poucas edificações, entre elas, uma delegacia de polícia, além de algumas áreas vazias, onde se encontram dois pátios de estacionamento.

O **quinto quarteirão** é o menor de todos. Apresenta, em ambos os lados da rua, blocos edificados antigos e inteiros. O lado ímpar é dominado por um bloco edificado coeso de dois pavimentos. Enquanto o lado par é ocupado por um bloco de casarios, também antigos, de dois pavimentos, na esquina com a Rua Riachuelo há um grande edifício residencial de cinco andares. Neste trecho da rua, ambos os lados não apresentam qualquer fragmentação, inserção ou vazio, verifica-se uma continuidade da paisagem urbana.

O trecho final da rua, formado pelo lado ímpar do quarto e do quinto quarteirão, está dentro do perímetro do "Corredor Cultural" do Rio de Janeiro. (Corredor Cultural, 1989, p.79) O quinto quarteirão é formado por um bloco edificado e contínuo de sobrados que conservam as características tipológicas das edificações antigas, em ambos os lados da rua. Mas no quarto quarteirão, o lado par, que melhor preserva as características das edificações antigas, permanece fora deste programa de valorização cultural.

Até aqui, percebemos que a Rua do Lavradio manteve até as últimas duas ou três décadas boa parte de sua constituição de época. Lamentamos ver as intervenções que não respeitaram a tipologia original. Este tipo de atitude é responsável pela descaracterização das edificações da rua como um todo, pois enfraquece a uniformidade, ou melhor, a harmonia e o ritmo marcado pelas construções históricas e / ou antigas da rua. (Fig.: 2.42 a 2.45)



Fig. 2.43: Edificações empresariais, localizadas no 2º quarteirão da rua, lado ímpar (do Morro de Santo Antônio).

Fonte: Maria Fernanda Marques, 07 / 2001.



Fig. 2.44: Edificações mais antigas possuem gabarito de altura mais uniforme, que as mais recentes. Inserção de portas e janelas diferentes das originais. Localizam-se no 2º quarteirão da rua, lado par.

Fonte: Maria Fernanda Marques, 10 / 2000.



Fig. 2.45: Duas edificações mais recentes, mais altas e tipologicamente diferentes inseridas entre as antigas. Localizam-se no 3º quarteirão da rua, lado par.

Fonte: Maria Fernanda Marques, 10 / 2000.



Fig. 2.46: Uma edificação mais recente, entre as mais antigas, que obedece ao gabarito e o ritmo das aberturas, como as mais antigas (1º plano). Duas edificações diferentes e mais altas que as antigas. Localizam-se no 4º quarteirão da rua, lado par.

Fonte: Maria Fernanda Marques, 07 / 2001.



Fig. 2.47: Rua do Lavradio ao lado esquerdo do Morro de Santo Antônio. Observa-se a composição do bloco edificado, principalmente do lado esquerdo da rua, que atualmente conserva boa parte da paisagem antiga.

Planta da Cidade de São João do Rio de Janeiro –1812

Fonte: “Do Cosmógrafo ao Satélite: Mapas da Cidade do Rio de Janeiro”, no. 29, p. 62.

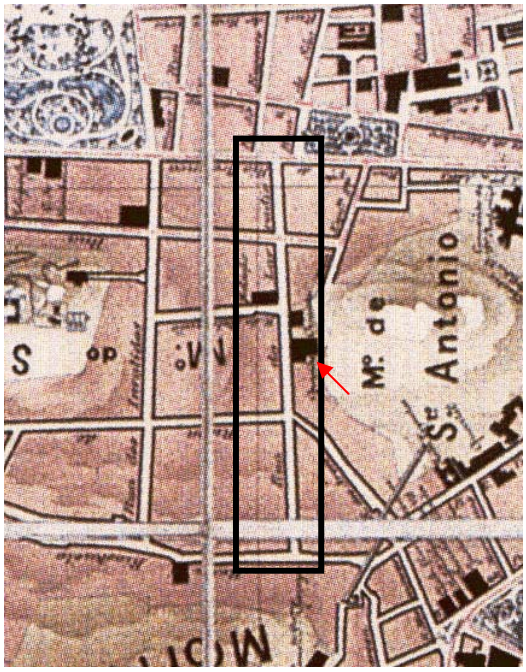


Fig.2.48: Rua do Lavradio ao lado esquerdo do Morro de Santo Antônio. A seta aponta a **loja maçônica Glória do Lavradio**, substituída mais tarde pelo **Grande Oriente do Brasil.**

Planta da Cidade do Rio de Janeiro e de uma parte dos subúrbios–1890

Fonte: “Do Cosmógrafo ao Satélite: Mapas da Cidade do Rio de Janeiro”, no. 30, p. 64.

2.3.4. Usos predominantes das edificações do entorno da Rua do Lavradio

Observando-se a utilização do pavimento térreo das edificações, nos cinco quarteirões da rua, verificamos a predominância do uso comercial ou de serviços. Os estabelecimentos ocupam tanto as edificações antigas, quanto as mais novas da rua.

Nossa intenção é descobrir, tal como foi feito no esquema do entorno do Campo de São Cristóvão, se a predominância do uso comercial da Rua do Lavradio se relaciona de alguma maneira com o evento da feira de antiguidades realizada mensalmente.

Para isso, elaboramos o mesmo tipo de esquema utilizado para o Campo de São Cristóvão. Neste, a Rua do Lavradio está organizada por quarteirões, de acordo com o início da rua. .Cada trecho é identificado no pequeno mapa de situação, junto ao esquema, pela cor laranja e dentro de uma circunferência. Esta pesquisa foi realizada em maio de 2000 e atualizada em julho de 2001 pode ser consultada no Capítulo 8: Anexos, nos itens 8.1.2.a ao 8.1.2.e.

A seguir veremos os resultados obtidos por esta pesquisa, na tabela quantitativa, que nos fornece a quantidade dos tipos de atividades comerciais existentes na Rua do Lavradio.

Relação quantitativa dos estabelecimentos da Rua do Lavradio

uso	1º quart.	2º quart.	3º quart.	4º quart.	5º quart.	total
loja móveis antigos	7	1	5	7		20
dep./oficina móveis	2					2
chaveiro	1					1
barbeiro/cabelereiro	1					1
loja de tintas	1					1
loja mat. construção	1					1
comércio mármore	1					1
loja espelhos/mold.					1	1
loja louças sanit.				1		1
loja de flores					2	2
loja de bebidas					1	1
mercearia					1	1
bar / lanchonete	2		4	3	3	12
lanch. / restaurante	1	2	1			4
hotel		2	1			3
oficina mecânica			1	3	4	8
loja de pneus					1	1
estacionamento	1			2	1	4
escola		1	1			2
centro de artes		2				2
institucional	2		1			3
palácio maçônico			1			1
igreja		1				1
polícia				1		1
posto abastecimento			1			1
habitação (sobrado)	1	1	1	2	1	6
habitação (edifício)			1	2	1	4
habit. (edif. reforma)			1	2	1	4
empresa (edifício)		2	1			3
uso indefinido (edif.)				2		2
edifício construção			1	1		2
edifício abandonado		1				1
sobrado fechado	9	2	3		2	16
sobrado em reforma	1			2	2	5
sobrado em ruína	1	1	1			3
terreno vazio	1		1			2
praça			2			2
total	**33**	**16**	**28**	**28**	**21**	**126**

A quantificação desta tabela nos confirma a predominância do uso comercial de **lojas de móveis**, num total de **20 estabelecimentos**. A maior concentração está no primeiro e no quarto quarteirões. O quinto quarteirão, praticamente isolado do resto da rua por causa do trânsito

intenso na Rua Mem de Sá, não possui loja de móveis, no entanto, existem neste pequeno trecho da rua quatro oficinas mecânicas.

Um número relevante da tabela é o de sobrados fechados, e em ruínas, num total de 19 unidades. Apesar da predominância de sobrados antigos (cerca de 99), há 18 edifícios, em diversas escalas e tipologias, que fragmentam a continuidade do bloco edificado mais antigo.

A rua possui dezesseis estabelecimentos entre bares, lanchonetes e restaurantes. Existem doze bares. Não há nenhum lugar sofisticado, porém entre eles encontram-se lugares de entretenimento que poderiam ser classificados como "alternativos". Um deles é um bar noturno ambientado em uma loja de antiquários que conta com a presença de bandas de música brasileira na programação semanal.

A maioria do comércio da rua não atende à população local. Citam-se alguns estabelecimentos, além dos bares, que sugerem o uso local ou das imediações, tais como, chaveiro, barbearia, loja de bebidas e mercearia.

2.3.5. Considerações Parciais

Em relação à tipologia das edificações, percebemos que a Rua do Lavradio está mais bem conservada, por que ainda possui mais exemplares de um mesmo tipo de estilo arquitetônico que o Campo de São Cristóvão.

Enquanto o entorno do Campo de São Cristóvão abriga uma variedade de utilização das edificações que não correspondem ao evento da Feira Nordestina, na Rua do Lavradio a situação é oposta, ou seja, a predominância do comércio da rua corresponde ao que se comercializa na Feira do Rio Antigo,ou seja, móveis e antiguidades.

Existem algumas semelhanças do uso das edificações nos dois lugares. Uma delas está no fato de que ambos são focados numa clientela que não é a local ou a das imediações, seja no comércio automotivo ou no mobiliário antigo. Ambos os lugares possuem escolas públicas e um grande número de edificações, cujo pavimento ao nível da rua é comercial, mas os pavimentos superiores são ocupados por habitações.

3. AS FEIRAS DE SÃO CRISTÓVÃO E DO RIO ANTIGO: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

3.1. A Origem das Feiras

O nome "**feira**" é originário do latim, *feria*, que significa "dia de festa". (Dicionário Aurélio – Séc. XXI, 2001). As feiras existem desde a Antiguidade. Eram encontradas em Delfos e Delos, cidade e ilhas gregas. Na Alta Idade Média, a mais antiga feira, a de Saint-Denis ou do Lendit, na França, desenvolveu-se durante a dinastia dos Capetos, séc. VII. Durante os séc. XII e XIII, as Feiras de Champagne eram as mais importantes da França. Com o renascimento comercial e o recuo do Islã, as Feiras do Languedoc, próximas ao Mediterrâneo (Nîmes, Carcassone, Saint-Gilles), tornaram-se importantes. As principais feiras fora da França foram Bruges, Antuérpia, Ypres e Torhout (Países Baixos); Stourbridge (Inglaterra), Colônia, Frankfurt, Nuremberg e Leipzig (Alemanha); Milão e Veneza (Itália).

A **feira** correspondeu à **renovação comercial** da Europa medieval, pois era o órgão essencial da vida **econômica internacional**. Elas desenvolviam-se em cidades ao longo de corredores comerciais, nas encruzilhadas das estradas que levavam da Itália aos Países Baixos e de Hansa à Île-de-France. Os participantes das feiras eram favorecidos pelos senhores e reis que lhes concediam privilégios, tais como, a garantia de herança, o perdão para prisão por dívida, a autorização de empréstimos a juros etc. Funcionaram também como **Bolsas de Valores**. [13] Percebemos então a predominância do **valor de troca** presente nas feiras desde sua origem.

Além de serem lugares de trocas comerciais, as feiras também tinham desde seus primórdios um caráter festivo, com a apresentação de saltimbancos, trovadores, artistas etc, ou seja, já eram lugares de **atração social** e **cultural** e de **animação**, pois promoviam o divertimento popular.

Muitas feiras, atualmente, ainda funcionam em "lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem e se vendem mercadorias" e são consideradas como "**evento** no qual diferentes expositores apresentam seus produtos e serviços em estandes próprios, com finalidades comerciais, educacionais, caritativas, etc" (Dicionário Aurélio – Séc. XXI, 2001).

[13] Resenha feita do significado do termo "feira", na Grande Enciclopédia Larousse Cultural, vol.10, p.2378, 1998.

3.2. Feira de São Cristóvão e Feira do Rio Antigo (Rua do Lavradio)

3.2.1.Origem da Feira de São Cristóvão

Como já observamos, a Feira de São Cristóvão teve início no final da década de 40 (séc. XX), com a crescente chegada de migrantes nordestinos para a cidade do Rio de Janeiro: ela originou-se "de um pequeno núcleo de comércio realizado na Rua Senador Alencar, rua transversal ao Campo, que era o local de desembarque dos migrantes vindos nos caminhões pau-de-arara" (SMCTE-DGPC, 1991, p.135).

Naquela época, o Campo de São Cristóvão passou a ser freqüentado aos sábados e domingos por nordestinos, que já moravam no Rio. Eles traziam "violas, violões, sanfonas e farnéis de comida", ficavam dançando e desafiando repentes, à espera dos caminhões pau-de-arara, que chegavam trazendo amigos e parentes (Chaves, 1999, p.19).

Podemos dizer que inicialmente a Feira de São Cristóvão teve uma função social importante. O lugar onde ela passou a acontecer tornou-se um ponto de encontro, onde "o recém-chegado revia os amigos da terra natal, procurava correspondências e informações sobre trabalho e abrigo" (SMCTE-DGPC, 1991, p. 112). Ela era o canal de comunicação dos nordestinos do Rio com seus parentes e amigos que estavam no Nordeste.

Um dos freqüentadores da feira reforça esta idéia da função social, quando diz atualmente que:

> "Pra qualquer nordestino a feira quer dizer festa. Se ele está longe da terra, feira é mais festa ainda, quer dizer encontro. Quer dizer fartura, quer dizer farra sem fim" - João Cláudio, humorista (Chaves, 1999, p.62).

A origem exata da Feira não é bem conhecida, mas alguns cordelistas nordestinos contam diferentes versões de sua fundação. Em uma delas, o pioneiro do comércio no Campo foi um paraibano chamado João Batista de Oliveira, o João Gordo, por volta de 1952. Amigo de muitos motoristas, ele começou a encomendar produtos como "farinha, feijão, fava, rapadura, manteiga de garrafa, fumo de rolo, rede, chapéus de couro etc". Ele recebia os produtos durante a semana e armava sua barraquinha aos domingos. "O Nordeste e o Rio de Janeiro estabeleceram desde então primeiras afinidades comerciais" (Chaves, 1999, p.20 – 22). A feira era conhecida como Feira da Fazenda e do Fumo (SMCTE-DGPC, 1991, p.112).

Para que se pudesse contar o tempo de existência da feira, sua data comemorativa passou a ser o dia 02 de setembro de 1945, data de aniversário do cordelista Raimundo Santa Helia e ano em que ele escreveu seu primeiro cordel no Rio, intitulado “Fim de guerra”.

Apesar de manter suas próprias características regionais, como a venda de produtos e gêneros alimentícios típicos, a música, a dança, a literatura de cordel etc, a Feira de São Cristóvão “pretendia ser uma réplica das grandes feiras do Nordeste” (SMCTE-DGPC, 1991, p. 112).

Neste sentido, Gilmar Chaves, autor do livro “Feira de São Cristóvão – o Nordeste é aqui”, cita as semelhanças existentes nos espaços onde se realizam as feiras, tanto no Rio quanto no Nordeste. Ambos os lugares concentra “um grande número de nordestinos residentes no bairro e nas proximidades”, com “seus hábitos e os costumes”. Soma-se a isso, a configuração da extensa área aberta do Campo de São Cristóvão que se assemelha aos espaços onde acontecem as feiras nas cidades nordestinas. Em sua opinião, este conjunto de fatores vai “propiciando, então, uma atmosfera agradável” (Chaves, 1999, p.29). Para o autor, estas características geográficas e culturais constituem o que ele chama de identidade nordestina.

> “Pelo menos uma vez por ano o nordestino tem que ir à Feira de São Cristóvão renovar as forças, a fé e a esperança para continuar fiel às suas raízes” – Karla Karenina (Chaves, 1999, p.68).

3.2.2. Origem da Feira do Rio Antigo (Rua do Lavradio)

A Feira do Rio Antigo é um evento recente e "funciona todo primeiro sábado do mês, desde 1996. Os antiquários comemoram o quinto ano de funcionamento do evento" (JB – Caderno B, 02 / 03 / 2001, p.1).

Foi incentivada por um grupo de novos comerciantes de móveis, antiguidades e "marchands" de arte. Este grupo conseguiu romper a tradição existente em várias das lojas mais antigas de móveis da região que mantinham seus negócios em família, passando-os como herança, dos pais aos filhos.

Os integrantes deste novo grupo, no ramo, reuniram-se e organizaram uma exposição que ocupou dois sobrados no primeiro quarteirão da Rua do Lavradio. Eles montaram, no grande espaço interno dos antigos sobrados, vários boxes para a comercialização de antiguidades, objetos de arte, de decoração e móveis antigos. Desde então, as exposições passaram a acontecer mensalmente durante o sábado.

Este novo evento teve, em seu início, apoio da mídia jornalística, que colaborou fazendo a sua divulgação. O novo acontecimento do Centro antigo tornou-se um sucesso e chegou a receber "cerca de 5.000 pessoas", em um fim-de-semana (*id*.).



Fig.3.1: Feira do Rio Antigo, Exposição no 1º quarteirão.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.

3.2.3. A Estrutura da Feira de São Cristóvão

Em 1963, foi fundada a **Associação de Proteção do Nordestino da Guanabara**, por iniciativa particular dos próprios comerciantes nordestinos, que passou a dirigir a Feira de São Cristóvão (SMCTE-DGPC, p. 112, 1991). Durante a década de 90 "a Feira foi administrada pela **Comissão de Organização e Administração**, que consta na lei 2052/93" (Chaves, 1999, p.24). A partir de setembro de 2001, a **COOPCAMPO Feira de São Cristóvão do Centro Luis Gonzaga de Tradições Nordestinas** passou a organizar a Feira e seu presidente é o Sr. Agamenon de Almeida e Silva.

"No período de aproximadamente duas décadas, a Feira só funcionava durante o dia e aos domingos. Por volta de 1965, segundo um feirante que atua nela desde 1959, ela passou a acontecer a partir das noites de sábado" (Morales, 1993 *apud* Chaves, 1999, p.22). Atualmente os feirantes vão chegando ao Campo no sábado, pela manhã, e começam a montar a feira. Ela é desmontada após 16 horas do domingo, conforme determina a lei.

A Feira possui **818 barracas** cadastradas**, 9 mil empregos** e uma freqüência de **60 mil pessoas** por fim de semana (Chaves, 1999, p.30).

A Feira ocupa uma extensa área ao redor do pavilhão desativado e abaixo da Linha Vermelha, próxima à Rua Bela. As barracas são alinhadas formando de duas a três ruas estreitas, para circulação de um grande número de visitantes. Estes caminhos podem ser livremente transitáveis nos horários em que a Feira está mais vazia, porque após as 22:00h estas ruas ficam lotadas e a única circulação possível é aquela em que se caminha junto a uma massa humana, na qual uns acabam empurrando os outros.

Não há uma rígida divisão por setores, mas há áreas de predominância de determinadas mercadorias. As bancas e barracas ocupam sempre os seus mesmos lugares. Existem nas ruas, ao redor do pavilhão, marcações de pintura, já desgastadas, sobre o asfalto, formando grandes retângulos numerados, mostrando e definindo os espaços a serem ocupados pelos feirantes.

Existem setores onde predominam barracas de "carnes verdes" (frescas), de roupas e acessórios, de cosméticos, de ervas medicinais e bebidas alcoólicas, de farináceos e temperos, de doces, de utensílios domésticos, até ferramentas. Numa das extremidades, no lado norte do Campo, há um setor que só vende produtos e variedades de "segunda-mão", há muito, já ultrapassados. Estes

são arrumados, nas manhãs de domingo, ao ar livre e sobre grandes lonas ou plásticos. Existem barracas que não se distribuem por setores. Elas ficam espalhadas por toda a área da Feira. São pequenas bancas de venda de CDs e discos de vinil, de tapioca e bebidas e também muitas barracas grandes utilizadas como bares e restaurantes, que possuem muitas mesas e cadeiras, em algumas há pista de dança animada com música mecânica ou com banda de forró.

A Feira de São Cristóvão parece um grande **mercado popular**, a céu aberto. Podemos encontrar lá muitos produtos nordestinos, mas também uma grande variedade produtos de utilidade doméstica. São comercializados: comidas típicas do nordeste (iguarias variadas, doces, queijos, temperos, farinhas, bebidas, carnes etc), roupas (femininas, masculinas, infantis etc), acessórios de couro (bolsas, cintos), calçados (chinelos, sapatos, tênis, botinas), cosméticos, brinquedos, artesanatos, redes, utensílios e miudezas de uso culinário e doméstico, panelas, discos de música atuais, antigos e usados (cd, vinil e cassete), filmes em vídeo-cassete, ferramentas e acessórios. No setor de objetos usados encontram-se: rádios e telefones coloridos de diversos modelos, ferramentas, utensílios de construção e de consertos, sapatos, roupas, discos, máquinas fotográficas, de costura, relógios, calculadoras, lanternas, utensílios de cozinha etc. (ver Fig. 3.2 a 3.12).

Não há uma uniformidade no tipo e no tamanho das barracas, nem na decoração, mas predominam as barracas cobertas com lona azul, apesar de haver outras cobertas com lona cor-de-abóbora e várias a céu aberto. São estruturadas por pilaretes de ferro ou de madeira fincados em buracos existentes no piso dos trechos de rua. Várias grandes barracas utilizam a energia elétrica vinda da bateria dos seus veículos, que ficam estacionados. Contudo, a maioria das barracas conecta seus cabos e fios aos postes da rede de iluminação pública. A água utilizada nas pias das barracas-restaurantes circula por conexões, montadas pelos feirantes, que se ligam à rede pública, instalada aí para esta finalidade, nos dias da feira.

Produtos Típicos Nordestinos



Fig.3.2: Barraca de doces, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.



Fig.3.3: Barraca de bebidas, sábado à tarde.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 02 / 06 / 2001.



Fig.3.4: Barraca de queijos, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.



Fig.3.5: Barraca de temperos, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.



Fig.3.6: Barracas do setor de carnes, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.

Produtos de mercado



Fig.3.7: Barraca de roupas, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11/ 2000.



Fig.3.8: Barraca de brinquedos, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11/ 2000.



Fig.3.9: Barraca de cintos e sapatos, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.



Fig.3.10. Barraca de ferramentas, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.

Produtos de "segunda-mão"





Fig.3.11 e 3.12.:Exposição de roupas e utensílios domésticos, domingo de manhã.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.

As barracas **restaurantes** são equipadas com fogão, pia e geladeiras de isopor, para conservar a comida e as bebidas. Encontramos iguarias tradicionais do sertão nordestino, como, "carne de sol, baião-de-dois, feijão-de-corda, sarapatel, buchada de cabrito, mocotó, paçoca e rabada", além de doces como, cocada, rapadura, pé-de-moleque e tapioca. (Chaves, 1999, p.31 e 38) (ver Fig. 3.13 e 3.14).



Fig. 3.13: Cozinha de um dos restaurantes, sábado à tarde.
Fonte Maria Fernanda Marques, 02 / 06 / 2001.



Fig. 3.14: Organização de mesas e cadeiras de dois restaurantes vizinhos, sábado à tarde.
Fonte Maria Fernanda Marques, 02 / 06 / 2001.

Todo o trabalho de **montagem**, execução dos **serviços** e **desmontagem** é feito pelos próprios membros da família proprietária de cada barraca. Todos trabalham em tarefas diferentes que se complementam. Muitos funcionários utilizam uniformes estampados com o nome da barraca. (Chaves, 1999, p.30-31) (ver Fig. 3.15, 3.16, 3.17 e 3.18).



Fig. 3.15, 3.16: Feirantes montando a barraca, sábado à tarde.
Fonte Maria Fernanda Marques, 02 / 06 / 2001 e 21 / 07 / 2001.



Fig. 3.16: Feirantes montando a barraca, sábado à tarde.
Fonte Maria Fernanda Marques, 02 / 06 / 2001 e 21 / 07 / 2001.





Fig. 3.17 e 3.18: Feirantes montando a barraca, sábado à tarde.
Fonte Maria Fernanda Marques, 02 / 06 / 2001 e 21 / 07 / 2001.

Um dos traços mais marcantes da feira é a diversidade de pontos de **música** espalhados por toda sua área. Além dos ritmos típicos de música nordestina (baião, forró, lambada etc), podem ser ouvidas músicas sertanejas tradicionais, outras com o ritmo "pop" atual e até as músicas românticas de antigas novelas da TV. Cada barraca destas coloca o volume de sua música mais alto que o das grandes barracas restaurante, que possuem pistas de dança. Nestas, então, podem ser encontradas bandas de música ao vivo, como o trio tradicional nordestino: viola, sanfona e triângulo, que intensificam a animação do evento.

Um dos problemas enfrentados pelos freqüentadores da Feira é a falta de oferta de **banheiros públicos** e de boa manutenção durante todo o período da feira. Atualmente, eles funcionam dentro de containeres brancos, onde há uma pessoa tomando conta, do lado de fora. No horário de maior pico de população na Feira é quase impossível achá-los. Pode ser por isso, que no domingo de manhã existem muitos lugares, fora do trecho circulável, que exalam odores característicos de urina e outros.

Uma senhora baiana radicada em São Cristóvão há muitos anos, conta que:

> "Aos sábados à noite, a feira começa com muita música, dança, principalmente o forró, que é bastante animado e pode[sic] freqüentar com os amigos. Inclusive, pode-se festejar os aniversários na feira, basta tratar com uma barraca, que junta as mesas, propiciando um ambiente agradável. Até hoje permanece a Barraca do Encontro, ponto de referência para os amigos. Aos domingos, na parte da manhã, muitas pessoas vão especialmente à feira comprar sarapatel. Outras comidas muito procuradas são tapioca, farinha, feijão de corda, biju". (...) Só se reclama da falta de banheiros públicos e do preço das bebidas (SMCTE-DGPC, 1991, p.135).



Fig.3.19. Um dos banheiros da Feira.

Fonte: Maria Fernanda Marques, 02 / 06 / 2001.

3.2.4. A Estrutura da Feira do Rio Antigo

A Feira do Rio Antigo é um evento de caráter comercial, que agrega em si um diferencial arquitetônico constituído pelo cenário antigo do lugar, por suas histórias de boemia e pelas atrações musicais apresentadas, que completam a exposição das mercadorias. Atualmente, ela é um evento realizado pela **ACCRA, Associação de Comerciantes do Centro do Rio Antigo** e mais recentemente, também pela RAC (Rede de Agentes Culturais).

A primeira destas é bem mais antiga que a idéia de criação da Feira do Rio Antigo. Ela reunia vários outros ramos de comércio da região. Segundo Plínio Quintão Fróes, um dos comerciantes mais interessados nas histórias do lugar e o atual presidente da ACCRA, o fundador da ACCRA foi um comerciante conhecido por "Zé das Nega", que é dono da Casa da Borracha, situada entre as ruas do Senado e Gomes Freire. Após o sucesso das primeiras exposições de móveis e antiguidades, surgiu o interesse crescente, por parte dos novos comerciantes da Rua do Lavradio, de formar uma associação que reunisse os vários comerciantes de móveis e antiguidades da região, a fim de organizar melhor o evento e trabalhar na promoção cultural deste lugar. A esta altura dos acontecimentos, a ACCRA, já existente, mas meio desativada, tornou-se o caminho ideal para a união comercial.

A ACCRA foi presidida até outubro de 2001 por Lou Vicente, "marchand" de arte e proprietária do nº. 100, onde funciona o bar e antiquário "Empório 100". Entre as 40 lojas e depósitos de móveis, espalhadas pela redondeza e cadastradas pela associação, 29 estão na Rua do Lavradio.

Até o presente, o **critério de seleção** para a entrada de expositores na Feira do Rio Antigo tem funcionado da seguinte maneira: o expositor interessado apresenta sua mercadoria à Associação, se esta fizer parte do contexto de decoração antiga e se enquadrar no perfil das peças dos demais expositores, ele pode participar uma vez como convidado, para que também possa ser avaliado pelos membros da ACCRA. A Feira do Rio Antigo **inicia** às 11:00 h da manhã e **termina** às 17:00h, todo primeiro sábado de cada mês.

Um dos sinais visíveis de que a Feira está acontecendo é a presença de grandes tendas coloridas. Elas ficam próximas à Rua Visconde do Rio Branco e ajudam a informar ao público leigo que ali é o lugar de funcionamento de um evento, naquele dia. Não é sempre que ela está lá, mas geralmente está. (ver Fig. 3.20).



Fig. 3.20: Tendas coloridas sobre a exposição de móveis no 1º quarteirão da Rua do Lavradio.
Vista em direção à Rua Visconde do Rio Branco.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.

Antes da execução da obra de melhoria urbana, que se encontra atualmente em fase final, havia cerca de **120 expositores**, entre os novos e os antigos comerciantes da região. No período da obra este número manteve-se bem reduzido, porque muitos expositores de antiguidades deixaram de participar desta feira.

Não existe uma setorização, para separar mercadorias distintas, nem um padrão de uniformização de barracas e nem limites demarcados para cada expositor. Normalmente, os móveis antigos ficam expostos em frente às próprias lojas da rua, como uma **vitrine a céu aberto,** e mais próximos da apreciação dos visitantes. Há também exposições de móveis e de antiguidades de lojas das ruas vizinhas. Os objetos antigos ficam expostos sobre lonas ou tapetes na rua e nas calçadas. (ver Fig. 3.21 a 3.23).



Fig. 3.21: Exposição de móveis no 1º quarteirão da Rua do Lavradio.
Vista em direção à Rua Visconde do Rio Branco
Fonte: Maria Fernanda Marques, 06/ 2001.



Fig. 3.22: Exposição de móveis no 3º quarteirão da Rua do Lavradio.
Vista em direção à Rua do Resende
Fonte: Maria Fernanda Marques, 06/ 2001.



Fig. 3.23: Exposição de móveis no 4º quarteirão da Rua do Lavradio.
Vista em direção à Rua Mem de Sá
Fonte: Maria Fernanda Marques, 06/ 2001.

Durante a execução da obra na rua, os comerciantes-expositores que participavam da feira montavam suas exposições em função dos pontos de localização da obra na rua, ou seja, em locais mais afastados da poeira, das máquinas e do caminho dos operários. Assim, não havia demarcação fixa de lugares para as exposições.

Podem ser encontrados vários tipos de **mercadorias** para decoração de diversos tipos de ambientes. Entre os móveis antigos podem-se achar muitos tipos, estilos e tamanhos de mesas, cadeiras, banquetas, escrivaninhas, camas, berços, armários de roupas e de louças, estantes, cristaleiras, vitrines, arcas, sofás, poltronas, porta-chapéus e guarda-chuvas etc. Há uma

infinidade de objetos decorativos, como vasos, espelhos e quadros em várias molduras, luminárias, abajures, tapetes, portas e janelas de demolições etc. Fazem parte das antiguidades um universo de miudezas e raridades, tais como, aparelhos de jantar, chá e café em porcelana, jogos de copos, castiçais e enfeites de cristal, vitrolas para discos antigos, uma grande variedade de esculturas e uma série de aparatos e aparelhos domésticos obsoletos, que servem para adorno ou para coleções. (ver Fig. 3.24 a 3.32)



Fig.3.24. Exposição de Antiguidades da Feira, 1º quarteirão, lado ímpar.
Vista em direção à Rua do Senado.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05/ 2001.



Fig.3.25: Exposição de Antiguidades da Feira, 1º quarteirão, lado par.
Vista em direção à Rua Visconde do Rio Branco.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05/ 2001.



Fig.3.26: Feira do Rio Antigo, Exposição no 3º quarteirão, em frente ao CIEP.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 10 / 2000.

Mercadorias da Feira do Rio Antigo



Fig.3.27: Antiguidades - 3º quarteirão
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07 / 2001.



Fig.3.28: Antiguidades - 3º quarteirão
Fonte: Maria Fernanda Marques, 09 / 2001.



Fig.3.29: Antiguidades - 3º quarteirão
Fonte: Maria Fernanda Marques, 06 / 2001.



Fig.3.30: Antiguidades e móveis antigos - 3º quarteirão
Fonte: Maria Fernanda Marques, 08 / 2001.



Fig.3.31: Móveis para bar e restaurante - 3º quarteirão
Fonte: Maria Fernanda Marques, 08 / 2001.



Fig.3.32: Móveis para bar e restaurante - 3º quarteirão
Fonte: Maria Fernanda Marques, 08 / 2001.

A partir da Feira de junho de 2001, passou a fazer parte da Feira do Rio Antigo um novo grupo de comerciantes-expositores e artistas. Eles pertencem a **RAC**, **Rede de Agentes Culturais**. Fazem parte desta associação artistas plásticos de pintura, escultura e fotografia de arte, livreiros, antiquários etc. Participam da Feira cerca de dez expositores. Suas barracas são padronizadas, na cor brancas. Ficam dispostas em linha e são montadas no 3º quarteirão da rua, predominantemente, do lado oposto à calçada do CIEP José Pedro Varela. (ver Fig. 3.33) Nestas barracas podem ser encontradas as seguintes **mercadorias**: livros raros, fotografias artísticas, o artista produzindo esculturas contemporâneas em cerâmica, telas com motivos da Feira do Rio Antigo, objetos de antiquários etc.



Fig. 3.33: Exposição de RAC no 3º quarteirão da Rua do Lavradio.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 06/ 2001.

Todo sábado tem música na Feira do Rio Antigo, organizada pela **Prefeitura do Rio** e outros patrocinadores. Durante o primeiro semestre de 2000, uma das lojas do primeiro quarteirão da rua costumava a arrumar fileiras de cadeiras estofadas para que os visitantes sentassem-se comodamente e ouvissem a seresta. Iniciava por volta das 16:00h. Tocavam chorinho, marchinhas populares, jazz, sambinhas, MPB instrumental e, houve uma participação das Cantoras do Rádio. (ver Fig. 3.34)



Fig.3.34: O público apreciando a música da Feira, 1º quarteirão.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 06/ 2000.

Em outubro de 2000, boa parte dos expositores passou a se concentrar no 3º quarteirão. Assim, este projeto musical foi transferido para este outro local que também passou a ser o mais visitado. Desde então, os músicos e seus equipamentos ficam sob uma grande tenda branca, sobre a parte larga da calçada, em frente ao CIEP. Os espectadores podem apreciar a música em pé ou sentados em bancos compridos, como os de jardim, durante todo o período da Feira. (ver Fig. 3.35)



Fig.3.35: O público apreciando a música da Feira, 3º quarteirão.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 10 / 2000.

3.2.5. O Funcionamento da Feira de São Cristóvão.

É possível reconhecer, durante o acontecimento da Feira de São Cristóvão, três turnos de funcionamento. O **primeiro turno** começa logo depois da montagem da feira, com a chegada dos visitantes, entre eles muitas famílias, que chegam, geralmente, para jantar e dançar. Este turno vai das seis horas até quase às dez horas da noite.

O **segundo turno** atinge o pico de concentração de população na feira, que acontece a partir da dez horas da noite e vai até o fim da noite. Entre os freqüentadores encontram-se muitos jovens, que se reúnem nas barracas para beber e dançar, durante a noite. O **terceiro turno** inicia no domingo de manhã e termina com a desmontagem da Feira.

É fácil caminhar pelas "ruas" da Feira, durante o **período de montagem**, pois elas se encontram vazias. Há muitos feirantes concentrados em seu trabalho de arrumação da barraca. Nos restaurantes, as equipes de trabalho arrumam mesas e cadeiras, montam as cozinhas com pia, fogão, geladeiras e fazem a decoração do ambiente. Boa parte da comida já chega pronta, mas as carnes e os peixes começam a serem assados, logo depois que a cozinha está pronta. Nas bancas menores, os feirantes embalam e arrumam a exposição dos produtos, como, farinhas, doces, temperos, ervas e bebidas típicas. Eles parecem nem perceber a presença de alguns visitantes que passeiam pelas ruas entre as barracas. (ver Fig. 3.36)



Fig. 3.36: Montagem da Feira de São Cristóvão - ruas vazias
Fonte: Maria Fernanda Marques, 02 /06 /2001.

Várias **fontes de sons musicais** já estão em funcionamento, mas o volume ainda não é exagerado. É possível ouvir os feirantes falando entre si e o som ambiente da montagem da feira. Vários **feirantes** e funcionários tomam banho, trocam de roupa e vão se preparando, para o atendimento ao público.

A medida em que a noite chega, os **visitantes** também vão chegando. São pessoas que se aprontaram para o evento da noite do fim-de-semana. São famílias com membros de até três gerações, casais de várias idades, grupos de amigos (do subúrbio e da zona sul) etc. Enfim, são muitas pessoas que vem de vários lugares da cidade e que aparentam pertencerem a diferentes camadas sociais.

Até umas nove horas da noite, ainda é possível circular pelas ruas da Feira, olhar as barracas, os restaurantes, escolher um deles, pela música que estão tocando ou pela sua aparência. Pode-se entrar achar um lugar entre as mesas para sentar, reunir-se com os companheiros ou esperar amigos ou parentes para beber, comer, curtir o evento e passar a noite se divertindo. É isso o que muita gente faz na Feira de São Cristóvão.

A partir das **dez da noite**, tudo isto já fica bem mais difícil de ser feito. Muita gente não consegue mais passar pelas ruas das barracas. A melhor saída é caminhar por fora da Feira, pelas ruas ao redor do Campo (próximo à Rua Bela). Mas desse jeito, é difícil ver o que é que a Feira tem para oferecer e, até mesmo, de saber se há alguma chance de se achar qualquer mesa nos melhores restaurantes. Neste caso, o melhor a fazer é ter paciência, e ir caminhando no ritmo imposto pelos dois cordões de gente, em sentidos opostos, que se movimentam pelas "ruas" entre as barracas.

Há essa hora é difícil tentar conversar em grupo, pois as fontes de música, de vozes e de barulhos diversos nos restaurantes estão funcionando em potência máxima ou pelos menos bem perto disso. Vários bailes de forró acontecem simultaneamente. (Ver Fig. 3.37 e 3.38).



Fig. 3.37: Baile de forró, sábado à noite.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 16 /06 /2001.



Fig. 3.38: Banda-trio de forró (com sanfona, triângulo e viola), sábado à noite.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 16 /06 /2001.

A festa continua noite adentro, até o raiar do dia. Nessa hora, muita gente já dançou bastante, já bebeu muito. Há homens e mulheres com a aparência de quem virou a noite no forró. A roupa está desengonçada, o cabelo, despenteado, os sapatos, sujos de terra e lama. As mulheres estão com a maquiagem escorrida e a fisionomia do rosto alterada pela fadiga.

Várias barracas já estão quase vazias e bem desarrumadas. Existem pessoas dormindo em qualquer cantinho no chão, nas cadeiras dos restaurantes ou dentro das barracas dos feirantes, como crianças, por exemplo. Mesmo assim, a música continua sendo tocada em volume alto.

Quem olha para a paisagem ao redor já deve pensar que é o fim da Feira, no entanto, ela ainda não acabou, pois é hora de se preparar para o seu **terceiro turno**. Logo pela manhã, por volta das dez horas, começam a chegar, mais pessoas e famílias que vem passear pela feira, encontrar amigos, almoçar e dançar nos restaurantes, que não pararam de funcionar. (Fig. 3.39 e 3.40).



Fig.3.39: Pista de dança, domingo na hora do almoço.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.



Fig.3.40: Banda de música, domingo na hora do almoço.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 11 / 2000.

A Feira, no domingo, não tem o mesmo vigor e a boa apresentação encontrados logo depois de sua montagem, no dia anterior e durante o primeiro turno de funcionamento.

Em relação à **segurança** do lugar, percebe-se que o ambiente do evento é formado de alegria e de festa. Durante a Feira pode-se caminhar sem ser notado pelos outros freqüentadores e sem sentir medo ou hostilidade no lugar, dentro dos domínios da Feira. Apesar da grande aglomeração de gente, não se vê brigas.

> ”Vou há mais de trinta anos a esta feira e nunca testemunhei uma briga, uma desavença qualquer. Todos que estão ali estão como se estivessem em casa, e na casa da gente ninguém briga” - Chico Anysio. (Chaves, 1999, p.62).

3.2.6. Funcionamento da Feira do Rio Antigo

Desde que a conhecemos, a Feira do Rio Antigo vem sofrendo alterações quanto à ocupação do local de exposição na rua, por causa das obras de melhoria do espaço público. Por isso, ainda não há definição ou demarcação de lugar para cada expositor.

No decorrer de quase dois anos de visitação à Feira, pudemos perceber que as mudanças de lugar das exposições alteraram o funcionamento deste evento. O número de visitantes permaneceu baixo, em vista do que alguns comerciantes diziam, quando se lembravam que o pico de visitação havia chegado a 5.000 pessoas, conforme foi também noticiado na mídia jornalística (Jornal do Brasil – Caderno B, 02 / 03 / 2001, p.1).

Nosso trabalho de observação pretendia verificar as condições de funcionamento da feira durante a fase de obra e, se possível, compará-las com o seu novo funcionamento após o término da obra, com a rua pronta. Infelizmente, a obra não terminou a tempo de se realizar esta intenção. Vamos, então, descrever o funcionamento geral da Feira, de acordo com aquilo que foi sendo repetido e com as mudanças ocorridas, no período de abril de 2000 a janeiro de 2002.

Uma das primeiras atitudes tomadas para a montagem do evento, todo mês, é o fechamento das entradas de carro da rua, autorizado pela Prefeitura do Rio, durante o período da Feira. Segundo Plínio Fróes, proprietário de algumas lojas na rua, entre elas a Rio Scenarium, nos números 18 e 20, esta permissão foi concedida inicialmente pelo arquiteto e urbanista, Augusto Ivan, que na época do início da Feira era o Sub-Prefeito do Centro da cidade. Com a rua fechada, os comerciantes de móveis e os expositores de antiguidades começam a montar a exposição da Feira do Rio Antigo.

Cada um dos donos de lojas de móveis da rua, como vimos, montam a exposição destes em frente a sua loja. Assim, vemos móveis antigos do primeiro ao quarto quarteirão da rua. Nos períodos em que a obra impedia a passagem de pedestres por alguns trechos da rua, os móveis ficavam dentro das lojas ou sobre suas calçadas. (ver Fig. 3.41)



Fig. 3.41: Pavimentação da rua em dia de Feira - exposição de móveis sobre calçadas, 4°quarteirão.
Fonte: Maria Fernanda Marques, 10 / 2000.

Os expositores de objetos antigos trazem suas mercadorias em caixotes. Eles arrumam cuidadosamente tudo sobre grandes tapetes ou lonas em cima do leito da rua, cheia de terra e areia (no 1º quarteirão, em abril, maio e junho de 2000) e sobre a calçada nova (no 3º quarteirão, de outubro de 2000 a julho de 2001). São pequenos e delicados objetos antigos, de arte e de utilidade doméstica, feitos de louça, cristal, vidro, prata, madeira, ferro trabalhado e outros materiais. O local onde havia uma parada ônibus, no final do 1º quarteirão, protegido por uma cobertura também era utilizado por alguns expositores.

No início da rua, os comerciantes das lojas de móveis suspendem **tendas coloridas**, formadas por grandes flâmulas triangulares, que são presas ao gradil dos sobrados antigos. Elas são parte de um projeto de cobertura para a Feira, que foi idealizado pelo arquiteto Pepe e servem também para anunciar o acontecimento da feira, na Rua do Lavradio.

É pequeno o número de visitantes que chega à exposição de manhã, logo que se inicia, às 11:00 horas. Até este horário existem pessoas que parecem circular casualmente pela rua, independentemente do evento.

O período de maior presença de visitantes e de movimentação pela Feira e pelas exposições de móveis, nos quatro quarteirões onde existem lojas de móveis acontece das 12:00 às 16:00 horas. Mas, desde que as calçadas do terceiro quarteirão ficaram prontas, este trecho da rua tem concentrado a maioria dos expositores de antiguidades e dos visitantes. Também ficam no mesmo quarteirão os músicos, que proporcionam muita animação e shows de atração ao lugar.

À medida que o sol vai baixando, quase às cinco horas da tarde, o número de pessoas circulando vai diminuindo, os expositores vão retirando, embalando e guardando suas mercadorias nas caixas aonde elas vieram. Os comerciantes das lojas recolhem seus móveis e fecham os estabelecimentos.

O toldo é retirado e também os cavaletes que bloqueiam a passagem dos automóveis. A partir daí a Rua do Lavradio volta a ter o uso normal de qualquer via de circulação da cidade.

3.3.1. Organização espacial da Feira de São Cristóvão

A Feira abrange uma grande área de ocupação ao redor do Pavilhão. Ela estende-se pela porção ao norte, por toda a faixa leste e pela porção ao sul, até a divisa com o jardim público. Em formato de meia-lua, a Feira instala-se sobre ruas, estacionamentos e canteiros existentes nas extremidades do Campo de São Cristóvão.

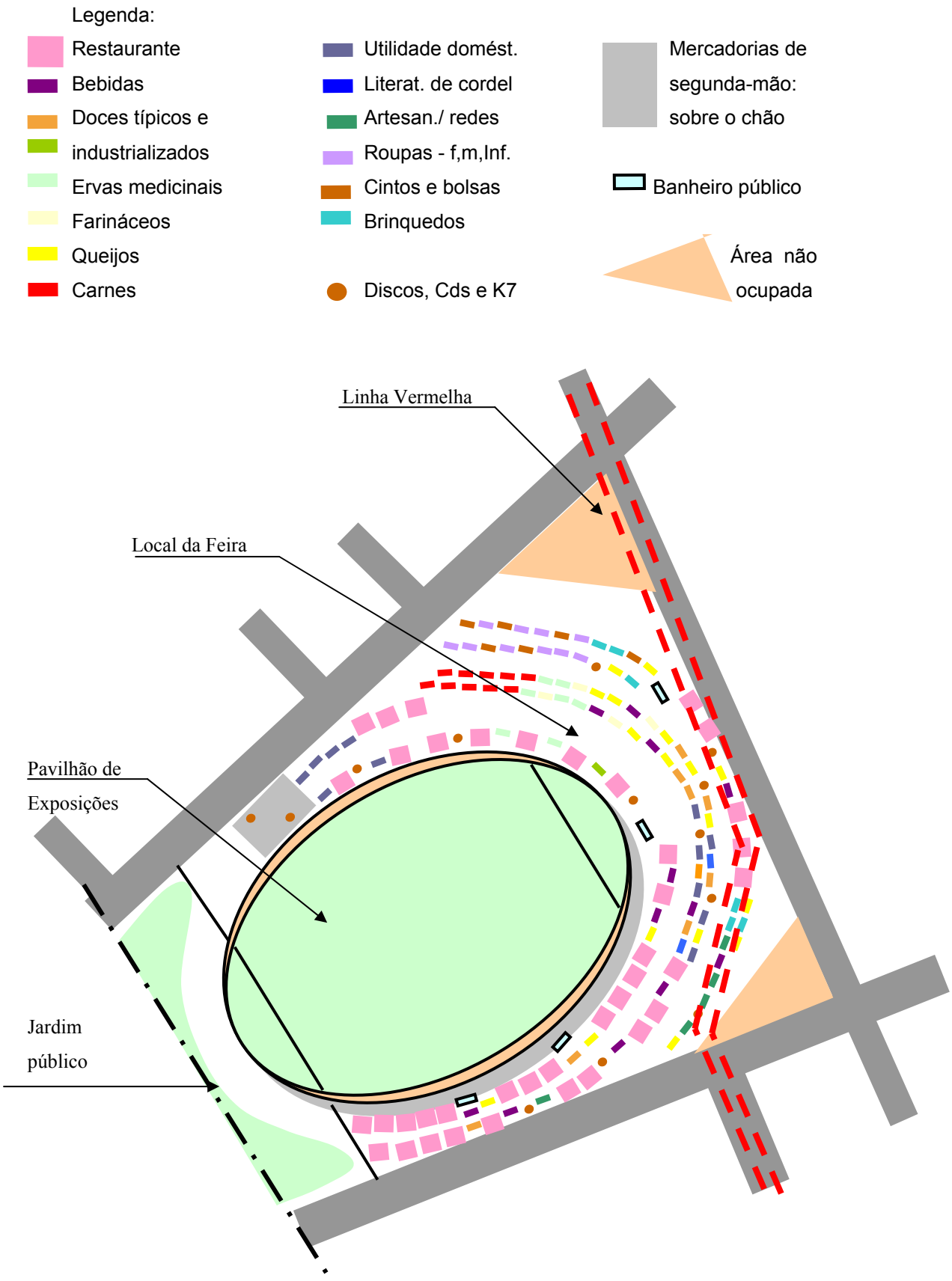
Nos trechos mais ordenados da Feira, podemos ver dois ou três corredores de circulação de pessoas. A ala de barracas mais externa localiza-se sob o viaduto da Linha Vermelha. Nem sempre o encaminhamento permite uma passagem inteiramente livre de uma extremidade a outra da feira. Às vezes o caminho é obstruído por alguma barraca. Quando isso acontece é necessário passar por caminhos estreitos, entre as barracas e entrar na outra "rua".

As grandes barracas de restaurante, algumas com pista de dança, concentram-se nas porções sul e leste do Campo, desde o gradil de divisa com o jardim público, até o local de exposição de mercadorias de segunda-mão, na porção norte do Campo. Em outras áreas, os restaurantes ficam mais espaçados uns dos outros e entre outras barracas e setores. Eles são logo reconhecidas pela existência de grande quantidade de mesas e cadeiras, que aí se distribuem.

A Feira de São Cristóvão, como já dissemos, é composta por muitas barracas que comercializam uma infinidade de produtos típicos e utilidades domésticas. As barracas de produtos semelhantes ou de dimensionamento parecido localizam-se próximas e marcam a predominância de um setor. Isto facilita a busca de determinado produto da Feira.

Para ilustrar melhor a descrição feita sobre a ocupação da Feira, será mostrado, em seguida, um esquema que apresenta a localização predominante dos setores que a compõem. Esta representação foi realizada após várias visitas ao Campo de São Cristóvão, para que pudéssemos apreender a configuração e a ocupação do espaço utilizado pela Feira.

Esquema da Feira de São Cristóvão



3.3.2. Organização espacial da Feira do Rio Antigo

Durante o ano de 2000 e 2001, a feira de antiguidades foi montada nos locais em que a fase da obra estava mais adiantada, ou seja, que apresentavam calçadas prontas e leito carroçável regularizado.

Nos meses de abril, maio e junho, do ano 2000, a feira concentrou-se no primeiro quarteirão da rua. Havia também alguns móveis expostos no 4^{O} quarteirão, em frente às suas respectivas lojas.

Até o final de 2000, nos meses de outubro, novembro e dezembro, as exposições foram montadas nos 3^{o} e 4^{o} quarteirões. Verificou-se que no mês de outubro, a quantidade de expositores e de visitantes, durante o período da tarde foi maior que nos meses anteriores.

Durante o ano de 2001, a Feira continuou ocupando os mesmos quarteirões aonde vinha acontecendo, porque a obra, em estágio mais bruto, concentrava-se entre os 2^{o} e 1^{o} quarteirões, de acordo com a ordem de sua execução.

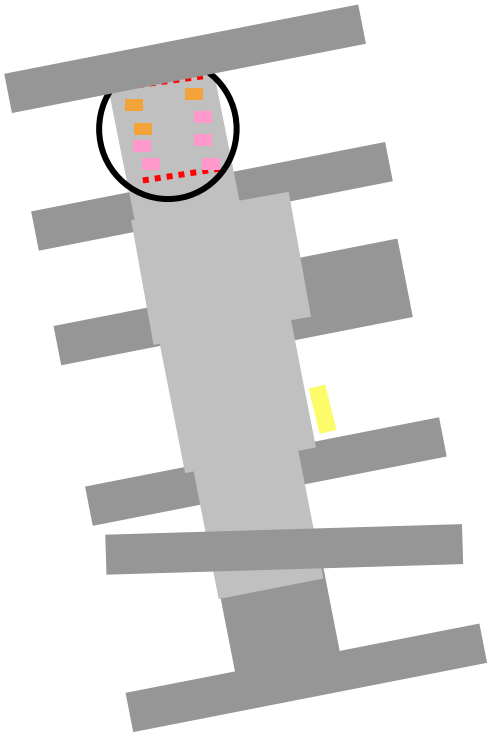
Com a mudança de administração municipal, a obra da Rua do Lavradio foi interrompida e ficou praticamente seis meses parada. Durante este período, foi realizada uma nova licitação de empreiteiras, para a conclusão da obra. Em junho de 2001, fazia quase um ano e meio que a obra havia iniciado e estava com a entrega atrasada, desde o mês de outubro de 2000.

Nos meses de fevereiro, março e maio, de 2001 a Feira do Rio Antigo continuou a se concentrar nos 3º e 4º quarteirões.

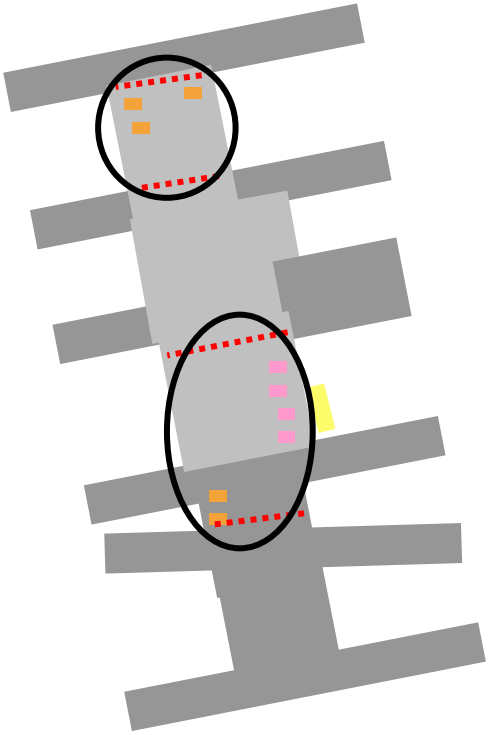
Em junho, havia uma exposição de "Utensílios domésticos para o Apagão" montada pela loja "Rio Scenarium", no primeiro quarteirão da rua. No terceiro quarteirão, havia uma boa quantidade de público, com os expositores mais assíduos da Feira, além do novo grupo de expositores da RAC (Rede de Agentes Culturais), e de muitos visitantes, próximos ao palco, com os músicos e o apresentador das atrações. Verificamos que até janeiro de 2002, este foi o lugar de maior concentração social da feira, entre expositores e visitantes.

Veremos, em seguida, um esquema que mostra três momentos de acontecimento da Feira do Rio Antigo e do encaminhamento da obra da Rua do Lavradio.

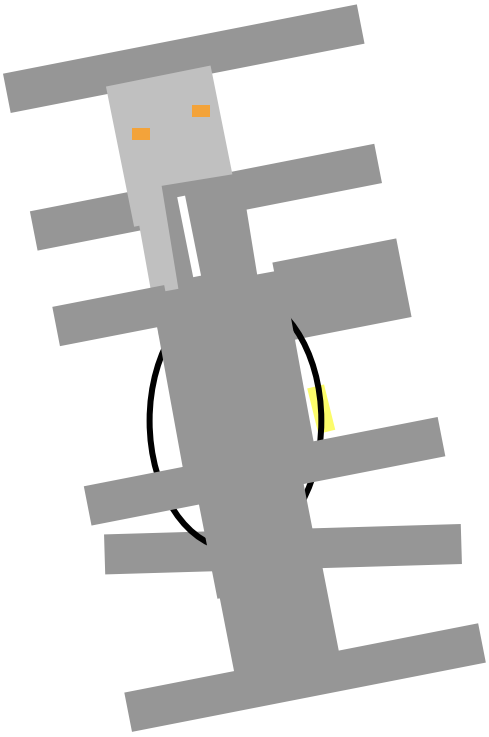
Esquema da Rua do Lavradio com a Feira do Rio Antigo



Período: abril a junho / 2000
Fonte: Maria Fernanda Marques



Período: outubro a dezembro / 2000 e
fevereiro a maio / 2001
Fonte: Maria Fernanda Marques



Período: junho / 2001 a janeiro / 2002
Fonte: Maria Fernanda Marques

Legenda

- Exposição de móveis
- Exposição de antiguidades e artes
- Exposição da RAC
- CIEP
- Bloqueio para veículos
- Rua em obra
- Rua pronta

4. AS FEIRAS E SEUS ATORES SOCIAIS

Até agora, apresentamos um painel teórico, que procurou mostrar algumas características que haviam sido percebidas durante as visitas à Feira de São Cristóvão e à Feira dão Rio Antigo. Fizemos uma descrição de cada lugar e de cada feira. Agora, vamos apresentar os atores sociais das feiras e suas atuações nos eventos. Esta etapa foi marcada pela aplicação de questionários aos feirantes e comerciantes das feiras e dos lugares. A partir das respostas obtidas procuramos comprovar a ocorrência dos elementos que constituem a fundamentação teórica da pesquisa.

A aplicação dos questionários foi a última fase a ser executada, porque somente neste momento as discussões sobre o tema e sobre os elementos teóricos estavam mais avançadas. A partir daí conseguimos elaborar as questões com a objetividade necessária para a comprovação dos elementos de fundamentação da pesquisa.

Conseguimos aplicar 50 questionários na Feira de São Cristóvão, que nos deu uma amostra colhida aleatoriamente, mas considerada representativa, de aproximadamente 5% entre feirantes e comerciantes locais. Na Feira do Rio Antigo, o número de expositores e comerciantes é bem menor se comparado a da primeira feira. Foram aplicados 20 questionários na Rua do Lavradio, que representam aproximadamente 50% da atual população de comerciantes e expositores da Feira.

Se trabalhássemos com a porcentagem igual de questionários nas duas feiras, teríamos ou uma quantidade inexpressiva de entrevistados na Rua do Lavradio (5% = 2 questionários), ou uma quantidade muito grande de entrevistas a serem feitas em São Cristóvão (50% = 500 questionários). Infelizmente a falta de tempo e de experiência não permitiu uma equiparação de entrevistas dos dois eventos, no entanto, consideramos que as respostas foram consideradas representativas em relação à opinião dos atores responsáveis pela organização de cada uma das feiras estudadas, como veremos a seguir.

4.1. Os atores sociais das Feiras e sua composição sócio-econômica

Nossos eventos são compostos socialmente por diversos usuários. Estes usuários são considerados atores sociais, ou seja, são as pessoas presentes nos lugares, que cumprem diferentes funções ou papéis na sociedade. Castrogiovanni também chama os atores de "*indivíduos urbanos*". Para ele, "**os atores se movimentam e ajudam a construir o espaço urbano e a diferenciá-los**. (...) As ações dos indivíduos urbanos **criam marcas urbanas**, ou seja, sinais e signos que são **historicamente incorporados à paisagem**" (Castrogiovanni, 2000, p.28). Encontramos entre estes atores comerciantes do local, feirantes, expositores, visitantes, músicos, freqüentadores, moradores dos lugares etc.

Os atores sociais Feira de São Cristóvão

- **Feirantes**: São os agentes que realizam o acontecimento das feiras, todos os fins de semana. São pessoas de várias idades e até membros da mesma família que trabalham armando suas bancas ou barracas, arrumando, vendendo suas mercadorias e servindo a freguesia, nos dias de feira.
- **Artistas**: São violeiros, sanfoneiros, cantores de forró, repentistas, cordelistas etc. Pessoas que se apresentam nos palcos das barracas-restaurantes e também aqueles que fazem seu show de música e dança pela feira e são assistidos por espectadores.
- **Visitantes**: São pessoas de várias idades e procedências que passeiam, compram, conversam, comem, bebem, dançam. Encontramos famílias com crianças, casais, grupos de amigos de várias idades, mas predomina a população masculina, seja sozinho ou em grupo. Entre eles podemos citar os **turistas** e os **excursionistas**[14] vindos de outro país ou cidade, curiosos e apreciadores da cultura regional.
- **Moradores** são as pessoas que habitam as edificações ao redor do Campo de São Cristóvão e nas redondezas. É difícil reconhecer sua presença na feira ou também nas ruas próximas, pois ficam praticamente vazias durante o período da feira, marcando um grande contraste urbano.
- **Andarilhos e mendigos**: São pessoas que ficam sentadas, deitadas ou circulando alheias, entre as bancas e barracas da feira, não participam das atividades da feira e pedem dinheiro aos visitantes.

[14] Conceitos de acordo com a definição da ONU, in CUNHA, 1997, p. 3 – 11.
Visitante é toda pessoa que se desloca temporariamente para fora da sua residência habitual, quer seja no seu próprio país ou no estrangeiro, por uma razão que não seja a de aí exercer uma profissão remunerada.
Turista é todo o visitante temporário que permanece no local visitado mais de 24 horas.
Excursionista: é todo o visitante temporário que permanece menos de 24 horas fora de sua residência.

Os atores sociais Feira do Rio Antigo

- **Comerciantes**: São as pessoas que trabalham nos estabelecimentos comerciais da rua.
- **Expositores**: São as pessoas que arrumam, expõem e vendem suas mercadorias (antiguidades e móveis), sobre a rua e a calçada, nos dias de feira.
- **Profissionais do som**: são pessoas que armam a aparelhagem de som, que anima a Feira. Até setembro de 2000, eles eram vinculados à da Prefeitura do Rio e ficavam na entrada do primeiro quarteirão, sob o toldo colorido. Em outubro de 2000 o som passou a ficar sob uma barraca branca no calçadão em frente ao CIEP. A partir de junho de 2001 a RAC passou a coordenar a programação musical, com patrocínio da Prefeitura e de várias outras empresas.
- **Músicos e seresteiros** apresentavam-se do meio da tarde até o final da feira, quando a feira acontecia no primeiro quarteirão, até outubro de 2000. Passaram a tocar e cantar durante o período inteiro da Feira.
- **Visitantes:** são pessoas que passeiam, compram, circulam pela feira e assistem à apresentação de música. Os **compradores** (colecionadores, decoradores, clientes etc) geralmente não fazem parte do grupo ou camada social predominante da rua e das imediações. Eles ficam circulando de loja em loja e passando pelas exposições de antiguidades. Os **turistas e excursionistas** estrangeiros e/ou brasileiros passeiam para conhecer os lugares antigos e as atrações populares da cidade, a exposição de antiguidades, os bares populares, a seresta carioca ou também procuram uma forma alternativa de lazer.
- **Moradores** são as pessoas que habitam as edificações da rua e das redondezas. Elas freqüentam os bares da rua, passeiam com crianças, ficam próximas de suas casas, olham da janela a movimentação da rua no dia da Feira.
- **Operários** da obra de melhorias do saneamento e embelezamento que, em vários momentos, trabalharam na rua durante o dia da feira, também.
- **Pedintes e mendigos** são meninos, meninas e adultos que caminham sem rumo certo, falam alto, ficam na porta das lojas para pedir "uma ajuda" a qualquer pessoa e abordam visitantes distraídos que caminham pela rua.

Como podemos ver a variedade de atores sociais é grande nos dois eventos. Muitos atores são comuns às duas feiras. Podemos perceber que o vendedor ambulante, que participa só da feira, é chamado de "feirante" em São Cristóvão, mas na Feira do Rio Antigo ele é o "expositor". Isto pode nos sinalizar uma mudança de conotação social em cada feira.

As intenções de uso e aproveitamento das feiras são diferentes para alguns atores visitantes. Na Feira Nordestina, encontramos famílias que aproveitam a Feira como seu lugar de lazer e divertimento, para jantar, almoçar, dançar. Na Feira do Rio Antigo encontramos os "compradores" que estão a trabalho, procuram produtos específicos de decoração para terceiros: clientes, ambientes cenográficos etc.

Os moradores da Rua do Lavradio parecem ser mais participativos da Feira, podem ser vistos freqüentando os botecos da rua, assistindo às apresentações de música ou dança, acompanhando os sorteios de brindes etc. Os moradores ao redor do Campo de São Cristóvão, como sabemos, acham a Feira um "estorvo (...) e não agüentam mais a feira, que traz 60 mil pessoas ao bairro nos finais de semana. Para eles, trata-se de sinônimo de confusão: 'A feira já deixou de ser nordestinas há muito tempo. Hoje é apenas sujeira e bebedeira" (O Globo – Zona Norte, 28 / 09 / 2000, p.3).

Como são "eventos de rua", abertos ao público, em ambas as feiras encontramos com freqüência mendigos e pedintes tentando ganhar alguma coisa.

Fomos percebendo, durante a pesquisa, que entre os atores havia um grupo que sempre estava presente em todos os eventos e que poderiam assim nos ajudar a montar um painel mais completo das feiras em relação a seus lugares e ao seu desenvolvimento. Por isso, resolvemos questionar os **comerciantes**, os **feirantes** e os **expositores** que trabalham com as mercadorias típicas de cada feira. Entendemos que estes atores sociais são os agentes promotores e organizadores das duas feiras são bons conhecedores do "*métier*" no mercado em que atuam, dos lugares onde eles trabalham e são os principais interessados em bons resultados para o comércio com a implantação dos novos projetos urbanos, que estão sendo desenvolvidos.

Perguntamos a eles se faziam parte das respectivas **associações de comerciantes e feirantes**, se eles participavam das reuniões e se sabiam sobre as decisões tomadas a respeito dos projetos de melhoramentos nos dois lugares. Verificamos que entre os entrevistados 74% dos feirantes e comerciantes da Feira de São Cristóvão participam das reuniões da Comissão de Organização e Administração da Feira. Na Rua do Lavradio, 85% deles participam da ACCRA (Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo). Assim, eles estão engajados no processo de organização e manutenção das feiras.

Estávamos querendo descobrir se a **vocação e a atração comercial** de cada lugar era um fenômeno recente ou se sua formação é mais antiga. O funcionamento da Feira Nordestina em São Cristóvão foi uma **formação espontânea** que se iniciou em 1949. Desde então, verificamos que ela vem aumentando de tamanho. A Feira recebeu **muitos comerciantes a partir do início da década de 1980** até a atualidade: 64% dos entrevistados. Isto coincide com o início do período caracterizado por crises econômicas sucessivas, que resultaram em **altas taxas de desemprego** e, por sua vez, no aumento do **comércio ambulante,** ou seja, do **trabalho informal**. Verificamos que são poucos os feirantes, nesta amostragem, que trabalham na Feira desde seu início, apenas 6%. Isto demonstra que a feira era bem menor no passado, em comparação com a atualidade. A maioria dos entrevistados iniciou o trabalho com o atual ramo de negócio desde que começou a participar desta Feira e, hoje, já tem sua freguesia certa. Mas esta atração comercial, característica dos nordestinos, só ocorreu na Feira, não no comércio local da rua.

A Rua do Lavradio também foi recebendo comerciantes de maneira espontânea, mas a partir da década de 1990 este movimento de **atração do ramo de negócio** foi mais bem percebido. Isto propiciou a criação da Feira do Rio Antigo, em meados dessa década, que com sua popularidade tem incentivado a fixação comercial na rua e a fortificação do **mercado formal de trabalho**, com a abertura de novos estabelecimentos comerciais. Isto vem se acentuando, principalmente por causa da revalorização urbana da área, através do projeto e execução da obra de melhoramentos da rua. **40%** dos comerciantes do local e mais todos os expositores entrevistados que participam da Feira montaram seu estabelecimento ou seu ponto de venda nesta rua a **menos de 10 anos**. Este fenômeno de atração comercial vem definindo a **vocação de mobiliário e de antiguidades** para a toda a rua.

4.2 A questão do valor

Como foi visto, no capítulo da Fundamentação Teórica tratamos de definir o valor e suas derivações, de acordo com o que havíamos observado nos dois lugares e nas duas feiras. Após a aplicação dos questionários descobrimos que a valorização pode se manifestar de diferentes maneiras para os atores sociais participantes da feira. Conseguimos dividir o valor em quatro grupos: valor de troca, valor de uso, valor cultural e a valorização das áreas urbanas.

4.2.1. Valor de Troca

Optamos por trabalhar com a noção de valor de troca porque, na prática, é isto o que ocorre nas feiras, que são as formas mais originais dos mercados livres, em qualquer parte do mundo. Não poderíamos prosseguir sem que tivéssemos contato com a definição deste termo desenvolvido por Karl Marx, em 1865.

Em sua abordagem original, o **valor de troca** é utilizado para expressar o "preço", ou seja, "o valor de troca expresso em dinheiro".Ele continua:

> "O valor das mercadorias é determinado pelo valor do trabalho', ou, o que vem a dar no mesmo, 'o valor do trabalho é a medida geral do valor", porque "a quantidade de trabalho socialmente necessário, materializado nas mercadorias, é o que determina o valor de troca destas". E também, "quando falamos do valor, do valor de troca de uma mercadoria, entendemos as quantidades proporcionais nas quais é trocada por todas as demais mercadorias" (Marx, 1953, p. 16 – 20).

Para nós, o que interessa, é que os lugares das feiras são antes de tudo mercados de trocas, onde circulam mercadorias, dinheiro, consumidores, comerciantes e expositores. Estes necessitam vender suas mercadorias para continuar existindo e mantendo as feiras como eventos urbanos.

Perguntamos aos comerciantes, feirantes e expositores dos dois lugares qual foi a motivação que norteou a escolha de cada um pelos ramos de atividades com o qual trabalham e por que escolheram estes lugares para desenvolvê-los. As respostas em ambos os locais estudados revelaram a predominância do fator econômico, gerador do sustento. Na **Feira de São Cristóvão 84%** das respostas continham justificativas que levavam em conta o **negócio** ligado também à continuação do **ramo familiar** e à fixação da Feira ao lugar. Na **Rua do Lavradio** o

negócio somado à herança do **ramo familiar** resultou em **65%** das respostas, mas também as características do lugar: antigo, histórico, charmoso, agradável apareceram em 30% das respostas.

Assim, enquanto que para a Feira de São Cristóvão o lugar não foi concebido como uma estratégia de mercado e sim como uma formação espontânea provocada pelo encontro de conterrâneos e pelo saudosismo da cultura natal, a **Feira do Rio Antigo** foi desenvolvida a partir da **lógica comercial ligada à estratégia de localização**. A concentração do ramo de negócio e o desenvolvimento da feira **criam a atratividade comercial do lugar**, chamando o público e melhorando a rentabilidade da atividade comercial.

Esta ligação entre lógica comercial e localização pode ser compreendida pela idéia que Castrogiovanni defende. Ele diz que "com o processo de globalização, o espaço cada vez mais se manifesta como um produto fundamental para a expansão do processo capitalista. Cada vez mais ele é visto como mercadoria" (Castrogiovanni, 2000, p.24). Assim, o lugar é parte importante do processo de estratégias que visa o sucesso do mercado e acreditamos que é este o processo que rege a Feira do Rio Antigo.

Quando perguntamos para os agentes das Feiras se eles poderiam desenvolver estas atividades em qualquer da cidade, a maioria dos comerciantes e feirantes, ou seja, **76%** dos entrevistados da Feira de **São Cristóvão** e **70%** da **Rua do Lavradio e da Feira do Rio Antigo**, responderam que **o sucesso do negócio não depende diretamente ou exclusivamente do lugar** onde possa ser desenvolvido, **mas sim das condições de mercado e da demanda** para a venda de seus produtos. Eles acreditam que a presença de público ou a experiência no ramo contribui muito para o bom resultado do negócio. Contudo, alguns citam que o atual lugar dos eventos é muito importante para o negócio, por causa da **"tradição" de estar no mesmo lugar** há muito tempo e do reconhecimento público, que cria o vínculo da identidade lugar-evento, contribuindo para a divulgação dos eventos.

Perguntamos também se eles conseguiam imaginar as feiras acontecendo em outro lugar da cidade, que não o lugar atual. Na **Feira de São Cristóvão**, **100%** dos entrevistados disseram que **não** podem imaginar isto. Para eles a feira é o lugar de encontro dos nordestinos, é o trabalho e o sustento de muitos feirantes, a freguesia já está acostumada, além disso, já tentaram tirá-la dali, mas em outro lugar provavelmente ela não se estabelece, ela "não pega". É difícil dissociar o lugar do evento, um depende do outro para continuar existindo. Verificamos também

a forte predominância da **lógica do mercado informal**, que está por trás das justificativas, pois esta feira é a maior do Rio, com quase mil feirantes e ambulantes trabalhando, todo o fim de semana. É um péssimo negócio para quem já está estabilizado na Feira, com uma freguesia certa, pensar em sair deste lugar, e ter, até, que arcar com outras despesas que atualmente não existem.

Na **Rua do Lavradio** a Feira ainda não retomou força, por causa da obra da rua. Muitos expositores também trabalham em outros lugares, e dizem até que conseguem lucrar mais. 45% deles acham que a Feira, encarada como um negócio, poderia acontecer em qualquer outro lugar da cidade. Aqueles que acreditam na **Rua do Lavradio** como sendo o **lugar ideal para o evento** somam **55%**. Para eles, a união do negócio, da associação dos comerciantes e da antiguidade do lugar formam uma **ambiência típica para o evento**, como se fosse uma "embalagem" que valoriza a mercadoria, ou seja, a própria Feira. Nesta rua não existe pertencimento ao lugar, nem tradição da feira. A Feira do Rio Antigo surge como uma complementação da **lógica do mercado de trabalho formal**, que se forma com a abertura de mais estabelecimentos comerciais na rua.

Como acabamos de ver, o atual lugar de cada feira é considerado pelos comerciantes e feirantes importante ou até fundamental para o desenvolvimento comercial de ambas. No entanto, a satisfação com a rentabilidade do comércio, nos dias das respectivas feiras, varia em cada lugar. Na Feira de São Cristóvão 36% dos entrevistados acham que a rentabilidade é boa e 56% avaliam como razoável. Na Feira do Rio Antigo, 35% dos entrevistados acham a rentabilidade razoável e 25% consideram que atualmente é péssima. Percebemos que a insatisfação é maior na Rua do Lavradio, por causa do atraso no término da obra da rua, que tem feito com que os comerciantes e expositores, desiludidos com o sucesso futuro da feira, arquem com os prejuízos do seu comércio. Por outro lado, é difícil imaginar como uma feira visitada por 60 mil pessoas por semana, pode dar prejuízo aos feirantes. Mas a dona de um dos restaurantes da Feira de São Cristóvão nos contou que nestes últimos vinte anos a freqüência de visitantes aumentou seis vezes, em relação ao que era antes, mas o rendimento caiu, porque o poder aquisitivo da população também vem caindo. Ela citou um exemplo: às vezes chega uma família com seis pessoas e pedem só dois pratos de comida, para ser dividido por todos, e cada prato custa R$ 5,00.

Ouvimos nossos entrevistados citarem a importância da melhoria dos dois lugares para a atração de turistas para ambas as feiras, pois eles reconhecem que esta categoria de visitantes vem crescendo e que eles gostam de consumir aquilo que é original ou que é novidade para eles,

principalmente aquilo que denota a especificidade da cultura local. Estamos falando de uma modalidade de turismo sempre em crescimento em todos os lugares: o **turismo urbano**.

Para Susana Gastal, professora de turismo, "os **turistas modernos** percorrem as cidades em busca de um turismo muito especial, a **cultura**, levando os teóricos a descrever esse novo momento do turismo a partir de um binômio que coloca, lado a lado, **cultura e cidade**. Ganham relevância as diferentes formas de turismo cultural" (Gastal, in Castrogiovanni, 2000, p.33). Esta pode ser uma das razões que faz com que os comerciantes e feirantes queiram que seus lugares de trabalho sejam "embelezados", porque é isto que, para eles, promoverá um maior dinamismo no comércio e chamará mais visitantes e turistas, que possam consumir as mercadorias das Feiras.

Uma proposta de uso bem elaborada para cada lugar deveria levar em conta uma programação regular de acontecimentos e shows, num lugar limpo e seguro que possa atrair os visitantes, entre eles o turista. Segundo Castrogiovanni:

> "O **turismo urbano** permite rentabilizar social e economicamente investimentos, pois cada cidade é singular, oferece um espetáculo diferenciado, centraliza uma série de possibilidades que criam um grande poder de sedução. O uso da cidade como espaço de integração de produtos responde ao crescente interesse pelas questões culturais e patrimoniais, como também por práticas de usos diferenciados dos setores espaciais".(*Ibid*., 2000, p.8).

É pensando em lugares da cidade como pontos de rentabilidade social e econômica que a administração municipal tem investido em projetos de reurbanização, principalmente nas áreas mais antigas da cidade. Os locais das duas feiras populares podem receber melhorias urbanas, que serão pagas, por tributações pelos próprios comerciantes, com os financiamentos para compra de barracas, no Pavilhão de São Cristóvão. Esta é uma das maneiras de formalizar o mercado comercial.

Castrogiovanni resume o que estamos presenciando tanto no Campo de São Cristóvão quanto na Rua do Lavradio, com a ação conjunta de comerciantes e de feirantes para conseguir a requalifição e a reabilitação destas áreas urbanas: "O espaço capitalista é um mundo de interesses que nem sempre representa a maioria. Ele é dinâmico e respeita o próprio movimento do capital. (...) O valor de consumo do território inserido no espaço atende às tendências do mercado e nem sempre às necessidades sociais". (*Ibid*., 2000, p.24).

4.2.2. Valor de Uso

De acordo com a definição já vista, o valor de uso é "a capacidade ou a propriedade (...) de satisfazer as necessidades de um consumidor" (Dicionário Aurélio - Séc. XXI, 2001 e Enciclopédia Larousse Cultural, 1998, vol. 24, p. 5871). Portanto, para estimarmos o valor de uso devemos observar o visitante. A presença destes atores nestas duas feiras, participando das atrações, passeando, comprando ou se divertindo é o que torna os lugares mais "vivos" e animados.

A Feira de São Cristóvão e a Feira do Rio Antigo, como já vimos no capítulo 3, são eventos que possuem entretenimentos que motivam a **atração social**, ou seja, possuem programações e produtos típicos que atraem visitantes. Na **Feira Nordestina** encontramos comida, música (forró), dança, gêneros alimentícios e vestuário típicos do Nordeste. É como se fosse uma grande "festa popular" acontecendo durante todo o fim de semana. Na **Feira de antiguidades** a maior parte dos visitantes concentra-se próxima ao palco, onde há apresentação de bandas de música, de dança e a maioria das exposições de móveis e antiguidades. Estas atrações trazem o público para as feiras e os lugares ganham alegria e vida constituindo assim um fenômeno de **animação urbana**.

Esta animação urbana também pode ser entendida de acordo com a explicação de Castrogiovanni. Segundo ele, "os fluxos", instâncias móveis da cidade, "dão vida aos fixos", que são os lugares das cidades. "Os turistas fazem parte dos fluxos. Eles não são meros observadores deste espetáculo de interações, mas parte dele. Os fluxos também interagem, formam resistências, aceleram mudanças, criam expectativas, desconstroem o aparentemente rígido cenário urbano" (Castrogiovanni, 2000, p.24).

A **programação** normal da Feira de São Cristóvão e da Feira do Rio Antigo costuma não ser divulgada regularmente pela imprensa. Mas quando há um show de música especial, com algum intérprete ou banda conhecida, os eventos são anunciados em jornais e até em rádios da cidade. Geralmente apresentam-se shows relacionados ao tema ou ao público freqüentador de cada feira:

> "Feira de Antiguidades da Rua do Lavradio: Sempre no primeiro sábado de cada mês, das 10 às 17 h (50 expositores). A edição de amanhã terá exposições do Museu do Telephone e da Casa Cuba Brasil, apresentação do coral da UERJ (às 12 h), show

> de dança (às 11 h), teatro (às 13 h) e grupo de contadores de história (às 10h 30m)" (O Globo – Rio Show, 01 / 08 / 1997, p. 19).

De qualquer modo, as respectivas associações que organizam as duas feiras planejam fazer uma programação de shows e peças de teatro com maior regularidade quando os lugares estiverem totalmente reurbanizados. Segundo Ayrton Xeres, secretário municipal de desenvolvimento econômico, em relação à Feira de São Cristóvão:

> "Haverá programação anual de eventos – como apresentação de cantores de renome -, com a finalidade de firmar a feira como ponto turístico obrigatório" (Jornal do Brasil – Cidade, 16 / 02 / 2001).

Vemos, então que como ambos os eventos acontecem em fins de semana, podemos dizer que eles complementam a programação de lazer popular da cidade. (Ver Fig. 4.1 e 4.2)

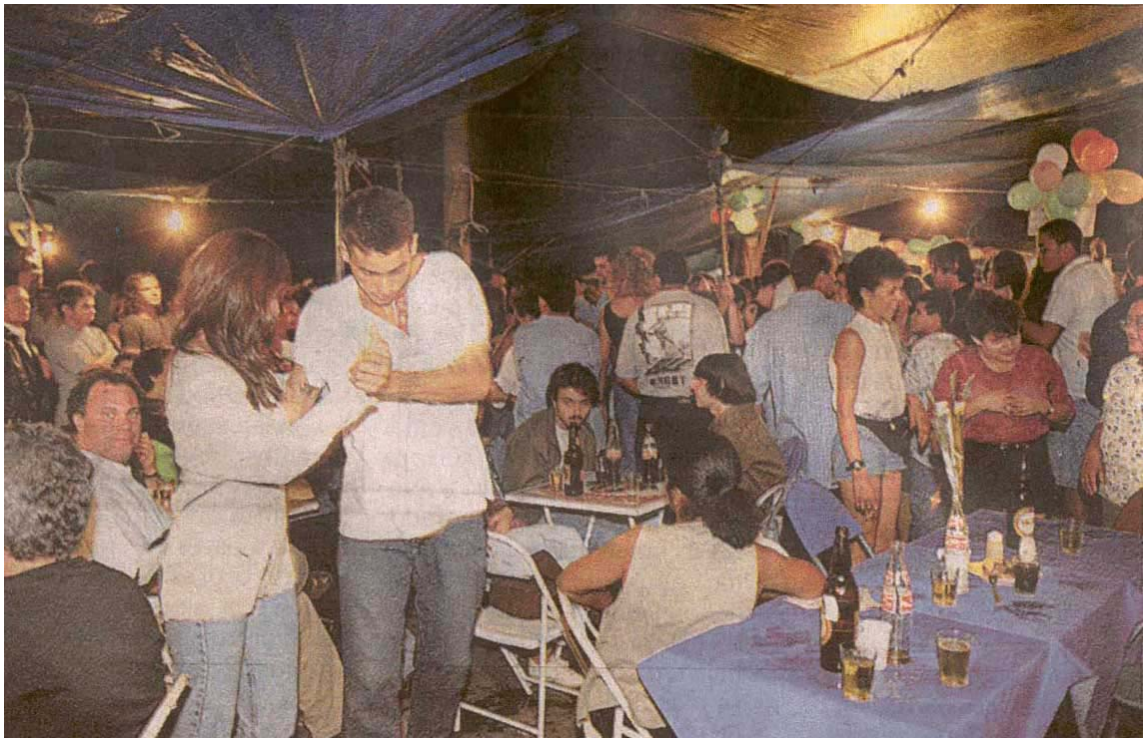


Fig.4.1: Feira de São Cristóvão – Jantar dançante
Fonte: – O Globo – Zona Norte, 28 / 09 / 2000.



Fig.4.2: Feira do Rio Antigo – Show de dança e música no calçadão do CIEP

Fonte: Maria Fernanda Marques, 09 / 2001.

Uma parte dos visitantes que freqüenta estas Feiras procura uma maneira "... de usar o tempo de viver" (Dumazedier, 1994, p.51), de realizar uma "atividade que possa ser praticada nesse tempo [livre, de descanso, ócio, folga]; um divertimento, um entretenimento, uma distração, o recreio" (Dicionário Aurélio - Séc. XXI, 2001). O **lazer** "é a aspiração ao direito de viver por viver, em interdependência com as normas legítimas do dever ser que a produção das coisas e a sociedade dos homens impõem. Ele é um modo de expressão mais completo de si, pelo corpo, sentidos, sentimentos, imaginação, espírito: é o tempo no qual explodimos" (*id*.).

Durante esse período de lazer, tanto na Feira do Rio Antigo, como na Feira de São Cristóvão, as pessoas se soltam, parecem esquecer o que são, o que fazem cotidianamente, para viver um momento à parte, que é fundamental para que possamos nos sentir "de bem com a vida". Nesses momentos, encontramos os visitantes das duas feiras cantando com as bandas de música, dançando e brincando.

Eles estão vivenciando o **tempo social ipsativo**, ou seja, um momento que:

> "Cria para a maioria da população as condições de uma liberação pessoal mais profunda de sensações, de sentimentos, de desejos, de sonhos antigamente reprimidos, repelidos e, ao mesmo tempo, de uma identificação social mais espontânea, mais renovada, mais passional, a grupos de iguais, de torcedores ou fãs; sob formas cotidianas de participação como espectador ou amador" (Dumazedier, 1994, p.50).

Verificamos então que o valor de uso das feiras é dado pelo público que as freqüenta, por seus visitantes, que fazem com que estes eventos se tornem lugares de atração social na cidade.

4.2.3. Valor Cultural

Ao falarmos do valor cultural dos eventos estaremos trabalhando com uma série de conceitos que já foram apresentados no capítulo 1, sobre a Fundamentação Teórica. Verificaremos como a cultura está presente na Feira de São Cristóvão e na Feira do Rio Antigo. Falaremos sobre a identidade cultural, apresentando sua associação aos conceitos de "tradição", "tradução" e "invenção da tradição", que serão apresentados e aplicados às duas feiras. Verificaremos também de que maneira encontramos os sentimentos de afetividade, de pertencimento e quais são as contribuições das feiras para a constituição do patrimônio cultural da cidade.

A definição de cultura é muito complexa, portanto vamos desenvolver agora apenas a parte que nos interessa para a qualificação dos lugares e dos eventos estudados. Interessa-nos tratar da cultura como "um fenômeno histórico, que se desenvolve em dependência da substituição das formações sócio-econômicas" (Frolov, 1984 apud Silva, 1994, 80). Particularmente, nosso assunto abrange os "componentes concretos da cultura, [ou seja,] a intervenção no ambiente e o aparato material criado pelo gênero humano" (Silva, 1994, 81).

Verificamos, de acordo com a dinâmica histórica, no Capítulo 2, uma sucessão de diferentes usos e intervenções, em ambos os lugares estudados. Estas mudanças foram registradas pela história e deixaram marcas impressas no tipo de traçado, de construções e de usos do solo urbano. De acordo com Elvan Silva, "uma característica óbvia do processo de interação do homem com seu meio é a alteração material do ambiente provocada por esse processo. (...) É por isso que podemos afirmar que **toda cultura produz um tipo de modificação humana sobre o ambiente**; 'cultura é a parte do ambiente feita pelo homem' (Herskovits, 1963, *apud* Silva, 1994, p.81)".

Seguindo o raciocínio, "essa alteração do ambiente tem o propósito de tornar viável ou mais confortável a sobrevivência da coletividade que a promove" (Silva, 1994, 83). Acreditamos que todas as intervenções realizadas no Campo de São Cristóvão e na Rua do Lavradio tenham contribuído para a melhoria de vida da população que os utilizava. Atualmente, esperamos que as intervenções urbanas que estão sendo realizadas nestes lugares, imprimindo suas marcas na cidade, possam também contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

De outro modo, estas colocações nos fazem refletir sobre a gradativa ocupação do Campo de São Cristóvão pelos nordestinos que ali chegaram, há 56 anos. Sem se importar com as

características físicas ou históricas do Campo, eles foram tratando de adaptar seus costumes ao novo ambiente e acabaram por transformar um pedaço do espaço urbano carioca, o Campo de São Cristóvão, em um lugar tipicamente nordestino, durante os finais de semana.

Há pouco mais de dois séculos, a Rua do Lavradio foi aberta e ocupada por sobrados e palacetes que compuseram a história da rua, mostrando o apogeu daquele lugar durante mais de um século. Após um longo período de decadência, abandono e empobrecimento econômico, durante o século XX, a rua iniciou uma campanha de reconstituição de sua história antiga, fortificada por um projeto de requalificação urbana.

Percebemos nestas breves descrições que a transformação dos lugares é uma atitude de expressão cultural, que visa o bem estar de uma comunidade. Esta atitude é carregada de **valores culturais**[15]. A entrevista feita com os comerciantes, os feirantes e os expositores demonstrou que estes atores têm suas próprias opiniões a respeito daquilo que eles consideram como valores culturais dos eventos que eles organizam e dos lugares onde eles trabalham.

Achávamos que a valorização cultural era um atributo encontrado somente nos eventos, mas as respostas dos questionários nos revelaram que estes atributos também são encontrados no lugar. Enquanto que para os feirantes de São Cristóvão as representações de valores culturais dizem respeito às características próprias da Feira Nordestina, para a maioria dos comerciantes e expositores da Rua do Lavradio os valores culturais estão presentes nas características do lugar onde a feira se realiza.

Entre os valores culturais citados pelos representantes da Feira de São Cristóvão encontram-se a divulgação e a preservação das raízes e tradições nordestinas, como a comida, a música e os produtos típicos, as lembranças históricas que remetem ao lugar de encontro dos nordestinos e à animação do evento. Entre os comerciantes e expositores da Rua do Lavradio os valores culturais mais citados referem-se à história, à memória do lugar e à sua arquitetura antiga.

Curiosamente, os valores citados na entrevista determinam as características que reforçam a **identidade cultural** de cada lugar e de cada evento, marcadas por "um sistema de representação (...) das relações entre os indivíduos e seus lugares. A identidade será reconhecida quanto mais uma característica se perpetue através do tempo".[16]

---

[15] Valores culturais: definição de Teixeira Coelho, na página 11.
[16] Identidade Cultural: A definição de Teixeira Coelho está na página 13.

Um passeio pela Feira de São Cristóvão nos mostra que a quantidade de restaurantes típicos supera todas as outras modalidades de comércio lá encontrado. A maioria dos pratos servidos reproduz a culinária praticada no sertão nordestino, lugar de onde veio a maioria dos nordestinos, fugindo da seca e da miséria. Marcelo Azambuja, professor de Turismo, fez uma citação em texto sobre gastronomia como produto turístico, que pode ser utilizada como uma observação antropológica a este respeito:

> "Antoine Brillat-Savarin, em sua obra 'A fisiologia do gosto' de 1826, escreveu: *Diz-me o que comes e te direi quem és*. Por meio do consumo de alimentos pode se demonstrar o 'status' de um indivíduo, segundo diversos critérios: sexo, idade, condição social e econômica, religião etc. O antropólogo Claude Lévi-Strauss sugere que esse consumo é uma contrapartida à maioria das manifestações sociais e **traduz**, talvez inconscientemente, **a estrutura das sociedades**" (Azambuja, *in* Castrogiovanni, 2000, p.72).

Realmente, a culinária típica de um lugar é a expressão da cultura das pessoas que vivem nesse lugar, ou seja, do modo de vida, da maneira encontrada na natureza para a satisfação das necessidades vitais. Ela se torna também uma característica da identidade de culturas.

Para entendermos melhor o que isso significa, Laraia nos mostra que *"*indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de vestir, caminhar, comer, sem mencionar evidência das diferenças lingüísticas, o fato de mais imediata observação empírica". Estes traços "são produtos de uma herança cultural", que também integram "o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais" (Laraia, 1986 – 2000, 14ª. Ed., p.68).

Quando circulamos pela Feira de São Cristóvão percebemos que ela se constitui num evento tão característico da cultura nordestina, que temos a sensação de não estarmos no Rio de Janeiro, mas sim, em algum lugar do Nordeste. Parece uma grande "viagem" cujo destino encontra-se em um bairro dentro da cidade do Rio. Encontramos mudanças no sotaque, nas comidas, nas músicas, no barulho ensurdecedor, nas mercadorias penduradas à exposição, na arrumação das barracas e na atitude receptiva, solícita e alegre das pessoas. Tudo isso revela a reprodução de um espaço existente, mesmo longe do território de origem.

Caminhando pela Feira do Rio Antigo, vemos muitos casarios antigos que datam provavelmente do final do séc. XIX e início do XX e alguns deles estão sendo restaurados. Olhando para a paisagem temos a sensação de estar num lugar do passado, que o tempo e o desenvolvimento da cidade esqueceram de mudar. Atualmente, este lugar está buscando trazer à tona um ambiente, um certo ar de espaço urbano dos tempos passados, como forma de valorizar sua história e sua originalidade.

Como vimos, o reconhecimento público da **identidade cultural** de cada um dos eventos é um fator determinante para a constatação da valorização cultural dos mesmos. Assim, a identidade cultural é um dos princípios que deve reger a política cultural, segundo a Declaração do México, na Conferência Mundial sobre as políticas culturais (1985):

> "1- Cada cultura representa um conjunto de valores único e insubstituível, já que as tradições e as formas de expressão de cada povo constituem sua maneira mais acabada de estar presente no mundo".
> "2- A afirmação da identidade cultural contribui, portanto, para a liberação dos povos; ao contrário qualquer forma de dominação nega ou deteriora essa identidade".
> "3 – A identidade cultural é uma riqueza que dinamiza as possibilidades da realização da espécie humana, ao mobilizar cada povo e cada grupo a nutrir-se de seu passado e a colher as contribuições externas compatíveis com a sua especificidade e continuar, assim, o processo de sua própria criação" (Cury, 2000, 2ª. Ed. p. 272).

Entretanto, devemos ter um olhar prudente e mais crítico em relação à utilização de termos que procuram expressar esta identidade, tanto para os eventos, quanto para os lugares. Segundo Stuart Hall, "algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de '**Tradição'**, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. (...) É improvável que elas sejam outra vez unitárias ou 'puras'; e essas [identidades] (...) gravitam ao redor daquilo que Robins (...) chama de '**Tradução'**" *(*S. Hall, 1998, p. 87).

De acordo com Hall, o conceito de **Tradução** "descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as

novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas" (S. Hall, 1998, p. 88).

Muito bem, o que acabamos de ler nos parece uma descrição conceitual daquilo que aconteceu durante a formação da Feira de São Cristóvão. Perguntarmos aos feirantes se esta feira poderia acontecer em qualquer outro lugar da cidade, todos eles, ou seja, 100% dos entrevistados disseram que ela não poderia sair dali. Entre estes, 56% justificaram que "a Feira de São Cristóvão já é uma **tradição** naquele lugar", que se formou com a história, o costume do encontro, do acolhimento do nordestino fora do Nordeste, que sempre acontecem ali e que, por tudo isso, eles acreditam que em outro lugar a Feira não "pega".

Realmente tudo leva a crer que eles têm razão sobre a ligação existente entre o lugar e o evento. Mas o que gostaríamos de colocar é que o termo "tradição" é utilizado genericamente, sem qualquer questionamento sobre a sua conceituação e aplicação. O que propomos aqui é o reconhecimento do conceito de "**tradução**", um termo que pode nos ajudar a entender melhor o fenômeno que caracteriza esta feira, por sua origem cultural, que é um evento único e não se cristalizou no tempo.

Por outro lado, ao analisarmos a Feira do Rio Antigo percebemos o empenho de seus promotores: os comerciantes e os expositores em recriar o cenário histórico para que a feira "pegue" neste local. Eles também dizem que o local já é reconhecido como ponto de venda de móveis antigos há muito tempo. Contudo, descobrimos que a maioria dos comerciantes que trabalha atualmente na rua já estava neste ramo de negócio em outro local, antes de se estabelecer neste: 30% estão trabalhando na rua entre 10 a 20 anos e 25% entre 21 a 30 anos. Neste último período, apenas 15% dos entrevistados já trabalham na rua, 10% se estabeleceram a menos de 15 anos e 40% dos comerciantes montaram seu estabelecimento no local há menos de 10 anos, juntamente com os 35% de expositores entrevistados.

Assim, acreditamos que a Feira do Rio Antigo, que existe há seis anos, abriu a possibilidade de um aumento significativo no número de estabelecimentos deste ramo comercial na Rua do Lavradio. Isto vem se acentuando, principalmente por causa da revalorização urbana, que poderá ser ainda maior, após o término da obra de melhoramentos da rua. Portanto, parece-nos mais claro que tanto a Feira quanto a reurbanização da rua estão provocando o fenômeno de

atração comercial, que por sua vez, vem definindo a **vocação do lugar**: venda de mobiliário e de antiguidades.

Por isso, mais uma vez temos que ter cautela ao mencionar a tradição comercial de antiquários da Rua do Lavradio. Devemos verificar até que ponto uma tradição realmente existe num lugar e até que ponto ela não passa de uma "**invenção da tradição**", ou seja "tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recentes e algumas vezes inventadas...Tradição inventada significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente implica continuidade com um passado histórico adequado" (Hobsbawn e Ranger, 1983; *apud* S. Hall, 1998, p.54).

O que pretendemos salientar com esta exposição é que a Rua do Lavradio faz parte do Centro Antigo do Rio, possui uma história que revela seu passado ligado à aristocracia, à dramaturgia e à cultura e ainda hoje preserva a ambiência antiga do lugar. São atributos suficientes para estruturar a Feira do Rio Antigo e o comércio especializado da rua.

A Feira de São Cristóvão e a Feira do Rio Antigo não surgiram por empenho de um programa oficial de incentivo à cultura da cidade, por exemplo. A primeira é uma manifestação totalmente popular que teve a intenção de suprir a falta e a saudade dos costumes nordestinos ligados à terra natal. A segunda é o produto de um trabalho coletivo organizado pelos comerciantes do local, que descobriram o valor cultural do lugar em sua história e sua arquitetura.

Ambos os eventos vem atraindo visitantes e turistas que querem conhecer as manifestações culturais regionais e as características urbanas da cidade antiga. Acreditamos, assim, que existe uma contribuição enriquecedora de divulgação cultural. Estes eventos até o momento não contam com uma padronização de exposição ao público, como encontramos em outros eventos ou até na exposição da RAC - Rede de Agentes Culturais (Ver Fig. 3.33). Este jeito "improvisado" das feiras torna-as diferentes e próprias de seus lugares. É agradável passear pela Rua do Lavradio e ver a arrumação da exposição pela calçada, sem que haja obstáculos visuais, que impeçam a observação da arquitetura antiga que envolve o lugar.

Reconhecemos que:

> "A **cultura tradicional e popular** é o conjunto de **criações** que emanam **de uma comunidade cultural fundadas na tradição**, expressas por um grupo

> ou por indivíduos e que reconhecidamente **respondem às expectativas da comunidade** enquanto **expressão de sua identidade cultural e social**; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou por outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a **música**, a **dança**, os jogos, a mitologia, os rituais, os **costumes**, o artesanato, a **arquitetura** e outras artes" (Cury, 2000, 2ª. Ed., p. 294-295).

Desta forma conseguimos também enquadrar as Feiras como exemplares urbanos de cultura tradicional e popular.

A expressão popular está presente no trabalho contínuo realizado por estes grupos sociais que promovem a existência destas duas Feiras, que como já comentamos, "respondem a necessidades concretas dos grupos que as produzem e delas se alimentam em sua luta pela sobrevivência" (Teixeira Coelho, 1999, 2ª ed., pp.120). De acordo com nossa pesquisa de campo, 80% dos entrevistados da Feira de São Cristóvão, entre comerciantes e feirantes, comercializam produtos tipicamente nordestinos e 90% dos entrevistados da Feira do Rio Antigo, entre comerciantes e expositores, comercializam antiguidades e/ou mobiliário antigo. Constatamos, então, a existência da predominância da venda dos gêneros temáticos de cada evento, atualmente.

Muito bem, mas uma de nossas preocupações e também a dos comerciantes e feirantes é saber se após a implantação dos respectivos projetos urbanos, as feiras continuarão a suprir as necessidades dos seus agentes, ou seja, se esta visão "**multiculturalista**" da **cultura popular**, citada acima continuará em ambos os eventos. Por enquanto, só poderemos investigar a opinião dos próprios comerciantes, feirantes e expositores sobre a implantação dos projetos que estão se desenvolvendo e saberemos o que eles pensam quando falarmos sobre a valorização das áreas urbanas.

Perguntamos para os agentes dos eventos por que eles continuavam trabalhando nos seus respectivos lugares e feiras. Apesar de muitas respostas estarem relacionadas às razões econômicas do negócio, surpreendeu-nos a porcentagem daquelas que mencionavam o sentimento de **afetividade**, ou seja, do gosto pelo lugar, pela feira, de estar trabalhando, se divertindo e se sentido bem com sua ocupação. Entre os feirantes e comerciantes de São Cristóvão, obtivemos um resultado de 32% e na Rua do Lavradio e em sua Feira foram 25% das respostas com este conteúdo.

No final do questionário perguntamos qual o sentimento mais profundo que o lugar e a feira despertavam neles, os agentes dos eventos. Para nossa grande surpresa a presença de alguns sentimentos ligados à **afetividade** dos lugares superou a maioria das respostas: foram 56% das respostas em São Cristóvão e 54,5% na Rua do Lavradio. Estas taxas não deixam dúvidas de que quem trabalha nestes lugares o faz com alegria e satisfação.

O sentimento de afetividade está relacionado ao sentimento de **pertencimento** que os comerciantes, feirantes e expositores possuem em relação aos lugares onde trabalham. Isto é mais perceptível em relação ao Campo de São Cristóvão, porque o pertencimento está muito ligado à relação de identidade existente entre as pessoas e o lugar. Muitos dos nordestinos referem-se ao Campo como sendo "um pedaço da nossa 'terra', sinto-me em casa"; ou então, "é um cantinho do Nordeste para relembrar" e "amor ao Campo de São Cristóvão, por ter sido o primeiro lugar de chegada do nordestino ao Rio". É ali que eles se encontram, saciam a vontade de ver e de sentir um pouco das coisas de sua terra e perpetuam a cultura para seus descendentes. [17]

Procuramos mostrar até aqui a existência de valores de troca, de uso e cultural em cada um dos eventos estudados. Diante desta exposição dos elementos constitutivos de ambas as feiras, que procuram qualificá-las como eventos culturais, nossa vontade seria promovê-las a **patrimônios culturais populares da cidade**, com a defesa de seu funcionamento em seus respectivos lugares.

É importante preservar as manifestações populares, pois é o uso dos lugares que mantém a cidade "viva". Compartilhamos da idéia de Carlos Nelson Santos, que desenvolveu estudos sobre áreas ao redor do Centro da cidade, que passavam por um período de decadência econômica, de fuga social, de perda de identidade e de descaracterização de lugar. Tais características nos fazem lembrar a Rua do Lavradio, antes da feira e da obra. Carlos Nelson é a favor da manutenção do "Centro vivo", com a execução de **obras de renovação** que levem em conta a cultura local e os anseios da população.

Nosso objetivo ao apresentar este painel de conceitos que complementa a noção do valor cultural das Feiras, era mostrar que quase todos os atores sociais encontrados nos eventos estão envolvidos no processo de valorização cultural, tanto dos lugares quanto das Feiras.

[17] Sentimento pelo lugar: resposta da 18ª pergunta do questionário, ver no Capítulo 8: Anexos.

4.2.4. A Valorização das áreas urbanas

O último tipo de valorização a ser tratado é o das áreas urbanas do Campo de São Cristóvão e da Rua do Lavradio, que só poderá ser realmente constatada a partir da conclusão da implantação dos novos projetos que ainda estão em andamento, verificaremos a proposta de ambos os projetos, mas antes de apresentá-los mostraremos o que os comerciantes, os feirantes e os expositores pensam a respeito deles.

Perguntamos para eles se achavam que os projetos de reurbanização melhorariam sua atividade comercial. Entre os entrevistados da **Feira de São Cristóvão 46%** acreditam que a **Feira no pavilhão vai ser melhor**: com mais **limpeza**, **organização**, **segurança**, as **barracas serão fixas**, vai poder **trabalhar mais dias** da semana, chamará **mais clientela** para o evento e resultará numa **rentabilidade maior** para o feirante. **18% não sabem** se a Feira vai melhorar o negócio, acham que só dará para falar depois, mas querem acreditar que sim, pois também citam: a higiene, o controle do evento e a atração do turista. Contudo, eles **não sabem se a tradição cultural nordestina permanecerá lá no pavilhão**. **6% duvidam que dê certo**, por causa dos pagamentos e do aumento das despesas das barracas. **24% não concordam com a mudança da feira para o Pavilhão**. Eles acham que o nordestino não se acostuma em um lugar fechado, que a **nova feira vai arruinar muitos feirantes** que não têm condições de ir para dentro e, com isso, vai espantar a freguesia tradicional, composta por pessoas das camadas sociais mais baixas, e que também vão à Feira para passear e se divertir no fim de semana. Os sem opinião ou indiferentes (comerciante local) somam **6%**.

Na **Feira do Rio Antigo**, **90%** dos entrevistados **acreditam** que o projeto vai trazer melhorias comerciais, também. A rua vai ficar **mais bonita** e mais **limpa**, sem os pontos de ônibus, ou seja, um lugar melhor para que possa **atrair** mais **clientela**. Esperam que o problema das enchentes seja resolvido. Mas, 10% acham que não: o projeto não melhorará tanto as vendas e para alguns o trecho de calçadão, no primeiro quarteirão, pode ficar isolado do resto da rua, pela ausência dos carros, durante a semana.[18]

Percebemos então que a reforma urbana está sendo mais aceita entre os comerciantes da **Rua do Lavradio** do que nos da Feira de São Cristóvão. Naquele lugar existe mais esperança em um **futuro comercial mais promissor** que o momento atual. Opiniões contrárias existem, porque existem comerciantes e feirantes que vivenciam realidades de trabalho diferentes daqueles que

[18] Pergunta no. 9 do questionário, ver no Capítulo 8: Anexos.

acreditam nos projetos. Muitos feirantes de **São Cristóvão** trabalham como ambulantes, na informalidade do mercado, e vão ter que **arcar com despesas** que independem do lucro do negócio e que até o atual momento eles não têm. "Segundo Sirkis, secretário municipal de urbanismo, eles terão que pagar uma pequena taxa para receber uma das lojas: os comerciantes passarão do comércio informal para o formal e haverá qualificação" (Jornal do Brasil – Cidade, 27 / 12 / 2000). Na Rua do Lavradio, espera-se que o projeto urbano melhore a situação econômica do mercado formal existente, com a fortificação da concentração comercial de móveis e antiguidades.

Decidimos saber em que os comerciantes e feirantes pensavam quando diziam acreditar no sucesso comercial com a implantação dos projetos. Em **São Cristóvão**, **68%** dos entrevistados consideram como melhorias as **características do novo lugar** como a principal mudança para uma feira melhor. O item segurança foi citado 18 vezes, seguido por higiene e limpeza, apontados 15 vezes; barracas fixas, 12 vezes; a organização, 10 vezes e a padronização, 5 vezes, entre as respostas. **14%** dos entrevistados citaram alguns itens relacionados à **melhoria dos negócios**: trabalhar durante a semana, dividir melhor os custos, tabelamento de preços e financiamento para entrar no pavilhão. 8% referiram-se à **legalização** do trabalho e à **atração turística** do evento, importante para os negócios e para a divulgação da cultura nordestina. O restante, 18% entre os entrevistados, não tinha opinião ou colocaram-se contra a mudança da feira para o Pavilhão.

A mesma pergunta foi feita na **Rua do Lavradio**, mas focalizando a obra da rua. **65%** dos entrevistados esperam que a obra da rua **resolva** todos os **problemas de saneamento** (água, esgoto, luz), para evitar enchentes e acreditam que a **melhoria do aspecto da rua** e o **embelezamento** do lugar consigam atrair mais **freqüentadores** e **turistas** para o mesmo. **10%** acreditam na **melhoria** de seus **negócios**. **5%** acham que esta obra favorecerá a **preservação da história** da rua e **10% não tem opinião** e respeito dos resultados da obra.[19]

Com isto, vimos que em ambos os locais a maior preocupação dos feirantes e comerciantes é a melhor apresentação dos lugares. Eles concordam que um lugar mais agradável pode ajudar a divulgar melhor cada um dos eventos, atrair mais clientes e turistas consumidores e conseguir o retorno financeiro de todo este investimento.

[19] Pergunta nº 10 do questionário, ver no Capítulo 8: Anexos.

> "Os feirantes acham o projeto ideal e fazem planos para ampliar os negócios. 'Vamos ter convênio com agências de turismo e hotéis. E poderemos funcionar de terça a domingo', comemora Agamenon Almeida, presidente da Feira de São Cristóvão. Segundo ele, além da tradição o comércio nordestino tem outros bons motivos para ser preservado: a feira emprega nove mil pessoas e outras 60 mil circulam pelo Campo a cada fim de semana. 'Queremos banheiro, esgoto, luz e até rádio local', afirma".
>
> "Dona Josefa Artur dos Santos, 60 anos de idade e 20 de feira, apóia a idéia, mesmo sabendo que deverá desembolsar uma quantia ainda não definida para conseguir uma loja. 'Vai ficar mais organizado e limpo. Não vamos mais pegar chuva nem ficar exposto e sem segurança na madrugada' opinou a paraibana que vende comida na Barraca dos Zacarias, uma das mais antigas da feira" (Jornal do Brasil – Cidade, 27 / 12 / 2000).

Entretanto, por melhores que sejam, o projeto e a obra sempre têm algo que descontenta os comerciantes, feirantes e expositores. E nós quisemos saber o que eles consideravam ruim. Em **São Cristóvão**, 68% dos entrevistados tinham alguma opinião ruim a respeito do projeto, 22% acham que não há nada de ruim no projeto e estão satisfeitos em ir para dentro do pavilhão e 10% não tinham opinião formada. Entre os **68%** dos entrevistados, **36%** acham que é ruim ter que pagar mais para desfrutar da feira dentro do pavilhão: o **pagamento da entrada** e o aumento de **despesas** para o feirante são os principais itens; **14%** reclamam de **feira ser fechada**: "o confinamento vai contra o costume do nordestino que é de estar sempre se movimentando ao ar livre" (idéia expressada por vários entrevistados); **10%** reclamam da **redução do espaço no pavilhão**, para a organização da nova feira; **6% temem pelo negócio**: acham que muita gente vai perder o emprego e o funcionamento durante a semana pode diminuir o movimento de gente na feira e **2%** temem a **perda da originalidade** e do "espírito nordestino" da feira.

Entre os entrevistados da **Rua do Lavradio** e da **Feira do Rio Antigo**, **60%** reclamaram do **atraso da obra**, que resultou em prejuízos para o comércio local e para a feira. **20%** reclamaram da **má qualidade da obra**, do cansativo "faz-e-refaz" e da grande quantidade de poeira, nas lojas e nas mercadorias em exposição. **15%** disseram que as **enchentes continuam,** mesmo nos trechos prontos da rua. **5%** reclamaram da falta de um **espaço demarcado** para os expositores, no próprio projeto.[20]

[20] Pergunta no. 11 do questionário, ver no Capítulo 8: Anexos.

Como percebemos, em ambos os lugares, são em comuns **preocupações com o sucesso do negócio**. Na Feira de São Cristóvão os feirantes reclamaram da cobrança de taxa de entrada no pavilhão do aumento das despesas em geral, entre elas a do financiamento das novas barracas, para os feirantes cadastrados. Já na Rua do Lavradio, os comerciantes e expositores sofrem há mais de 2 anos os prejuízos de uma obra muito atrasada. "As obras, a cargo da Riourbe, começam em agosto [de1999] e tem prazo de 10 meses para terminar" (Jornal do Brasil – Cidade, 06 / 06 / 1998, p. 18). Eles não têm muitas observações favoráveis a respeito do futuro, porque a obra ainda não se concretizou.

5. PROJETOS DE REURBANIZAÇÃO

5.1. Pavilhão de Exposições

Durante sua existência, a Feira de São Cristóvão sofreu várias pressões de políticos e de moradores do bairro intencionados em tirá-la do Campo. Para que não fosse mais o alvo de tais pressões, a Prefeitura do Rio resolveu coordenar o projeto de melhorias urbanas no Campo de São Cristóvão, negociando também com a Associação dos Feirantes, a transferência da Feira dos Nordestinos para o antigo e desativado Pavilhão de exposições, também situado no mesmo Campo.

O pavilhão projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes e construído em 1957, para a Exposição Internacional de Indústria e Comércio do Rio de Janeiro (ver Fig. 5.1). Possui uma área de 30 mil metros quadrados. E, atualmente, a edificação é tombada pelo Patrimônio Histórico.

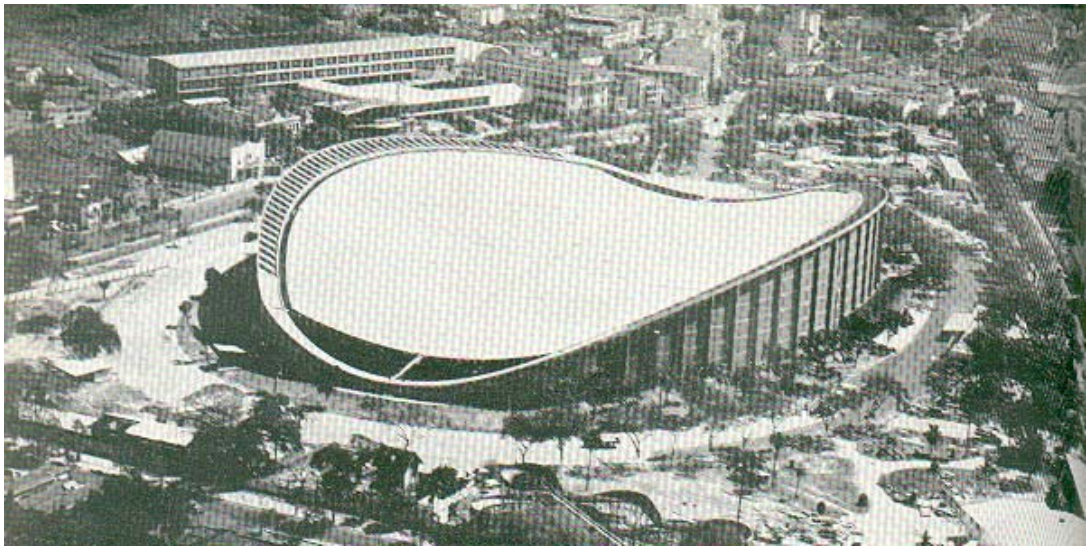


Fig.5.1: Pavilhão de Exposições de São Cristóvão - Vista Aérea

Fonte: Revista Acrópole no. 265, p. 18.

Após a queda de sua cobertura, na década de 1970 e seu posterior desativamento, na década de 80, alguns projetos foram cogitados, para a reutilização da estrutura existente e ociosa visando também estimular a decadente economia do bairro.

- Terminal rodoviário interestadual, com hotéis, edifício-garagem, complexo de lojas, cinemas e teatro, para reativar a economia do bairro, criando milhares de empregos.

- Grande hotel, cinco estrelas, que se ligaria com a Linha Vermelha, projeto de Sérgio Bernardes.
- Arena esportiva, um projeto recente, da administração municipal de Luis Paulo Conde.

Um dos problemas que surgiam para a implantação de quaisquer projetos para o pavilhão era a presença da Feira dos Nordestinos ao redor do pavilhão, acontecendo todo o fim de semana. Os feirantes unidos sempre lutaram para permanecer no local. Segundo o atual subprefeito do Centro e de São Cristóvão, Breno Arruda, "ninguém quer investir naquela área por causa da feira. Se o comércio mudar para o Pavilhão, a situação pode mudar" (Jornal do Brasil – Cidade, 27 / 12 / 2000).

Contudo, o bairro de São Cristóvão é marcado por "interesses divergentes dos vários grupos sociais que aí moram ou trabalham. As expectativas dos moradores em relação ao bairro são múltiplas (...) o que é importante para um morador de classe média não é para o morador operário nem para o comerciante e o industrial que não moram no bairro". (SMCTE-DGPC, p.128, 1991).

A continuidade da Feira de São Cristóvão ao redor do Campo sempre foi uma polêmica entre moradores e feirantes, num local que há muito tempo não recebia qualquer melhoria urbana. A reivindicação dos moradores por um bairro melhor e a dos feirantes por um local mais limpo e mais seguro foi ouvida pela Prefeitura. Até o final do ano de 2000 esta questão passou a ser discutida e no início de 2001 foi apresentado o novo projeto de utilização do Pavilhão.

5.2. Projeto do Pavilhão – Centro de Tradições Nordestinas

O novo projeto dispõe a Feira Nordestina dentro do pavilhão foi elaborado pela Archi-5 Arquitetos Associados Ltda, no início do ano 2001. "De acordo com o atual secretário municipal de urbanismo, Alfredo Sirkis, o Pavilhão de São Cristóvão (...) passará por ampla reforma, que o deixará com arquitetura semelhante a dos mercados nordestinos – Um mercado modelo erguido no solo do Rio" (Jornal do Brasil – Cidade, 27 / 12 / 2000).

As obras tiveram início em 02 / 07 / 2001 e tem um prazo de oito meses para serem terminadas (ver Fig. 5.2).



Fig.5.2: Pavilhão de São Cristóvão – Vista Interna, com Linha Vermelha no canto esquerdo, ao fundo.
Primeira semana de obras
Fonte: Maria Fernanda Marques, 07 / 2001.

"O Centro de Tradições Nordestinas funcionará a céu aberto. (...) Todas as estruturas passarão por vistorias técnicas, pois as lajes entre as colunas apresentam flechas (tipo de 'barriga') nos pontos centrais. As obras de infra-estrutura, como arruamento, redes de esgoto, água, luz e gás ficarão em R$ 2,5 milhões. A construção das 764 barracas custará outros R$ 2,5 milhões. A Caixa Econômica entrará com o financiamento, voltado aos feirantes já cadastrados" (Jornal do Brasil – Cidade, 16 / 02 / 2001 – "Pavilhão 'high tech' para a Feira dos Nordestinos").

"O projeto prevê a construção de barracas modulares, que vão de 4 a 96 metros quadrados. Todas serão em estrutura metálica, cobertas por laminados de PVC, em alturas e formatos variados. O espaço interno do pavilhão (34 mil metros quadrados, correspondendo a cinco campos de futebol) será dividido em dez ruas, quatro praças para crianças e outra para apresentação de repentistas. Haverá ainda dois palcos de 400 metros quadrados cada e 12 sanitários. Na parte externa, o estacionamento terá 900 vagas. O ingresso para a feira será gratuito" (*Id*.). (Fig. 5.3 a 5.6).



Fig.5.3: Centro Tradições Nordestinas - Vista Externa
Fonte: Archi 5 – Arquitetos Associados, 2001.



Fig.5.4: Centro Tradições Nordestinas - Vista Externa Geral
Fonte: Archi 5 – Arquitetos Associados, 2001.



Fig.5.5: Centro de Tradições Nordestinas - Vista Interna, com palco ao fundo.
Fonte: Archi 5 – Arquitetos Associados, 2001.



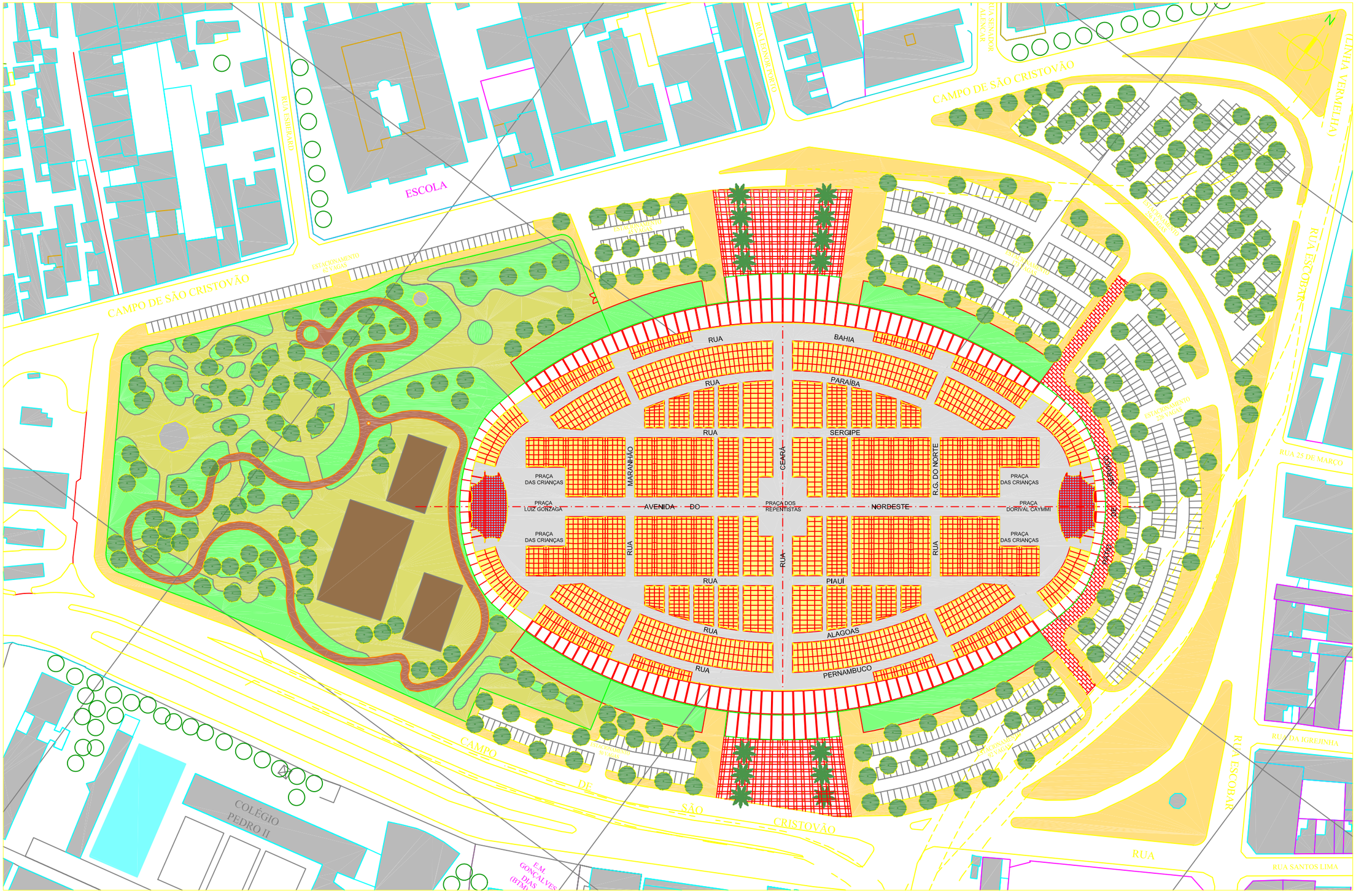
Fig.5.6: Centro de Tradições Nordestinas - Vista Interna, com novas barracas.
Fonte: Archi 5 – Arquitetos Associados, 2001.

A seguir, será apresentado o projeto original do **Centro de Tradições Nordestinas**, no Pavilhão de São Cristóvão, elaborado pela Archi 5 – Arquitetos Associados, que apresenta o seguinte conteúdo, nesta ordem[21]:

- **Planta de Situação -** planta geral do Campo de São Cristóvão com a implantação do projeto.
- **Planta Baixa** – planta com o projeto de setorização e localização das barracas e demais dependências componentes do projeto.
- **Planta de Cobertura** – planta com a disposição das coberturas das barracas.
- **Cortes** – apresentação de um corte longitudinal e um corte transversal do pavilhão, com a locação dos palcos e das barracas.
- **Fachadas** – apresentação de duas vistas externas do pavilhão.
- **Módulo Restaurante** – apresentação de uma planta, uma elevação e um corte de uma barraca restaurante.

[21] As cópias do projeto não estão nas escalas originais indicadas pelos desenhos, porque os mesmos foram reduzidos.

CENTRO DE TRADIÇÕES NORDESTINAS



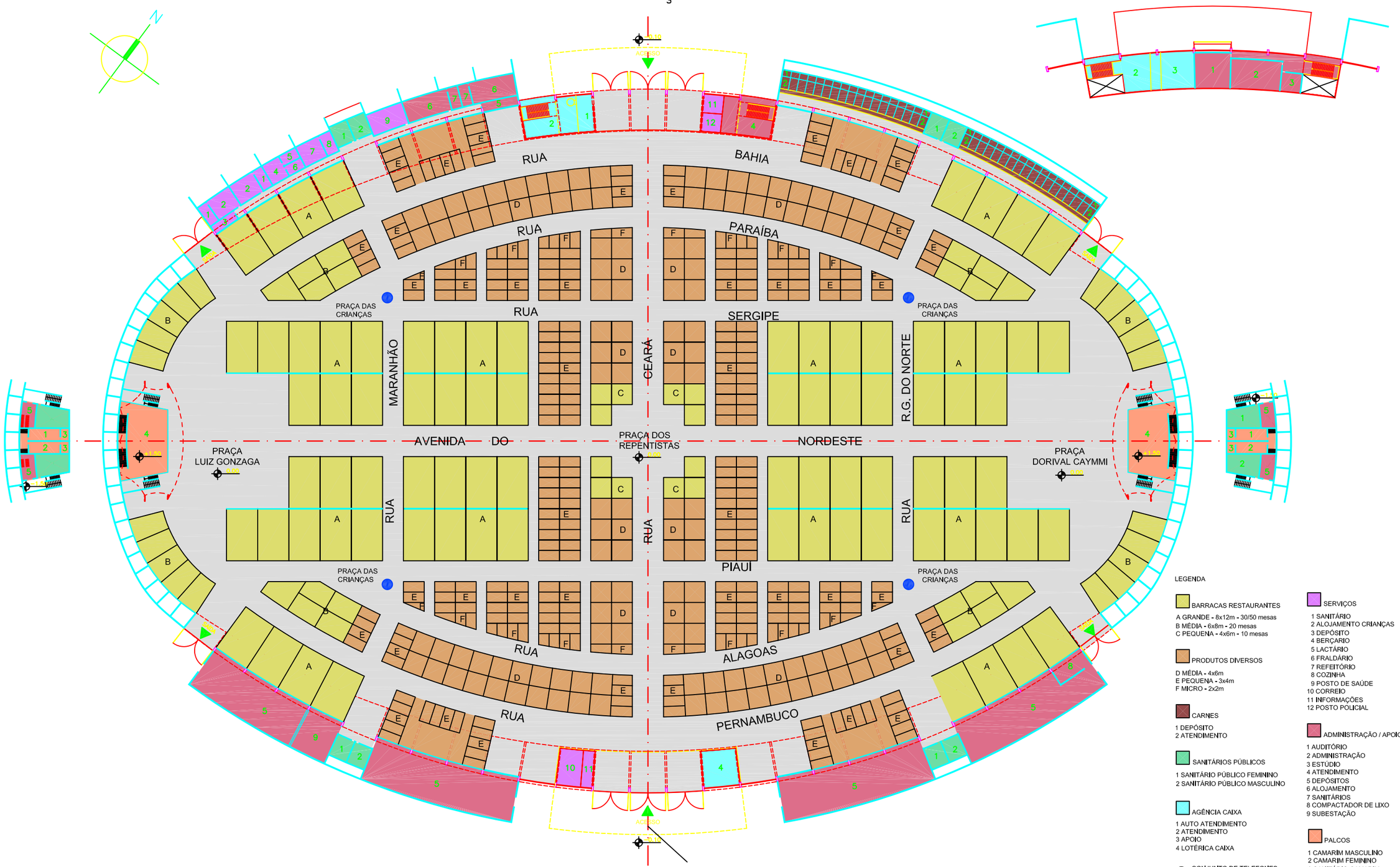
CAIXA

PREFEITURA DO RIO
SECRETARIA ESPECIAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO , CIÊNCIA E TECNOLOGIA

SITUAÇÃO
ESCALA 1:1250
0 5 10 20

Archi 5 arquitetos associados

CENTRO DE TRADIÇÕES NORDESTINAS



LEGENDA

BARRACAS RESTAURANTES
A GRANDE - 8x12m - 30/50 mesas
B MÉDIA - 6x8m - 20 mesas
C PEQUENA - 4x6m - 10 mesas

PRODUTOS DIVERSOS
D MÉDIA - 4x6m
E PEQUENA - 3x4m
F MICRO - 2x2m

CARNES
1 DEPÓSITO
2 ATENDIMENTO

SANITÁRIOS PÚBLICOS
1 SANITÁRIO PÚBLICO FEMININO
2 SANITÁRIO PÚBLICO MASCULINO

AGÊNCIA CAIXA
1 AUTO ATENDIMENTO
2 ATENDIMENTO
3 APOIO
4 LOTÉRICA CAIXA

CONJUNTO DE TELEFONES PÚBLICOS

SERVIÇOS
1 SANITÁRIO
2 ALOJAMENTO CRIANÇAS
3 DEPÓSITO
4 BERÇÁRIO
5 LACTÁRIO
6 FRALDÁRIO
7 REFEITÓRIO
8 COZINHA
9 POSTO DE SAÚDE
10 CORREIO
11 INFORMAÇÕES
12 POSTO POLICIAL

ADMINISTRAÇÃO / APOIO
1 AUDITÓRIO
2 ADMINISTRAÇÃO
3 ESTÚDIO
4 ATENDIMENTO
5 DEPÓSITOS
6 ALOJAMENTO
7 SANITÁRIOS
8 COMPACTADOR DE LIXO
9 SUBESTAÇÃO

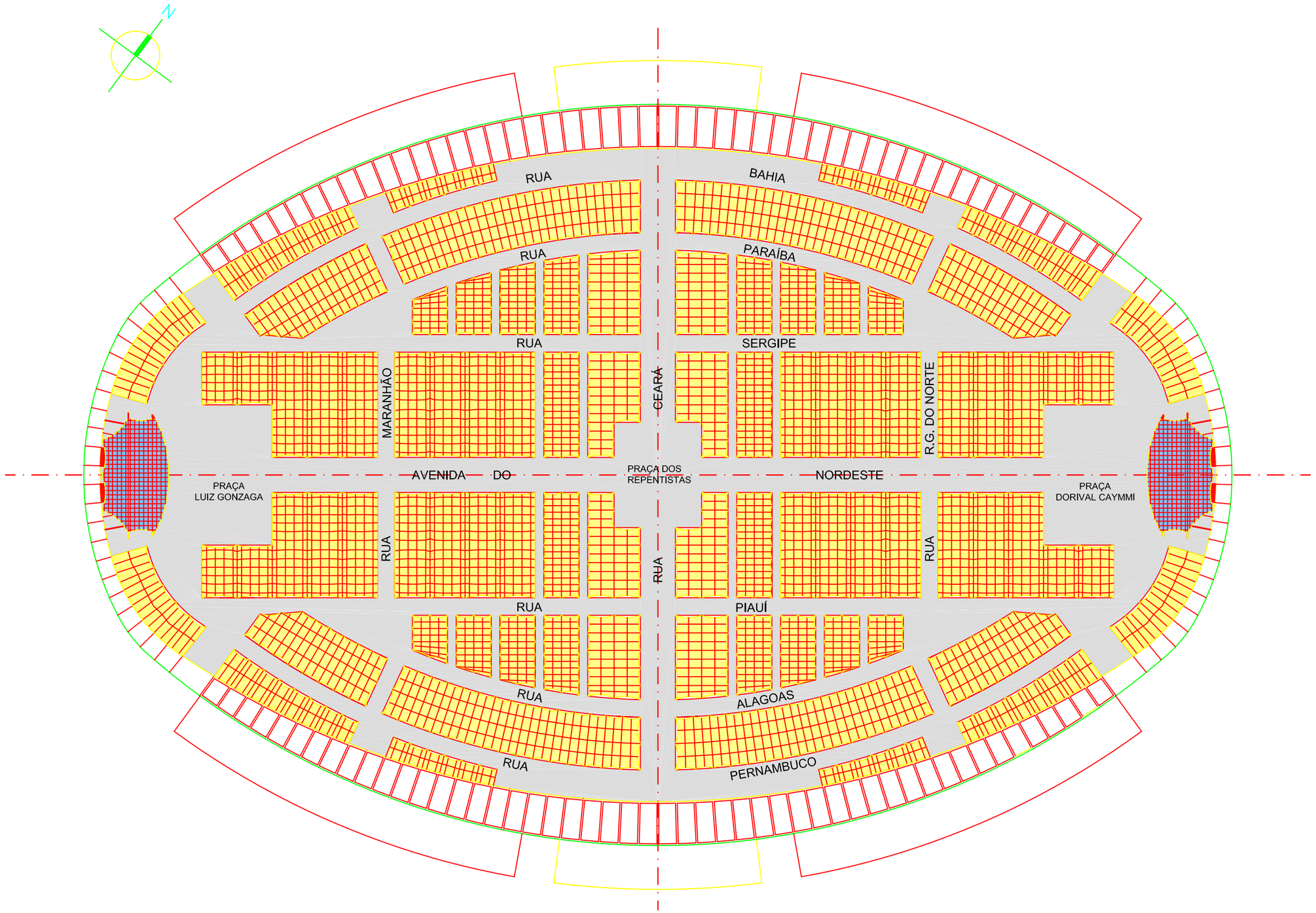
PALCOS
1 CAMARIM MASCULINO
2 CAMARIM FEMININO
3 SANITÁRIO CAMARIM
4 PALCO

CAIXA

PREFEITURA DO RIO
SECRETARIA ESPECIAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO , CIÊNCIA E TECNOLOGIA

PLANTA BAIXA
ESCALA 1:750
0 5 10 20

CENTRO DE TRADIÇÕES NORDESTINAS



CAIXA

PREFEITURA DO RIO

SECRETARIA ESPECIAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO , CIÊNCIA E TECNOLOGIA

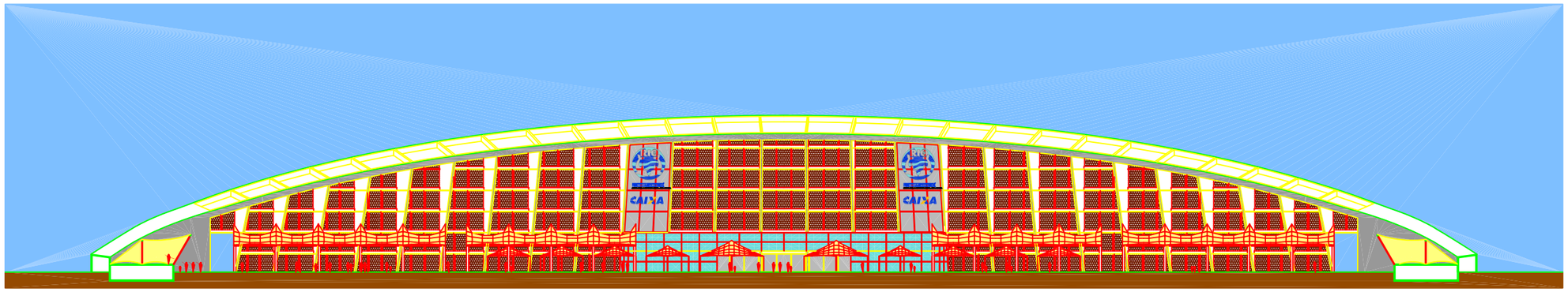
PLANTA DE COBERTURA

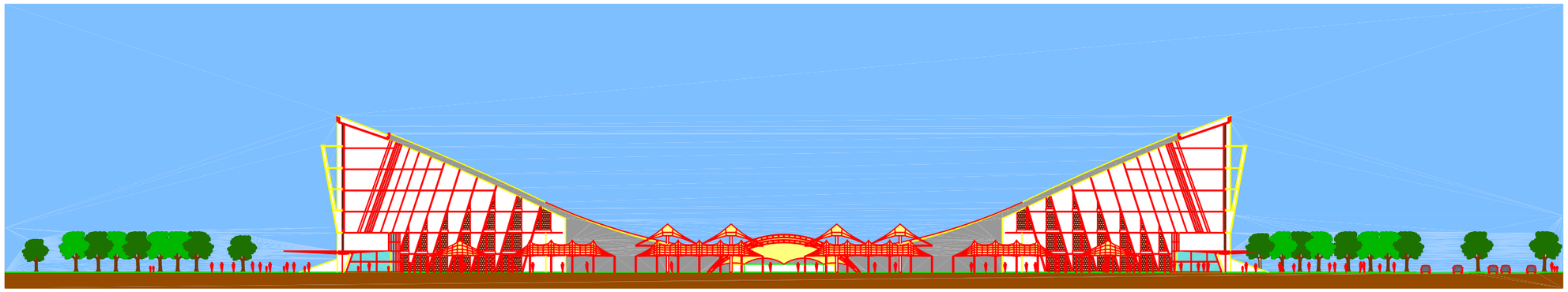
ESCALA 1:750

0 5 10 20

Archi 15

CENTRO DE TRADIÇÕES NORDESTINAS





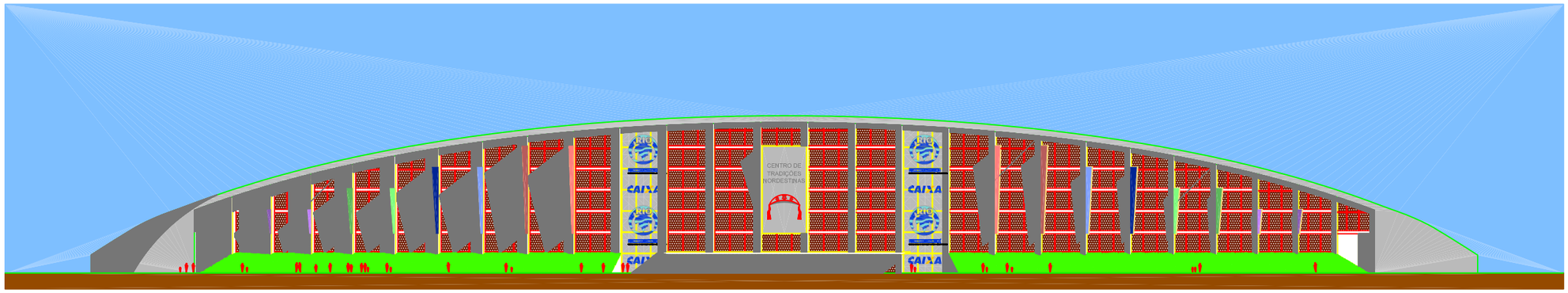
CAIXA

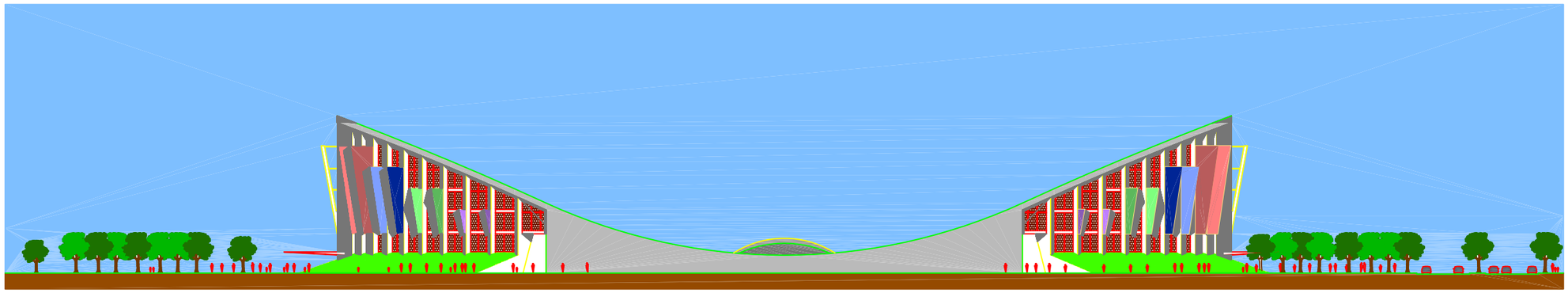
PREFEITURA DO RIO
SECRETARIA ESPECIAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO , CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CORTES
ESCALA 1: 750
0 5 10 20

Archi 5

CENTRO DE TRADIÇÕES NORDESTINAS





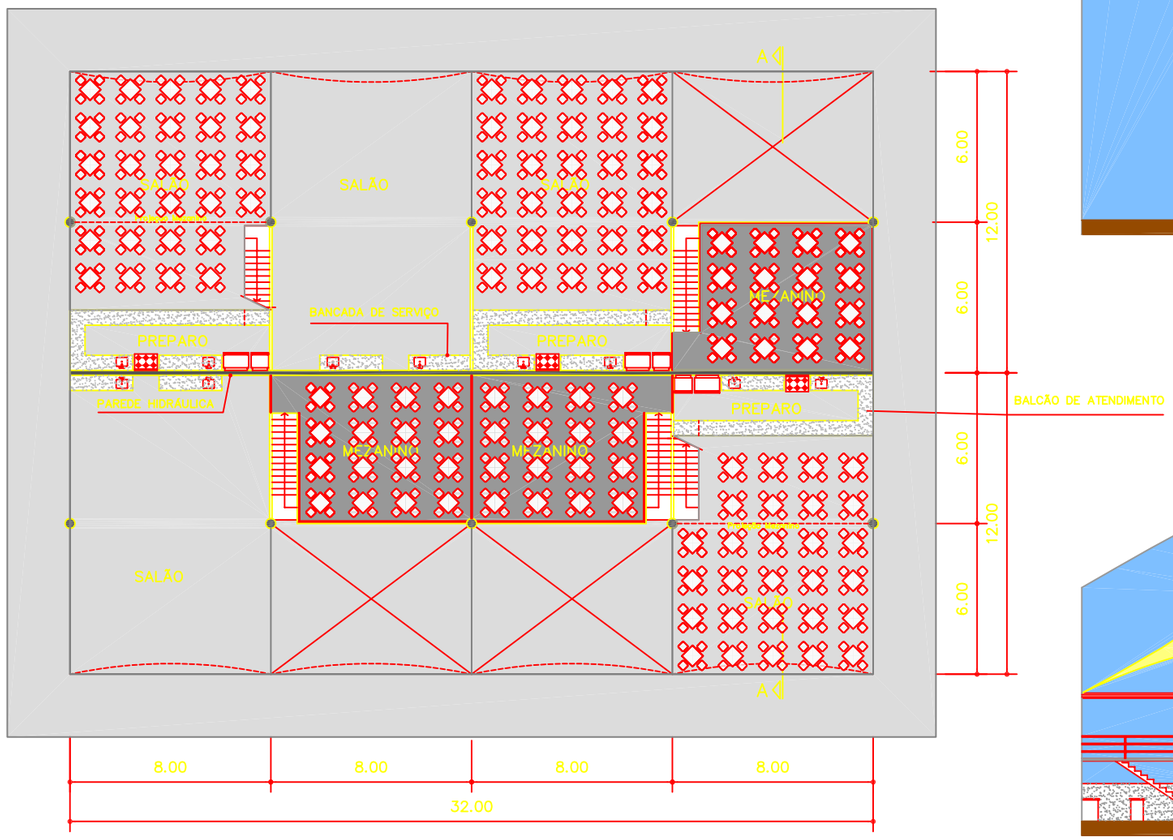
CAIXA

PREFEITURA DO RIO
SECRETARIA ESPECIAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO , CIÊNCIA E TECNOLOGIA

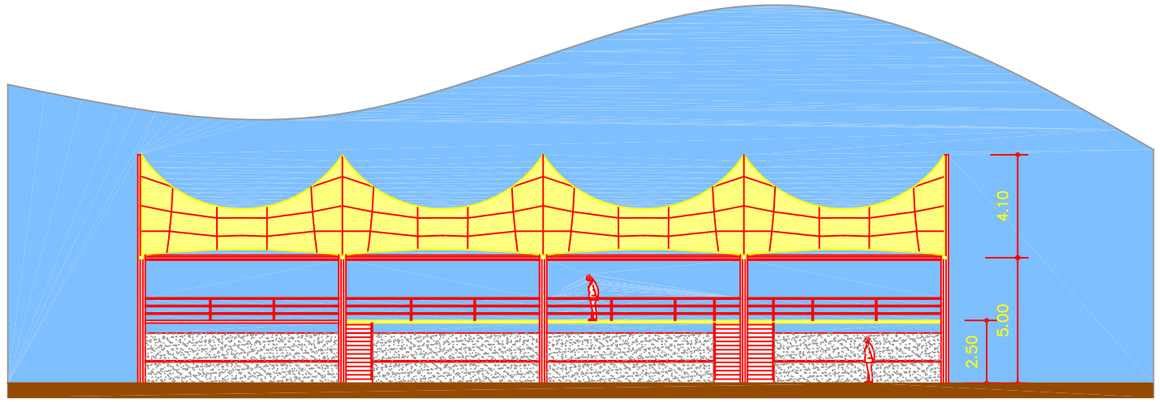
FACHADAS
ESCALA 1:750
0 5 10 20

Archi 5

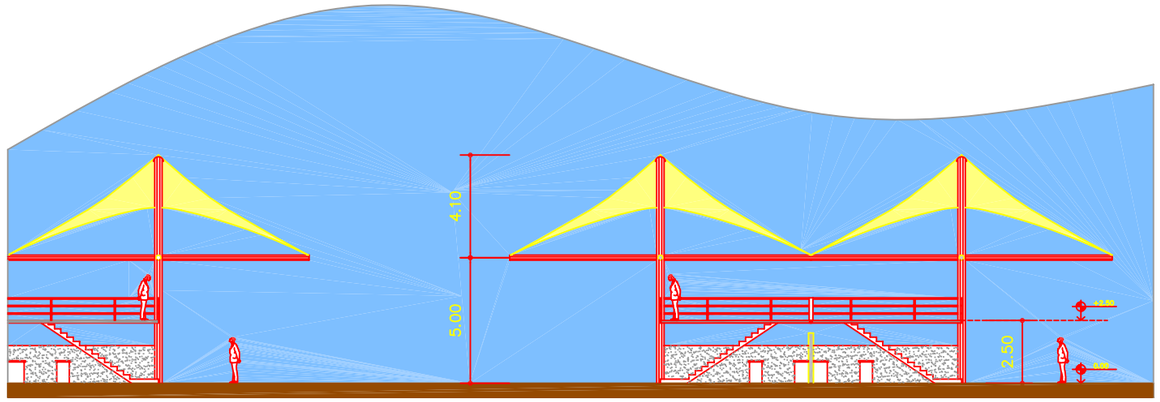
CENTRO DE TRADIÇÕES NORDESTINAS



PLANTA BAIXA



ELEVAÇÃO



CORTE

CAIXA

PREFEITURA DO RIO
SECRETARIA ESPECIAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO , CIÊNCIA E TECNOLOGIA

MÓDULO RESTAURANTE
ESCALA 1:200
0 1 2 3 4 5

Archi 5

5.3. Projeto da Rua do Lavradio

Apesar de ter iniciado muito antes do projeto para o Centro de Tradições Nordestinas, em setembro de 1999, a obra da Rua do Lavradio continua, mas parece atualmente estar em fase final, terminando o primeiro quarteirão e as praças próximas.

A obra da rua atinge somente a via pública e não contempla a reforma dos casarios. Augusto Ivan explica que como a rua é tombada por um decreto municipal, os proprietários que desejarem melhorar seu imóvel "por conta própria" terão o "direito de pedir isenção do IPTU, fazendo obra de fachada, telhado, enfim, recuperando seus imóveis" (Jornal do Rio Antigo – "Augusto Ivan: uma declaração de amor ao Rio", por Lúcia Novais.).

Para que não prejudicasse o acontecimento da Feira do Rio Antigo, a obra foi pensada para ser executada em etapas, quarteirão por quarteirão. Segundo Augusto Ivan, "a obra será executada por etapas, termina primeiro um trecho para depois iniciar o outro".

Em relação à Feira do Rio Antigo, Augusto Ivan sugeriu que ela teria "que se adaptar à execução das obras, ou então que arranjasse provisoriamente outro espaço. Afinal, essa obra se deve à existência da Feira. Eles têm um movimento muito bonito e o prefeito realmente quando foi visitar ficou encantado e disse: 'tá, vamos fazer uma obra aqui'..." (*Id*.).

O projeto de reurbanização da rua foi uma solicitação da Associação dos Comerciantes da rua e da região que expõem na Feira do Rio Antigo - ACCRA. O primeiro "Rio Ruas" , como foi chamado, teve suas diretrizes e seu detalhamento feitos em parceria com a Prefeitura do Rio (Augusto Ivan da Subprefeitura do Centro), com a Riourbe (Carlos Porto, Vera Dodsworth e Elvira Rossi) e com o escritório de arquitetos Lopes, Santos e Ferreira Gomes Arquitetos Associados. Segundo o arquiteto Augusto Ivan, subprefeito do Centro do Rio naquela ocasião, além de toda a extensão da Rua do Lavradio, o projeto abrangeria "a Rua do Senado, no trecho entre a Lavradio e a Rua Pedro I, ou seja, aquela região de acesso a Praça Tiradentes" (*Id*.).

O programa de projeto consistia em fechar o primeiro quarteirão para a passagem de carros e torná-lo um calçadão para os pedestres. Previa a execução de três praças no lado oposto ao casario: a Praça do Senado, na esquina da Rua do Lavradio com a Rua do Senado, a Praça Pedro I, na esquina desta com a Rua Pedro I e a Praça das Flores, na esquina da Rua do Lavradio com a Avenida República do Chile. Além destas a faixa larga de calçada em frente do CIEP seria

inteiramente redesenhada, acompanhando o padrão dos desenhos e acabamentos de piso de toda a rua.

A largura das calçadas de "80 centímetros passariam a ter 3,70 metros" (Jornal do Brasil – Cidade, 06 / 06 / 1998, p. 18), receberiam uma nova paginação de piso, com placas de concreto e mosaicos portugueses em três cores, para que mantivessem uma mesma identidade. Os pontos de ônibus seriam removidos, por serem incompatíveis com os antiquários. A rua receberia nova iluminação, além do plantio de 73 árvores e 28 palmeiras imperiais. Todas estas modificações são as obras visíveis, de fácil constatação no local. No entanto, uma grande obra de infra-estrutura, no subsolo, foi prevista para ser realizada, tal como "a reforma da centenária galeria de águas pluviais, que provoca constantes alagamentos" (Jornal do Rio Antigo – "Augusto Ivan: uma declaração de amor ao Rio").

O atraso da obra deveu-se, sobretudo, à execução das obras de infra-esrtrutra e saneamento, pois o subsolo da rua era muito antigo e suas instalações não eram conhecidas pelas várias empreiteiras que trabalharam na rua. A seguir apresentaremos algumas partes da obra da Rua do Lavradio, que mostram o estágio atual da obra, com trechos prontos e trechos inacabados.



Fig.5.7: Rua do Lavradio – Calçadão do 1º. Quarteirão
Fonte: Maria Fernanda Marques, 01 / 2002.



Fig.5.8: Rua do Lavradio – Obras da Praça do Senado do 1º Quarteirão (esquina das Ruas Lavradio e Senado)
Fonte: Maria Fernanda Marques, 01 / 2002.



Fig.5.9: Rua do Lavradio – Ilha com palmeiras imperiais, 2º. Quarteirão
Fonte: Maria Fernanda Marques, 06 / 2001.



Fig.5.10: Praça das Flores
Fonte: Maria Fernanda Marques, 10 / 2000.



Fig.5.11: Paginação de piso –
Em frente ao CIEP
Fonte: Maria Fernanda Marques, 01 / 2002.



Fig.5.12: Praça do CIEP –
Fonte: Maria Fernanda Marques, 05 / 2000.

Esta proposta foi aceita por todos os comerciantes da rua, segundo o que disse o comerciante Plínio Fróes: "todos queremos que a Rua do Lavradio recupere o esplendor do passado". Afinal, "a Rua do Lavradio faz parte da Área de Proteção Ambiental e Cultural da Cruz Vermelha" (Jornal do Rio Antigo – "Augusto Ivan: uma declaração de amor ao Rio").

> "Além de seus antecedentes memoráveis, a Rua do Lavradio é importante estrategicamente para a cidade. Com a reforma ela pode recuperar seu papel histórico: o de ligar dois pólos culturalmente fundamentais – a Praça Tiradentes, que um dia já foi Praça da Constituição e a Rua Riachuelo, antiga Rua Mata cavalos, e esta à Lapa. 'Com a Rua do Lavradio recuperada, o Centro pode voltar a ser plenamente freqüentado'" (*Id.*), segundo Augusto Ivan.

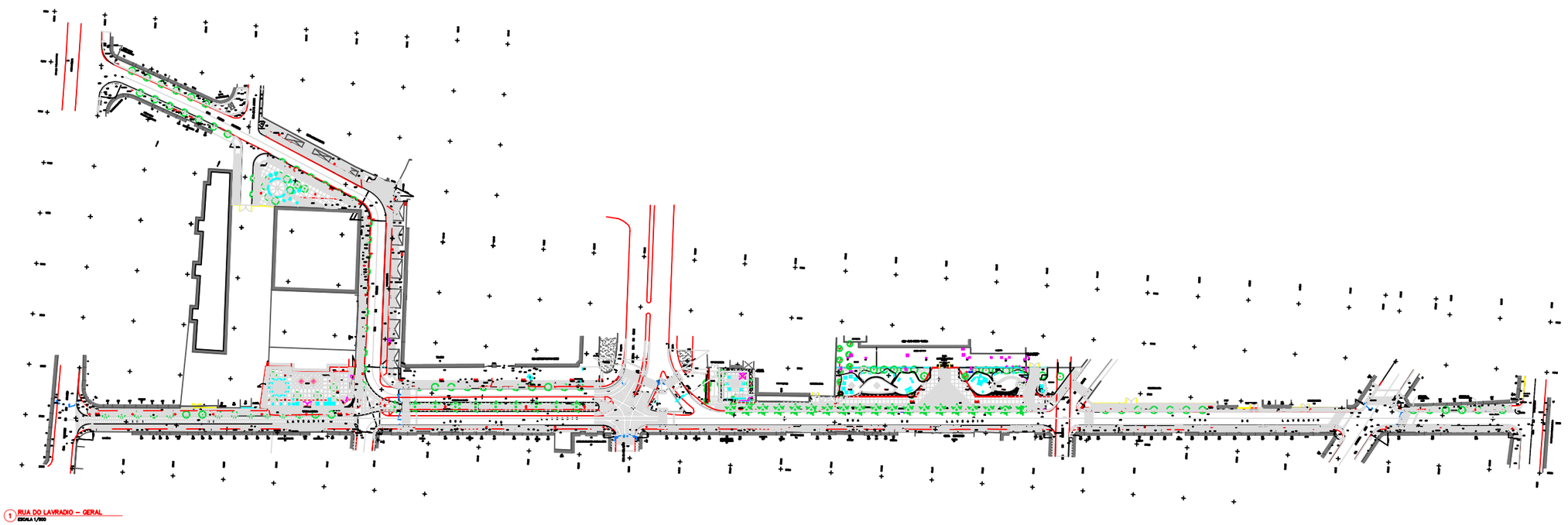
Como já vimos, todo este programa de projeto recebeu um prazo inicial de duração de 10 meses de execução, com início em setembro de 1999, mas o prazo foi ampliado para outubro de 2000. E até agora, janeiro de 2002, a obra não foi concluída integralmente, para que a Feira do Rio

Antigo pudesse acontecer com todos os seus expositores e a grande circulação de pessoas, que tinha antes da obra, como disseram muitos dos entrevistados.

Apresentaremos agora o projeto de reurbanização da Rua do Lavradio, elaborado por Lopes, Santos e Ferreira Gomes Arquitetos Ltda, com o seguinte conteúdo, nesta ordem[22]:

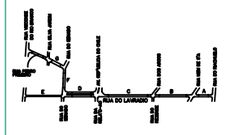
- **Planta Geral** - planta da Rua do Lavradio inteira, com os cinco quarteirões.
- **Planta Geral Ampliada I** – planta com o projeto da Rua do Lavradio, desde o número 1 ao 114, ou seja, com o primeiro, o segundo e parte do terceiro quarteirão.
- **Planta Geral Ampliada II** – planta com o projeto da Rua do Lavradio, desde o número 114 ao 206, ou seja, com parte do terceiro, o quarto e o quinto quarteirão.
- **Praça do Senado** – planta, paginação de piso e vistas da praça.
- **Praça das Flores** – planta, paginação de piso, vistas da praça e detalhes.
- **Praça CIEP** – planta com paginação de piso.

[22] As cópias do projeto não estão nas escalas originais indicadas pelos desenhos, porque os mesmos foram reduzidos.



1 RUA DO LAVRADIO – GERAL
ESCALA 1/500





03	16/04/2001	REVISÃO - AV. CHILE / PRAÇA DO OLEIRO / PRAÇA DE PEDESTRES	
02	16/04/2001	REVISÃO - QUINTA PRAÇA A PRAÇA SÃO FLORES EXCLUÍDO GRADIL	CLM
01	30/03/2001	REVISÃO GERAL APÓS AS 07 E 12H30 - AV. CHILE	
		PRAÇA SÃO FLORES, CEP E PARTIDA ASFALTO E DEMAIS GERAL	CLM
00	07/07/00	EMISSÃO INICIAL	JPFS
00	06/06/00	EMISSÃO INICIAL	MM
data	visto	descrição	visto

LOPES, SANTOS & FERREIRA GOMES ARQUITETOS LTDA.

obra
RUA DO LAVRADIO URBANIZAÇÃO

título
RUA DO LAVRADIO PLANTA GERAL

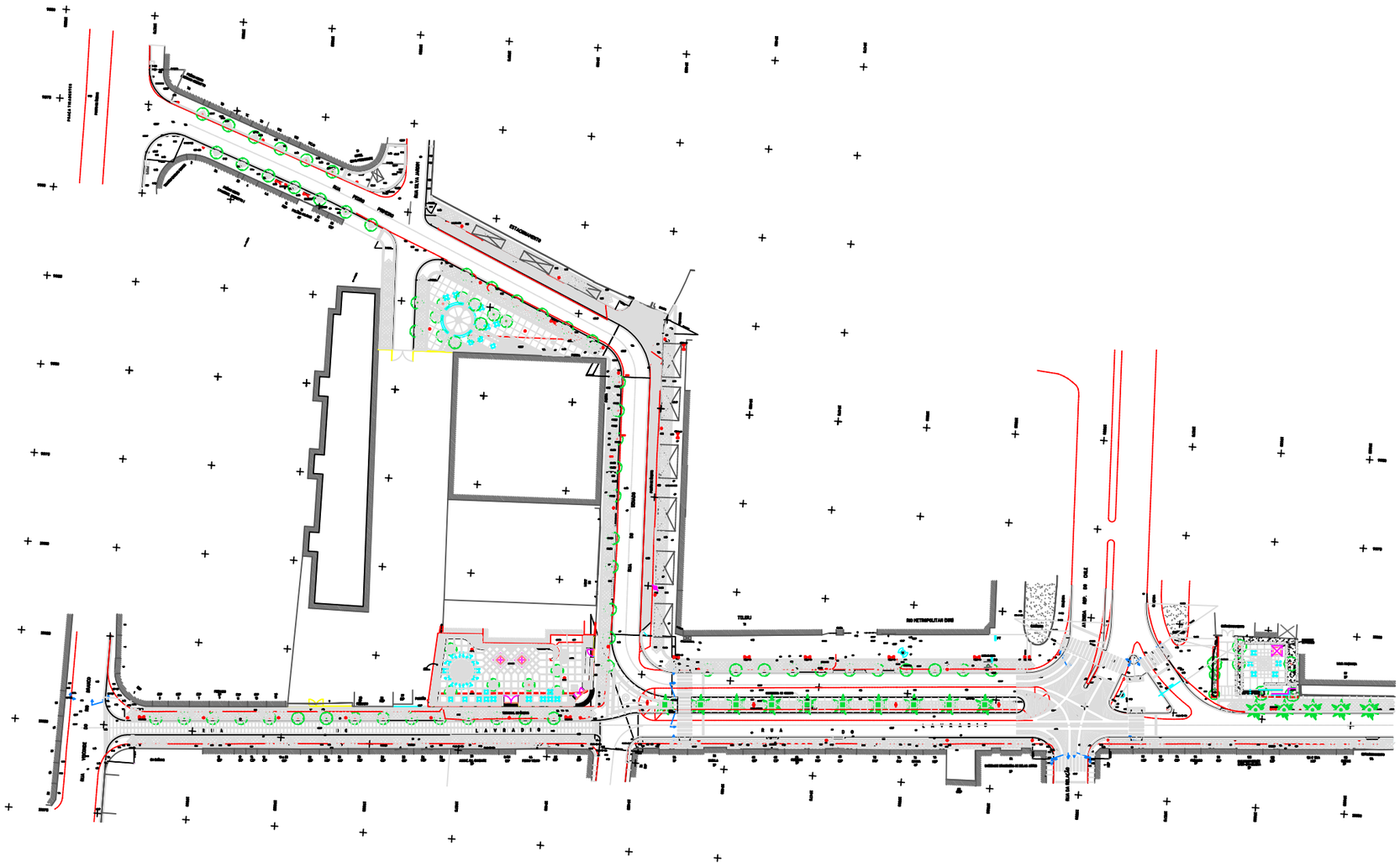
escala 1/500 | folha/prancha 03 | 07/16

Bairro: Rua do Lavradio | Setor: Centro | Área: 1 | Lote: 01

autor (projeto): Eliane Oliveira | desenho: Desenho | data: 20/10/95 | registro: LRS-006

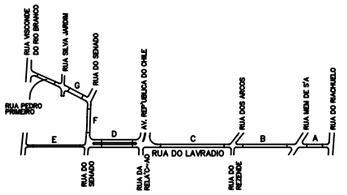
contratante: — SMU | visto: // | diretor: — SMU | visto: //

RIOurbe — PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO



1 RUA DO LAVRADIO – NOS. 1–114
ESCALA 1/500

SP SANITÁRIO PUBLICO TIPO
BJ BANCA DE JORNAL
RT RELÓGIO / TERMÔMETRO
PT PAINEL TURÍSTICO
PO PAINEL ONIBUS
POSTE C/ LINHA LUMINÁRIA
REMFORO
TEFONE PUBLICO
PALMEIRA IMPERIAL A SER PLANTADA
ÁRVORE A SER PLANTADA
ÁRVORE EXISTENTE
PEDRA PORTUGUESA BRANCA
PEDRA PORTUGUESA VERMELHA
PEDRA PORTUGUESA PRETA



REV.	DATA	DESCRIÇÃO	VISTO
04	11/04/2000	MODIF. AV. CHILE / PRAIA DO C.I.E.P./RAMPA DE PEDESTRES	
03	13/03/2000	MODIF. CURVA PRAIA A PRAIA DAS FLORES INCLUSIVO ORELHÃO	CLM
02	07/02/2000	INCLUSIVO JARDIM JUNTO AO Nº 97 E REVIS–AO GERAL , MODIF. PRAIA DAS FLORES, CIEP E PINTURA ASFALTO E REVISIO GERAL	CLM
01	27/07/99	REVIS–AO GERAL	JRFG
00	29/10/98	EMISSIO INICIAL	GRS

LOPES, SANTOS & FERREIRA GOMES ARQUITETOS LTDA.

projeto
RUA DO LAVRADIO
URBANIZAÇÃO

título
RUA DO LAVRADIO
NUMEROS 1 AO 114

escala 1/500
etapa/prancha PROJETO EXECUTIVO AQ 01/18

endereço Rua do Lavradio
bairro Centro
r.a. II
a.p. 01

autor RIOURBE
desenho
data 29/10/98
registro UR–006

coordenador – DPL visto / /
diretor – DPL visto / /

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS
EMPRESA MUNICIPAL DE URBANIZAÇÃO
RIOurbe

SP SANITÁRIO PÚBLICO TIPO

BJ BANCA DE JORNAL

RT RELÓGIO / TERMÔMETRO

PT PAINEL TURÍSTICO

PO PAINEL ÔNIBUS

POSTE C/ UMA LUMINÁRIA

SEMÁFORO

TELEFONE PÚBLICO

PALMEIRA IMPERIAL A SER PLANTADA

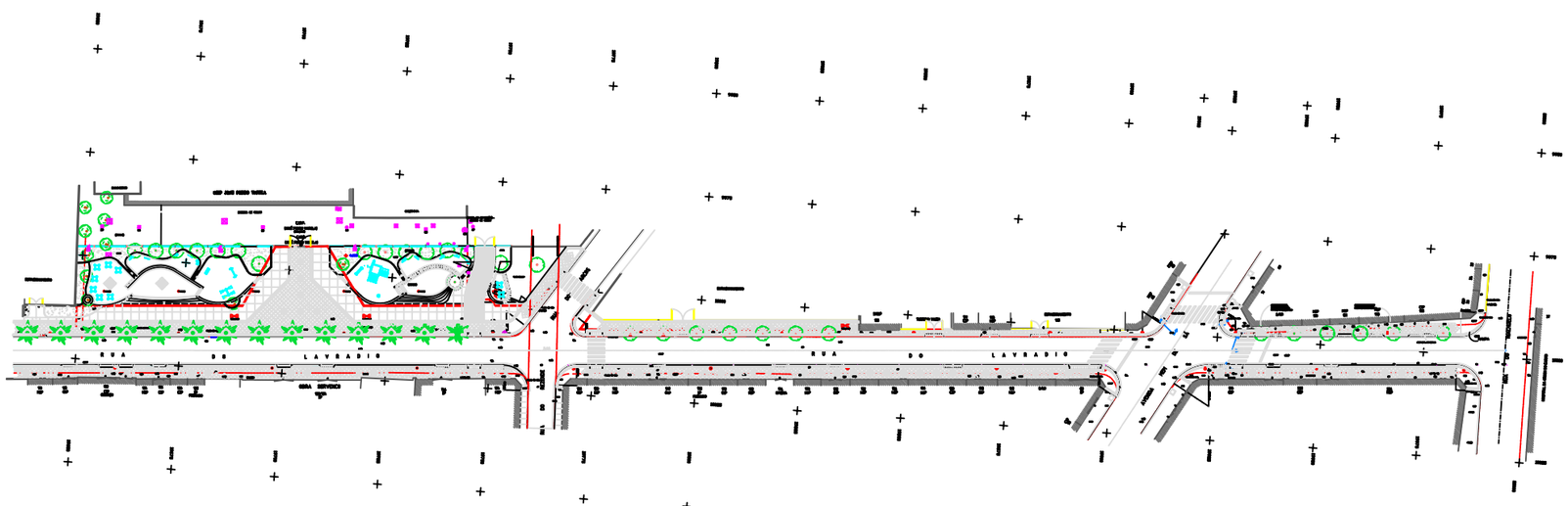
ÁRVORE A SER PLANTADA

ÁRVORE EXISTENTE

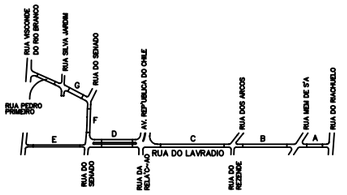
PEDRA PORTUGUESA BRANCA

PEDRA PORTUGUESA VERMELHA

PEDRA PORTUGUESA PRETA



1 RUA DO LAVRADIO – NOS. 114–206
ESCALA 1/500



REV.	DATA	DESCRIÇÃO	VISTO
04	11/04/2000	MODIF. AV. CHILE / PRAIA DO C.I.E.P./RAMPA DE PEDESTRES	
03	13/03/2000	MODIF. CURVA PROXIMA A PRAIA DAS FLORES INCLUSIVO ORELHÃO	CLM
02	07/02/2000	INCLUSIVO JARDIM JUNTO AO Nº 97 E REVIS–AO GERAL , MODIF.	
		PRAIA DAS FLORES, CIEP E PINTURA ASFALTO E REVISIO GERAL	CLM
01	27/07/99	REVIS–AO GERAL	JRFG
00	29/10/98	EMISSIO INICIAL	GRS

LOPES, SANTOS & FERREIRA GOMES ARQUITETOS LTDA.

projeto
RUA DO LAVRADIO
URBANIZAÇÃO

título
RUA DO LAVRADIO
NUMEROS 114 AO 206

escala 1/500

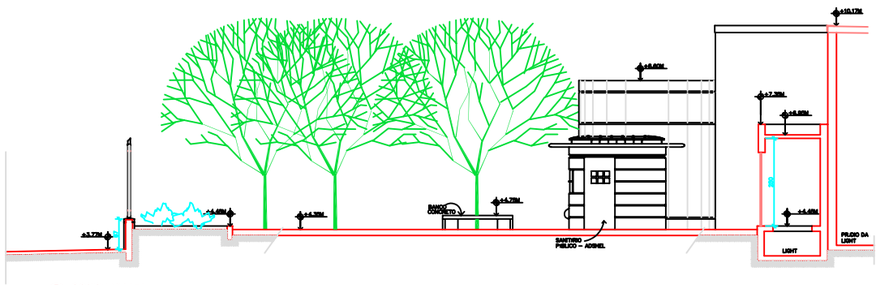
etapa/prancha
PROJETO EXECUTIVO
AQ 01/18

endereço | bairro | r.a. | s.p.
Rua do Lavradio | Centro | II | 01

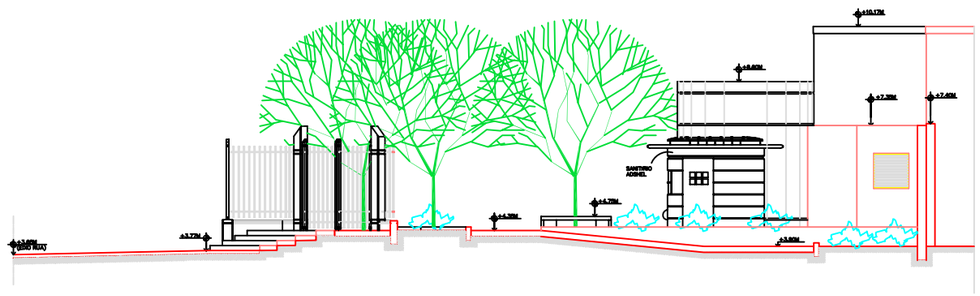
autor RIOURBE | desenho | data | registro
SUBPREFEITURA DO CENTRO | Desenho | 29/10/98 | UR–006

coordenador – DPL visto / / | diretor – DPL visto / /

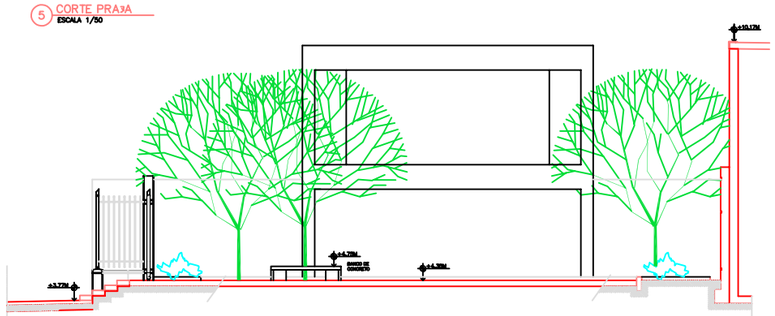
RIOurbe
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS
EMPRESA MUNICIPAL DE URBANIZAÇÃO



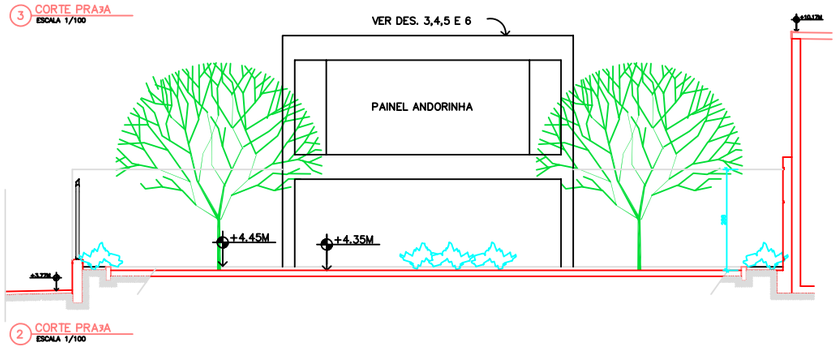
5 CORTE PRAÇA
ESCALA 1/50



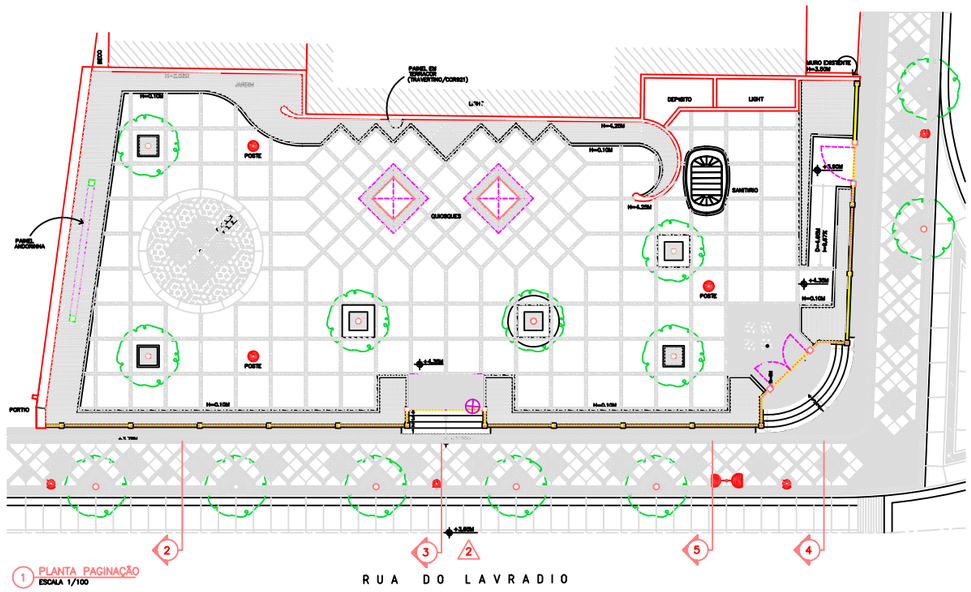
4 CORTE PRAÇA
ESCALA 1/50



3 CORTE PRAÇA
ESCALA 1/100



2 CORTE PRAÇA
ESCALA 1/100



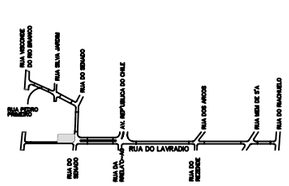
1 PLANTA PAGINAÇÃO
ESCALA 1/100

LEGENDA :

- MESA PARA JOGOS
- TELEFONE P'BLICO
- POSTE DE ILUMINAMO
- 'ARVORE A SER PLANTADA
- 'ARVORE EXISTENTE

ESPECIFICAJIO PISO :

PLACAS DE CONCRETO 1.20x1.20x4 M
PLACAS DE CONCRETO 1.20x1.20 M
PLACAS DE CONCRETO 0.20MARFI DESENHO
CACO DE CERAMICA
CIMENTADO ASPERO
PEDRA PORTUGUESA PRETA
PEDRA PORTUGUESA VERMELHA



REV.	DATA	DESENHO	VISTO
03	17/04/00	INCLUSO DES. 2,3,4 e 5, REVISÃO GERAL	JPO
02	28/03/00	INCLUSO VISTAS E REVISÃO GERAL	CLM
01	27/07/99	REVISÃO GERAL	JPO
00	29/10/98	EMISSÃO INICIAL	GRS

LOPES, SANTOS & FERREIRA GOMES ARQUITETOS LTDA.

projeto
RUA DO LAVRADIO
URBANIZAÇÃO

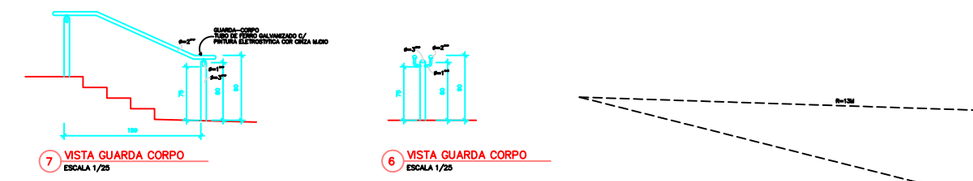
título — escala — etapa/prancha
PRAÇA SENADO — PROJETO EXECUTIVO
PLANTA PAGINAÇÃO/VISTAS 1/100 — AG 15/18

endereço — bairro — r.a. — o.p.
Rua do Lavradio — Centro — II — 01

autor ROLINO — desenho — data — registro
SUBPREFEITURA DO CENTRO — Desenho — 29/10/98 — UR-006

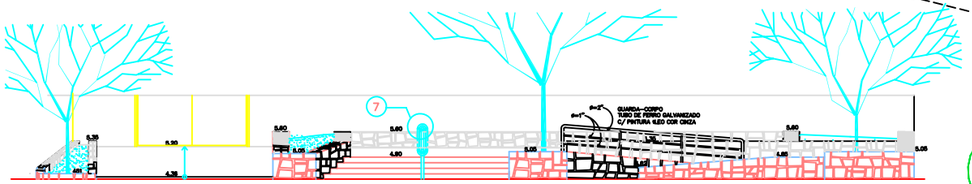
coordenador – DPL visto / / diretor – DPL visto / /

RIOurbe — PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO E SERVIÇOS PÚBLICOS
EMPRESA MUNICIPAL DE URBANIZAÇÃO

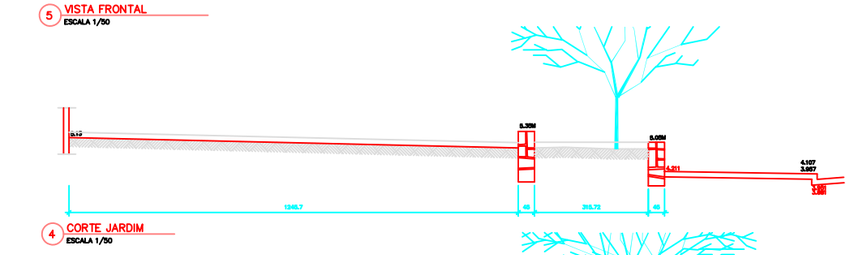


7 VISTA GUARDA CORPO
ESCALA 1/25

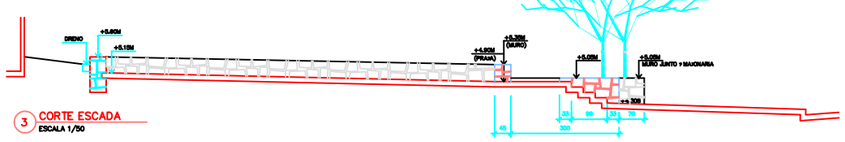
6 VISTA GUARDA CORPO
ESCALA 1/25

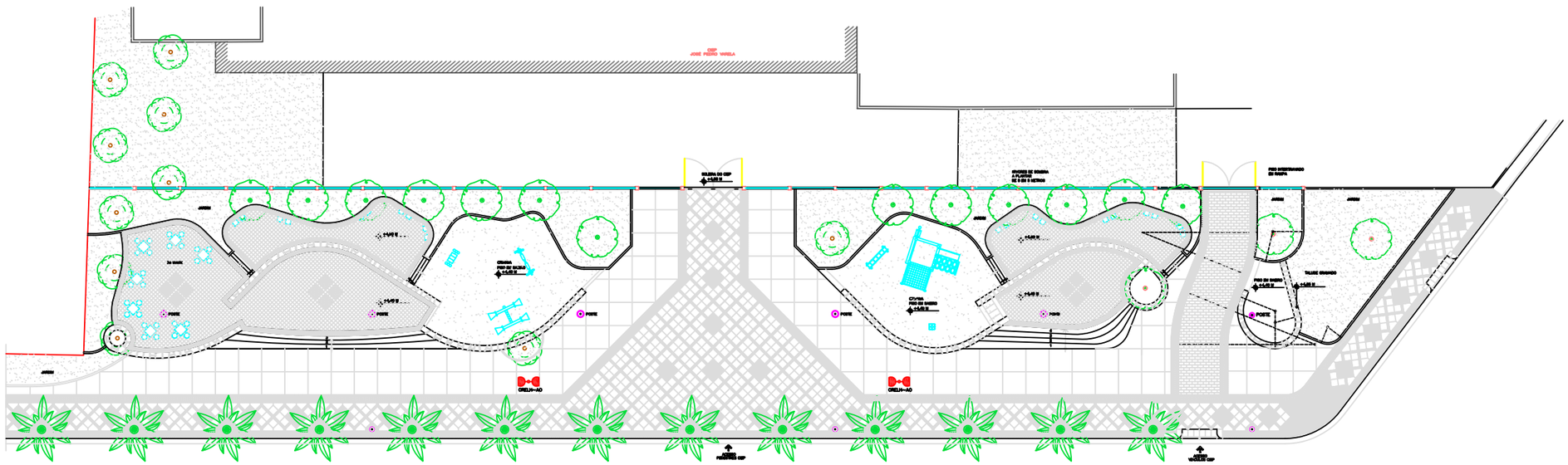


5 VISTA FRONTAL
ESCALA 1/50



4 CORTE JARDIM
ESCALA 1/50


DRENO
+5.60M
+5.15M
+4.90M
(PRAIA)
+5.30M
(MURO)
+5.05M
+5.05M
MURO EM CONCRETO
+5.30M
(MURO) EM CONCRETO ARMADO
+5.30M
MURO EM CONCRETO ARMADO
+5.30M
MURO EM CONCRETO ARMADO
+5.30M
MURO


RUA JOSÉ PEDRO VARELA
JARDIM
PARQUE INFANTIL
PISO INTERTRAVADO EM PASTA
TALUDE GRAMADO
POSTE
CRIANÇA
PISO EM BORRACHA
+4,45 M
+4,65 M
+4,85 M
+4,95 M
+5,05 M
+5,15 M
+5,25 M
+5,35 M
+5,45 M
+5,55 M
+5,65 M
+5,75 M
+5,85 M
+5,95 M
+6,05 M
+6,15 M
+6,25 M
+6,35 M
+6,45 M
+6,55 M
+6,65 M
+6,75 M
+6,85 M
+6,95 M
+7,05 M
+7,15 M
+7,25 M
+7,35 M
+7,45 M
+7,55 M
+7,65 M
+7,75 M

5.4. Considerações sobre projetos

De acordo com as descrições dos projetos, que prevêem novas concepções de utilização para estes dois lugares, podemos entender que atualmente o embelezamento urbano é um forte requisito para o aumento ou o desenvolvimento da pratica do turismo urbano e da dinamização do comércio. Percebemos que "na busca de qualificar os equipamentos e serviços para atender os turistas, a população do núcleo receptor também terá melhoria nas condições de vida". (Barreto Filho, *apud* Castrogiovanni, 2000, p.62). Desta forma, "A cidade passa a ser também repensada pela nova necessidade em oferecer certo produto turístico e vai ganhando novos *designs*" (Castrogiovanni, 2000, p.26).

> "A cidade é viva, possui sua própria identidade, apresenta um dinamismo de relações que se alteram ao ritmo de diferentes circunstâncias, portanto **sempre é possível a renovação urbana**. A cidade deve ser vista como um bem cultural, em que devem ser valorizadas **funções culturais** que atendam à **qualidade de vida dos seus habitantes**" (Castrogiovanni, 2000, p.31).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1990 foi marcada por muitos programas urbanísticos com o interesse em reabilitar, revitalizar e requalificar antigas áreas urbanas do Rio, como o Corredor Cultural. Verificamos que nossos dois lugares também entraram na lista dos pontos a serem reurbanizados, na virada do milênio. Mas um dos fatores que marca a diferença de ambos os projetos é a presença de eventos culturais e populares que, sem dúvida nenhuma, promovem a animação dos lugares, nos fins de semana.

Nossa proposta era verificar a existência da valorização cultural das áreas urbanas pela presença das Feiras populares. A valorização foi reconhecida a partir do momento em que a Rua do Lavradio e o Campo de São Cristóvão tornaram-se alvos de projetos de melhorias das condições urbanas. Mas além deste descobrimos nos lugares os valores de uso, de troca e do lugar.

Verificamos que o **valor cultural** é o fator que promove a atração pública para os eventos, que o **valor de uso** se realiza em função da utilização dos lugares como lazer popular, o **valor de troca** é o elemento que garante o funcionamento das feiras, através do comércio, e também, através de tributações para a realização dos projetos urbanos. A **valorização do lugar** completa-se com a conclusão das obras. A efetiva utilização do lugar pelos moradores e visitantes, pela "alimentação" do mercado formal e da valorização imobiliária, que por sua vez, trazem rendimentos à municipalidade, uma vez que ela precisa sanar o financiamento despendido na requalificação dos lugares.

Afinal, a municipalidade pode até se sensibilizar com as manifestações culturais da cidade, mas só vai investir em obras que possam garantir o retorno do capital investido. Os feirantes de São Cristóvão estão "ganhando" um lugar mais limpo, mais organizado e seguro, por que a movimentação financeira do trabalho informal durante a feira é muito grande e o "prejuízo" urbano que se tem com limpeza, com manutenção do lugar e com a insatisfação dos moradores é ainda maior. Como os nordestinos agem corporativamente para não saírem do Campo de São Cristóvão, eles conquistaram o "direito" de utilizar um bem da cidade, saindo da informalidade do mercado e investindo para ingressarem no mercado formal de trabalho e de tributações. Eles, enfim, conquistaram a cidadania, após 56 anos de luta, para que não perdessem seu espaço na cidade. Na Rua do Lavradio, a prefeitura reurbaniza o espaço urbano, para que este atraia mais comerciantes para a rua, que possam ocupar os antigos casarios com atividades que participem

do mercado formal, com atividades que revertam tributos, para compensar os investimentos despendidos na melhoria do lugar.

Um fator que deve ser levado em conta, na Feira de São Cristóvão é que existe uma minoria de feirantes que participa da feira há muitos anos, mas por não ter condições financeiras de arcar com o investimento de uma nova barraca dentro do Pavilhão, eles se sentem à margem deste processo de mudança e temerosos de serem expulsos e de perderem seu atual ponto de venda, que lhes garante o sustento. Este sentimento de exclusão ocorrerá também para os visitantes que perderem seu lugar de lazer gratuito, dos fins de semana. Pois, não há nenhuma confirmação oficial, mas vários entrevistados disseram que para entrar no Pavilhão será necessário pagar uma taxa. E a cobrança da taxa pode também acentuar a diminuição da consumação nas barracas.

Resumindo, a mudança da Feira de São Cristóvão para um lugar melhor e mais bonito poderá também trazer uma mudança social ao evento, ou seja, poderá deixar de atender ao público das camadas populares e passar a atender preferencialmente ao público das camadas médias da população e aos turistas. Assim, poderá perder sua espontaneidade e sua "alma" genuinamente nordestina e popular.

Estas mudanças no urbanismo das cidades contemporâneas nos fazem refletir sobre o que diz Canevacci: "o mundo moderno nasce da substituição das virtudes pelos interesses" (Barreto Filho, in Castrogiovanni, 2000, p.62). O importante nesse processo é reconhecer os vários interesses vigentes e saber optar por aqueles que representem a maioria, sem por isso deixar uma minoria totalmente desprivilegiada.

Neste momento voltamos a nos questionar sobre a questão do "**multiculturalismo**" das Feiras. Percebemos que a Feira de São Cristóvão pode deixar de "responder às necessidades concretas de parte do grupo que a produz e que dela se alimenta na luta pela sobrevivência", porque seu projeto poderá não contemplar a totalidade dos feirantes que dela participa há muito tempo, que só têm este lugar para trabalhar, que possuem sua clientela formada e que não dispõem de capital para investir em uma nova barraca dentro do pavilhão.

Em comparação a esta situação, a Feira do Rio Antigo parece ser mais democrática, ou seja, os comerciantes e expositores não precisaram investir para terem seu ponto de venda na rua. Desta forma parece que nesta feira o **multiculturalismo** existente antes da obra vai continuar quando a obra da rua estiver concluída.

A pesquisa nos mostrou também que, em relação ao **pertencimento ao lugar**, apesar dos agentes da Feira do Rio Antigo ressaltarem as características do lugar, como grandes auxiliares no processo de comercialização e de ambientação da feira, a maioria dos comerciantes e expositores mostra-se menos apegada a ele, em comparação aos feirantes de São Cristóvão, que lutam para continuar trabalhando no Campo, lugar que para eles é uma referência de sua história no Rio de Janeiro e também um tradicional ponto de encontro dos conterrâneos e das lembranças da cultura nordestina. Contudo, o sentimento de pertencimento é mais perceptível nos feirantes nordestinos que trabalham há mais tempo na Feira, que vieram do Nordeste e ajudaram a fundá-la. As gerações mais jovens, ou as pessoas que participam da Feira como meros comerciantes ambulantes, sem os laços culturais nordestinos não demonstram ter afetividade ao lugar ou ao evento. Os jovens feirantes geralmente herdam a barraca dos pais e passam a trabalhar por obrigação e para garantir o sustento.

O sentimento de **afetividade ao lugar e ao evento** foi demonstrado pelos comerciantes e feirantes das duas Feiras, que estão engajados, tanto culturalmente, como os nordestinos de São Cristóvão, como comercialmente, quanto os da Rua do Lavradio. Eles confiam no sucesso dos eventos, desde que ambos continuem se desenvolvendo em seus lugares atuais.

A **identidade cultural** das duas feiras foi comprovada pela autenticidade temática de suas atividades comerciais e pelo reconhecimento público da existência e do funcionamento de ambos os eventos, em suas respectivas áreas urbanas. E a **identidade** em geral de cada um dos lugares foi mudando, conforme o processo histórico e dinâmico pelo qual cada um passou. Este processo foi determinando a sucessão de utilização destes lugares, em relação ao tempo e ao grupo social predominante em cada época.

Em relação à **atratividade comercial** de cada lugar, enquanto a Feira de São Cristóvão, bem mais antiga, não exerceu influência sobre comércio de produtos típicos nordestinos no mesmo local onde atua, ou seja, ao redor do Campo de São Cristóvão, na Feira do Rio Antigo e na Rua do Lavradio, ocorre o contrário: existe a intenção de desenvolver neste local um pólo atrativo de comércio de móveis e antiguidades. E esta Feira é uma atividade que complementa o comércio do mesmo ramo da Rua do Lavradio.

Os comerciantes e feirantes nos revelaram uma sensível distinção quanto ao funcionamento dos eventos. Nos últimos cinco anos, a Feira de São Cristóvão foi obtendo melhorias no local, tais

como, água, iluminação e segurança e organização física durante o evento, depois que a associação dos feirantes mudou para a atual administração, embora a maioria dos comerciantes e feirantes tenha reclamado da diminuição das vendas. Em compensação, a Feira do Rio Antigo, que teve início há seis anos, numa rua antiga com muitos problemas urbanos, era muito mais movimentada e garantia um melhor rendimento aos comerciantes e expositores da feira, que atualmente. O período de obras na rua manteve a Feira bem mais vazia de expositores, de visitantes e com poucas vendas, ou seja, de cinco anos atrás para cá, período também comparado em São Cristóvão, a Feira de antiguidades e móveis veio piorando e definhando, por causa das obras da rua. Então, os processos inverteram-se no funcionamento das duas Feiras. Enquanto uma feira foi melhorando a qualidade do lugar, a outra passou por um período de declínio comercial.

A entrevista nos revelou que predomina entre os comerciantes na Feira de São Cristóvão uma faixa etária que varia de 30 a 49 anos. Na Rua do Lavradio e na Feira do Rio Antigo as idades predominantes variam de 40 a 60 anos. O que verificamos na Feira Nordestina é que as pessoas não têm muita resistência física para trabalhar com idades muito avançadas, por causa do grande esforço de montar, permanecer mais de 24 horas na "zoeira" da Feira e desmontar tudo no final do segundo dia de trabalho: é um serviço muito desgastante. Já na Rua do Lavradio, o comércio parece ser uma atividade mais tranqüila ou menos cansativa.

Verificou-se entre os entrevistados que na Feira de São Cristóvão 82% deles possuem profissões ou ocupações que não exigem estudos especializados ou diplomas. Na amostragem verificamos que 42% têm curso primário e 32% têm o 2º. Grau. Na Rua do Lavradio e na Feira do Rio Antigo 70% possuem profissões ou ocupações que não exigem estudos especializados ou diplomas, mas 55% têm 2º. Grau e 30% têm curso superior.

Para que possamos projetar os espaços urbanos necessitamos sempre aprender o que ele significa no contexto urbano e histórico. Se quisermos preservá-lo, é preciso descobrir sua identidade histórica, para podermos apontar uma diretriz de trabalho que não a apague e, ao mesmo tempo, consiga expressar as vontades coletivas da sociedade que se beneficia do lugar. E como diz Nestor Goulart Reis, "Para que possamos realizar nossos projetos, é essencial mantermos a memória de nossa identidade, pois ninguém pode planejar prescindindo de suas experiências anteriores, de suas referências" (Goulart Reis, 1992, 167). Além disso, "a defesa da preservação não pode ser a defesa do imobilismo, pois as cidades estão em mudança permanente. As escalas de tempo e espaço devem ser compostas e hierarquizadas, para orientar

as mudanças e possibilitar tomadas de decisões de valor em relação às transformações ocorridas" (Goulart Reis, 1992, 168).

O exercício de observar e conhecer os lugares deveria ser uma prática usual do arquiteto urbanista, antes de exercitar suas idéias, para a realização de projetos urbanos. Descobrimos neste trabalho que só aprendemos a enxergar melhor o lugar, quando vemos a partir do olhar do outro, que vivencia esse lugar, e por isso, conhece-o melhor e pode nos ensinar a conhecê-lo. Para isso, devemos banir o pré-conceito, a arrogância acadêmica e agirmos como cidadãos com vontade de aprender.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de A. – **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**, 2ª edição, Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1988.

AUGÉ, Marc - **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio - **Dicionário da Língua portuguesa - Séc. XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.) – **Turismo Urbano.** São Paulo: Contexto, 2000.

CHAVES, Gilmar – **Feira de são Cristóvão: o Nordeste é aqui.** Rio de Janeiro: Prefeitura / Relume Dumará, 1999.

COARACY, Vivaldo - **Memórias da cidade do Rio de Janeiro.** 3ª edição, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1988.

COSTA, Nelson – **Rio de ontem e de hoje** – Coleção Estácio de Sá. Rio de Janeiro: Leo Editores, 1958.

CURY, Isabelle (org.) – **Cartas Patrimoniais**. 2ª edição, Rio de Janeiro: IPHAN. 2000.

CZAJKOWSKI, Jorge (org.) – **Do Cosmógrafo ao Satélite: Mapas da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo e Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

DUMAZIDIER, J. – **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

FERRARI, Célson – **Curso de Planejamento municipal integrado: Urbanismo**. São Paulo: Pioneira Editora, 1977.

GERSON , Brasil - **História das ruas do Rio.** 5ª edição, Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 2000.

GONÇALVES, A. Restier - **Extractos de Manuscritos sobre Aforamentos** – 1925, 1926,1929. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Coleção Memória Rio 2.

GOULART-REIS FILHO, Nestor. – **Espaço e memória: conceitos e critérios de intervenção.** In O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania, São Paulo: DPH, 1992.

HALL, Stuart - **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 2ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

INST. MUNICIPAL ARTE E CULTURA - RJ - **Corredor Cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel.** RIOARTE IPLANRIO, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1089.

JACOBS, Jane – **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAPLANTINE, Fraçois – **Aprender Antropologia**. 6ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1993.

LARAIA, Roque de Barros – **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LAROUSSE Cultural - **Grande Enciclopédia**. Editora Nova Cultural, 1998.

LYNCH, Kevin – **A Imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

MARX, Karl – Salário, preço e lucro, 06 / 1865, in **Obras escolhidas de Marx e Engels.** Moscou: Ediciones en lenguas extranjeras, 1953.

SANTOS, Carlos Nelson. - **Preservar não é tombar, renovar não é por tudo abaixo.** In Revista Projeto nº 86, São Paulo, 04 / 1986, p. 59 - 63.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES – SMCTE e DEPARTAMENTO GERAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL – DGPC - **São Cristóvão um bairro de contrastes**. Rio de Janeiro: DGPC / DGDIC, 1991.

SILVA, Elvan – **Matéria, idéia e forma. Uma definição da arquitetura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

SILVA, José Afonso da – **Ordenação Constitucional da Cultura**. São Paulo: Malheiros Editores, 2001.

RIOTUR – **Guia do Rio – Rio Incomparável - Verão 2001**. Prefeitura do Rio / Secretaria Especial de Turismo, 2000.

TEIXEIRA COELHO - **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Editora Iluminuras / FAPESP, 1999.

Matérias Jornalísticas

- CABRAL, Luciana. **O Rio dos sonhos da prefeitura**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 01 mai 2001, Caderno Cidade p. 18.
- NOVAIS, Lúcia. **Augusto Ivan: uma declaração de amor ao Rio**. Jornal do Rio Antigo, Rio de Janeiro.
- PETRIK, Tiago. **Rua do Lavradio terá Rio Cidade**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 jun 1997, Caderno Cidade.
- RIANI, Mônica. **O futuro do passado**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 03 fev 2001, Caderno B, capa.
- SOUTO MAIOR, Dagoberto. **Prefeitura recupera a Rua do Lavradio**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro 06 jun 1998, Caderno Cidade, p.18.
- VEIGA, Hebe. **Cafezinho e bate-papo entre raridades**. O Globo, Rio de Janeiro, 01 ago 1997, Caderno Rio Show, p.19.
- **Em meio à polêmica São Cristóvão quer revitalização**. O Globo Zona Norte, Rio de Janeiro, 28 set. 2000, p.3, 4, 5.
- **Feira Nordestina no Pavilhão**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 dez 2000, Caderno Cidade.
- **Pavilhão 'high tech' para a Feira dos Nordestinos**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 fev 2001, Caderno Cidade.

8. ANEXOS

Assunto: **página**

8.1. Esquemas de utilização das edificações de entorno aos eventos

8.1.1. Campo de São Cristóvão

8.1.1.a. 1º. Lado do Campo de São Cristóvão..... 131

8.1.1.b. 2º. Lado do Campo de São Cristóvão..... 132

8.1.1.c. 3º. Lado do Campo de São Cristóvão..... 133

8.1.1.d. 4º. Lado do Campo de São Cristóvão..... 134

8.1.2. Rua do Lavradio

8.1.2.a 1º. Quarteirão - Rua do Lavradio..... 135

8.1.2.b. 2º. Quarteirão - Rua do Lavradio..... 136

8.1.2.c. 3º. Quarteirão - Rua do Lavradio..... 137

8.1.2.d. 4º. Quarteirão - Rua do Lavradio..... 138

8.1.2.e. 5º. Quarteirão - Rua do Lavradio..... 139

8.2. Depoimentos de usuários dos lugares..... 140

8.3. Questionário aplicado aos comerciantes, feirantes e expositores..... 142

8.4. Tabulação dos dados do Questionário..... 143

8.5. Matérias Jornalísticas utilizadas na dissertação

Feira de São Cristóvão:

8.5.1. “Em meio a [sic] polêmica, São Cristóvão quer revitalização” O Globo –Zona Norte, 28/09/2000. 194

8.5.2. “Feira Nordestina no Pavilhão”.Jornal do Brasil, 27/12/2000. 196

8.5.3. “Pavilhão ‘high tech’ para a Feira dos Nordestinos”. Jornal do Brasil, 16/02/2001. 197

8.5.4. “O Rio dos sonhos da prefeitura”. Jornal do Brasil, 01/05/2001. 198

Rua do Lavradio:

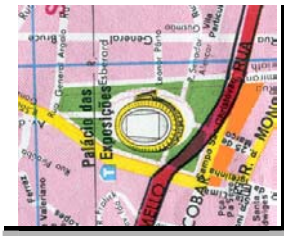
8.5.5. “Rua do Lavradio terá Rio Cidade”. Jornal do Brasil, 13/06/1997. 200

8.5.6. “Prefeitura recupera a Rua do Lavradio”. Jornal do Brasil, 06/06/1998. 201

8.5.7. “Augusto Ivan: uma declaração de amor ao Rio”. Jornal do Rio Antigo. 203

8.5.8. “O futuro do passado”. Jornal do Brasil, 03/02/2001. 206

8.1.1.a : 1º LADO DO CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO



Rua Almirante Mariach

Rua

138 – EMOP: Obras Públicas – Gov. Est. Rio – 5 pav.

122 e 120 – ala administrativa - 2 pav.
114 e 110 – Museus, Templos Escoceses, Biblioteca – 3pav.

106 – loja: retífica de automóveis – 1 pav.

102 – churrascaria “Pavilhão” - 2 pav.

96 e 96 A - edifício residencial – 2 pav.

94, 94 A e 82 - edifício residencial – 2 pav.

S/ no. (esquina): estacionamento da loja de automóveis

Rua 25 de Março

Campo de

São Cristóvão

N

Bela

58 – loja: venda de automóveis – 3 pav.
48 – loja: fechada – 2 pav.
44 - loja: materiais – 3 pav.
42 – café e bar “Exposição” - 3 pav.
40 - loja: autopeças e acessórios “Joauto” – 3 pav.
edifício residencial – 4 pav.
36 - loja: autopeças e acessórios “Vulcano” – 3 pav.
32 A – loja: fechada - 3 pav.
32 - loja: autopeças e acessórios – 3 pav.

28 - loja: vidro elétrico “Eletric Door” – 3 pav.
26 e 26 A - Edifício residencial – 3 pav.
24 – loja: fechada

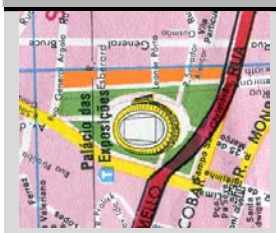
Rua da Igrejinha

6 – sobrado antigo e abandonado (à venda), ocupa toda a quadra – 2 pav.

Rua Santos Lima

Rua Escobar

8.1.1.b: 2º LADO DO CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO



Rua General Argolo

Esquina – agência de correio – 2 pav.
374 – edifício "Carlos Madrid" – 3. pav.

370 – edifício – 5 pav.
368 – vila residencial: "Bairro do Carlitos" – 2 pav.
362 – edifício abandonado – 3 pav.

358 – entrada de vila

356, 356 A e 354– sobrado residencial (tipolog. vila) – 2 pav.

348 – loja: equipamento de som "Sound Center" /edifício – 7p.
344 – loja: venda de automóveis "Citroën" - 2 pav.
340 – sobrado – 3 pav.

338 – templo: "Assembléia de Deus" - 4 pav.

Rua Esberard

310 – Educandário Gonçalves de Araújo – 3 pav.
300 – loja: equipamentos de foto "Kodak" – 6 pav.
edifício residencial – 6 pav.

290 - edifício fechado "Serv Confort" – 3 pav.
268 - edifício comercial desativado "Kodak" – 4 pav.
260 – agência bancária "Itaú" – 2 pav.
S/ no. – restaurante "Cidade do Porto" – 1pav.

Rua Leonor Porto

246 - edifício residencial – 3 pav.

240 – agência bancária "HSBC" – 1 e 2 pav.

Rua Senador Alencar

202 – restaurante "Adegão Português" – 2 pav.
204 A – loja: aços especiais "Cavallo" – edif. resid. - 4 pav.
204 – edifício residencial – 3 pav.

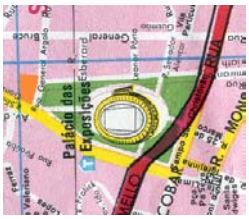
s/ no. – 3 sobrados em obra: Igreja Evang. Ass. Deus – 3 pav.
182C – café bar"Rio Vez" - 2 pav.
182 - edifício residencial – 6 pav.

S/ no. – loja: "Jockey Club Brasileiro" - 2 pav.
180 A – loja: prod. plásticos "Guanaplast" /edif.resd. - 5 pav.
180 - edifício residencial – 5 pav.

176 e 174 – oficina de carros – galpão
170 e 166 – galpão fechado
164 – restaurante a kilo – 2 pav.
162 - edifício – 2 pav.
160 – loja: "Silk Center" – 1 pav.

Rua Bela

8.1.1.c : 3º LADO DO CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO



Rua São Luis Gonzaga

Campo de São Cristóvão

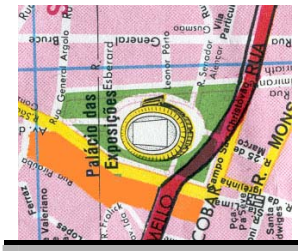
N

Rua Almirante Mariach

Rua Gal. Argolo

esquina: lanchonete “Lek”
424 - edifício residencial – 6 pav.
424 E – loja: lanchonete
424 D – loja: floricultura
424 C – loja: lanchonete
424 B – loja: “Bazar do Solar”
424 A – loja: depósito de doces “Pavilhão”
410 e 412 – churrascaria “Sestaris” - 2 pav.
406 – restaurante “Estrela de Lisboa” refeições – 2 pav.
lanchonete “Center Lanches” – 2 pav.
404 – galpão: abastecimento de gás “Gascar”
402 – sobrado em terreno: “Solar Bezerra de Menezes – Inst. de amparo à infância” – 2 pav.
394 – terreno: lava-jato “JB”
390 – sobrado – 2 pav.
388 - sobrado abandonado – 2 pav.

8.1.1.d : 4º LADO DO CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO



Rua Escobar

esquina: terreno: “Light – Sertviços de eletricidade”
33 e 33 A – vila (cortiço) – 3 pav.
s/ no. – barraco de escola de samba “G.R.E.S. Paraíso Tuiuti” (embaixo do viaduto)

Rua Figueira de Mello

Campo de São Cristóvão

N

Esquina – auto-posto “Ipiranga”
71 – edifício antigo – 3 pav.
73 A – lanchonete
73 - edifício – 2 pav.
75 – sobrado - 2 pav.
81 – sobrado fechado - 2 pav.
87 – loja: venda de automóveis “Volkswagen” – 8 pav.
s/ no. – emissora de TV “SBT” – 2 pav.
177 – Escola Municipal Gonçalves Dias
Colégio Pedro II: São Cristóvão - Unidade I
1 (esquina no. da Rua Teles) – Centro Municipal de Saúde

Rua Teles

Rua São Luis Gonzaga

8.1.2.a 1º QUARTEIRÃO - RUA DO LAVRADIO



Rua Visconde de Rio Branco

esquina – terreno com entulho de sobrado ruído (até meados de 05-2000), nova "praça" (mutirão de comerciantes), local de estacionamento
10 - chaveiro - sobrado de 1902 - 2 pa.
12 – depósito/loja mov. Antigos - 2 pav.
14 - depósito/loja mov. Antigos - 2 pav.
16 - barbearia - 2 pav.
18 e 20 - loja: móveis antigos (com clarabóia) - 3 pav.
22 - loja: móveis antigos - 3 pav.
24 - sobrado c/ uso de gráfica - 2 pav. **F**
26 - loja: tintas - 2 pav.
28 - loja móveis antigos/pensão - 3 pav.
30 - sobrado fechado - 2 pav.
32 - sobrado fechado - 2 pav.
34 - sobrado fechado p/ reforma - 2 pa.
36 - oficina de recuperação de móveis antigos (fechado) - 2 pav.
38 - Associação de ex-combatentes do Brasil / Seção Rio de Janeiro - 3 pav.
42 - Junta Comercial do Estado da Guanabara – Arquivo (fechada) - 2 pav.
44 - depósito de papel (lixo)
48 - bar / restaurante (mesas na rua durante a feira)- 2 pav.
50 - pastelaria / restaurante (mesas na rua durante a feira) - 2 pav.

Rua do Lavradio

1 - bar (esquina) e barbearia - 2 pav.
3 - sobrado fechado - 2 pav.
5 - sobrado fechado - 2 pav.
7 - sobrado fechado (antes: padaria "Nova Aymoré") - 2 pav. **F**
9 - sobrado fechado - 2 pav.
11 - loja: móveis antigos - 2 pav.
13 - sobrado fechado - 3 pav.
15 - sobrado fechado - 3 pav.
s/ nº - terreno com estacionamento, guarita e edificação ao fundo
23 - loja: móveis antigos - 2 pav.
25 – loja: material de construção - 2 pav.
27 - comércio de mármores (terreno arrasado)(1 pav.) **F**
- terrenos arrasados vazios (antes: parada de ônibus)

Rua do Senado

8.1.2.b 2º QUARTEIRÃO - RUA DO LAVRADIO



Rua do Senado

esquina - bar / restaurante - 2 pav.
54 - Centro Técnico Artes Cênicas (FUNARTE) Min. da Cultura - 2 pav.
56 - Escola Municipal "Celestino da Silva" - 3 pav.
60 - loja: móveis antigos - 2 pav.
62 - hotel "Castelo" (apto. para pernoite) - 3 pav.
64 - sobrado em ruínas (portas fechadas com tapume, sem telhado) - 3 pav.
66 - sobrado fechado - 2 pav.
68 - hotel "Casa Blanca" - 4 pav. fachada: térreo reformada, 2º e 3º pavs. antiga
70 - habitação - 3 pav. **F**
74 - sobrado fechado - 4 pav.
76 - igreja Cristã Espírita Universal - 4 pav.
78 - restaurante "Barão Kilo" e Edifício Magdalena - 3 pav.
80 - edifício abandonado (12 pavimentos)
84 - Soc. Brasileira de Artes - 2 pav.

Rua do Lavradio

79 - edifício da Telemar (14 pav.)
500 (nº Av. Rep. do Chile) - centro empresarial Rio Metropolitan (+ 30 pav.)

Rua da Relação

Avenida República do Chile

8.1.2.c 3º QUARTEIRÃO - RUA DO LAVRADIO



Rua da Relação

esquina - restaurante “Dom Cavalcanti” - 2 pav.
90 - bar - 2 pav.
92 - sobrado fechado - 2 pav.
94 - sobrado fechado - 2 pav.
96 - loja: móveis antigos - 2 pav.
98 - “Tribuna da Imprensa” sobrado fechado - 2 pav.
100 - bar e Soc. Beneficente luso-brasileira - 3 pav.
102 - loja: móveis antigos - 2 pav.
106 - edifício residencial (6 pav.)
106 A - loja: móveis antigos - 2 pav.
110 - ruínas de sobrado - 2 pav.
114 - posto de abastecimento SEPC-PA1 (terreno arrasado)
116 - loja: móveis antigos - 2 pav.
118 - hotel “Lavradio” - 2 pav.
120 - bar - 3 pav.
122 - entrada de vila residencial - 3 pav.
124 e 124 A - sobrado fechado - 2 pav.
126 - oficina mecânica - 2 pav.
128 - loja: móveis antigos - 2 pav.
*130 a 134 - frente: sobrados em restauração - 2 pav.
*144 - frente: sobrado em restauração - 3 pav.
154 - lanchonete “Arte Vital” - 2 pav.

Rua do Lavradio

terras arrasadas em obras: nova praça
97 - Palácio Maçônico do Lavradio - 3 pav.
Escola Estadual - CIEP - 3 pav. com pracinha e parquinho infantil
terreno baldio / vazio

Rua do Resende

Rua dos Arcos

8.1.2.d 4º QUARTEIRÃO - RUA DO LAVRADIO



Rua do Resende

156 - bar - 3 pav.
158 - loja: móveis antigos - 2 pav.
160 - loja: móveis antigos - 3 pav.
162 (164 e 166) - edifício novo - 3 pav.
168 - loja: móveis antigos - 2 pav.
170 - sobrado p/ reforma - 2 pav.
172 - loja: móveis antigos em edifício residencial - 3 pav.
174 - oficina mecânica - 1pav.
178 - entrada edifício residencial (5pav)
178 A - loja: móveis antigos (térreo)
180 - edifício comercial reformado - 8 pav.
182 - edifício antigo (térreo fechado)
184 - loja: móveis antigos - 3 pav.
186 - sobrado em reforma - 2 pav.
188 – loja: louças e mat. sanitários - 2 pav.
190 - edifício (térreo fechado) - 3 pav.
192 - bar - 2 pav.
194 - bar - 2 pav.
esquina (nº 88 Av. Mem de Sá) - oficina da carros - 2 pav.

Rua dos Arcos

s/ nº - terreno com estacionamento
155 - polícia (1 pav.) e terreno (terras arrasadas) c/ estacionamento
161 - loja: móveis antigos e molduras - 3 pav.
163 - oficina mecânica - 3 pav.
165 - terreno com estacionamento
esquina - bar (nº 82 Av. Mem de Sá)

Rua do Lavradio

Rua Mem de Sá

8.1.2.e 5º QUARTEIRÃO - RUA DO LAVRADIO



Rua Mem de Sá

198 - (esquina) oficina de carros - 2 pav. 200 - sobrado fechado - 2 pav. 202 - loja: bebidas - 2 pav. * 206 A - oficina mecânica * 206 B - loja: flores * 206 C - loja: espelhos e molduras * 206 D - mercearia * 212 - bar e lanchonete * edifício com 5 pav. (habitação pavimentos superiores)	**R. L a v r a d i o**	esquina (nº 77 da Av. Mem de Sä) - loja: pneus “Casa Borges” - 2 pav. 179 - habitação - 2 pav. 181 - oficina mecânica - 2 pav. 183 - loja: flores - 2 pav. 185 - sobrado fechado - 2 pav. 185 A - oficina mecânica - 2 pav. 185 B - bar esquina - bar e lanchonete

Rua Riachuelo

8.2. DEPOIMENTOS DE USUÁRIOS DOS LUGARES

Feira de São Cristóvão:

Um dos atuantes das associações do bairro, diz que, em sua opinião, é necessário que "as autoridades governamentais disciplinem a feira, que atualmente nem sequer pode ser classificada como nordestina, porque muitos empresários sublocam as barracas e dominam o comércio. Além da progressiva descaracterização, a feira sofre com a falta de asseio e com o aumento da violência".[23]

Feira do Rio Antigo, depoimentos em 05 / 2000:

- Comerciante e sócio de três lojas de móveis e antiguidades: "A obra iniciou-se em setembro de 1999 e tem o prazo de um ano para terminar. Acho que a obra vai melhorar muito o aspecto da rua".
- Vendedora de uma das lojas de móveis e antiguidades: "Trabalho aqui há oito anos e estou satisfeita com o serviço que faço. De um modo geral o comércio na loja vai bem. Nos sábados de Feira do Rio Antigo, em que a loja fica aberta até as cinco horas da tarde, as vendas rendem bons resultados".
- Comerciante de móveis e antiguidades em uma loja na Rua do Senado e expositor da Feira do Rio Antigo: "Estou animado com os resultados que a obra proporcionará à rua com melhorias de água, esgoto, águas pluviais, iluminação pública, estacionamentos rotativos e policiamento noturno. Acredito que tudo isso venha melhorar o comércio local e que possa até ampliar as obras para as ruas adjacentes e secundárias. As obras podem ser um incentivo para a abertura de novas lojas, nos sobrados onde atualmente funcionam depósitos ou moradias. Sou a favor da prática da Feira de Antiguidades. Deve-se manter a feira e os eventos mensais, pois eles divulgam o próprio Centro antigo do Rio".
- Funcionária da única padaria da rua (está fechada, atualmente), e mora na Rua Riachuelo: "Tomo conta do estabelecimento quando o patrão não está (sábado à tarde). Não conheço muito bem a história da rua. Para mim, as obras de saneamento da rua são importantes, porque a rua sofria com as enchentes em dias de chuva forte, as águas alagavam nos sobrados, porque o esgoto era insuficiente, os bueiros eram pequenos e viviam entupidos".
- Barbeiro, um senhor de origem italiana: "Acho que a obra pode melhorar as condições da rua, mas não tenho esperança que, por causa disso, minha freguesia aumente e o comércio se vigore. Acho que a rua é morta. Não há um tipo de comércio mais forte, que gere a circulação de pessoas e atraia a população do bairro para fazer compras na Rua do Lavradio, durante a semana e nos fins de semana também. Um comércio bom chama mais

[23] Depoimento: SMCTE-DGPC, 1991, p.135.

> comércio bom. E isso, infelizmente, não tem nesta rua. No meu caso, por exemplo, é cada vez mais difícil manter a barbearia com cliente, pois não há muita gente que circule por aqui, para isso. Mesmo no sábado, com a Feira de antiguidades, meu dia é quase sem serviço". Ele olha para a rua e aponta para os outros tipos de comércios dizendo: "A rua não está vazia, mas quem está aí não está comprando. Olham, olham e não compram nada. Os expositores ficam sentados o dia todo esperando e lucram pouco com isso".

Estes depoimentos nos mostram que os comerciantes de móveis da rua estão unidos, acreditando nas melhorias urbanas prometidas pela obra e incentivando a continuação dos eventos mensais. Os outros comerciantes estão menos envolvidos com a Feira do Rio antigo, mas acham que as obras vão melhorar o saneamento da rua.

8.3. QUESTIONÁRIO

A VALORIZAÇÃO CULTURAL DE ÁREAS URBANAS:
FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO E FEIRA DO RIO ANTIGO

Campo de São Cristóvão: ( )
Rua do Lavradio: ( )
Data : Hora :

1. Você é comerciante: do local ( ); da Feira ( ); de ambos ( ).
2. Qual é o ramo de atividade do seu comércio?
3. Você pertence à associação de comerciantes? Sim ( ) Não ( )
4. Há quanto tempo você trabalha nesta ocupação? E neste local ?
5. Por que você escolheu este lugar para trabalhar?
6. Você poderia desenvolver este trabalho em qualquer outro lugar da cidade?
   Sim ( ) Não ( ) Por quê?
7. O que faz você continuar aqui? Por quê?
8. Você consegue imaginar esta feira acontecendo em outro lugar da cidade? Por quê?
9. Você acha que o projeto de reurbanização vai melhorar a sua atividade comercial? Por quê?
10. O que é bom nesta obra / neste projeto /? Por quê?
11. O que é ruim nesta obra / neste projeto? Por quê?
12. **Rua do Lavradio**: Como era a feira antes das obras da rua?
13. **São Cristóvão**: Como era a Feira a 5 anos atrás ? E hoje, como ela é ?
14. **Para feirantes e expositores**: Você expõe suas mercadorias sempre no mesmo lugar? Sim (...) Não (...)
15. Existe algum limite físico para colocar as mercadorias?Sim (...) Não (...)
16. Como foi estabelecido o espaço que você utiliza para exposição?
17. Qual o valor cultural mais representativo deste lugar?
18. Qual o sentimento mais profundo que este lugar lhe desperta?
19. Classifique os seguintes itens:

	Ótimo	**Bom**	**Razoável**	**Ruim**	**Péssimo**	**Indiferente**
Estrutura atual da feira						
Espaço urbano da feira						
Iluminação urbana						
Serviço de água						
Som ambiente						
Ruído						
Rede de transportes						
Segurança (no dia do evento)						
Divulgação do evento						
Vizinhos						
Amizades						
Rentabilidade do comércio						

Idade: Sexo: M ( ) F ( )
Profissão: Nível de instrução:

8.4. TABULAÇÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

A VALORIZAÇÃO CULTURAL DE ÁREAS URBANAS:
FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO E FEIRA DO RIO ANTIGO

Obs: Os atores sociais que participam deste questionário são:

- **Comerciantes**: designação utilizada identificar as pessoas que trabalham em estabelecimentos de comércio, nos locais estudados, com o mesmo ramo de atividade das Feiras;
- **Feirantes**: designação utilizada na Feira de São Cristóvão, para as pessoas que arrumam suas barracas e bancas de mercadorias, nos dias de feira;
- **Expositores**: designação utilizada na Feira do Rio Antigo, para as pessoas que arrumam, expõem e vendem suas mercadorias (antiguidades e móveis), sobre a rua e a calçada, nos dias de feira.

	Feira de São Cristóvão		Feira do Rio Antigo	
	No.	% do total	No.	% do total
No. questionários	50	5%	20	50

Obs:
Feira de São Cristóvão:
Aproximadamente 1000 (mil participantes), entre feirantes e comerciantes. Foram realizadas 50 entrevistas por questionário e os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente.

Feira do Rio Antigo:
Aproximadamente 40 participantes, entre feirantes e comerciantes, no atual momento, com a presença da obra de reurbanização em alguns quarteirões da rua. Alguns comerciantes são donos de dois ou mais estabelecimentos de móveis antigos na rua.

Desde junho / 2001, a Feira do Rio Antigo conta com a participação da Feira RAC (Rede de Agentes Culturais).Como esta é uma iniciativa recente, e não está ligada ao tema original da Feira do Rio Antigo, seus expositores não foram interrogados.

1. Você é comerciante: do local ( ); da Feira ( ); de ambos ( ).

	Feira de São Cristóvão		Feira do Rio Antigo	
	No.	% do total	No.	% do total
Do local	5	10	4	20
Da Feira	45	90	6	30
De ambos			10	50
Total	50	100%	20	100%

Obs:
Apesar de trabalharem na feira, alguns feirantes também tem outro modo de sobrevivência, em outros lugares.

Comentários dos entrevistados:

Feira de São Cristóvão:
16-Além da feira, trabalho numa padaria.
18-Tenho também uma loja como complemento.
19-Tenho uma loja.
31-Também vendo em outros pontos, mas aqui é o forte.
40-Também trabalho em sua loja, há 9 anos.
42-Sou ambulante, também.
44-Também participo de eventos nordestinos.
45-Participo de outras feiras também.
48-Tenho outro comércio.
49-Também faço outras feiras.
50-Trabalho também na Central.

Feira do Rio Antigo:
Alguns comerciantes participam da feira, mas não expõem mercadorias na rua. Ex: 18. Há outros comerciantes que dizem não participar da feira, mas expõem mercadorias na frente de suas lojas nos dias da Feira. Ex: 1, 2, 11,12.

Objetivo:
Verificar a **vocação do lugar** e a **atratividade comercial** de cada local, em relação ao acontecimento das respectivas feiras.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: A grande maioria dos entrevistados, 90%, participa da Feira. Nenhum dos comerciantes do mesmo ramo situados no local, Rua Senador Alencar, participa da Feira Nordestina.

Feira do Rio Antigo: 50% dos entrevistados, que possuem comércio do mesmo ramo, participam também da Feira de antiguidades. 20% não participam, mas permanecem de portas abertas no dia da Feira.

Conclusão Geral: Apesar de bem mais antiga, **a Feira de São Cristóvão não exerceu atratividade comercial de produtos típicos nordestinos para o comércio local** do Campo de São Cristóvão. Percebe-se, ao contrário, na **Rua do Lavradio**, a intenção de desenvolver neste local um pólo atrativo de comércio do mesmo tipo de atividade. **A feira é uma atividade que complementa o comércio do mesmo ramo da Rua do Lavradio**.

2. Qual é o ramo de atividade do seu comércio?

Feira de São Cristóvão			Feira do Rio Antigo		
Ramo de atividade	No.	% do total	Ramo de atividade	No.	% do total
-Comida típica, bebida e forró.....	1	2	Comércio de móveis e antiguidades	11	55
Comida típica e bebida	11	22	Antiquário e bar	1	5
Doces nordestinos	1	2	Antiquário e lanchonete	1	5
Carnes	2	4	Locação de mobiliário e antiguidade	1	5
Mercearia variada: doces, biscoitos, abóbora, inhame, alho, feijão-de-corda, rapadura, mel biscoito, cerveja, cachaça, queijo, manteiga-de-garrafa, castanha, farinha etc.	6	12	Móveis para bares, restaurantes, residências e locações.	1	5
Laticínios e bebidas do NE	1	2	Exposição antiguidades e/ou móveis antigos	4	20
Verduras, legumes e cereais do NE.	1	2	Venda de acarajé	1	5
Tapioca, farinhas e doces.	5	10			
Mercearia de queijos	2	4			
Água-ardente, farinhas e cereais.	1	2			
Artigos nordestinos: artesanato, cachaça, rede, artigos de couro, utensílios domésticos.	1	2			
Artigos nordestinos: idem + acordeão, TVs e rádios usados, gaiolas.	1	2			
Bodega sertaneja	1	2			
Comestíveis e artesanato – atacado e varejo	1	2			
Mudanças e transportes locais e interestaduais	1	2			
CDs e fitas (sertanejo e forró)	1	2			
Fumo-de-rolo	1	2			
Castanha e artesanato	1	2			
Relojoaria	2	4			
Redes do NE	2	4			
Ferragens, ferramentas e bazar.	1	2			
Artesanato de uso pessoal	1	2			
Bordados NE	2	4			
Bazar e armarinho	1	2			
Roupas esportivas masculinas	1	2			
Sapatos: tênis, chinelo, sandália.	1	2			
Total	50	100%		20	100%

Objetivo:
Verificar a existência de uma predominância de atividades que se refira ao **tema de cada feira** (identidade).

Feira de São Cristóvão: A amostra ideal seria tomar uma porcentagem exata de cada tipo de atividade de cada uma das feiras, principalmente na Feira de São Cristóvão, onde a variedade é bem maior. Infelizmente, a falta de experiência, aliada à ausência de tempo ou de vontade de responder às perguntas, por parte de alguns feirantes, resultou em uma variedade amostral difícil de ser avaliada como predominância real de atividades.

Feira do Rio Antigo: A amostra é composta pela maioria existente de expositores e de comerciantes do local, visto que a feira é bem menor que a de São Cristóvão e com um número bem menor de participantes, no atual momento, em que a obra urbanística tem afastado um número maior de participantes da feira e, portanto, os comerciantes do local predominam.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: 80% dos entrevistados, entre comerciantes e feirantes, comercializam produtos tipicamente nordestinos e 20% participa com artigos diversos.
Feira do Rio Antigo: 90% dos entrevistados, entre comerciantes e expositores, comercializam antiguidades e ou mobiliário antigo.

Conclusão Geral: Predominam em cada feira, atualmente, os produtos típicos ligados ao tema principal de cada feira.

3. Você pertence à associação de comerciantes? Sim ( ) Não ( )

	Feira de São Cristóvão		Feira do Rio Antigo	
	No.	% do total	No.	% do total
Associado e/ou Contribuinte	37	74	17	85
Não associado	13	26	3	15
Total	50	100%	20%	100 %

Obs:

1- Não foi identificado documento que mostrasse o cadastramento formal dos feirantes, expositores e comerciantes nas associações que organizam os eventos. No entanto, vários entrevistados disseram que participam das respectivas associações, porque eles pagam taxas, tais como o direito de expor as mercadorias a cada dia de feira (Feira do Rio Antigo) e também por serviços de luz e segurança (Feira de São Cristóvão). Por isso foi acrescentada a categoria de "contribuinte". Existem também pessoas que se dizem "não-associados", mas que participam de ambas as Feiras.

2- São Cristóvão: Alguns comerciantes da redondeza não fazem parte da associação, mas participam de reuniões e estão cientes do funcionamento e do projeto de mudança da Feira. É o caso dos entrevistados: 20, 21, 22, 23 e 24.

Comentários de entrevistados:

Feira de São Cristóvão:
41-Participava mais das reuniões. Faz dois anos que quase não vou.
50-Às vezes, vou.

Rua do Lavradio:
15-No dia da Feira do Rio Antigo, o lojista paga tanto quanto ou mais que os expositores da rua.

Objetivo:
Verificar o comprometimento e a participação dos integrantes dos eventos com as respectivas associações que organizam e promovem as feiras, responsáveis pela animação e atração social nos fins-de-semana.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: 74% dos entrevistados admitem participar das reuniões e, de acordo com as possibilidades econômicas e com a atividade exercida, contribuem com taxas de segurança (particular da Feira), de luz e de água. Os comerciantes do local, 10%, admitem participar de algumas reuniões e de conhecerem as intenções do projeto do pavilhão.
Feira do Rio Antigo: (Rua do Lavradio): 85% dos entrevistados admitem participar de reuniões e pagar uma taxa de participação a cada dia de feira, à associação dos comerciantes ACCRA.

Conclusão Geral: Aproximadamente 75% dos participantes das Feiras participam das respectivas associações que organizam os eventos e estão cientes dos projetos e ou mudanças, nas respectivas áreas urbanas.

4. Há quanto tempo você trabalha neste ramo de negócio? E neste local?

Feira de São Cristóvão			Feira do Rio Antigo		
Ocupação	Ramo de negócio(anos)	Local - C. São Cristóvão-anos	Ocupação	Ramo de negócio-anos	Local -R. Lavradio (anos)
Comercian-te	44	30	Comercian-te	22	22
	45	30		15	2
	5	5		20	6
	40	40		30	9
	12	12		22	7
				23	30
				4	8 meses
				5	5
				10	1e 2 m.
				25	25
				10	8
				11	11
				15	15
Feirante	10	10	Expositor	3 - 12	3 - 6
	6	6		4 - 4	4 - 2
	23	23		5 - 15	5 - 4
	1	1		6 - 2	6- 1,5
	30	40		7 - 3	7 - 3
	+ de 30	27		8 - 10	8 - 3
	6	6		9 - 11	9 - 2
	6	6			
	15	15			
	6	23			
	35	35			
	13	13			
	6	4			
	25	25			
	5	5			
	10*	2 m.			
	11	11			
	25	25			
	6	20			
	6	22			
	20	20			
	15	15			
	5	11			
	20	20			
	12	12			
	20	20			
	8	8			
	20	20			
	8	8			
	8	14			
	38	38			
	15	15			
	6m.	6m.			
	21	21			
	30	30			
	23	23			
	30	30			
	23	23			
	7	3			
	10m	10m			

Feirante (continuação)	5 40 15 8 18	11 50 8 8 18			
Total	50	50		20	20

Feira de São Cristóvão **Feira do Rio Antigo**

Ocupação	Ramo negóc.		Local		Ocupação	Ramo negóc.		Local	
	anos	% tot.	anos	% tot.		anos	% tot.	anos	% tot.
Comercian-te + 30 anos	44 45 40	6%	40	2%					
Comercian-te 21-30 anos			30 30	4%	Comerciante 21-30 anos	22 30 22 23 25	25%	22 30 25	15%
Comercian-te 10-20 anos	12	2%	12	2%	Comerciante 10-20 anos	15 20 10 10 11 15	30%	11 15	10%
Comerciante -10 anos	5	2%	5	2%	Comerciante -10 anos	4 5	10%	2 6 9 7 8 mes 5 1e 2m 8	40%
Feirante 31-40 anos	35 +30 38 40	8%	35 38 50	6%					
Feirante 21-30 anos	23 30 25 25 21 30 23 30 23	18%	23 40 27 23 25 25 21 30 23 23	20%	Expositor 21-30 anos		0%		0%

Feirante 10-20 anos	10 15 13 10 11 20 15 20 12 20 20 15 15 18	28%	10 15 13 11 20 22 20 15 11 20 12 20 20 14 15 20 18	34%	Expositor 10-20 anos	12 15 10 11	20%		0%
Feirante -10 anos	6 1 6 6 6 6 5 6 6 5 8 8 8 6m. 7 10m 5 8	36%	6 1 6 6 4 5 2m 8 8 6m 3 6m 11 8 8	30%	Expositor -10 anos	4 2 3	15%	6 2 4 1,5 3 3 2	35%
Total	50	100 %	50	100%	Total	20	100 %	20	100%

Objetivo: Verificar a quanto tempo as respectivas atividades comerciais estão sediadas nos locais ou nos eventos estudados, para saber a predominância do período de formação das **vocações locais e dos eventos**.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: 34% dos entrevistados instalaram-se para trabalhar na feira no período de 10 a 20 anos atrás. 30% participam da feira há menos de 10 anos e 20% dos entrevistados estão lá de 21 a 30 anos. Isto demonstra que apesar da Feira funcionar a muito tempo, pelos menos 50 anos, ela recebeu muitos comerciantes a partir do início da década de 1980 até a atualidade. Isto coincide com o início do período caracterizado por crises econômicas sucessivas, que resultaram em **altas taxas de desemprego**. Assim, o número de participantes do **comércio ambulante, que é o trabalho informal, passou a crescer**. Por outro lado, esta época marca o início do funcionamento noturno da Feira de São Cristóvão.
São poucos feirantes, nesta amostragem, que trabalham na Feira desde seu início (6%). Não há muita diferença entre o percentual do ramo de negócio e o do local, porque a maioria dos entrevistados iniciou a atividade comercial nesta Feira e, hoje, já tem sua freguesia certa.
Rua do Lavradio: A entrevista mostra que a maioria dos comerciantes que está atualmente na rua já trabalhava neste ramo de negócio antes de se estabelecerem neste local: 30% entre 10 e 20

anos e 25% entre 21 e 30 anos. Mas, 40% dos comerciantes entrevistados foram para a Rua do Lavradio a menos de 10 anos, como também, os expositores que participam da Feira. Assim, a Feira do Rio Antigo abriu a possibilidade de um aumento significativo no número de estabelecimentos deste ramo comercial na rua. Isto vem se acentuando, principalmente por causa da revalorização urbana, que acontecerá após o término da obra de melhoramentos da rua. Este fenômeno de atração comercial vem definindo a **vocação** de mobiliário e de antiguidades, para a rua.

Conclusão Geral: O funcionamento da Feira Nordestina em São Cristóvão foi uma **formação espontânea** que, com o tempo desde a sua formação, em 1949, só aumentou de tamanho, principalmente a partir de 1980, quando a feira passou a funcionar durante a noite, também. Ela cresceu por causa do **aumento do mercado informal de trabalho**. A Rua do Lavradio também foi recebendo comerciantes de maneira espontânea, mas foi a partir da década de 1990 que este movimento de **atração do ramo de negócio** foi mais bem percebido. Isto propiciou a criação da Feira do Rio Antigo, que por outro lado, vem trabalhando para a fixação comercial da rua e também tem incentivado o **mercado formal de trabalho**.

5. Por que você escolheu este lugar para trabalhar?

Feira de São Cristóvão		**Feira do Rio Antigo**	
Justificativa e Expressão chave	Palavra-chave	Justificativa e Expressão chave	Palavra-chave
2-Por causa do **emprego** (6 anos). 3-Trabalho para **não passar fome**, no que posso (23 anos). 7-Porque a **mercadoria é mais valorizada** aqui que no CEASA (6 anos). 14-Era a **única coisa** que eu sabia fazer (25 anos). 16-Não escolhi, fui **convidado** (2 meses). ***21***-Fui **convidado** para trabalhar na loja (30 anos). 26-Eu tinha outra opção e, por coincidência, **consegui a licença de trabalho aqui** (20 anos). 33-Para **sobreviver** (20 anos). 38-estava **sem emprego** rentável e resolvi **comprar** esta **barraca**, que já funcionava a 31 anos, do seu Zé-das-Redes (6 meses). 39-Na época, foi a **melhor opção** (21 anos). 40-Por **necessidade**, para ajudar na parte econômica, senão **não estaria aqui** (30 anos). 41- Por **necessidade**, para **ganhar mais** (23 anos). 43- Fui fuzileiro naval e **na folga trabalhava aqui**, quando cheguei do RN (30 anos). 44-Porque este tipo de **trabalho** é **bem aceito** (3 anos). 46-Por causa do **fluxo de gente** que **compra de tudo** (11 anos). 48-Por **necessidade** (8 anos). 49-Porque preciso de **dinheiro** (8 anos). 50-Comecei a **trabalhar com colegas nordestinos** e depois, montei meu **próprio negócio** (18 anos).	Negócio: 18 36%	1-Fui contratado para reformar o sobrado e tomar conta da loja, **gostei do negócio** e tornei-me sócio (22 anos). 2-Aqui tem mais **facilidade de venda** (11 anos) 5-Fomos **convidados** para a feira. (tem loja de móveis e antiquário na região) (15 anos). 7-Escutei falar que era boa para **vender** (3 anos). 11-**Oportunidade do ponto** de comércio (9 anos). 12-Fui **convidado** pelo dono da loja a trabalhar (7 anos). 13-**Já trabalhava neste local** com transportes e resolvi **ficar aqui** (30 anos). 14-Porque **não paguei "luvas"** pelo ponto comercial e fui reformando aos poucos (8 meses). 16-Porque é **a rua mais conhecida** [no ramo] (1 ano + 2m). 18-Foi uma **oportunidade** de **negócio** (8 anos). 19-Fui **convidado** por uma amiga do número 28 para participar de um dos **20 boxes de móveis, antiguidades e artes**. Surgiu o projeto "Incubadora". Fiquei lá por 5 anos (11 anos).	Negócio 11 55%
5-Meu **tio** Zé-do-Bode **já trabalhava neste ramo** na feira, em Campina Grande. E aqui eu **continuo**. 9-É um **trabalho** de geração **de família**. 12-Emprego está difícil e aqui era mais fácil, porque **minha mãe tinha uma barraca**. 13-Porque meu **amigo**, que tinha o ponto, mas estava **afastado**. 17-Meu **pai já trabalhava** na Feira.	Negócio de família 13 26%	17-A **loja era do meu pai** e eu continuo o negócio. 20-O **imóvel era do meu pai** e resolvi instalar o negócio.	Negócio de família 2 10%

19-Meu **primo** já trabalhava há **20 anos aqui**. Eu vim por **necessidade**. 25-Porque sou **nordestina** e comecei trabalhando em **barraca de parentes** (da **tia**). 31-Minha **mãe** tinha **barraca de tapioca**, onde eu comecei e meu **tio**, uma **de discos**, que continuo a **11 anos**. 32-Este **ponto** era do meu **sogro**. 35-**Trabalhava** com meu **irmão**, vendendo legumes. 37-Cansei de ser costureira e vim porque meu **marido** tinha uma **barraca d coco**. 42-**Comecei com meu pai**, há mais de 30 anos, no NE. **Aqui** foi o primeiro lugar, aonde ele **chegou com os filhos**, que foram criados aqui. 47-Já **era da família**, do meu **pai**. Eu vim direto do NE para cá.	Negócio de família (contin.)		
30-Por **necessidade** e porque **gosto** também.	Negócio e afetivida-de 1 – 2%		
10-É uma **válvula de escape**, de **encontro** do povo. Faço porque **gosto**. 11-**Adorei**. Gostei e vivo disso. 15-Porque **gosto**, acho legal. 34-Porque **gosto de trabalhar com população**, na **agitação**.	afetivida-de: 4 - 8%		
1-Sempre **gostei da feira**. Sou do NE. 6-Aqui é **mais perto de casa**. 36-Aqui era o **lugar de encontro** do nordestino e como não tinha telefone, tinha que vir para cá para **esperar notícias do NE**.	Lugar: 3 – 6%	3-**Gosto da Lapa** e de sua história. Acho importante **revigorar o espaço** com uma visão contemporânea. 4-Gostei do **movimento** do lugar. 6-Ouvi dizer que era um **bom lugar** e resolvi ficar. 9-O lugar é ideal, pela parte antiga que é um **resgate do passado** da cidade. 10-Por causa da **arquitetura do prédio** e da **história da rua**. 15-Escolhi por causa do **charme** e da **autenticidade** do lugar.	Lugar: 6 30%
4-Aqui é um **lugar importante** e dá para **sobreviver**. 8-Porque é **tradicional**, é como o NE, **para trabalhar**. 18-Porque é o lugar **mais tradicional**.	Negócio e lugar 11 22%	8-Achei que minha mercadoria estava dentro do contexto da **rua histórica,** com **arquitetura antiga** e **lojas de móveis**.	Negócio e lugar 1 - 5%

20-Porque a **colônia** nordestina se **concentrou nesta rua e no Campo**. ***22***-Cheguei do NE há muitos anos, aqui neste lugar e, bem mais tarde, **comprei** este **sobrado**, para **trabalhar**. ***23***-Porque aqui já era um **reduto de nordestinos**. ***24***-Aqui **já funcionava** uma empresa de transportes e resolvi dar **continuidade**. 27-Porque aqui era o **lugar de encontro do pessoal, no fim-de-semana**. 28-Comecei trabalhando num restaurante e vi que **aqui é bom de dinheiro**. 29- Me **sinto bem** e **ganho** alguma coisa **para viver**. 45-Porque tem **muita gente** e como é coisa típica do NE, quero **ver se rende**.	Negócio e lugar (contin.)		
Total	100%		100%

Objetivo:
Verificar o motivo que predominou na escolha do local. As respostas foram divididas em grupos de: negócio, negócio de família, lugar, afetividade pelo lugar ou pela atividade e algumas combinações entre elas.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: Entre as respostas predominou o negócio (36%), seguida de negócio de família (26%) e lugar e negócio (22%), ou seja, a **atividade econômica** que gera o sustento do feirante ou do comerciante está presente em **84%** das respostas.

Rua do Lavradio: O **negócio** teve maioria absoluta com **55%** das respostas. Em seguida aparecem as características do **lugar** (30%) e uma pequena participação do **negócio de família** (10%).

Conclusão Geral:
Enquanto que para a Feira de São Cristóvão o lugar não foi concebido como uma estratégia de mercado e sim como uma formação espontânea provocada pelo **saudosismo da cultura da terra natal**, a Feira do Rio Antigo foi uma criação da **lógica comercial ligada à estratégia de localização**. A concentração do ramo de negócio e o desenvolvimento da feira **criam a atratividade do lugar**, chamando o público e melhorando a rentabilidade da atividade comercial.

6. Você poderia desenvolver este trabalho em qualquer outro lugar da cidade? Sim ( ) Não ( ) Por quê?

Feira de São Cristóvão			**Feira do Rio Antigo**		
Sim: 76 (%)	1-**Sim**. Mas, aqui é mais fácil, tem **mais tradição**. 18-**Sim**. Poderia. Tenho uma **loja**. 19-**Sim**, na **loja** em Campo Grande. 35-**Sim**. Mas, só se o **lugar** tivesse **movimento e freguesia**. 40-**Sim**. Poderia tenho minha **loja**. 47- **Sim**. Poderia também **na Praça XV**.	Lugar: 6 12%	Sim: 14 70%	1-**Sim**. Poderia, mas aqui é melhor, por causa do **movimento** do Centro do Rio Antigo. 5-**Sim**. Já trabalhei com isso na Praça XV, mas lá tem mais miudeza. 8-**Sim**. Mas, teria que ter uma estrutura que **combine com as mercadorias**.	Lugar: 3 15%
				3- **Sim**. Contanto que haja uma **associação coesa** que trabalhe em grupo e que acredite nisso. 9- **Sim**. Desde que houvesse um **grupo ou associação para organização** dos expositores.	Associação: 2 10%
	6-**Sim**. Poderia porque é **gostoso**. 9-Pela **experiência** no trabalho. 29-**Sim**. Por causa da **experiência** que tenho com os produtos. 33-Poderia ser num **restaurante**. 34-**Sim**. Já **sei** como **desempenhar o trabalho** com pessoas mais simples e mais ilustres. 38-**Sim**. **Gosto** de atender as pessoas, de **lidar com o povo**. 41-**Sim**. Tenho **experiência**, mas **falta investimento** para isso. 42-**Sim**. Dá para vender, mas **licença** para vender é **só aqui**. 43-Sim. Pela **experiência** deste tempo todo. 49-**Sim**. Já estou **nisso** há **muito tempo**.	Ocupação: 10 20%		6-**Sim**. Porque **gosto muito** deste trabalho.	Ocupação: 1 5%

	2-**Sim**. As **pessoas gostam** de ter doces em **outros lugares**. 3-**Sim**.A **comida** pode estar em **qualquer lugar**. 11-**Sim** poderia, **durante a semana**, se tivesse lugar para isso. 12-**Sim**. Tem muita gente que já conhece, mas têm outros que **podem conhecer a comida típica**, também. 13-**Sim**. Trabalho em **outro ponto no Caju**. 14-Sim. Num **shopping** ou **mercado**. 15-**Sim**. Tem **boa saída** em **qualquer feira**. 16- Sim. Em **qualquer** outro **lugar ou região**. ***20*** – Com certeza, **poderia até dar mais resultado**. Hoje, a **clientela** não é mais só de conterrâneos, mas **também da zona sul**. Ex: Feira da Providência, locação para eventos, TV e colégios. ***21***-**Sim**. Porque aqui **não** está se **vendendo quase nada**. ***22***-**Sim**. Seria até m**elhor que aqui**. ***23***-**Sim**. Porque a **procura é muito grande**. Tem muito carioca que gostada comida nordestina. 26-**Sim**. Mas é **difícil se aventurar**. 27-**Sim**, A **comida** vai bem em **qualquer local**. 30-**Melhoraria** a **renda**, mas não pretenderia sair daqui. 32-**Poderia** em **outra feira**, se tivesse licença, para isso. 39-Sim. São **vendáveis em qualquer lugar**. 46-**Sim**. Em **qualquer lugar** do Brasil **posso ter meu bazar**. 48-**Sim**. A **mercadoria** é bem **aceita** em todos os lugares.	Mercado e negócio: 22 44%		7-**Sim**. Para **ganhar dinheiro**, eu vou. 10-**Sim**. Desde que haja **mercado** para isso. 11-**Sim**. **Não importa o lugar**, basta ter público, peças e preço. 12-**Sim**. Vai **vender em qq lugar** para o público que procura isso. 13- **Sim**. Mas, a rua já é **caracterizada por isso**. (o comércio de móveis) 14-**Sim**. Há sempre **público interessado** nestas duas atividades. (antiquário e lanchonete) 15-**Sim**. **Esplendidamente**. 20-**Sim**. O trabalho com a **publicidade, a internet não dependem do local**.	Mercado e negócio: 8 40%

	44-**Sim**. Desde que tenha **fluxo turístico**. 45-**Sim**. **Gosto de trabalhar com o público**. O trabalho pode ser feito em **qualquer lugar**. 50-**Sim**. Tenho **negócio na Central**, também, porque **conheço o movimento** dos dois lugares.	Mercado e negócio Contin.			
Não: 12 24%	5-Igual à **Feira de São Cristóvão**, não. **Não há lugar melhor**. 10-Não, porque **aqui já se enraizou**. 36-**Aqui** é a **nossa tradição**.	Lugar e Tradição 3 6%	Não: 6 30%	4- Porque aqui já tem uma **história da rua**. 16-Não combinaria, por causa dos **imóveis antigos da rua**.	Lugar: 2 10%
	4-**Não**. Porque **aqui** é muito **melhor**. 8-**Não**. A **estrutura** de feira **ajuda** muito ***24*-Não**. Com **tanta freqüência** não. Pelo **conhecimento** que o **lugar** já tem, pela aglomeração nordestina aos domingos. 25-Devido à **publicidade** que tem, as **pessoas já conhecem** e artistas também freqüentam. Aqui **rende mais** do que se fosse num restaurante típico, porque **o evento favorece**. 28-Não. O **melhor** lugar **é aqui**, não daria certo em outro. 31-Ficaria difícil, porque há muito **preconceito no Centro com músicas de forró**. Aqui **na feira vende mais**. 37-**Não**, porque **só trabalho sábado e domingo**.	negócio e lugar: 7 14%		2-Porque aqui já está **concentrado** o mesmo **ramo**. 17-Aqui é um **ponto estratégico**. 18-**Não**. Porque aqui funciona o **Corredor Cultural** e a **rua** é **conhecida** por isso. 18- O espaço tem que **visar o público alvo** e a **rua é tradicional neste ramo**.	negócio e lugar: 4 20%
	7-**Não**. Por **falta de** condução e de **frete**. 17-É **difícil**. Já sou cadastrado aqui.	Diversos: frete, cadastro 2 – 4%			
100%			100%		

Objetivo: Verificar se o ramo de negócio está associado diretamente ao lugar onde é atualmente desenvolvido e se o comerciante ou feirante poderia ter o mesmo sucesso de negócio fora dos respectivos lugares de estudo.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: 76% dos entrevistados responderam que “sim”, poderiam desenvolver a atividade em outro lugar. Dentre estes, 44% atribuem razões de mercado e de negócio, tais como, a boa aceitação dos produtos em qualquer lugar ou a experiência de já trabalhar em outro local com os mesmos produtos da Feira. Em segundo lugar, com 20%, são as respostas referentes à ocupação, ou seja, ao gosto pela atividade e à experiência do trabalho junto ao público. Os 24% que acham que “não” poderiam, atribuem o sucesso do negócio ao lugar, que é “o melhor”, e ao conhecimento público devido à tradição do evento, sempre no Campo de São Cristóvão.

Rua do Lavradio e Feira do Rio Antigo: 70% acham que poderiam trabalhar em outro lugar. Predominam também as razões de mercado e negócio, com 40%, citando a necessidade da presença de público, ou a melhoria do negócio em outro lugar. Os 30% que acham que “não poderiam” atribuem o sucesso do negócio à concentração, ao conhecimento público do ramo de atividade e à ambiência do urbanismo antigo do lugar, que combina com o tema da Feira do Rio Antigo.

Conclusão Geral:
A maioria dos comerciantes e feirantes, mais de 70% dos entrevistados, de ambas as feiras, entendem que **o sucesso do negócio não depende diretamente ou exclusivamente do lugar onde possa ser desenvolvido, mas sim das condições de mercado para a venda de seus produtos**. Isto pode ser melhorado com a presença de público e da experiência no assunto. Contudo, alguns citam que o atual lugar dos eventos é muito importante para o negócio, por causa da tradição e do conhecimento público, que atuam como uma publicidade para os lugares.

7. O que faz você continuar aqui? Por quê?

Feira de São Cristóvão		**Feira do Rio Antigo**	
2-Porque trabalho 8 dias/mês e **ganho mais** do que quem trabalha o mês todo. 3-Trabalho **onde dá** [dinheiro para sobreviver]. 5-Só tenho a Feira para **sobreviver**. 7-É meu **único meio** de serviço. 9-Porque **dependo** daqui **para viver**. 11-Meu **emprego** é aqui na Feira. 12-É o **salário**. 13-Para **ganhar mais** e **sustentar a família**. 14-Fico pela **necessidade**, porque preciso. 15-Eu **gosto** e também **não tenho outro serviço**. 17-O **forte** do meu **salário** é aqui. 19-É a **necessidade** de **complementar o salário**. ***22***-**Não tenho condições** de colocar uma loja **num centro comercial**, então fico aqui. ***24***-A freqüência da movimentação de **nordestinos** vem caindo, mas tenho uma **clientela de militares**, também. 26- A **necessidade** e a **falta de emprego**. 27-Fico porque **preciso**. 29-Já estou **acostumada** com a **freguesia**. 33-A **necessidade**. 34-Por causa do **rendimento**, senão nem ficaria aqui. 38-É a **perspectiva de melhorar** quando passar **para o pavilhão**. 40-Venho por **necessidade**. 45-É a **falta de emprego** com carteira assinada. 46-Quero **crescer financeiramente** dando "passos à frente". 48-Porque dá para **sobreviver**.	Negócio: 24 48%	1-Porque é aqui que eu exerço meu **trabalho**. 2-Fico pela **rentabilidade**. 14-Porque **falta dinheiro** para poder abrir isto em outro lugar e não posso perder o investimento que fiz aqui. 18-Porque o **negócio rende bem** e não é desgastante. 20-Fico porque **já tenho o ponto**.	Negócio 5 25%
1-Ao mesmo tempo em que **trabalho**, me **divirto**. 39-São os **amigos** e a **necessidade**. 41-A **necessidade** e a **amizade** com os "paraíbas". 43-**Gosto de trabalhar na Feira** e lidar com a **gente da região**.	negócio e afetividade 4 8%	3-Porque **amo** a rua e a Lapa. 8-Porque este lugar está inserido dentro de uma **referência histórica**. 10-Porque **gosto** (do lugar).	Afetividade e Lugar: 3 15%

4-**Gosto da feira**. 6-Porque **gosto**. 10-Isso aqui é uma **criação da gente**. 16-Porque **aqui é gostoso**, divertido e eu **encontro outros** nordestinos. 18-Continuo porque **sou nordestino**. ***20***-É o **amor ao bairro tradicional** que acolheu muitos nordestinos. 25-A **Feira** é o maior **patrimônio** porque une **família, trabalho, renda e amigos**. Há uma relação entre tudo. 30-Eu **gosto** mesmo da **feira** e já me **acostumei**. 32-**Gosto** de vir e **espero a hora para vir para cá**. 36-Porque viemos, ficamos e não podemos abandonar. **É nossa casa**. 47- Por causa da **tradição de pai para filho**. 50-Porque **gosto** mais da **feira aberta**, assim.	Afetividade do lugar, do evento: 12 24%	4-Por causa do **movimento**, da **diversão** e do **lucro**. 5-Pela **aproximação das lojas** de móveis e antiquários. 6-Porque aposto que tenha um **grande futuro**. 11-Já estou **estabelecido** e a **firma** tem uns **40 ou 50 anos**. 12-Porque já estou aqui há muito tempo. Já é um **ponto fi**xo. 13-**Aqui** tem mais **sucesso**. 16-A esperança de **bons negócios** por causa da **obra da rua**. 17-Continuo por causa do **bem-estar**, **amigos** e **clientes**.	lugar e negócio: 8 40%
37-Para **não ficar só em casa vendo TV**. Eu **não gosto de ficar presa**, fechada num lugar.	Lugar: 1 2%	7-Porque gosto mais de feira do que de loja. Gosto de **estar ao ar livre**. 9-Porque **gosto**, curto a rua.	lugar e diversão 2 10%
8-É a **renda** que é melhor, **aqui**. ***21***-Aqui já é um **local antigo e conhecido dos nordestinos**. ***23***-É a **tradição do lugar**, o ponto de **referência**, há muitos anos. 28-Aqui é melhor para trabalhar tem **muita gente e turista**. 31-É a **necessidade** e o vínculo com **cliente-amigo**. 35-Porque aqui é o **único meio de ganhar dinheiro**, **sem pagar para olhar as crianças**. 42-**Comecei aqui** e o **movimento é melhor**. 44-É a **freqüência**, o **lugar seguro** e a **clientela**. 49-O **grande movimento** ajuda a **vender melhor**.	lugar e negócio: 9 18%		
		15-Pelo gosto da atividade.	ocupação: 1 – 5%
		19-Pelo fato de **acreditar no projeto de revitalização** com a Feira, há 5 anos.	Projeto: 1 – 5%
	100%		100%

Objetivo: Verificar o que representa para o comerciante e/ou o feirante trabalhar nos respectivos lugares estudados. Ver se prevalece o fator econômico, o fator do ambiente / lugar, a combinação de ambos ou outros fatores.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: 48% dos entrevistados responderam que ficam por que **necessitam** tirar seu **sustento** e este é seu **local de trabalho**. **32%** atribuem um **sentimento de afetividade** ao lugar, ao evento ou ao negócio: gostar de estar lá, de encontrar os amigos, os clientes, os parentes, de estar em contato com o ambiente de sua casa, de suas tradições e de trabalhar se divertindo. **18%** continuam porque vêem uma relação **negócio-lugar** na Feira, ligada ao conhecimento público, à tradição nordestina, ao grande movimento que traz a clientela e tudo isso resulta na rentabilidade do negócio.

Feira do Rio Antigo: 40% continuam no **lugar** porque acreditam que está **relacionado ao sucesso do negócio**, pelo ambiente, pela concentração do ramo que atrai a clientela e pela esperança de melhoria nos negócios com a reurbanização da rua**. 25%** continuam porque é seu **local de trabalho**, porque tem boa **rentabilidade** e já está com **negócio fixado lá**. **15%** também demonstraram **afetividade ao lugar**.

Conclusão Geral:
Enquanto o **fator econômico** é o principal motivo de fixação na **Feira de São Cristóvão**, na Rua do Lavradio ele vem em segundo lugar. O principal motivo da continuidade na **Rua do Lavradio é a relação do lugar com a mercadoria** comercializada. Os comerciantes, de modo geral, acham que a conclusão da obra poderá melhorar as vendas.
A **afetividade** também aparece em ambos os lugares: 24% (Feira de São Cristóvão) e 15% (Rua do Lavradio). Os comerciantes preferem trabalhar num lugar que eles gostem.

8. Você consegue imaginar esta feira acontecendo em outro lugar da cidade? Sim (...), Não (...). Por quê?

Feira de São Cristóvão			**Feira do Rio Antigo**		
Sim: 0 0%			Sim: 9 45%	4- **Sim**, poderia, desde que fosse outro **lugar antigo** como este. 6- **Sim**, desde que o **lugar** tivesse características de **antigo**, para ficar inserido no contexto. 9- **Sim**. Poderia até em **outras cidades**.	Lugar: 3 15%
				2- **Sim**, poderia. Se **divulgar**, as pessoas procuram.	Divulgação: 1 - 5%
				3- **Sim**, desde que haja um **grupo coeso**. Mas aqui tem maior **identidade e tradição**, com tradição de mais de 50 anos de brechó e de antiguidades. 7- **Sim**. Se os **comerciantes se unissem** poderia dar certo. 13-**Sim**. Esta rua já é tradicional, mas se a **organização** fosse, poderia ter a **mesma "cara"**. 15-**Sim**. Desde que haja uma **organização**.	Associação: 4 20%
				14-**Sim**. O **material** é **mais importante** que o local.	Negócio 1 – 5%
Não: 50 100%	1-Acho que **não**. **Se sair daqui a feira pode acabar**. 2-**Não**. Porque Feira do NE em **outros lugares não dá certo, só aqui**. 6-**Não**. Porque sou **um dos fundadores** desta feira. 9-Não **aceito tirar a feira daqui**, não seria a mesma coisa. 15-**Não** é a **mesma coisa em outro lugar**. 36-Não. Nós nos **instalamos** e aqui ficamos. É como o **nome da Feira**. 42-Não. Aqui é o **local de encontro de muitos conterrâneos**. Se fosse para outro lugar eu não ia. 47-Não dá certo. Se for para **outro lugar** pode **acabar**.	Lugar: 9 18%	Não: 11 55%	1**-Não**. Aqui está **bem situada**, por causa do Rio Antigo. 5- **Não**. Aqui é um **ponto típico**, a rua é **conhecida** e é central. 8- **Não**. Com este **estilo** não poderia acontecer. 11-**Não**. Se colocar em qq lugar ela pega. Mas o **ambiente** tb **importa muito aqui**, com o apoio, o **Corredor Cultural**. 18-Não. Porque **não há outro lugar**.	Lugar: 5 25%

50-**Não**. Em **outro canto não vai pra frente**. Aqui é o **lugar certo**.	Lugar (cont.)			
3-Qualquer lugar com espaço para todos. **Aqui é o ideal**, **se sair daqui vai arruinar muita gente**. 4-**Não**. Os **outros lugares não dão nada**. 7-**Não**. **Muita gente** trabalha para **sustentar a família** e **cabe todo mundo** neste espaço. 8-**Não**. Se sair daqui, **perde toda a graça**, pode **cair até 50%**. 11-Em **outro lugar não funciona**. 14-**Não** vai ter a **mesma freqüência**. ***21***-Se **sair daqui** pode **perder a clientela**. 29-**Não**. **Igual aqui não vai ser**. É difícil, porque a **freguesia já conhece**. 30-**Não**. **Já tentaram**, mas **não dá certo**. 33-**Não**. **Não vai para frente**, em outro lugar. 41-**Não**. **Periferia** que continuasse **aqui**, pois já está há muito tempo. **Se ela mudar eu acompanho**. 46-**Não**. Ia ser um **fracasso**, **sem saída**.	Lugar e nego-cio 12 24%		10-**Não**. Aqui tem os **prédios históricos**, a arquitetura de época e há um pólo de **concentração de antiguidades**. 12- **Não**.Porque aqui já é mais **conhecida**. 16-Não tem porque ser em outras ruas. **Aqui** tem **mais de 20 lojas** [do ramo]. 17-**Não**. Aqui é o **corredor central**, é o **foco da Feira**.	Lugar e negócio 4 20%
5-O **ponto dela é aqui**, é **turístico**. Não pode sair de jeito nenhum.	Lugar e turismo 1 2%		19-**Não**. Só dá para acontecer com um **trabalho de conscientização dos comerciantes e expositores**.	Associação: 1 5%
10-**Jamais** é **nosso espaço**. É a **tradição** que determina. São 56 anos aqui. 12-**Não**. Porque já é **tradição** aqui. **Se tirar, acaba**. 13-**Não**. Não deveria acabar é como um **patrimônio**. **As pessoas vêm e se encontram**. 16-**Não** poderia. A **tradição** é **muito grande** aqui. 17-As **pessoas** já estão **acostumadas** e aqui é próximo do Centro.	Lugar e tradi-ção: 28 56%		20-É a única feira com **eventos culturais** acontecendo, como: música, teatro.	Evento: 1 5%

18-**Não**. Aqui é **tradicional**. 19-**Não**, O centro é aqui mesmo. **Se tirar daqui, acaba**. 20-**Não**. Porque aqui ainda é o **reduto nordestino**. A **tradição da feira é São Cristóvão** e se acabar aqui, morre. ***22***-**Não funciona**. Já tentaram tirar várias vezes. É uma **tradição** que **ninguém acaba**. ***23***-Não tem como. As **pessoas ligam o local à Feira** dos Nordestinos. ***24***- **Não**. Já é uma **tradição**, um **ponto de encontro dos nordestinos**. **Se transferir** para outro lugar pode **perder muita gente**. 25-**Não**. Já faz parte daqui. Há 4 anos quiseram pôr a feira perto do gasômetro. **Aqui** é **um lugar histórico, de tradição**. O **investimento** daqui é o **feirante e seu amor**. 26-**Não**. Já tentaram tirar daqui, mas os feirantes não "abriram mão". **Aqui tem tradição** e **história**. 27-**Não**. Já faz **muitos anos**, **55**, que é **aqui**. Ficaria sem graça. Seria outra. 28-O **lugar dela é aqui** mesmo. 31- Sem chances. **Aqui** é **tradição**. 40- Não porque a **tradição** é aqui, **se mudar, acaba** a Feira. 32-Não tem que ser aqui mesmo. **Todo mundo está mais acostumado**. 34-**Não**. **Já é daqui** mesmo. 35-Não. **Tem que ser aqui**, **o nome já diz**. 37-Não. **Só dá certo aqui**. Já está a **55 anos.** 38-Não. **É só aqui mesmo**. Pode não funcionar em outro lugar, porque é **tradicional**. 39-**Não**. **Se sair** vai **perder** toda a **tradição**. 43-Não. O **folclore** já foi **formado aqui**. Ela é **bem assimilada**.	Lugar e tradição (cont.)			

	44-**Não**. Ela é **conhecida internacionalmente**, é uma **tradição**. 45-**Não**. Ela está **aqui** há **muito tempo** e nunca conseguiram tirar daqui. 48-Se for **não vai prestar**, não funciona. A **tradição é só aqui** mesmo. 49-**Não**. Já está **há muito tempo**. É mais **conhecida aqui**.	Lugar e tradição (cont.)			
		100%			100%

Objetivo: Verificar o quanto os comerciantes se utilizam da fama do local como estratégia de sucesso para o seu negócio.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: Todos os feirantes e comerciantes foram **unânimes** em dizer que o único lugar para o acontecimento da Feira é o Campo de São Cristóvão, já tentaram tirar dali, mas os nordestinos não deixaram. **18%** ressaltaram as características do lugar, como local historicamente utilizado como **ponto de encontro fundado pelos nordestinos**. **24%** ressaltaram a referência do lugar em relação aos **negócios**, à **clientela** e ao **sustento de muitas famílias**, há muitos anos. **2%** citaram a importância do evento para o **turismo**. **56%** citaram a **tradição**, que se formou com a história, o costume do encontro, do acolhimento nordestino fora do NE, que sempre foi ali e, por isso, eles acreditam que em outro lugar a Feira não "pega".

Rua do Lavradio e Feira do Rio Antigo: **45%** acreditam que esta Feira **poderia acontecer em outro lugar**. Para **20%**, o essencial é ter uma boa **associação** de comerciantes para investir em qualquer lugar. **15%** acreditam que o **lugar** teria que ser **antigo também**. **5%** acreditam que a **mercadoria é mais importante** que o local e **5%** acham que importante é a **divulgação**, para chamar o público. **55%** acreditam que a **Feira** teria que **ser ali**. **25%** acham que a **feira está bem situada**, num lugar típico e que já é conhecido. **20%** alegam que a **concentração do ramo de atividade** é ali (negócio e lugar). **5%** atribuem a qualidade do **trabalho da associação** e **5%** a autenticidade dos **eventos culturais** que acontecem na Feira.

Conclusão Geral:
Em relação à Feira de São Cristóvão pode-se dizer até que existe um sentimento de **pertencimento do evento ao lugar**, difícil de ser dissociado, em que um depende do outro para continuar existindo. Outro fator muito defendido por muitos e também ligado ao pertencimento é a **tradição** da feira ocorrendo a mais de 55 anos naquele lugar. Neste momento os comerciantes estão passando por mais um momento de transição, de mudança do espaço da Feira. Muitos querem ir para dentro do Pavilhão, mas há muitos que repudiam a idéia, por causa da informalidade do comércio que existe ali.
Na Rua do Lavradio a Feira ainda não de solidificou, por causa da obra da rua. Muitos expositores trabalham em outros lugares, também e até lucram mais, por isso é que 45% acham que a Feira, encarada como um negócio, poderia acontecer em qualquer outro lugar. Aqueles que acreditam naquele lugar como o ideal para Feira somam 55%. Eles associam a idéia de **negócio** e de trabalho conjunto dos comerciantes à antiguidade do **lugar**, formando uma **ambiência típica para o evento**, como uma "embalagem" característica da mercadoria. Aqui **não existe pertencimento, nem tradição**. Em todo caso, a feira surge como uma complementação da lógica do comércio que beneficia a formalidade do trabalho.

9. Você acha que o projeto de reurbanização vai melhorar a sua atividade comercial? Sim (...) Não (...) Por quê?

Feira de São Cristóvão			**Feira do Rio Antigo**		
Sim: 23 46%	2-**Espera** que sim. 4-Vai, melhorar 90%. Vai ter mais **empregos**, mais **segurança** e **sem bagunça**. ***22***-**Vai melhorar**. Estou confiante que o **bar** ficando aberto vai acabar **reunindo a gente**, que sai do pavilhão, que não gosta de ficar fechada. Vai **melhorar** o **comércio da redondeza**. ***23***-**Espero que sim**, que melhore. A **Feira sempre ajudou a trazer mais clientes**. 25-Acredito sim. Terá **mais infra-estrutura**, **estacionamento**, será de **5ª-feira a domingo**, terá **alojamentos** para receber grupos folclóricos do NE. 26- Vai **melhorar o ambiente** em todos os sentidos, vai ter mais **propaganda** e mais **freguesia**. 29-Vai. Vou **trabalhar a semana inteira** e vai ter **menos barulho**. 46-Sim, **100%**. Vai **atrair mais público**, mais gente.	Negocio e lugar 8 16%	Sim: 17 %	14-**Vai melhorar**, mas depende da **venda dos imóveis** [da rua, para negócios afim com o ramo] e de resolver o **problema das enchentes**. 15-**Só melhora** se o **governo se empenhar** [acabar a obra com qualidade] e os **comerciantes** forem **menos individualistas.**	Negócio e infra-estrutura 2 10%
	10-Vai. Era o que precisava para **resgatar a cidadania** 19- **Vai**. Terá mais **organização** e **segurança**. 28-Vai ter mais **segurança** e **limpeza**. 30- Acredito que **sim**. Vai ser mais **organizado**. Há muito tempo **a gente queria ir para o pavilhão**. 34-**Sim**, mas as pessoas **não vão cortar o vínculo** com a parte de **fora do pavilhão**. 42-**Vai**. Será **mais organizada**, com mais **segurança** e **limpeza**.	Lugar: 6 12%		2- **Sim**. Vai **facilitar o acesso**. 3-**Sim**, vai melhorar 100%. Vai adquirir **dignidade** que não tinha. 4- **Sim**. Vai ficar **bonita**. 7- **Sim**. É melhor expor em **lugar limpo**. 9- **Sim**. A rua bem **cuidada**, bem **restaurada**, traz o **público.** 13-**Vai**. A rua vai ficar **mais atraente**, é a expectativa. 20-Com certeza. Fez **praças**, **aumentou as calçadas**, a **rua** vai ficar **mais bonita**.	Lugar 7 35%

	12-**Vai**. Agente se cansa mais para montar e desmontar e **lá dentro** está **tudo pronto**. 27-**Sim**. Lá dentro as **barracas** são **fixas**. A montagem cansa. 38-**Vai**. Quero que **aconteça o mais rápid**o, porque armar e desarmar são ruins. 45-**Vai**. Com certeza. Espero que aumente [a venda], com a **banca fixa, todos os dias**.	Barra-cas fixas 4 8%		16-Com certeza. Devido à **retirada dos pontos de ônibus**, ao **calçadão** e à **nova praça**. 17-Sim. **Não terá mais ônibus**. 19-Não há dúvida. Estamos investindo em **projetos culturais**.	Implant ação do projeto 3 15%
	9-Acho que vai, porque vou ter **mais tempo para trabalha**r, 5 dias a mais. 11-**Vai**. O **comércio** vai ser **todo o dia**, de trabalho direto. 13-**Vai melhorar um pouco** [a situação financeira]. 31-**Vai melhorar 100%**, o funcionamento será **de 3ª.-domingo**. 32-Vou poder **trabalhar a semana toda**.	Negó-cio 5 10%		1-**Sim**. Vai **atrair mais clientes**. 5- **Sim**, vai, porque com as **obras caíram as vendas**. 6-**Sim**, com certeza. Vai **trazer mais pessoas e mais vendas**. 8- **Sim**, com **certeza**. 10-Acho que **sim**. A **feira mobilizou as autoridades** para fazer a obra. 12-É o que se espera.	Negócio 6 30%
Dúvid as (+): 9 18%	1-Tenho dúvidas. Pelo que dizem, vai melhorar, vai ter **mais controle, mais banheiros, mais higiene**, mas **não terá a mesma liberdade**. 8-Não tenho certeza ainda, mas **espero que dê certo**. 17-Vai depender do **público ir durante a semana**, também. A **infra-estrutura vai ser melhor** para trabalhar. 35-**Querem que sim**, mas estou **pagando**, literalmente, **para ver**. 36-Tem que **experimentar** 2 meses **para saber.** Pode ter mais **turista**. 43-A **de todos**. Vai ser lançada no **caderno de turismo**. 44-**Melhora** por causa da **segurança para o turista**.	Lugar e nego-cio (turis-mo) 7 14%			

	5-**Só quando tiver lá** vai dar para saber. Tem que continuar a **tradição,** sendo **2 dias** ***20***- Poderá melhorar, **desde que não tire a característica da cultura nordestina**.	Tradi-ção 2 4%			
Dúvidas (-): 3 6%	7-Tenho **medo** que não dê certo. Vai ter que **pagar para entrar**. ***21***-Não melhora nem piora para nós, mas **piora para os feirantes** que **não podem pagar**. 39-Pode até melhorar, mas se **cobrar para entrar**, vai **perder a freguesa**.	Custos e paga-mentos 3 6%			
Não: 12 24%	37-**Não**. **Feira é livre**. **Dentro**, a gente **fica presa**. A feira tem que ser ao ar livre. 40-Acho que **não**. No **lugar fechado não funciona**. As **pessoas gostam** da **movimentação livre**. 41-**Não**. A **área lá é** mais **fechada** e estou **acostumado** aqui **fora**. 48-**Não**, vai estragar. Aqui o pessoal fica solto, livre e **lá** [no pavilhão] **fica preso**.	Feira fecha-da 4 8%	Não: 2 (%)	11-Acho que **não**. O que interessa é o **público aumentar**. 18-O **fechamento da rua** [para calçadão] não vai ser tão bom. **Não passará quase ninguém** por aqui.	Clientes (negóci o) 2 10%
	6-N**ão concordo em ir para lá** [pavilhão]. Tinha que reunir todos para não sair daqui. 14-Não sei e **nem quero ver**. 15-**Não**. Se for **todo dia** vai ter **gente que não vem**. 18-Vai piorar porque estão **vendendo barracas para empresários**. 33-Se **cobrar entrada**, mata a Feira. 47-Acho que **não**. Se aqui fora que não paga nada, não vende bem, **se tiver que pagar, agente vai ganhar menos** ainda. 49-Acho que **não**. Pode **diminuir as vendas**. 50-**Não**. Vai **piorar** a **situação** de todo mundo.	Diver-sos 8 16%			

Indiferente 1-2%	***24*-Não vai influenciar**, porque minha **clientela** já está **formada**.	Negocio			
Sem opinião: 2-4%	3-**Não tenho opinião**. 16-É **difícil dizer** agora.				
Total		100%			100%

Objetivo: Verificar se o projeto de reurbanização atende às expectativas dos comerciantes e feirantes.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: **46%** acreditam que a **Feira no pavilhão vai ser melhor**: mais **limpeza**, **organização**, com mais **segurança**, as **barracas serão fixas**, vai poder **trabalhar mais dias** da semana, chamará **mais clientela** para o evento e resultará numa **rentabilidade maior** para o feirante. **18% não sabem** se a Feira vai melhorar o negócio, acham que só dá para falar depois, antes, não, mas querem acreditar que sim, pois também citam: a higiene, o controle a atração para o turista. Contudo, **não sabem se a tradição cultural permanecerá no pavilhão**. **6% duvidam que dê certo**, por causa dos pagamentos e das despesas das barracas. **24% não concordam com a mudança da feira para o Pavilhão**. Eles acham que o nordestino não se acostuma em lugar fechado, que a **nova feira vai arruinar muitos feirantes** que não têm condições de ir para dentro e, com isso, vai espantar a freguesia tradicional, também. Os **sem opinião** ou **indiferentes** (comerciante local) somam **6%**.

Feira do Rio Antigo: 90% dos entrevistados **acreditam** que o projeto vai trazer melhorias comerciais. A rua vai ficar **mais bonita** e mais **limpa**, sem as paradas de ônibus, para **atrair** mais a **clientela**. Esperam que o problema das enchentes seja resolvido. Mas 10% acham que não: o projeto não influenciará as vendas e o trecho de calçadão pode deixar o comércio isolado, nos dias de semana.

Conclusão Geral:
Em ambos os lugares, muitos comerciantes estão aceitando as mudanças da área urbana, com esperança em um futuro comercial mais promissor que o momento atual. Opiniões contrárias existem, porque existem comerciantes e feirantes que vivenciam realidades de trabalho diferentes daqueles que acreditam nos projetos.

Na Feira de São Cristóvão a descrença no projeto é maior que na Feira do Rio Antigo, pois muitos feirantes, que trabalham como ambulantes na informalidade do mercado vão ter que arcar com despesas que eles não têm até o atual momento, independentemente do lucro do negócio. Na Rua do Lavradio, espera-se que o projeto melhore a situação econômica do mercado formal existente, ou seja, das lojas que já existem a de outras novas.

10. O que é bom nesta obra / neste projeto ? Por quê?

Projeto da Feira de São Cristóvão		**Obra da Rua do Lavradio**	
1-São os **2 palcos**, a **agência bancária**, a previsão de **programação** e a **divisão dos custos**. 7-É a **organização**, a **higiene** e a **tabela de preço** das mercadorias. 19-É o financiamento para uma **barraca mais moderna** e a **segurança**. ***22*-Funcionar todos os dias** vai **atrair clientela**, vai melhorar o comércio local. Vai ter mais **higiene** e **segurança** e vai melhorar para os **moradores**. 30- A **infra-estrutura** é **melhor**, tudo **padronizado**. É difícil montar bonito, hoje. Vai ter que **pagar** para **entrar**, mas não para ir ao banheiro. Vou poder **trabalhar mais dias**. 34-A **limpeza**, tudo bem guardado, em armários, **arrumado** e **fixo** e o **trabalho de 3ª. –domingo**. 47-Não sei, mas **pode ser bom trabalhar todos os dias**.	Negócio e lugar: 7 14%	2- Vai atrair mais **clientes**. 5- Vai **favorecer as vendas**.	Negócio: 2 10%
4-**Não** vai poder **entrar mendigos**. 5-Ter mais **segurança**, ser um local mais **organizado** e ter, na aparência, mais **conforto**. 9- Mais **organização** e **menos violência**. 10-É a **segurança**, o **conforto** e a qualidade. 11-Melhora a **bagunça** e a **segurança**. 12-É a **segurança**, os **banheiros** e o **barulho que vai acabar**. 13-**Não** vai **precisar armar e desarmar** a barraca. 14-Vai dar menos trabalho. Tá **tudo pronto e arrumado**. 16-É a **segurança**, mas só trabalhando para ver. 17-Vai ter mais **limpeza** e **agência** da Caixa Econômica.	Lugar: 30 60%	7- O **ambiente** da rua ficou **melhor**. 9- O novo **aspecto da rua e dos freqüentadores**. 11-**Melhorou o aspecto da rua**, mas o ideal é não passar ônibus. 17- É a melhora em termos **urbanísticos**. 19-A qualidade da **obra de infra-estrutura e de urbanização**, para a rua.	Lugar: 5 25%

20*-Higiene**, **segurança**, **organização** e a certeza de que algum político se preocupou com a colônia nordestina do Rio, que vem contribuindo para que esta cidade continue sendo maravilhosa. ***21-De bom é a **padronização das barracas** e ser **mais limpo**. ***23***- **Urbanização**, **limpeza**, **organização**, o local pode **intimidar** o **comportamento** do cidadão **não-civilizado**. ***24*-Menos poluição sonora** (ele é morador), **limpeza das ruas**, porque terá **banheiros** melhores. 25-Com as **barracas montadas**, o **serviço braçal diminui**. Pode-se continuar mais tempo na profissão, sem se desgastar. 26-A **organização** da feira e a **padronização** das barracas. 27-É bom ter **gás**, **telefone**, **barraca padronizada**. 28- Vai ter **creche**, **banco** e **correio**. 29-Vai ter mais **segurança** e **barraca fixa**, para não precisar montar. 31-A **estrutura**, a **segurança**, a **qualidade de vida do lugar** para todos. 32- A **segurança** de passar para um **local fechado**. 33- A **higiene** e a **segurança**. 36-Mais **segurança**, mais **higiene**, **creche**, **palcos** para show e **agência de banco** (Caixa Econômica). 37-Ter só **duas barracas de som**, para não ficar zoeira. 38-**Não** vai precisar **montar** a barraca, vai ter **mais conforto**, mais **segurança**, **limpeza** e tudo **canalizado**. 40-A **limpeza** e a **higiene**, mas só saberemos, quando passarmos para lá. 42-Mais **organização**, **não** vai **precisar montar** e desmontar. **Cobrar para entrar** também é bom. 44-A **organização**, o cuidado de **não descaracterizar a tradição**, mantendo tudo junto. 45-Ter mais **segurança**, mais **limpeza** e mais **iluminação**. 46- A **limpeza**, a **segurança**, o **visual**, a **higiene**, não vai poder entrar mendigo.	Lugar (contin.)	1-Vai **resolver** o problema das **enchentes**. 3- É a obra de **infra-estrutura**: gás, saneamento básico, uma **rua decente**. 10- O aumento das **calçadas, água, esgoto e luz novos e embelezamento da rua**. 12-Vai **acabar** com as **enchentes**. 13-O aumento da **calçada**. 16-As **três praças** da rua. 18-A **melhoria dos esgotos**, para não causar enchentes, a **rua mais limpa** e uma **iluminação melhor**. 20- A **nova calçada** e a **pavimentação**.	Lugar (infra-estrutura): 8 40%

8-Será mais **legalizado**, com **mais público**, mais facilidade para o comerciante, **não** vai mais **precisar montar** [a barraca]. 35-É poder **trabalhar a semana toda**, num lugar mais **organizado** e que faz parte do **roteiro de turismo da cidade**. 39- A **segurança**, a **higiene** e o **turista**. 43-O **turismo**, os **eventos** constantes, a Feira mais **organizada** e **não** vai precisar **desmontar**.	Lugar, público, evento e/ou turistas: 4 8%	14-A **aparência da rua** e a expectativa de **atração de pessoas e turistas**.	Lugar e turismo: 1 5%
		4- Vai ser **mais turística**.	Turismo: 1 – 5%
6-Não há nada de bom. 18-**Nada**. Estão **descaracterizando a cultura nordestina**. 48-**Nada**. 50-Não tem **nada de bom**.	Nada bom: 4 8%	8- É a **preservação da história da rua antiga**.	História: 1 – 5%
2-**Não sabe** se vai **melhorar lá** [dentro do pavilhão] **ou** se é melhor **aqui** [fora]. 3-Não tenho opinião. 15-Não tenho **nada a dizer**. 41-**Não tenho** muita **informação** sobre isso. 49-**Não sei** bem.	Sem opinião: 5 10%	6- Não sei. Não tive contato com a rua antes. 15-Ainda não deu para ver resultados.	Sem opinião: 2 10%
Total	100%		100%

Objetivo: Verificar o que os feirantes e comerciantes consideram realmente importante com a implantação dos projetos urbanísticos.

Conclusão Parcial:
Projeto da Feira de São Cristóvão: **60%** dos entrevistados consideram as **características do novo lugar** como a principal mudança para uma feira melhor. O item segurança foi citado 18 vezes, seguido por higiene e limpeza, apontados 15 vezes; barracas fixas, 12 vezes; a organização, 10 vezes e a padronização, 5 vezes, entre as respostas. **14%** dos entrevistados citaram alguns itens relacionados à **melhoria dos negócios**: trabalhar durante a semana, dividir melhor os custos, tabelamento de preços e financiamento para entrar no pavilhão. 8% referiram-se à melhoria geral do lugar e do evento. Acrescentaram o fator "**turismo**", importante para os negócios e para a divulgação da cultura nordestina. **8%** não são contra a mudança e não vêem **nada de bom** no projeto. **10%** dizem **não ter opinião** formada ou não queriam nem falar sobre o assunto, pareciam não estar de acordo, também.

Obra da Rua do Lavradio: **40%** dos entrevistados esperam que a obra da rua **resolva** os **problemas de saneamento** (água, esgoto, luz), para evitar enchentes e esperam que o **embelezamento** do lugar seja mais um fator que provoque a **atração turística** na cidade. **25%** dos entrevistados já apontam uma **melhoria no aspecto da rua** e de seus **freqüentadores**, após o término de alguns trechos. **10%** acreditam na **melhoria** de seus **negócios**. **5%** citam a **preservação da história** da rua e **10% não tem opinião** e respeito dos resultados da obra.

Conclusão Geral:
Em ambos os locais a maior preocupação dos feirantes e comerciantes refere-se a melhor apresentação dos lugares no contexto urbano. Eles concordam que um lugar mais agradável pode ajudar a divulgar melhor o evento, atrair mais clientes e turistas e conseguir o retorno financeiro do negócio.

11. O que é ruim nesta obra / neste projeto? Por quê?

Projeto da Feira de São Cristóvão - Justificativas		**Obra da Rua do Lavradio** Justificativas	
1-Ouvi dizer que vão **cobrar para entrar** e isso não é bom. 2-Vai ter que **pagar mais** pelo **custo da barraca**. 12-**Fora**, **se paga menos**, mas **dentro**, **se paga mais**. 13-A **despesa** vai **aumentar**. 17-**Cobrança da entrada**. 18-Os **empresários pagam menos que os feirantes**, lá dentro. 19-Vai ter que **pagar muita coisa**. ***23***- Os **impostos**, os **encargos** altos e as **despesas**. 28-Vai ter que **pagar para entrar**. 31-Podem querer **cobrar** para **entrar**, para **estacionar**. 33-Mais **encargos de funcionários**. 34- Ter que **pagar para entrar** e para comprar qualquer coisa. 35-**Tudo** vai ser **pago** e **mais caro**. 39- **Cobrar a entrada**. 44-**Cobrar a entrada**. Porque o **trânsito popular** que circula, que visita vai ser **limitado**. 47- Vai ter que **pagar mais** luz, segurança e aluguel de barracas.	Pagamen-tos 16 32%	1-A obra que **está prolongada**. 3- A **demora da obra**. 6- O pior é a **demora** no término **da obra**. 7- A **demora da obra**. 8- A **lentidão da obra**. 9- A **obra não terminou** ainda. 10- A **demora**, mas foi suportável. 13-A **demora na execução** causou grande **prejuízo**. 14-A **demora** da obra e o **prejuízo** comercial. 16-O **tempo** que está levando **para acabar**. É a obra do "faz-e-refaz". 18- É o **tempo de demora** para terminar. 19-A **demora** da obra.	Prazo da obra 12 60%
		4- A **obra** e a **poeira**. 12-A **entrada** da loja **impedida** pela obra. 17- É a **poeira** nos móveis, por causa do **atraso** no término **da obra**. 20-A **qualidade da execução da obra**, porque as **construtoras** que executavam a obra **foram falindo**. As plantas eram desatualizadas. Para fazer qq coisa tinha que quebrar o que já estava pronto.	Obra 4 20%
6-O **tamanho reduzido de barracas**. 9-O **tamanho menor** das barracas. 16-O **espaço lá dentro é menor** que fora. ***24***-A **diminuição do espaço** para as barracas. 26-O **espaço vai ser menor**.	Redução de tamanho 5 10%	2- **Continua alagando** tudo. 11-Quando chove, **ainda enche**. 15-É uma **obra de "maquiagem"** as **enchentes** continuam, mas ainda não dá para se fazer críticas.	Enchen-tes 3 15%
3-Acho que **a feira** tem que ser livre, **aberta e não fechada**. 14-Vai ficar mais **fechado**. ***20***-O **nordestino não gosta de ficar muito tempo em lugar fechado** e se for **sofisticado** vai **quebrar a tradição da feira livre**. Pode **perder seus freqüentadores**.	Feira fechada 5 10%	5- Deveria ter no projeto **ponto fixo para expositores**.	Projeto: 1 5 %

48-Os **fregueses** não vão ir para lá, estão **acostumados aqui fora**. 50-É **tudo fechado**. O **pessoal** vai **desistir de vir** para cá.	Feira fechada (cont.)		
21-É **pagar para entrar** e ficar num **lugar fechado**. ***22-***Pode não funcionar como é fora. O **espaço vai diminuir**, um ex., o maior restaurante vai ter 20 mesas e vai ter que **pagar** mais **taxas de manutenção**. 37-É ficar **fechada** e ter que **pagar** tudo. 40-O **pagamento da entrada** e a **movimentação** que **não** poderá ser mais **livre**, como hoje.	Feira fechada e pagtos. 4 8%		
7-Lá dentro é **apertado** e muita gente vai **perder o emprego**. 41-Só poderia **trabalhar** 2 dias. Sendo **mais dias, fica difícil** para mim. 49-Todo o dia, pode ter um **movimento menor do que só no fim-de-semana**.	Lugar e negócio 3 6%		
25-É que possa se **infiltrar pessoas que não tenham o espírito nordestino** e a feira perca sua originalidade. Estão querendo acabar com a Feira.	Tradição nordestina 1 – 2%		
10-**Nada** de ruim. 11-**Não tem** ruim. 27-**Nada** de ruim. 29-**Não tem**. 30-**Não tem**. 36-**Não tem**. 38-**Nada** ruim. 42-**Não**. Tudo bom. 43-Estou tão **motivado** a ir que **tudo vai dar certo**. 45-**Nada** de ruim. 46-Não tem **nada ruim**.	Nada ruim 11 22%		
4-Não pensei nisso. 5-Não se sabe ainda. 8-Ainda não sei. 15-Não sei. 32-Ainda não sabe.	Sem opinião: 5 10%		
Total	100%		100%

Objetivo: Verificar o que os feirantes e comerciantes consideram como aspectos negativos, aquilo que não foi programado ou realizado com a implantação dos projetos urbanísticos.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: **36%** acham que o ruim é ter que **pagar mais** para desfrutar da feira dentro do pavilhão: o pagamento da **entrada** e o **aumento de despesas** para o feirante são os principais itens. **22%** Acham que **não há nada de ruim no projeto**, estão muito satisfeitos em ir para dentro do pavilhão. **14%** reclamam de **feira ser fechada**. Este confinamento vai contra o costume do nordestino que é de estar sempre se movimentando ao ar livre. **10%** reclamam da **redução do espaço** do pavilhão para a organização da nova feira. **6%** temem pelo negócio. Acham que **muita gente vai perder o emprego** e o funcionamento durante a semana pode **diminuir o movimento** de gente na feira. **2%** temem a **perda da originalidade** e do espírito nordestino da feira. **10% não têm opinião**.
Rua do Lavradio e Feira do Rio Antigo: **60%** reclamam do **atraso da obra**, que resultou em **prejuízos para o comércio** local e para a feira. **20%** reclamam da **má qualidade da obra**, do cansativo faz-e-refaz e da grande quantidade de poeira. **15%** dizem que as **enchentes continuam,** mesmo nos trechos mais prontos da rua. **5%** acham que o **projeto deveria prever** um **espaço demarcado para o expositor**.

Conclusão Geral:
Apesar de se tratar de diferentes fases de projeto e obra, ambos os lugares têm em comum as preocupações voltadas ao sucesso do negócio. Na Feira de São Cristóvão os feirantes consideram muito ruim a cobrança de entrada dos visitantes e o aumento das despesas gerais, que terão no pavilhão e que atualmente eles não tem: quem quer paga, mas não é obrigatório. Nesta feira, cada um dos feirantes está pagando (financiamento das barracas) para que o evento continue funcionando. Já na Rua do Lavradio, os comerciantes e expositores sofrem a mais de 2 anos os prejuízos de uma obra muito atrasada. Eles não têm mais muitas declarações boas a respeito do futuro, porque este está difícil de se concretizar de vez. Nesta rua, os comerciantes e os feirantes não estão pagando nada. A obra está se realizando só no espaço público.

12. Rua do Lavradio: Como era a feira antes das obras da rua?
13. São Cristóvão: Como era a Feira há 5 anos atrás? E hoje, como ela é?

Feira de São Cristóvão, 5 anos atrás - Justificativas		**Feira do Rio Antigo, antes das obras** – Justificativas	
1-Em comparação com a Feira de hoje, a **segurança**, a **limpeza** e a **captação de água** tem melhorado a cada ano. 2-Está **melhor** hoje. Antes, o **lugar da barraca** era pior. Agora tá bom de novo. 7-Antes, **não havia banheiro** e nem muito **espaço para eu trabalhar**, agora tem. 8-Não tinha **banheiro**, **água** e agora está **melhorando**. 10-**Melhorou**. Não tinha muitos **banheiros**, **água**, encanada (gatos feitos por eles), **segurança**. 14-Antes não tinha bom **saneamento**, nem **segurança**, nem **luz**, agora tem. 15-Era **mais perigoso** e o **banheiro** não era igual ao que tem hoje. 19-A **violência** que tinha **melhorou** muito. ***20***-A **atual administração** fez uma **grande mudança para melhor**: **padronizou** barracas, coberturas, organizou mercadorias por **setores**. A feira é muito conceituada pelos feirantes. ***22***-Colocaram **mais banheiros**, que eram ruins. Vem **mais turistas e cariocas**, mas a feira continua do **mesmo jeito**. 30-**Melhorou 90%**. A atual **administração é muito boa**. Tem mais **segurança**. 32-**Antes** era uma **bagunça**, com **violência**. **Hoje está melhor**. 34- Melhorou a **segurança**. 35-**Melhorou 100%**. Tinha muita **briga**, hoje tem **menos** e é **divulgada** até na TV. 37-**Melhorou** a **presidência** da associação. Hoje tem **mais segurança**. 38- **Melhorou o banheiro** e continua bom. A **feira não** tem mais **brigas**. 40-Antigamente, era bagunçado, mas agora, **melhorou** a feira está **mais organizada** e as **barracas** mais **arrumadas**.	**Melhorou**: lugar 19 36%	6- Era uma **beleza**. **Cheio de gente na rua inteira**. 8- Era o máximo. Vinha **muita gente**: compradores e expositores. 10-A rua tinha um **movimento extraordinário**, de **4 mil pessoas** na feira. Hoje são 500. 13-Antes, o **movimento** da rua era bem **melhor**. Mas com a obra concluída no 3º quarteirão, já melhorou um pouco. 14-Tinha um bom **movimento na rua inteira**, com pessoas, expositores e música ao vivo. 18-Era **mil vezes melhor**, mais tranqüila. **Com a obra, não há movimentação**. 19- Era **muito maior**, com **mais expositores e público**. 20-Era muito melhor. Porque era na **rua inteira**, com **mais público**, **mais expositore**s.	**Piorou**: Público e movimento (animação) 8 40%

46-Melhorou mais a **segurança**, com o presidente Agamenon. 49-Melhorou só a **segurança**, o resto não mudou em nada.	**Melhorou**: lugar (contin.)	3-Era na **rua inteira**. 4-Era **melhor**. No início tinha uma **lona colorida**. 5-A feira era na **rua toda**.	**Piorou:** Lugar 3 15%
44-**Melhorou** com a **repercussão** dos **grandes artistas**, que fazem questão de se apresentar, para lançarem seus discos primeiro aqui.	**Melhorou**: evento 1 2%	1-Era **melhor** que agora. 2-**Hoje** a **feira é bem menor** do que era antes. 9-Forte. **A melhor do Rio**. 12- Era **bem melhor**, no início foi uma **novidade**.	**Piorou:** Evento 4 20%
11-Hoje ela é bem **maior**, mais que o dobro, e mais **lucrativa**. 28-Melhorou. Hoje tem **menos violência e vende mais**. 36-Só não melhorou mais, porque o salário de todos está menor. Hoje, é **mais bem divulgada, com o Agamenon**. 43-Melhorou com a administração do Agamenon. É **menos violenta** e **mais visitada** por muita gente: 50-60 mil pessoas.	**Melhorou**: Lugar e negócio 5 10%	7- Era **ótima**, **vendia-se muito**. 15-Era **quase ideal**, mas ainda falta o espírito de classe dos lojistas. 16-Era **ótima**. As **vendas** eram **excelentes**. 17- **Muito boa**, com **público** e **vendas**.	**Piorou:** Negócio e evento 4 20%
9-A **feira era menor** que hoje. A **segurança e a limpeza** eram **piores** que hoje, mas as **vendas pioraram**. 17-No **inverno é mais procurada**. E quando **muda de lugar**, os **fregueses demoram a achar**. 25-Nesses últimos 20 anos a feira sempre foi crescendo. Hoje, a freqüência é **seis vezes maior**, tem **mais turista**, para resgatar o que viu do NE, mas o **rendimento caiu** (ex.: pedem 1 prato para 3 pessoas). Faz uns **17 anos** que a feira funciona **à noite também**. 39-**Melhorou** a **segurança** e **piorou** o **poder aquisitiv**o. 47- **Antes** tinha **menos segurança**, muita briga, mas **vendia mais** que agora.	**Melhorou e piorou**: lugar e negócio 5 10%	11-Era **boa**, com guardas da CET RIO e mais organizada.	**Piorou:** Segurança 1 – 5%
3-**Piorou muito tudo**. O **comércio** ta ruim, o **salário** caiu. Há cinco anos era mais fácil trabalhar. 4-Não estava aqui, mas acho que **piorou** com a **mudança de lugar das barracas** [para o outro lado do pavilhão] **transferiu o movimento da feira**.	**Piorou**: negócio 8 16%		

5-O **salário piorou**, mas a feira é a mesma. 12-Está **piorando**. Pode ser o desemprego, porque as **pessoas gastam menos**. 13-A feira **tem decaído**, as **pessoas não tem dinheiro** para gastar. ***21***-**Piorou tudo**. As **vendas** eram mais espalhadas, agora [as **barracas**] estão **apertadas** do outro lado do pavilhão. 26-**Piorou**. Entraram **muitas barracas**, **diminuiu o "bolo"**, para todos e **não** pode **acompanhar os preços** [concorrência de mercado]. 33-**Antes era melhor** o **movimento** era maior e o **faturamento**, também.	**Piorou**: negócio (contin.)		
29-Era **melhor** quando a feira era **do outro lado**. Os **fregueses** tiveram **problema para achar.** 31-Quando era do **outro lado**, **era melhor**, tinha mais movimento. **Hoje**, tem **muita barraca**, que **não** é mais **tradicional** da Feira. 41-**Piorou** desde **2 anos**, quando mudou de lado. Eu fiquei **sem lugar próprio**, de favor em uma barraca. 50-**Piorou**. Está **mais bagunçado**, desde que o César Maia mexeu, nunca mais arrumou.	**Piorou**: lugar 4 8%		
24- **Piorou o evento**. Hoje tem **mais música mecânica**, música de "boite" e **menos música ao vivo de forró**.	**Piorou**: evento 1 - 2%		
6-Hoje a feira tem **menos feirantes**. Ela caiu. ***23***- **Antes** era bem **mais movimentada**, muito **maior**.	Feira menor 2 – 4%		

18-**Não mudou**, mas **vai piorar lá** dentro do **pavilhão**. 27-**Continua** a **mesma** coisa. 42-**Não teve melhoras**, mas **vai ter** agora, quando mudar para o **pavilhão**. 45-Está a **mesma coisa**, mas **antes** tinha **mais medo** de vir, **agora, não**. 48- Está **igual**, mesma coisa.	Sem mudanças 5 10%		
16-Não conheci a Feira.	sem opinião 1 – 2%		
	100%		100%

Objetivo: Verificar se houve alguma mudança relevante, para melhor ou para pior, nos dois eventos, num período de 5 anos, que coincide com a formação da Feira do Rio Antigo e com a posse da atual administração da associação da Feira de São Cristóvão.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: Em comparação com a feira há 5 anos atrás, **48%** responderam sobre as **melhorias** ocorridas **no lugar, no evento da Feira**. A **segurança** foi mencionada 14 vezes; a colocação dos atuais **containeres de banheiros** foi apontada 6 vezes; a **atual administração da associação**, 6 vezes; em seguida citaram 3 vezes o **serviço de água** e também a **organização atual** dos setores e barracas. Falaram também da **divulgação** e da **atração de turistas** e da limpeza. 10% acham que a feira cresceu, melhorou em segurança e limpeza, mas todos disseram que as vendas diminuíram. Para **30%** dos entrevistados **a Feira piorou**. A maioria reclamou da **queda do rendimento e dos salários**. Reclamaram também da **mudança de lado das barracas**, há 2 anos atrás, sem que os feirantes fossem avisados com antecedência, que gerou transtornos para os clientes, e também reclamaram da presença da música mecânica e da **diminuição dos forrós**. 10% não identificaram mudanças, acham que está igual e 2% não tem opinião sobre isto.

Feira do Rio Antigo: **40%** disseram que a feira há 5 anos atrás era **bem melhor**, tinha uma **movimentação intensa**, na rua inteira. **20%** dizem que o **evento total** era muito **melhor**. Para **20%** dos entrevistados foi um momento de **muitas vendas** para comerciantes e expositores. **15%** falaram sobre a **grande dimensão** do evento **na rua**. E **5%** citaram que a **segurança** era **melhor** que a de hoje.

Conclusão Geral:
Enquanto a Feira de São Cristóvão foi obtendo melhorias no local, na segurança e nas atitudes da atual administração da associação, embora as vendas tenham diminuído; a Feira do Rio Antigo quando funcionava no local pior, antes da implantação do projeto, era muito mais movimentada e vendia bem mais também. O período de obras na rua manteve a feira bem mais vazia de gente e com poucas vendas.

Para feirantes e expositores:

Obs: As questões 14, 15 e 16 são dirigidas aos comerciantes que expõem suas mercadorias somente nas feiras, ou seja, aqueles que precisam montar e desmontar a exposição nos espaços públicos.

14. Você expõe suas mercadorias sempre no mesmo lugar? Sim (...) Não (...)

Feira de São Cristóvão	Feira do Rio Antigo
Sim - 45 Não -	Sim - 2 Não - 5
Justificativas: 1-Este é o 3º lugar, porque já mudou três vezes. 2-Mudou de lado, há 2 anos. 12-Mesmo antes de virar de lado. 27- Há quase três anos, é aqui.	Justificativas: Entre os 7 expositores entrevistados, 4 manifestaram opiniões e 3 só responderam às alternativas. 4-Não. Por causa da **obra**. 5-Não, mas **poderia ter** um lugar fixo. 7-Não. [Antes da obra] era em frente ao no. 70. 9-Não. Durante um ano, fiquei em frente ao número 70.

Objetivo: Verificar se existe algum ponto fixo para a exposição ou se cada dia pode-se escolher um lugar diferente para arrumar as mercadorias.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: Todos expõem suas mercadorias sempre no mesmo lugar.
Feira do Rio Antigo: Antes da obra da rua, vários expositores tinham um lugar certo para expor, mas durante a obra, os expositores tiveram que muda de lugar e não sabem se vão continuar onde expõem atualmente, quando a rua estiver pronta. Alguns esperam que tenha um lugar certo bem demarcado.

Conclusão Geral:
Existe sempre um ponto fixo para cada feirante ou expositor, mesmo em período de obra.

15. Existe algum limite físico para colocar as mercadorias? Sim (...) Não (...)

Feira de São Cristóvão Sim - 41 Não – 3 Não sabe – 1	**Feira do Rio Antigo** Sim - 1 Não – 6
Justificativas: 1-São as **marcas pintadas no chão** e os locais para os postes de armação das barracas. 3-Existem **locais para os ferros**. 8-Uma área de 4 x 2 m2. 12-Tem uma **marcação** de furos no **chão**. 13- Está **marcado no chão**. 17-Está **marcado no piso**. 28-Tenho uma frente de **6 metros**. 29-Não pode ultrapassar o **limite do vizinho**. 36-A **divisão** está **no chão**. 37-Tem uma **marca de tinta no chão**. 40-Tinha um padrão de + ou – **2 m. de frente**. 41-Meu tabuleiro tinha de 2 a 2,5m, agora trabalho com 1 metro. 42-O limite é 5 m. 43-Tem, para não atrapalhar os vizinhos. 44-Tenho um limite de 2,5m. 45-**Não** foi dito nada para mim. 48-Não sei. Nunca mudo de tamanho. 49-**Todos** têm sua **marcação**. 50-Cada um tem seu lugar certo.	Justificativas: Entre os 7 expositores entrevistados, 2 manifestaram opiniões e 5 só responderam às alternativas. 3-Sim. Há uma **coordenadora**, que vê isso. 5- Não, mas **poderia ter**, também.

Objetivo: Verificar se existe uma demarcação certa que cada feirante ou expositor reconheçam para arrumar suas mercadorias nos dias de feira.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: A grande maioria dos feirantes reconhece o seu espaço dentro do limite pintado no piso, que já está bem apagado. Outros dizem possuir uma permissão com direito de utilizar uma determinada metragem para exposição.

Feira do Rio Antigo: A grande maioria diz não ter um lugar fixo ainda, por que a obra da rua não terminou. Por enquanto ficam num lugar determinado pela coordenadora do evento. Mas antes do período da obra o lugar era fixo.

Conclusão Geral:
Existe tanto em uma feira quanto na outra uma ordenação no espaço reconhecida pelos feirantes e expositores, mas em períodos de mudança os limites podem não ser os mesmos e nem serem fixos.

16. Como foi estabelecido o espaço que você utiliza para exposição?

Feira de São Cristóvão		**Feira do Rio Antigo**	
1-Foi a **associação** que determinou, mas barracas são um pouco misturadas. 2- Foi pela **organização** [da feira]. 4-Pelo **gerente** da feira. 8-Deixaram os **lugares marcados**. 10-Pela direção da **associação**, que preside a 4 anos. 13-O **ponto** já foi **mudado umas quatro vezes**. 15-Foi o **Agamenon que arrumou**. (Presidente da Associação). 29-A **associação marcou**, depois das mudanças, há mais ou menos 2 anos. 33- Foi **marcado junto com o presidente da associação**. 34- Foi marcado pela **prefeitura** e pela **associação**. 37-Foi marcado pela **associação**. 46- **Cada um tem seu espaço** e a gente respeita isso. Foi pela **associação**. 48-Foi a **associação** que me colocou aqui. 50-Foi a **associação** que escolheu.	Associa-ção 14 31%	4-Uma **coordenadora** foi quem estabeleceu. (2 anos no local) 8-Foi a **coordenação** da feira que estabeleceu, porque esta parte já estava pronta. (3º quarteirão). (8 anos no local) 9-A **coordenação** organizou este espaço. (2 anos no local)	Coordena-ção da feira 3 43%
5-Cada ponto foi **marcado pelos seus comerciantes** e, assim, ficou. 7-**Cada um escolheu** e marcou seu lugar. Faz mais de 2 anos. 9-**Cada um** foi chegando e **marcando seu espaço**. 11-**Cada um marcou** seu espaço (35 anos na Feira). 12-Foi o **dono que marcou** o espaço. 14-Foi o **lugar que sobrou**, depois que a feira mudou para cá. 17-**Cada um foi procurando** seu lugar. 19-Foi **escolhido** e **marcado**. 25-Não há um padrão. Há uns três anos a feira mudou de lado [em relação ao pavilhão]. **Cada um escolheu seu local**. 26-Fui **comprando um pedaço** de outro, **ocupando** um espaço abandonado e depois da mudança de lado, **marquei na marra**.	À escolha do feirante 24 53%	5-Não tem limite de espaço. **Agente arruma** [a mercadoria] **na hora** em que chega. (4 anos no local) 6-Foi por **vontade própria**, mesmo no tempo da obra. (1,5 ano no local) 7-**Escolhemos** aqui [depois da obra], por causa da **calçada nova, mais ampla e mais limpas** (3º quarteirão). (3 anos no local) 3-Por ser também comerciante, exponho **em frente à loja**. (6 anos no local) **Obs**: Os comerciantes lojistas da rua expõem seus móveis e antiguidades em frente às suas lojas.	À escolha do expositor 4 57%

27-Nossa **marcação** foi feita **pelos vizinhos** (porque chegaram tarde). 28-Foi **marcado por** minha **filha**, um dia que não estava aqui. 32-Foi minha **esposa** que **escolheu** aqui. 35-**Cada um escolheu** o seu lugar. 36-**Cada um procurou seu ponto**. Já sabiam onde seria o seu. 39-Foi **marcado na raça**. 40-Fui **eu** que **escolhi**. 41-Eu pedi um **espaço de empréstimo** a uma barraca. 42-Eu mesmo marquei e fiquei. 43-**Cada um marcou** seu espaço depois da **mudança de lado**. 44-O lugar foi **ajeitado dentro de uma barraca** que concordou que eu ficasse aqui. 45-Eu mesma **coloquei** e o **fiscal deixou**. 47-Nós **escolhemos**, depois da última mudança. É mais ou menos **6 m**. 49-Os **donos escolheram o lugar** e ficaram. Eles têm 4 barracas aqui na feira, mas nem ficam aqui, só apareçam para buscar a gente.	À escolha do feirante (contin.)		
18-Foi por **sorteio**, há **muito tempo**.	Sorteio 1 – 2,3%		
3- Está na **documentação da prefeitura**, na carteira.	Document ação 1 – 2,3%		
6-Este **ponto foi comprado** de outro [feirante]. 16-Sei que este **ponto é antigo**, desde 1975. 30-**Comprei o espaço** de uma barraca de alimentos que desistiu. 31-Comprei o espaço e divido com outra barraca.	Compra do ponto 4 9%		
38-**Não sei**. **Já era este** quando cheguei, recentemente.	Não sabe 1 – 2,3%		
Total	100%		100%

Obs – Feira de São Cristóvão:
Há pouco mais de dois anos a maior parte da Feira funcionava na área localizada na porção norte do Pavilhão, onde há a maior concentração residencial ao redor do Campo. Uma decisão política proibiu sua montagem daquele lado. Os feirantes tomaram conhecimento da tal medida num dia de montagem da feira. Eles tiveram que se deslocar para o lado sul do Pavilhão, que tinha sido ocupado por um ferro-velho. Diante da pressa e da necessidade de ter um lugar para montar a barraca, cada feirante foi estabelecendo seu próprio espaço. Os feirantes que faltaram no dia da mudança e que perderam seu ponto de vendas foram sendo encaixados, com o auxílio da Associação dos Feirantes.

Objetivo: Verificar como o feirante ou expositor se "apropriou" da fração do espaço público que ele ocupa.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: **53%** dos feirantes disseram que seu espaço foi **escolhido e marcado por eles mesmos**, depois da mudança de lugar da Feira, há cerca de 2 anos. Foram chegando e demarcando conforme a necessidade do tamanho da barraca. **31%** tiveram seus espaços **marcados junto** com membros da **associação** (presidente ou gerente). **9%** disseram que **compraram** o espaço de outro feirante. O restante disse que recebeu o espaço em um sorteio, que está escrito em sua permissão da Prefeitura ou que não sabe.

Feira do Rio Antigo: **57%** disseram que **não há um limite de tamanho** para expor as mercadorias, eles se espalham como querem. **43%** tiveram seus **espaços marcados pela coordenação** da Feira.

Conclusão Geral:
As respostas diferentes podem estar relacionadas ao tempo de trabalho da cada feirante ou expositor em cada feira. Em São Cristóvão a atual demarcação foi feita rapidamente, numa manhã de sábado, na qual cada um ocupou seu espaço, para que não perdesse o lugar de sua barraca na Feira. Na Rua do Lavradio existem as duas ações, uma sob controle da coordenação e outra por escolha dos expositores, mas com o acordo da associação.

17. Qual o valor cultural mais representativo deste lugar?

Feira de São Cristóvão – 1 Palavra		**Feira do Rio Antigo** – 1 Palavra	
16-**Tradição**. 18-É **inestimável**.	Tradição 2 4%	10-**Alma do Rio de Janeiro**. Berço da cidade. 11-**Marco do Rio Antigo**. 17-**História**. 18-**História** da rua. 19-**Histórico** arquitetônico. 20-**Resgate do conhecimento** do centro antigo	História 6 54,6%
4- É muito **conhecida**. 5- É **São Cristóvão**, aonde chegamos. 9-Muito **conhecida**. 11-É **a mais conhecida** pelo povo. 29-É uma **tradição**. Aqui se encontra **tudo do NE**. 31-É única. É **cultural** e **tradicional**. 42-É um **local nordestino**.	Tradição e lugar 7 14%		
1-**Tradição** nordestina. 3-É especial pela **tradição**. 7-A **transmissão de conhecimento** (de cultura nordestina). 10-A **preservação das raízes culturais**. 12-**Típica** do Nordeste. ***22***-**Tradição** antiga e **muito rica**. ***24***-Reduto da **cultura nordestina**: **lazer e diversão**. 26-É a **representação das cidades no NE**. 28**-Conhecer as coisas do NE**. 38-O **conhecimento do NE**: forrós, música e comida.	Cultura NE Conheci-mento regional 10 20%	14-Memória da cidade. 16-Renovação.	Memória 2 18,2%
15-**Resgatar** a terra. Os nordestinos vêm para cá para ter **um pouco de Nordeste**. 17-Um **pedaço do Nordeste**. 30-**Cultura nordestina fora da região**. 43-São as **raízes nordestinas**. **Não precisa ir para lá**.	Cultura NE: lugar 4 8%	15-Educação social.	Educa-ção 1 9%
14-É o **ponto de encontro** do nordestino. ***21***-Lugar para os **nordestinos se encontrarem**. 25b-...o **encontro de nordestinos**. 27a-É, **encontro nordestinos** e... 33-**Ponto de encontro** dos amigos, dos **nordestinos**. 40-É o **encontro dos nordestinos**. 50-**Encontro** com **parentes** e **amigos**, durante o trabalho.	Cultura NE: encontro 6 12%	12-A **arquitetura**. 13-A **arquitetura** do local.	Arquitetu-ra 2 18,2%

2-**Não acha em outro lugar**. 6-É a **melhor** das feiras. 8-**Festa** para todos. 13-**Animação nordestina**, muita gente.	Cultura NE: evento 4 8%		
20-É a r**iqueza da comida típica** dos 9 Estados. ***23***-Divulgação da **comida típica**. 27b-...a **comida típica**. 34-As **iguarias típicas**. 35-As **comidas típicas** e as coisas do **NE**. 41-São as **comidas típicas**. 46-**Comida típica**, artesanato e roupas. 47-**Comidas típicas**.	Cultura NE: Comida 7,5 15%		
25a- A **gastronomia típica**, o **forró** e... 44-As **comidas típicas** e as **músicas**. 48-A **comida** e o **forró chamam a atenção** e o público vem. 49-**Comidas e forró nordestinos**. 32-É o **forró** e a **música ao vivo**. 39-O **forró** e as **músicas típicas**.	Cultura NE: comida e música 5,5 11%		
19- São os **produtos típicos**. 36-A **originalidade dos** seus **produtos**. 37-**Tudo** que é do **NE tem aqui**. Tudo é **original**. 45-É ter só coisas do NE.	Cultura NE: Produtos típicos 4 8%		
Total	100%		100%

Obs: Os primeiros 9 questionários da Feira do Rio Antigo não tinham esta pergunta.

Objetivo: Descobrir o que o comerciante e o feirante consideram como sendo um valor cultural da feira, onde ele trabalha.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: **82%** acham que seu valor cultural está presente na **cultura nordestina**: transmissão de conhecimentos regionais (20%), nas comidas típicas (18,5%), no encontro dos nordestinos (12%), na ambiência típica do lugar, "um pedaço do NE", "preservação das raízes nordestinas" (8%), nas características do evento: animado e aberto para todos (8%), nos produtos típicos da feira (8%) e nas músicas típicas (7,5%). **18%** acham que seu valor cultural está na tradição ligada ao evento e ao lugar aonde a feira acontece.
Feira do Rio Antigo: Para **54,6%** o valor cultural está na **história do lugar**; **18,2%** acham que o valor é a **memória da cidade**; **18,2%** acham que o valor é a **arquitetura da rua** e **9%** acha que é a **educação social**.

Conclusão Geral:
As respostas mostram que os comerciantes de ambos os lugares reconhecem o **valor cultural** pela **transmissão de conhecimentos**, visando a **preservação cultural** dos costumes e tradições (Feira de São Cristóvão) e a **preservação histórica** com o resgate da memória do lugar (Feira do Rio Antigo). São estes fatores que estruturam e dão continuidade aos dois eventos.

18. Qual o sentimento mais profundo que este lugar lhe desperta?

Feira de São Cristóvão – 1 Palavra		**Feira do Rio Antigo** – 1 Palavra	
1-Um **pedaço da "terra"**. **Sinto-me em casa**. 8-**Gosto**, é uma **tradição**. 10-Sentimento de **brasilidade**. 12-Aqui tem **um pedaço de mim**. 13-**Gosto** daqui. 14-**Paixão**, gosto. 16-**Gosto** da Feira. 17-Que **não acabe nunca**. 18- É como a **minha casa**. 19-O **encontro com os amigos**. ***20***-**Amor** ao Campo de São Cristóvão, por ter sido o **primeiro lugar de chegada do nordestino** ao Rio. ***21***-**Gosto** e me **divirto**. ***22***-**Saudade** de 20 anos atrás, com mais **fartura**. ***23***-**Saudade da terra natal**. ***24***-**Saudosismo da infância**. 30-Aprendizagem, **convivência**, novas **amizades**. 32-**Sinto falta** se não vier para cá. 34-**Adoro a feira**. Se sair daqui, perco um pouco de mim. 35-É de uma **grande família**, a **reunião é aqui**. 37-**Gosto muito** daqui. 38-Sinto como se estivesse lá na **Paraíba**, na **minha terra**. 39- **Amor pela Feira**. Já virou **mania**. 40-Sentimento de **alegria**, de **liberdade**. 41-**Saudade** dos **tempos** mais **rentáveis**. 42-É **como se eu estivesse no NE**, é mais **familiar**. 43-A **convivência com meu povo**. É um **cantinho do NE** para **relembrar**. 44-**Adoro**. É a maior referência do NE aqui no Rio. 48-A **lembrança do NE**.	Afetividade 28 56%	10-**Amor** pelo espaço. 12–**Gosto pelo lugar**. 13-Um **carinho** especial. 17-**Satisfação**. 19-**Paixão**. 20-Já virou um vício. **Gosto** do lugar.	Afetividade 6 54,5%

3-É o **trabalho**. 5-É o **ganha-pão**. 9-É o **trabalho obrigatório** da semana. 11-É o **sustento** da família. 26-Faz parte do **dia-dia**, é o **pão-de-cada-dia**. 33- **Tiro daqui** um pouco **mais** de **conforto** na vida. 49-É a **rentabilidade** e o **lucro**. 50-É o **sustento familiar**.	Trabalho 8 16%	11-**Nostalgia** dos tempos antigos. 14-Me reporta a uma **elegância do passado**. 16-Desperta uma **emoção**.	Saudade (passado) 3 27,3%
4-**Trabalho** e **divertimento**. 6-**Gosto** e **mantenho** minha família. 27-**Amizade** e **necessidade**. 28-**Gosto de trabalhar aqui**. 29-**Prazer de trabalhar**. 31-**Gosto da feira**, é minha **sobrevivência**. 36-Conheço muitas pessoas, me **divirto** e é **meu ganha-pão**. 45-Vim para **trabalhar**, mas também **gosto**. 46-Tenho muito **amor** e **dedicação** pela minha feira. Foi o começo de minha vida e é uma **mina-de-dinheiro**. 47-**Ajudar a família**, no **sustento**.	Afetividade, trabalho e diverti-mento 10 20%	18-Sentimento **financeiro**.	Negócio 1 9,1%
7-A **alegria passageira**. 25- **Alegria** e **satisfação**.	Diversão 2 – 4%	15-É **lamentável** que esteja assim no **abandono**.	Desgosto 1 9,1%
2-**Não tenho**.	Sem senti-mento 1 – 2%		
Total	100%		100%

Obs: Os primeiros 9 questionários da Feira do Rio Antigo não tinham esta pergunta.

Objetivo: Descobrir o que o comerciante e o feirante sentem pelo lugar onde eles trabalham.

Conclusão Parcial:
Feira de São Cristóvão: 56% dos entrevistados demonstram possuir um carinho, ter afetividade pelo lugar e pelo evento. 16% consideram a Feira como um local de trabalho, para tirar o sustento. 20% trabalham na Feira porque gostam, se sentem bem, revêem os amigos, os parentes e se divertem. 4% se divertem na Feira e 2% não tem nenhum sentimento pela feira.

Feira do Rio Antigo: 54,5% trabalham na Feira e na rua porque gostam do lugar e do que fazem. 27,3% sentem "saudade" dos tempos gloriosos da rua, ao verem os casarios antigos. 9,1%pensam no negócio e 9,1% sentem desgosto pela obra inacabada.

Conclusão Geral:
Mais da metade dos entrevistados gosta do lugar dos eventos e da atividade que exercem ali.
Os feirantes mais jovens da Feira de São Cristóvão não têm o mesmo sentimento de afetividade pela feira ou pelo lugar, que os mais velhos ou "pioneiros" têm. Eles não têm a mesma ligação histórica com o lugar.

19. Classifique os seguintes itens:

Em relação às feiras.	**Feira de São Cristóvão**						**Feira do Rio Antigo**					
	O	**B**	**Ra**	**Ru**	**P**	**I**	**O**	**B**	**Ra**	**Ru**	**P**	**I**
Organização do espaço físico	8	14	17	7	4		1	7	7	4		1
Espaço urbano da feira	27	22	1				9	8	1			
Iluminação urbana	6	14	21	3	1	5						
Serviço de água	2	17	10	6	7	2						
Som ambiente	3	16	5	9	17		6	5	4	3		2
Ruído		2	5	16	23	4	1	4	4	3		6
Rede de transportes	12	31	4			3	4	11	1			3
Segurança (no dia do evento)	4	12	22	7	5		2	6	4	5	3	
Divulgação do evento	9	19	12	6	3	1	1	2	12	1	3	1
Vizinhos	28	19	2	1			7	11	1			1
Amizades	29	17	3	1			8	11	1			
Rentabilidade do comércio	4	18	22	5	1		2	2	7	4	5	

Legenda:
O – **Ótimo**
B – Bom
Ra – Razoável
Ru – Ruim
P – **Péssimo**
I - Indiferente

Obs: Alguns entrevistados fizeram comentários a respeito dos itens. Eles estão identificados pelo respectivo número do questionário.

	Feira de São Cristóvão	**Feira do Rio Antigo**
Organização do espaço físico	26-Péssima – Atualmente é bem desorganizada.	
Som ambiente	44-Ótimo - Gosto desta barulheira. É assim no NE, também. 40-Bom – É muito alto. 42-Bom – Muito alto. 28-Razoável – É muito alto. 37-Razoável – É muito barulho. 47-Razoável – Muito barulho 3-Ruim – É muito exagerado. 31-Ruim – Alto demais. 29-Péssimo – Muito barulho. 35-Péssimo – O som mata a gente. 38-Péssimo – É barulhento. 48-Péssimo – Alto.	7-Bom – O som atual não combina com a Feira. 8-Bom – A música de antes (até junho /2001) tinha tudo a ver [com a Feira]. 6-Razoável – Era melhor quando havia MPB, as Cantoras do Rádio, chorinho, seresta. 15-Ruim – É horrível, pior que discoteca.
Ruído	3-Ruim – É muito exagerado. 17-Ruim - O ruído espanta a freguesia. 2-Péssimo - Só o volume atrapalha e incomoda.	
Segurança (no dia do evento)	40-Bom – Melhorou muito. 25-Razoável – Sinto falta da guarda municipal e da PM. 7-Ruim – Há pouca segurança para tantos feirantes.	
Divulgação do	25-Ótima – Não há publicidade é de	

evento	"boca-em-boca". 32-Ótima – É feita por rádio. 28-Boa – Feita pelos comentários entre as pessoas. 26-Ruim – è feita de "boca-em-boca".	
Amizades	35-Ótimo – É mais firme aqui que as de perto de casa.	
Rentabilidade do comércio	26-Razoável – A feira cresceu muito e o "bolo" diminuiu. 38-Razoável - Esperava que fosse melhor.	15-Razoável – Durante a obra. 8-Ruim - Rendia mais, antes da obra. 3-Péssima - Neste momento está assim. (10 / 2001) 9-Péssima – O leilão que ocorre no número 184 está prejudicando os expositores.[Porque atrai a clientela da rua para lá].

Objetivo: Verificar qual a avaliação que os feirantes e comerciantes fazem de alguns itens presentes atualmente no lugar, durante o evento. A avaliação deve levar em conta aquilo que contribui ou não para que o ambiente seja agradável aos visitantes e favoreça o negócio.

Conclusão Parcial:

	Ótimo		**Bom**		**Razoável**		**Ruim**		**Péssimo**		**Indiferente**	
	F SC	**F RA**	**F SC**	**F RA**	**F SC**	**F RA**	**F SC**	**F RA**	**F SC**	**F RA**	**F SC**	**F Ra**
Organização do espaço físico			28 %	35 %	34 %	35 %						
Espaço urbano da feira	54 %	45 %	44 %	40 %								
Iluminação urbana			28 %		42 %							
Serviço de água			34 %		20 %							
Som ambiente		30 %	32 %	25 %					34 %			
Ruído				20 %		20 %	32 %		46 %			30 %
Rede de transportes	24 %	20 %	62 %	55 %								
Segurança (no dia do evento)			24 %	30 %	44 %			25 %				
Divulgação do evento			38 %		24 %	60 %				15 %		
Vizinhos	56 %	35 %	38 %	55 %								
Amizades	58 %	40 %	34 %	55 %								
Rentabilidade do comércio			36 %		56 %	35 %				25 %		

Obs: As porcentagens refletem as duas maiores "notas" concedidas a cada item, para espelhar os valores considerados pela maioria dos feirantes, expositores e dos comerciantes.

Conclusão Geral:

- A organização do espaço das feiras concentra-se em bom e razoável, mas deseja-se que seja melhorada com a implantação dos projetos.
- A grande maioria dos entrevistados acha que o lugar é perfeito para o acontecimento das feiras.
- A iluminação urbana recebeu mais pontos em “razoável” do que em “bom”, em São Cristóvão.
- O serviço de água, que é muito precário, é feito com “gatos” ligados à rede pública.Mesmo assim, é considerado bom e razoável pelos seus usuários. Antes disso, os feirantes tinham que transportar água para feira em galões.
- O som ambiente é agradável na Feira do Rio Antigo. Na Feira de São Cristóvão é considerado para a maioria “bom” e “péssimo”. A barulheira incomoda, mas é assim também nas feiras do NE.
- O ruído é muito ruim e péssimo na F.S.C., mas na F.R.A. ele não atrapalha o entretenimento e o trabalho.
- A rede de transportes é considerada ótima e boa. Os dois lugares são bem servidos.
- A segurança é considerada boa e razoável. Poderia ser mais reforçada em ambos os eventos.
-A divulgação do evento é praticamente feita de boca-em-boca, mas na F.S.C., que é mais antiga e bem movimentada, os comerciantes acham que é boa. Na F.R.A. é razoável e péssima, porque a feira está muito mais vazia, em relação ao período inicial, por causa da obra.
- Os vizinhos e os amigos estão bem cotados, mas os feirantes da F.S.C. parecem estar mais satisfeitos.
- A rentabilidade parece ser melhor na F.S.C. (boa e razoável), o índice de satisfação é maior, em comparação com a F.R.A. (razoável e péssima). Deve-se levar em conta que o poder aquisitivo da população vem caindo, de modo geral, e pode repercutir nas vendas.

Idade: **Sexo: M ( ) F ( )**
Profissão: **Nível de instrução:**

Idade:	Feira de São Cristóvão	Feira do Rio Antigo
- 20 anos	2	1
20 - 29 anos	6	1
30 – 39 anos	12	1
40 – 49 anos	14	10
50 – 60 anos	10	6
+ 60 anos	6	1
Total	50	20

Sexo: M ( ) F ( )	Feira de São Cristóvão	Feira do Rio Antigo
Masculino	28	14
Feminino	22	6
Total	50	20

Profissão:

Feira de São Cristóvão		**Feira do Rio Antigo**	
Comerciante	2	Comerciante	8
Vendedor do Comércio	2	Aeronauta /Comerciante	1
Feirante	19	Colecionador /Comerciante	1
Feirante / Comerciante	3	Pequeno empresário	1
Segurança / Feirante	1	Vendedor	3
Servente / Feirante	1	Estudante / Feirante	1
Eletricista / Feirante	2	Expositor de artes	1
Técnico de refrigeração / Feirante	1	Publicitário /Arquiteto /Antiquário	1
Montador de obra	1	Engenheiro	2
Carpinteiro / Feirante	1	Prof. Educação Física	1
Aposentado – Aux. Portaria / Feirante	1		
Balconista / Feirante	1		
Técnico máquina escritório / Feirante	1		
Motorista / Feirante (1aposentado)	2		
Costureira / Feirante	1		
Agricultor / Feirante	1		
Artesão / Feirante	1		
Relojoeiro	2		
Enfermeiro / Comerciante / Feirante	1		
Militar / Feirante	1		
Oficial res. Marinha / Admin./Comerc.	1		
Ramo imobiliário / Feirante	1		
Administrador / Radialista / Feirante	1		
Estudante / Feirante	2		
Total	50		20

Nível de instrução:

	Feira de São Cristóvão		**Feira do Rio Antigo**	
Analfabeto	1			
Primário	21		1	
1º. Grau	8		1	
2º.Grau	16		11	
3º. Grau	4		6	
Mestrado			1	
Total	50		20	

Considerações:

Idade: As faixas etárias predominantes na F.S.C. variam de 30 a 49 anos. As pessoas não têm muita resistência física para trabalhar (montar, permanecer e desmontar as barracas) na feira, pois é um serviço muito desgastante. Na Rua do Lavradio as idades predominantes variam de 40 a 60 anos. Acredita-se que haja mais aposentados nesta ocupação, que parece ser mais tranqüila ou menos cansativa.

Sexo: A pesquisa revela que existem mais homens trabalhando no comércio da Rua do Lavradio, que mulheres. Na F.S.C., predominam os homens, por uma pequena margem. No entanto, para que a resposta fosse totalmente válida seria necessário que a pesquisa fosse feita somente com os donos do negócio, e não com vendedores, por exemplo, como também aconteceu.

Profissão: Na F.S.C., 82% dos entrevistados possuem profissões ou ocupações que não exigem estudos especializados ou diplomas. Na F.R.A. 70% possuem profissões ou ocupações que não exigem estudos especializados ou diplomas.

Nível de instrução: Na F.S.C. 42% têm curso primário e 32% têm o 2º. Grau. Na Rua do Lavradio, 55% têm 2º. Grau e 30% têm curso superior.

ANEXO 8.5: MATÉRIAS JORNALÍSTICAS UTILIZADAS NA DISSERTAÇÃO

8.5.1. O Globo –Zona Norte, 28/09/2000, p. 3, 4, 5.

Em meio a polêmica, São Cristóvão quer revitalização

Transferência de feira agrada a parte dos moradores

Centro cultural, ponto turístico, estorvo para moradores. Tudo depende do ponto de vista. Há décadas um ponto de referência do bairro, a Feira de São Cristóvão encontra-se hoje no meio de uma polêmica que envolve moradores, comerciantes, historiadores e o poder público. No meio da confusão, a revitalização do bairro dentro do Plano de Estruturação Urbana (PEU) que define as características da região.

Todos os envolvidos são unânimes em ao menos um ponto: com ou sem a presença da feira no Campo de São Cristóvão, o bairro precisa urgentemente de investimentos e de uma revitalização.

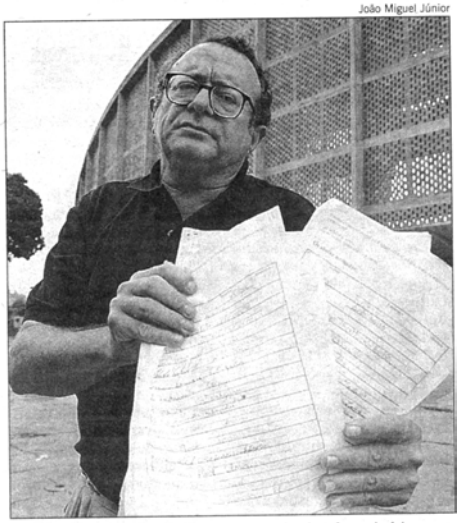
A polêmica começou com a notícia de que a Prefeitura transferiria a feira para a Avenida Brasil. Parte dos moradores e comerciantes no entorno da Campo de São Cristóvão não agüenta mais a feira, que traz mais de 60 mil pessoas ao bairro nos fins de semana. Para eles, trata-se de sinônimo de confusão.

— A feira já deixou de ser nordestina há muito tempo. Hoje é apenas sujeira e bebedeira — afirma o coronel Ney Soares, presidente do Supremo Conselho da Maçonaria.

Os defensores (os próprios feirantes, obviamente, Gilberto Gil e Rubem César Fernandes, entre outros) alegam que a feira é parte da memória da cidade. O presidente da feira, Agamenon Almeida, até organizou um abaixo-assinado a favor da permanência. ■

• NOVO PLANO DE URBANIZAÇÃO *na página 4*

João Miguel Júnior



AGAMENON ALMEIDA mostra o abaixo-assinado a favor da feira

POLÊMICA: *Proposta de estruturação divide opiniões porque pode exigir transferência da feira*

Novo plano de urbanização

• Maurício Mendes, presidente da Câmara Comunitária de São Cristóvão, faz um alerta: hoje com 76 mil habitantes, o bairro está perdendo moradores. Por isso ele defende a entrada em cena do Plano de Estruturação Urbana (PEU), que determina as características do bairro e pode exigir a transferência da feira. De acordo com Mendes, o projeto atual, que foi votado na Câmara Municipal em 1993, não permite o crescimento.

— Estamos costurando um novo projeto, que unirá a parte histórica ao progresso, atraindo novos investimentos para o bairro — diz.

Segundo ele, este é o anseio da comunidade. A partir de várias reuniões organizadas pela câmara comunitária, foi elaborado um novo plano, que, entre outras coisas, previa a transferência da feira:

— Através de um trabalho com a Secretaria municipal de Urbanismo, o novo projeto foi encaminhado à Câmara e está na fila para ser votado.

Alguns moradores do bairro não concordam:

— O projeto em vigor não impede a revitalização — argumenta o secretário da associação de moradores, Ramon Franco. — A pretexto de modernizar, tira-se o emprego e a casa dos moradores.

Maurício diz que não é contra a feira mas que a Prefeitura tem que tomar uma posição.

— Eu acho que não há como fazer o pavilhão funcionar se há uma feira em volta. ■

Carlos Ivan/2-5-98



HÁ DÉCADAS NO CAMPO de São Cristóvão, a feira precisa de melhores condições para funcionar

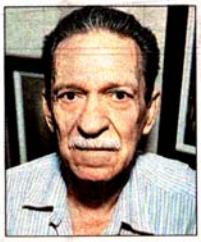
POLÊMICA: *Decadência do bairro, um dos mais antigos do Rio, reforça necessidade de mudança*

Idéia de renovar ganha apoio

• O embrião da polêmica sobre a Feira de São Cristóvão está na proposta de revitalização, que tem adeptos por causa da decadência do bairro, um dos mais antigos da cidade. Há um projeto de lei para a modificação do atual Plano de Estruturação Urbana, elaborado a partir de várias reuniões da comunidade. No entanto, a sugestão da transferência da feira, dada pelos próprios moradores, acabou suprimida após o início da discussão.

Foi formada então uma comissão com feirantes e órgãos da Prefeitura para estudar o problema mas os moradores prometem não ficar fora desta discussão. ■

CONTRA



NEY SOARES, presidente do Conselho da Maçonaria

• "São Cristóvão é um bairro nobre que, lamentavelmente, foi levado à penumbra. A feira só atrapalha a sua recuperação. Há muito tempo ela perdeu suas raízes."

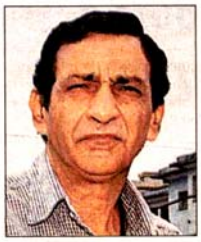


MAURÍCIO MENDES, presidente da câmara comunitária

• "Eu gosto muito da feira mas o patrimônio do bairro é o pavilhão. Se forem ouvidos os moradores e as empresas que convivem com ela, todos vão querer uma outra alternativa."

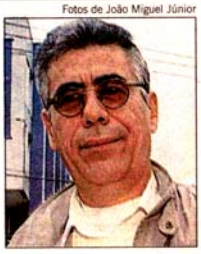
A FAVOR

Fotos de João Miguel Júnior



JUAREZ MACEDO, presidente da associação de moradores

• "Os moradores querem um lugar para se divertir e nós temos aqui a feira dos nordestinos. Manter a feira é manter a qualidade de vida dos moradores."



RAMON FRANCO, secretário da associação de moradores

• "Nossa posição em relação à feira sempre foi a da regulamentação e da organização. Ela é um patrimônio histórico e artístico de uma comunidade."

8.5.2. Jornal do Brasil, 27/12/2000.

JORNAL DO BRASIL 27/12/2000

Feira nordestina no Pavilhão

Antonio Lacerda - 15/6/200



Projeto prevê reforma do Pavilhão de São Cristóvão até 2002

Um Mercado Modelo erguido no solo do Rio. Este é o plano da próxima administração da cidade para a Feira de São Cristóvão. De acordo com o futuro secretário municipal de Urbanismo, Alfredo Sirkis, o Pavilhão de São Cristóvão - localizado no Campo onde atualmente funciona a feira - passará por ampla reforma, que o deixará com arquitetura semelhante a dos mercados nordestinos. A obra deve ser concluída em 2002.

Nesse ano, os 818 feirantes deixarão de trabalhar sob a lona azul e ganharão novo teto: o Centro de Tradições Nordestinas, que funcionará dentro do Pavilhão. ''Existem problemas de ordenamento de espaço na feira. Vamos melhorar o aspecto geral da área'', diz Sirkis. O autor do projeto de reforma do Pavilhão - que hoje possui apenas a quadra e duas paredes laterais - será decidido em um concurso realizado pela prefeitura em parceria com o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB).

Convênio - O convênio com o IAB será firmado no início de 2001. ''O padrão dos mercados modelos do Nordeste será mantido. Mas haverá adaptações'', explica Sirkis. Nesse ponto, os barraqueiros poderão opinar. A partir de abril do ano que vem cada um deles será recadastrado e entrevistado para dizer como gostaria que fosse sua loja. ''Vamos adaptar o espaço às demandas de cada comerciante que trabalha na feira.''

A mudança da lona para um teto permanente - a feira não precisará mais ser montada e desmontada a cada fim de semana - não será feita sem um gasto extra para os barraqueiros. Segundo Sirkis, eles terão que pagar uma pequena taxa para receber uma das lojas. ''Os feirantes passarão do comércio informal para o formal e haverá qualificação'', justifica o futuro secretário municipal de Urbanismo.

Crédito - Essa questão já está sendo tratada por Sirkis. Na semana passada, ele entrou em contato com representantes do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), para conseguir créditos destinados aos feirantes. O valor do fundo e o custo da obra ainda serão decididos.

Em fase inicial, o projeto pretende solucionar problemas entre feirantes e moradores. Os primeiros reclamam da falta de higiene, poluição sonora, ocupação do estacionamento nos fins de semana e propõem a transferência dos feirantes para um terreno próximo a Igreja de São Cristóvão. Apoiados por lei municipal - que lhes garante a permanência no campo - os feirantes sustentam que não deixarão a área.

Com teto - O próximo subprefeito de São Cristóvão, Breno Arruda, acha que o projeto elimina as discussões. Para ele, tanto os moradores do bairro quanto os comerciantes vão sair lucrando. ''Ninguém quer investir naquela área por causa da feira. Se o comércio mudar para o Pavilhão, a situação pode mudar'', acredita Breno.

8.5.3. Jornal do Brasil, 16/02/2001.

JORNAL DO BRASIL 15/02/2001 Caderno Cidades

Pavilhão 'high tech' para a Feira dos Nordestinos

Divulgação



A nova Feira de São Cristóvão terá capacidade para receber cerca de 100 mil pessoas por dia

O improviso que marca a Feira dos Nordestinos há 55 anos no Campo de São Cristóvão está com os dias contados. A partir de julho, o pavilhão abandonado desde a década de 80 passará a abrigar, de forma organizada, o Centro de Tradições Nordestinas, que diariamente, das 15h às 3h, apresentará shows de música e oferecerá comidas típicas. Ao anunciar ontem a nova destinação do Pavilhão de São Cristóvão, o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Ayrton Xerez, disse que ''aos feirantes caberá manter as principais características da feira, a descontração, a alegria e a alma''.

O Centro de Tradições Nordestinas funcionará a céu aberto, entre as paredes sinuosas, de alturas variáveis e de tijolos vazados que caracterizam o projeto do arquiteto Sérgio Bernardes, concebido em 1957. Todas as estruturas passarão por vistorias técnicas, pois as lajes entre as colunas apresentam flechas (tipo de ''barrigas'') nos pontos centrais. As obras de infra-estrutura, como arruamento, redes de esgoto, água, luz e gás ficarão em R$ 2,5 milhões. A construção das 764 barracas custará outros R$ 2,5 milhões. A Caixa Econômica Federal entrará com o financiamento, voltado aos feirantes já cadastrados.

Programação - ''Eles continuarão responsáveis pelo sucesso da feira, que, sem improvisos, terá capacidade para receber até 100 mil pessoas por dia, contra os 60 mil que a visitam nos fins de semana'', afirmou o secretário de Desenvolvimento Econômico, adiantando também que haverá programação anual de eventos - como apresentação de cantores de renome -, com a finalidade de firmar a feira como ponto turístico obrigatório.

O projeto prevê a construção de barracas modulares, que vão de quatro a 96 metros quadrados. Todas serão em estrutura metálica, cobertas por laminados de PVC, em alturas e formatos variados. O espaço interno do pavilhão (34 mil metros quadrados, correspondendo a cinco campos de futebol) será dividido em 10 ruas, quatro praças para crianças e outra para apresentação de repentistas. Haverá ainda dois palcos de 400 metros quadrados cada e 12 sanitários. Na parte externa, o estacionamento terá 900 vagas. O ingresso para a feira será gratuito.

8.5.4. Jornal do Brasil, 01/05/2001.

JORNAL DO BRASIL 01/05/2001.

O Rio dos sonhos da prefeitura

Se obras de programa municipal saírem do papel, cidade muda de cara.

João Paulo Engelbrecht



Casal almoça em Guaratiba, com Marambaia ao fundo: prefeitura quer transformar a região em pólo turístico e gastronômico.

No que depender das promessas da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, boa parte das áreas degradadas da cidade vai mudar de cara nos próximos anos. Guaratiba terá um pólo gastronômico e turístico. O Beco das Garrafas, berço da Bossa Nova em Copacabana, será revitalizado. O calçadão de Padre Miguel terá agência bancária e vai se livrar dos camelôs. A Feira Nordestina de São Cristóvão, que ocorre nos fins de semana, migrará para dentro do pavilhão, que será inteiramente reformado. Os investimentos variam de R$ 5 milhões, para o Pavilhão de São Cristóvão, a R$ 300 mil, no Beco da Bossa. Os projetos, de autoria das próprias comunidades, têm viabilização prometida pela Secretaria através do programa Dinamização em Áreas Comerciais (DAC), criado pelo decreto municipal ''N'' 9.470, de 3 de janeiro de 2001, que pretende injetar ânimo em áreas degradadas ou pouco desenvolvidas.

Pelo menos em um lugar, o DAC já começou a sair do papel. Na Rua Frei Caneca, as obras começaram este mês com a revitalização do comércio, que inclui iluminação pública, estacionamento e reforma dos sobrados históricos. No dia 23 de maio, a prefeitura promete licitar as obras no Pavilhão de São Cristóvão.

Feira - O objetivo é transformar a tradicional feira de São Cristóvão no Centro de Tradições Nordestinas e abri-lo de domingo a domingo. Para isso, pretende-se construir sete praças, creche, posto médico, dois palcos para shows e padronizar as barracas. As sugestões partiram da associação dos comerciantes, responsável pela feira.

Outra região que deve passar por uma reforma é Guaratiba, área de grande beleza natural e população muito pobre. Ali, será criado o Pólo Gastronômico e Turístico, O projeto da Associação Gastronômica e Comercial da Costa Oeste (Agaco) combina o interesse dos donos de restaurantes de atrair mais gente e lucros com preocupações ambientais, melhorias urbanas e desenvolvimento

sustentável. ''Com investimento e preservação a gente alavanca o crescimento'', diz Ricardo Curvello, presidente da Agaco. Os custos para a implantação dos projetos ainda não foram finalizados.

Projetos - Entre as intervenções prometidas estão a instalação de cinco quiosques de informações turísticas com estagiários das faculdades de turismo locais, implantação de sinalização turística, criação de camarões no mangue, pavimentação de vias públicas, iluminação, estacionamentos e transporte escolar público. Um dos principais projetos é o Centro de Demonstração para o Escoamento de Produção Local, idéia desenvolvida pela Embrapa Agroindústria de Alimentos, órgão federal instalado na região. ''Temos produtores de flores, alimentos e artesanatos, além de artistas, e não temos como comercializar ou exibir o trabalho por aqui'', conta o pesquisador Fénelon Neto, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Na Zona Sul, o programa se concentrará em Copacabana, bairro que mais tem sofrido os efeitos da degradação. Comerciantes e moradores do quadrilátero formado pelas ruas Rodolfo Dantas, Barata Ribeiro, Miguel Lemos e Avenida Atlântica têm se reunido para finalizar o plano. Prostituição, falta de estacionamento, camelôs, ocupação irregular das calçadas são problemas que estão na mira. O único projeto já em andamento é o Beco da Bossa, na Rua Duvivier.

Subúrbio - Na Zona Oeste, Padre Miguel foi escolhida para ter o calçadão comercial completamente revitalizado. Os planos são muitos. Camelôs serão retirados, árvores plantadas, estacionamentos criados e haverá área de lazer aos domingos. A principal reivindicação era a abertura de uma agência bancária. Com as obras já em andamento, um trailer foi instalado temporariamente. Em menos de um mês, 7 mil moradores abriram contas correntes. ''Era o que mais queríamos: um banco'', comemora a comerciante Teresa da Silva.

''A cidade não cresce economicamente e nosso empobrecimento é visível nas ruas. Com estas pequenas intervenções poderemos potencializar o que já existe e resgatar estas áreas'', explica o secretário municipal de Desenvolvimento, Ayrton Xerez. Na década de 90, o Produto Interno Bruto (PIB) da cidade cresceu 5%, enquanto o estado cresceu 19%.

8.5.5. Jornal do Brasil – Cidade, 13/06/1997.

Rua do Lavradio terá Rio Cidade

TIAGO PETRIK *

Não é só a Praça 15 que vai receber a atenção da prefeitura para a revitalização do Centro. A Rua do Lavradio, na Lapa, ganhará o seu projeto Rio Cidade. O prefeito Luiz Paulo Conde agendou o início das obras para daqui a oito meses. "Vamos reformar os sobrados da rua e instalar, no antigo prédio do Detran, o Museu do Móvel Brasileiro", prometeu Conde, logo após um almoço ontem com o ministro da Cultura, Francisco Weffort. O ministro apoiou a idéia de Conde, que pretende conduzir a reforma da Rua do Lavradio dentro do mesmo programa de restauração dos prédios em volta da Praça Tiradentes, feito com recursos do Ministério da Cultura e do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Segundo Conde, a reforma deve custar R$ 20 milhões.

"A Rua do Lavradio era muito chique, aqui moraram barões, viscondes e condes, por isso o prefeito gostou daqui", brinca o antiquário Plínio Fróes, um dos 17 que trabalham na Rua do Lavradio. Instalados nas proximidades, outros 23 antiquários participam da feira, realizada nos moldes da Feira de San Telmo, em Buenos Aires: também há dança no meio da rua, comida, bebida e exposições.

A feira, criada há oito meses, foi a forma encontrada para movimentar a região, que enfrenta uma série de dificuldades estruturais. Além do terminal de ônibus instalado na Rua do Lavradio há cinco anos — que provoca um tráfego prejudicial ao casario, da virada do século —, a calçada é estreita e o sistema de drenagem é falho. Os encanamentos de esgoto são de barro, têm mais de 100 anos e não dão vazão à demanda. Por conta dos problemas, há cinco anos foi criada a Acra (Associação para Conservação do Rio Antigo), que encabeça o pedido pelas obras.

O prefeito prometeu transformar um terreno da prefeitura — hoje utilizado como estacionamento — em praça. "A rua merece um Rio Cidade, e o melhor é que é um projeto genuíno. A proposta não partiu da prefeitura, mas toda a cidade vai ter retorno com essa melhoria", diz o subprefeito do Centro, Augusto Ivan Pinheiro.

Outras idéias, que também partiram dos próprios comerciantes da área, devem sair do papel com o apoio já prometido pela prefeitura. Na esquina com a Rua Visconde do Rio Branco, onde há um sobrado da virada do século, a idéia é criar o Museu do Móvel Brasileiro. Uma oficina para crianças vai funcionar no local, para a restauração dos móveis do acervo e prestação de serviços à comunidade.

Dedicar uma tarde a um passeio pela Rua do Lavradio vale como uma aula de história da cidade. A rua foi aberta no início do século 18, com o nome de Marquês do Lavradio — Dom Luís de Almeida Portugal Soares de Alarcão Eça e Melo Silva e Mascarenhas —, nobre que morou numa das chácaras da rua, muito freqüentada por Dom João VI e Dom Pedro I.

O primeiro imperador do Brasil, aliás, tem uma passagem curiosa por lá: ao chegar para um dos freqüentes saraus da rua, levou um tombo ao descer da carruagem. Convalesceu na casa do anfitrião por alguns dias e, neste período, soldados cobriram a rua com areia, para que as outras carruagens não incomodassem o imperador com o barulho.

Mais que folclore, a Rua do Lavradio tem enorme importância histórica. Todos os seus sobrados são preservados pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural, e três dos prédios são tombados. Entre eles, o da Sociedade Brasileira de Belas Artes, construído em 1769, quando o Marquês do Lavradio foi nomeado vice-rei do Brasil. "Este prédio e o do Paço são os dois mais antigos da cidade", garante a diretora da sociedade, Therezinha Hillal.

Colaborou Renato Fagundes

8.5.6. Jornal do Brasil, 06/06/1998, p. 18.

Prefeitura recupera a Rua do Lavradio

Dagoberto Souto Maior



Os donos dos velhos sobrados da Rua do Lavradio serão estimulados pela prefeitura a preservar os imóveis, com redução de impost

Favorita da nobreza no fim do século 18 e da intelectualidade carioca no início do século passado, a Rua do Lavradio dá hoje o primeiro passo para sua primeira grande reforma urbanística: a secretária municipal de Obras, Ângela Fonti, autoriza a publicação de edital para obras de recuperação dos 730 metros da via. O investimento, de R$ 5 milhões, será do município. A reforma, muito esperada, é considerada uma vitória dos comerciantes de antiguidades, principais responsáveis pelo renascimento da rua, que hoje vão anunciar outra novidade: um escritório aberto de expertise, para avaliação gratuita de objetos antigos.

A mudança na Rua do Lavradio incluirá reforma da centenária galeria de águas pluviais, que provoca constantes alagamentos. Dois terços do custo da obra serão aplicados na recuperação do subsolo. O serviço incluirá o alargamento da calçada, que passa dos atuais 80 centímetros para 3,70 metros; a construção de três praças do lado oposto ao do casario; a remoção do ponto de ônibus, incompatível com os antiquários; nova iluminação, e a interrupção do tráfego no trecho próximo à Praça Tiradentes, entre a Rua do Senado e a Visconde do Rio Branco, que vai virar rua de serviço e de pedestres. O subprefeito do Centro, Augusto Ivan, explicou que das mudanças constam o plantio de 73 árvores e 28 palmeiras imperiais, que recuperarão seu traçado original. As obras, a cargo da Riourbe, começam em agosto e têm prazo de 10 meses para terminar.

Incentivos - A Rua do Lavradio faz parte da Área de Proteção Ambiental e Cultural da Cruz Vermelha. Para facilitar o renascimento, a prefeitura dará incentivos, sob a forma de redução do IPTU, a moradores e comerciantes que reformarem prédios e fachadas. O presidente da Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo, Plínio Fróes, garante que todos os 19 antiquários da rua aceitarão a proposta. "Todos queremos que a Rua do Lavradio recupere o esplendor do passado", diz Plínio.

Na cerimônia de hoje, mais urna data histórica numa rua cheia de histórias, a Lavradio mostrará que deixou para trás um período de decadência. O clima será de muita festa, com 20 dançarinos dando um show de

tango, grupos de chorinho, mímicos e exposição de automóveis antigos. As atividades farão parte da Feira do Rio Antigo, realizada todo primeiro sábado do mês. A atração maior, porém, promete ser o escritório de expertise que funcionará na rua, gratuitamente, para quem quiser avaliar móveis, pinturas. Porcelanas orientais, tapetes, pratarias. "Quem quiser, poderá deixar a peça para vender em uma das lojas, em consignação", avisa Plínio.

A Rua do Lavradio, que nasceu Marquês do Lavradio (Dom Luís de Almeida Portugal Soares de Alarcão Eça e Meio Silva e Mascarenhas), já foi endereço do Conde do Flamengo, do Barão de Tefé, do Marquês de Olinda, dos engenheiros André Rebouças e Vieira Souto, do ator João Caetano e do cronista João do Rio, entre muitos outros. Mas, além de seus antecedentes memoráveis, a Rua 40 Lavradio é importante estrategicamente para a cidade. Com a reforma, ela pode recuperar seu papel histórico: o de ligar dois pólos culturalmente fundamentais - a Praça Tiradentes, que um dia já foi Praça da Constituição; e a Rua do Riachuelo, antiga Rua de Mata Cavalos, e esta à Lapa. "Com a Lavradio recuperada, o Centro pode voltar a ser plenamente freqüentado", lembra Augusto Ivan.

8.5.7. Jornal do Rio Antigo.

Augusto Ivan: uma declaração de amor ao Rio

Por Lucia Novais

O arquiteto Augusto Ivan de Freitas Pinheiro é sem dúvida o mineiro que mais conhece o Centro do Rio. Subprefeito desde o governo César Maia, esta paixão pelo Centro é antiga. Foi estagiário de arquitetura na Secretaria de Obras do prefeito Negrão de Lima, em 1967, quando acompanhou a demolição de parte do casario antigo da Lapa. A tese que defendeu no curso de pós-graduação na Holanda foi sobre o Centro do Rio. De volta no ano seguinte, criou o projeto do Corredor Cultural transformado em lei em 1984, garantindo assim a preservação dos prédios antigos.

Augusto Ivan trabalhou também em três secretarias (Desenvolvimento Social Planejamento e Cultura) e no setor de projetos urbanos no Iplan-Rio. Mas, o subprefeito do Centro não está preso ao passado, ele fala nessa entrevista ao Jornal do Rio Antigo sobre o futuro do Rio do ano 2000, e, principalmente da revitalização da rua do Lavradio.
Como um exímio cirurgião plástico, o subprefeito vem mudando a cara do Rio. Com isso pretende ainda atrair futuros moradores para o Centro devolvendo ao bairro sua característica residencial.

Jornal do Rio Antigo - Como está o projeto de reforma da rua do Lavradio?

Augusto Ivan - O projeto já foi aprovado pelo prefeito Luiz Paulo Conde e sabemos que o orçamento está em torno de 4,5 milhões.

A Rio Urbe está terminando o orçamento detalhado, especificando os materiais, para ser encaminhado para licitação. Lançado o edital, as empreiteiras têm 1 mês para apresentarem suas propostas e, ganhando uma delas, mais um mês para o início da obra.

JRA - A verba vai ser utilizada só para a Lavradio ou abrange outras ruas?

AI - A obra pega a rua do Lavradio, a rua do Senado, no trecho entre a Lavradio e a Pedro I e um pouco da Pedro I também, ou seja, aquela região de acesso à praça Tiradentes.

JRA - E a rua dos Arcos?

AI - A rua dos Arcos deve entrar basicamente por causa do sistema de drenagem. A galeria de drenagem vai sair pela rua dos Arcos, vai ser arrumado o asfalto, as calçadas, mas o grande projeto é a rua do Lavradio.

JRA - Qual o incentivo que a Prefeitura pretende dar para a restauração do casario?

AI - Esse tipo de obra que a prefeitura realiza já é um incentivo para que o proprietário recupere seu imóvel. A nossa experiência é essa: a prefeitura entra com a obra e toda a região começa a melhorar por conta própria. Pelo fato da rua do Lavradio ser preservada por um decreto municipal, os proprietários também tem direito de pedir isenção do IPTU, fazendo obra de fachada, telhado, enfim, recuperando seus imóveis.

JRA - E no caso do morador que não tem condições de pagar a restauração?

AI - A prefeitura não tem intenção de entrar nos prédios reformando, nem de recuperar fachadas. O que a gente pretende é uma parceria. A prefeitura entra com um volume de investimento muito grande na área pública e os donos dos imóveis, por sua vez, entram com sua parte. Além disso, eles têm outra vantagem que é a isenção do IPTU.

JRA - E o casarão que parte da fachada desabou durante o temporal de janeiro, na esquina da Lavradio com a Visconde do Rio Branco?

AI - Aquele casarão está incluído no Projeto Tiradentes, um outro projeto que será executado com recursos do BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento - recursos esses que serão repassados à prefeitura através do Ministério da Cultura. A prefeitura pretende realizar uma série de intervenções nas imediações da Praça Tiradentes, entre outras, esse prédio que, na verdade, só existia a fachada devido a um incêndio anos atrás que, por falta de cuidados, acabou ruindo. A idéia é comprar o prédio, restaurar a fachada e telhado e criar ali um museu.

JRA - A Prefeitura tem intenção de comprar casarões em situação precária?

AI - Não. A prefeitura definiu, em torno da Praça Tiradentes, alguns prédios de interesse estratégico para dinamizar a área, mas não é todo prédio que está em ruínas que interessa à prefeitura comprar. Então, ali na Praça Tiradentes têm vários prédios que estão sendo selecionados para compra ou desapropriação e, depois da reforma, recuperá-los para algumas atividades. Já está definido que em um desses prédios funcionará uma escola de treinamento para recuperação de imóveis em parceria com Senac.

JRA - Para onde será deslocado o terminal de ônibus?

AI - Alguns ônibus vão para a rua do Senado, no trecho, entre a Lavradio e a Pedro I. O deslocamento está sendo estudado também para a rua Gomes Freire ou Avenida Chile e talvez para a rua dos Arcos. Ainda não foi definido, mas com certeza irão para ruas próximas.

JRA - Onde serão construídos os quiosques?

AI - O projeto prevê a instalação de quiosques nos pequenos largos, no lado ímpar onde o casario não é contínuo. Nos espaços maiores desse lado da rua serão construídos três praças uma em frente ao Ciep, outra na esquina com Avenida Chile e a terceira num terreno da prefeitura, junto à rua do Senado. A idéia é, nesses lugares que se afastaram da rua, criar essas três pracinhas.

JRA - O senhor não acha que os quiosques podem tirar as características urbanísticas da área?

AI - Não, acho simpática a idéia que partiu dos comerciantes da rua do Lavradio. Serão quiosques de flores ou de pequenos lanches. O objetivo das praças e quiosques é exatamente dar um certo movimento para aquele lado da rua.

JRA - Que outro local será indicado para a Feira Rio Antigo, já que durante os meses de obras será impossível a realização da mesma?

AI - Isso é um assunto a ser discutido com os comerciantes. Já é uma prática da Rio Urbe exigir que a empreiteira faça um plano de obras. Até agora, as empreiteiras abrem buracos em diversos pontos como aconteceu na Voluntários da Pátria, em Botafogo, causando grandes transtornos. A obra será executada por etapas, termina primeiro um trecho para depois iniciar outro. É provável que na Lavradio a gente vá ter um plano assim. Acho que a feira vai ter que se adaptar à programação das obras, ou então arranjar provisoriamente outro espaço. Afinal, essa obra se deve à existência da feira. Eles têm um movimento muito bonito e o prefeito realmente quando foi visitar ficou encantado e disse: "lá, vamos fazer uma obra aqui...".

JRA - Antes do prefeito o senhor já estava encantado?

AI - Já, completamente encantado, mas eu não mando nada, quem manda é o prefeito, que foi convidado pelos comerciantes e eu dei a maior força porque sabia que ele ia gostar, ele gosta de antiguidades.

JRA - As obras que o senhor idealizou no centro do Rio tem sempre um valor histórico, cultural; além do estético. Entre essas obras quais as mais significativas?

AI - A gente tem procurado trabalhar aqui, em áreas que têm um potencial, ou seja, depois da obra pronta, as próprias pessoas que usam aquela área ajudam a mantê-la. Um exemplo mais característico é a Pça. Cruz Vermelha. Um lugar que não era nada, a população não tinha à disposição nenhuma praça e quando a prefeitura investiu ali as pessoas imediatamente tomaram conta da praça. Por trabalhar a anos nessa área, a gente conhece bem essa movimentação urbana. Então quando indicamos uma obra sabemos que não é uma obra apenas, mas que vai ter uma resposta positiva para a cidade. Também a obra que foi feita na praça Tiradentes tem um pouco esse caráter, de dar um empurrão naquela área porque estava se degradando muito fortemente. Fizemos duas intervenções que vêm dando resultado. Uma foi a recuperação da praça para uso da população e não para ser um terminal de ônibus pura e simplesmente que é o que ela era. O prédio do Hélio Oiticica era uma ruína que foi recuperada para um centro Cultural. Então, tem esse aspecto cultural que a gente vem sempre acompanhando, e tem também o aspecto estratégico nessa intervenção, a gente procura sempre estar trabalhando dessa forma, estimulando para que seja usado plenamente pela população.

JRA - E as obras futuras, a Praça XV, por exemplo?'

AI - Tem projetos, né! A gente tá trabalhando agora, nesse início de governo é sempre assim mesmo, a gente recolhe o time das obras e bota em campo o time dos projetos. O projeto da rua do Lavradio já vinha do governo passado e o prefeito é que pediu esse projeto novo. A obra da Praça XV em parte foi executada no governo passado e agora o projeto deve expandir até a Avenida Rio Branco. Santa Teresa também tem um Rio-Cidade programado. Nós temos uma série de pequenas áreas que estamos batalhando para conseguir recursos.

JRA - O viaduto vai mesmo ser retirado?'

AI – Não. Primeiro se pensou nisso, mas se chegou a conclusão que o viaduto vai ser mantido. Vão ser retiradas as duas rampas em direção à Candelária. Mas aquela área ficou bem mais leve, o viaduto já não tem aquela presença, Quando se retirou o trânsito que vinha por baixo, o espaço ficou todo integrado: já não tem aquela aparência escura, sombria e pesada. Ali era cheio de carros estacionados, ônibus e carros circulando, parando, quer dizer um tumulto. O custo de se retirar a perimetral seria alto e complicadíssimo porque faz parte de um anel rodoviário.

JRA - Os dois prédios, o da maternidade e o da CONAB vão ser demolidos?

AI - A idéia do prefeito é a demolição desses prédios, primeiro deslocar a maternidade para outro lugar, o prédio da CONAB está praticamente desocupado. Depois de demolidos, será feita uma integração até o Centro Cultural da Marinha.

JRA - Gostaria que o senhor falasse das novas construções, ou seja, da parte moderna da rua do Lavradio.

AI - Tem um projeto que está tramitando na prefeitura em um terreno da CSN. O prédio que a Servenco está construindo já está em fase final e deve ser inaugurado ainda este ano. Ainda tem outro projeto tramitando que é na esquina com a rua dos Arcos, um projeto do arquiteto Paulo Casé. Também é dele o prédio na esquina da Avenida Chile. É interessante essa integração do novo e do antigo. Acho isso positivo porque traz um público de alto poder aquisitivo para circular naquela área.

8.5.8. Jornal do Brasil, 03/02/2001.

JB ONLINE

O futuro do passado

Novos teatros, bar museus e casas de cultura se preparam para atualizar o charme da Rua do Lavradio

MÔNICA RIANI

[03/FEV/2001]

Aberta no século 18, por graça e obra de Dom Luís de Almeida Portugal, o Marquês de Lavradio, vice-rei do Brasil, a rua do Lavradio está alcançando 300 anos espanando a poeira do tempo. Hoje, com a realização de mais uma edição da charmosa Feira Rio Antigo - como de hábito em todo primeiro sábado do mês desde 1996 -, os antiquários comemoram o quinto ano de funcionamento do evento de olho nos próximos meses. O novo subprefeito do Centro, Breno Arruda, garante que a obra - que há um ano está revirando a história e o solo da Lavradio - está chegando ao fim. Saindo a poeira e os buracos, a rua se volta para o futuro: teatros, restaurantes, espaços para shows e novos moradores tomam conta do lugar, engrossando ainda mais o movimento, que conta entre seus atrativos as tradicionais rodas de chorinho da loja Emporium 100.

Depois de investimentos da Prefeitura superiores a R$ 4 milhões, a rua reforçará sua identidade como pólo de antiquários, mas também com projetos imediatos e futuros, que levarão ainda mais cultura para a região. ''Estamos mudando a empreiteira que realizou parte das obras. Eles querem R$ 1,7 milhão para concluir o que está faltando e não concordamos com o valor. Por isso, faremos nova licitação, com base no valor de R$ 1 milhão'', afirma Breno.

Segundo o secretário municipal de Obras, Eider Dantas, o resultado da licitação deverá demorar 40 dias, tempo em que a Riourbe e a Coordenação Geral de Conservação vai ocupar o local, retirando o lixo e ordenando o lugar, que une a rua Riachuelo, na Lapa, à Praça Tiradentes. A partir da entrada da nova empreiteira, a revitalização deverá ser concluída em 90 dias. O trecho ainda em obras compreende o quarteirão que vai da rua da Relação à Visconde do Rio Branco, próximo à Praça Tiradentes.

A finalização das obras é fundamental não apenas para que a Lavradio volte a seus dias de normalidade, como também para que as duas salas teatrais sejam abertas no número 22 da rua, como planeja o antiquário Plínio Quintão Fróes, dono da Art Scenarium. Além disso, para que a Feira Rio Antigo volte a seus melhores dias, chegando a reunir 5 mil pessoas. ''Todos nós fomos envolvidos pela história da rua e pelo nosso trabalho nela. Queremos agregar novos valores'', diz Plínio, ex-publicitário que decidiu morar na Lavradio para ficar mais próximo de tudo que acontece por ali. Integrante da Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo e Amigos (ACCRA), ele fechou parceria com a atriz Inês Vianna para abrir as portas de suas salas com o Festival Ariano Suassuna, que prevê a vinda do nobre dramaturgo pernambucano, autor de *O auto da compadecida,* entre outros célebres textos.

''Eu e Inês visitamos o Ariano e ele ficou entusiasmado com o projeto'', conta Plínio, que vai batizar uma de suas salas com o nome do autor. A outra sala servirá para eternizar as Cantoras do Rádio, como Marlene e Emilinha, que já fizeram apresentações na Feira Rio Antigo.

O Rio Scenarium é um palco de sonhos. A loja expõe objetos do século 18, 10 e 20 que aguçam a vontade dos espectadores, mas estão disponíveis apenas para apreciação e aluguel a produções. Aproveitando as instalações do prédio, que antes abrigava uma fábrica de máquinas de costura, será construído no primeiro andar o Bharmácia, ambientado numa farmácia antiga, além de uma confeitaria e ainda uma sala de exposições.

Outros projetos estão a caminho. A antiquária Lou Vicente, dona de um dos principais pontos de chorinho do Rio, o Emporium, quer ampliar sua programação. ''Vamos fazer, uma vez por mês, apresentações de grupos de arte popular'', conta Lou.

O Distrito Cultural da Lapa, programa de revitalização da Lapa e arredores, criado pelo governo do estado, compreende a restauração da Lapa e também da Lavradio. O programa prevê a abertura na rua de espaços culturais como a Casa Goeldi, para guardar acervo do consagrado gravador pertencentes à Coleção do Banerj, o Teatro da Ópera e o Bar Esperança, voltado para encontros de cinema. ''Esta deverá ser a segunda etapa do projeto. A primeira começa nos próximos dias, com obras na Lapa'', conta o secretário de Cultura Adriano de Aquino.

O estado vai investir R$ 16 milhões a partir de parcerias com a Embratel, Petrobras e a rede Sesc, segundo o secretário. Os dois projetos na Lavradio que poderão ficar prontos ainda este ano são a transferência do Museu Carmem Miranda do Aterro do Flamengo para o prédio da antiga 5ª Delegacia Policial e o Bar Esperança, que deverá funcionar onde hoje é o Bar Senadinho, esquina da Lavradio com rua do Senado.

Além da vida cultural intensa, o futuro da Lavradio está se mostrando promissor como projeto piloto para alternativas pioneiras. A Caixa Econômica Federal estuda uma linha de financiamento para a venda de sobrados que serão desapropriados, o Sebrae começa a prestar consultoria aos lojistas da rua e a Rede de Agentes Culturais (RAC) está se instalando na área para capacitar profissionais da cultura. E a Fundação Roberto Marinho estuda a aplicação do projeto Cores da Cidade, que vai colorir o casario e instalar ali projetos educativos. ''Estamos promovendo uma oficina de projetos'', conta Américo Diniz Neto, do Sebrae. ''Vamos criar dentro da Feira Rio Antigo uma Feira de Mercado Cultural'', diz Marli Fernandes, da produtora Engenharia Cultural, que coordena a RAC.

A professora de arquitetura da Universidade Federal Fluminense (UFF) Ana Carmem Jara Casco há seis períodos dá aulas para seus alunos na rua. ''A Lavradio é o limite do passado com o futuro, de uma área residencial e outra comercial. Queremos disponibilizar a documentação que levantamos na rua num centro especial a ser criado na própria rua'', conta Ana Carmem.

De encher os olhos, a arquitetura da Lavradio superpõe estilos. Na altura do n° 20, a fachada repleta de azulejos expõe a construção do século 18, enquanto o prédio n° 106 demonstra uma das primeiras construções modernistas, de autoria do arquiteto pernambucano Luiz Nunes. Sem contar patrimônios como o Palácio Maçônico Grande Oriente do Brasil e a Sociedade Brasileira de Belas-Artes, palacete onde viveu o Marquês que deu nome à rua. ''A Lavradio foi a rua dos barões e das marquesas, mais tarde dos teatros e da boemia'', conta a professora. A Lavradio quer voltar a ser uma síntese do Rio.